

A dramatic black and white photograph of a woman in profile, looking towards a stormy sky. The sky is dark and filled with rain, with a bright, jagged lightning bolt striking down from a bright light source behind a cloud. The woman's hair is dark and appears to be blowing in the wind. She is wearing a dark, possibly lace-trimmed dress. The overall mood is intense and atmospheric.

BECCA FITZPATRICK

crescendo

HUSH, HUSH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BECCA FITZPATRICK

crescendo

HUSH, HUSH

TRADUÇÃO DE ...



Copyright © 2010 Becca Ajoy Fitzpatrick

Foto da autora © Ali Eisenach

TÍTULO ORIGINAL

Crescendo

PREPARAÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

M. Leite

Isabella Leal

REVISÃO DE EPUB

Milena Vargas

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo

E-ISBN

978-85-8057-038-0

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/301

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br





PARA JENN MARTIN E REBECCA SUTTON,
PELOS SUPERPODERES DE SUAS AMIZADES!
OBRIGADA TAMBÉM A T. J. FRITSCHÉ,
POR SUGERIR ECANUS COMO NOME PARA O PERSONAGEM.

PRÓLOGO



COLDWATER, MAINE
QUATORZE MESES ATRÁS

Os galhos espinhosos da macieira arranhavam a vidraça atrás de Harrison Grey, que dobrou a ponta da página, incapaz de continuar a leitura com aquele barulho. Um vento furioso de primavera havia se lançado pela casa de fazenda durante toda a noite, uivando, assobiando, fazendo com que as janelas batessem na fachada de madeira com um *bang!*, *bang!*, *bang!* repetitivo. O calendário podia já estar na página do mês de março, mas Harrison sabia muito bem que isso não significava necessariamente que a primavera estivesse próxima. Com a chegada da tempestade, ele não se surpreenderia se encontrasse a paisagem branca e congelada ao amanhecer.

Para abafar o grito penetrante do vento, Harrison apertou um botão do controle remoto e começou a ouvir “Ombra mai fu”, de Bononcini. Depois, colocou outra tora de madeira no fogo, perguntando-se, não pela primeira vez, se teria mesmo comprado a casa de fazenda se soubesse da quantidade de combustível necessária para aquecer apenas um pequeno cômodo, que dirá todos os nove.

O telefone soou, estridente.

Harrison atendeu durante o segundo toque, esperando escutar a voz da melhor amiga da filha, que tinha o hábito perturbador de telefonar a altas horas da noite nas vésperas de entrega dos trabalhos escolares.

Ouviu o som de uma respiração rápida e superficial, antes que uma voz rompesse o silêncio:

— Precisamos nos encontrar. Em quanto tempo você pode chegar aqui?

A voz atravessou Harrison como um fantasma do passado, deixando-o completamente gelado. Havia se passado muito tempo desde a última vez que a ouvira, e escutá-la agora só poderia significar que algo tinha dado errado. Terrivelmente errado. Ele percebeu que o aparelho em sua mão estava molhado de suor, e sua postura, rígida.

— Uma hora — respondeu, inexpressivo.

Recolocou lentamente o fone no gancho. Fechou os olhos, a mente viajava no tempo, contra sua vontade. Houve uma época, quinze anos antes, em que ele ficava paralisado ao ouvir o telefone tocar, em que os segundos ressoavam como tambores enquanto ele aguardava o som da voz do outro lado da linha. Com o tempo, enquanto um ano pacífico se seguia a outro, ele acabou se convencendo de que era um homem que superara os segredos do passado. Era um homem que vivia uma vida normal, com uma bela família. Um homem sem nada a temer.

Na cozinha, de pé diante da bancada, Harrison encheu um copo de água e em seguida jogou tudo na pia. Estava completamente escuro lá fora, e seu reflexo pálido o contemplava na janela diante dele. Harrison assentiu com a cabeça, como se quisesse dizer para si mesmo que tudo ficaria bem. Mas seu olhar era carregado de mentiras.

Ele afrouxou a gravata para aliviar a sensação de aperto que parecia esticar sua pele e se serviu de um

segundo copo. O líquido desceu com dificuldade por sua garganta, ameaçando voltar. Ao pousar o copo dentro da pia, estendeu a mão para pegar as chaves do carro que se encontravam sobre o balcão, hesitando, como se estivesse a ponto de mudar de ideia.

Harrison parou o carro junto ao meio-fio e apagou os faróis. Sentado no escuro, vendo o vapor de sua própria respiração, ele observou a fileira decrépita de casas de tijolo em uma área decadente de Portland. Haviam se passado muitos anos — quinze, para ser exato — desde que ele colocara os pés naquele bairro e, mesmo que confiasse em sua fraca memória, não tinha certeza de que estava no lugar certo. Ele abriu o porta-luvas e tirou um pedaço de papel amarelado lá de dentro. Monroe, 1.565. Estava prestes a saltar do carro quando se sentiu incomodado pelo silêncio das ruas. Tateando sob o banco, pegou um revólver Smith & Wesson carregado e o enfiou nas costas, na cintura da calça. Ele não usava uma arma desde a faculdade e nunca o fizera fora de um estande de tiro. O único pensamento nítido a martelar em sua cabeça era o de que ele esperava poder continuar dizendo a mesma coisa dali a uma hora.

Os passos de Harrison soavam alto na calçada deserta, mas ele os ignorou, preferindo concentrar a atenção nas sombras lançadas pela lua prateada. Encolhido dentro do casaco, passou por quintais estreitos e sujos, fechados por cercas de arame, e além deles, casas escuras e assustadoramente silenciosas. Por duas vezes, teve a sensação de estar sendo seguido, mas, ao olhar para trás, não viu ninguém.

No número 1.565 da rua Monroe, ele empurrou o portão e contornou a casa até os fundos. Bateu uma vez e viu uma sombra se mover por trás das cortinas de renda.

A porta rangeu.

— Sou eu — disse Harrison, mantendo o tom de voz baixo.

A porta se abriu apenas o suficiente para que ele entrasse.

— Você foi seguido? — foi a pergunta.

— Não.

— Ela está com problemas.

O coração de Harrison começou a bater mais depressa.

— Que tipo de problemas?

— Assim que completar 16 anos, ele vai procurá-la. Você precisa levá-la para longe. Para algum lugar onde ele não seja capaz de encontrá-la.

Harrison sacudiu a cabeça.

— Não entendo...

Foi interrompido por um olhar ameaçador.

— Quando fizemos esse acordo, eu lhe disse que haveria coisas que você não conseguiria entender. Dezesseis anos é uma idade amaldiçoada em... Em meu mundo. Isso é tudo o que precisa saber — disse o outro bruscamente.

Os dois se olharam, até que finalmente Harrison assentiu, com cautela.

— Será preciso apagar seus rastros — ouviu ele. — Não importa para onde vocês sigam, vão precisar recomeçar do zero. Ninguém pode saber que são do Maine. Ninguém. Ele nunca vai parar de procurá-la. Você compreende?

— Compreendo. — Mas será que a esposa compreenderia? E Nora?

Os olhos de Harrison se acostumaram à escuridão e ele percebeu com um misto de curiosidade e

incredulidade que o homem à sua frente parecia não ter envelhecido um dia sequer desde os tempos da faculdade, quando haviam se conhecido no alojamento e se tornado grandes amigos. Seria um jogo de sombras?, Harrison se perguntou. Não existia outra explicação. Porém, uma coisa tinha mudado. Havia uma pequena cicatriz na base da garganta de seu amigo. Harrison olhou com mais atenção para aquela deformação e estremeceu. Uma marca de queimadura, saliente e brilhante, pouco maior do que uma moeda de vinte e cinco cents. Tinha o formato de um punho cerrado. Assustado e horrorizado, Harrison percebeu que o amigo fora marcado. Como gado.

O homem notou a direção do olhar de Harrison, e seus olhos se endureceram, na defensiva.

— Existem pessoas que querem me destruir. Que querem me desmoralizar e me desumanizar. Então criei uma sociedade com um amigo de confiança. Novos membros são iniciados o tempo todo. — Ele parou no meio da frase, como se estivesse inseguro sobre quanto deveria dizer, e então terminou abruptamente. — Organizamos uma sociedade para nos proteger e jurei lealdade a ela. Se você me conhece tão bem como no passado, sabe que sou capaz de fazer o que for necessário para proteger meus interesses. — Ele fez uma pausa e acrescentou quase distraidamente. — E o meu futuro.

— Eles o marcaram — disse Harrison, esperando que o outro não percebesse a repugnância que o fazia estremeecer por dentro.

O amigo apenas olhou para ele.

Depois de um momento, Harrison assentiu, sinalizando que compreendia, apesar de não aceitar. Quanto menos soubesse, melhor. O amigo havia deixado aquilo claro muitas vezes.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Apenas a mantenha em segurança.

Harrison empurrou os óculos que escorregavam pelo nariz e começou a falar de forma desajeitada:

— Acho que talvez você queira saber que ela cresceu forte e saudável. Nós a chamamos de Nor...

— Não quero me lembrar do nome dela — o amigo interrompeu com aspereza. — Faço tudo o que posso para não tê-lo em minha cabeça. Não quero saber nada sobre ela. Quero que minha mente não guarde qualquer vestígio, para que eu não tenha nada a dar àquele bastardo. — Ele se virou de costas e Harrison interpretou o gesto como um sinal de que a conversa havia acabado. Harrison ficou parado por um momento com muitas perguntas na ponta da língua, mas, ao mesmo tempo, sabendo que não ganharia nada pressionando o outro. Sufocou sua necessidade de encontrar sentido para aquele mundo sinistro, um mundo que sua filha não fizera nada para merecer, e saiu.

Tinha percorrido apenas meio quarteirão quando um tiro ecoou na noite. Instintivamente, Harrison se abaixou e se virou. Seu amigo. Ouviu um segundo tiro e, sem pensar, voltou correndo. Empurrou o portão e contornou a lateral da casa. Havia quase terminado de dobrar a última quina quando o som de uma discussão fez com que parasse. Apesar do frio, ele suava. O quintal estava envolto pela escuridão e ele avançou, guiando-se pelo muro do jardim, tomando o cuidado de evitar as pedras soltas que indicariam sua presença ali, até ver a porta dos fundos.

— Última chance — disse uma voz calma e suave, que Harrison não reconheceu.

— Vá para o inferno — soltou o amigo.

Um terceiro tiro. O amigo urrou de dor e o atirador gritou:

— Onde ela está?

Com o coração martelando, Harrison sabia que precisava agir. Mais cinco segundos e seria tarde demais. Ele deslizou a mão pela parte de trás da calça e tirou o revólver. Segurou-o com as duas mãos para ter firmeza e avançou, aproximando-se pelas costas do atirador moreno. Harrison viu o amigo por trás do atirador, mas, quando seus olhos se encontraram, a expressão do antigo companheiro era um sinal de alarme.

Vá embora.

Harrison ouviu a ordem, clara como o repicar de um sino, e, por um momento, acreditou que ela havia sido gritada. Mas, como o atirador não se virou demonstrando surpresa, Harrison percebeu com uma leve confusão que a voz do amigo havia soado dentro de sua mente.

Não, pensou Harrison, meneando a cabeça. Seu senso de lealdade superava o que ele não conseguia compreender. Aquele era o homem com quem ele passara quatro dos melhores anos de sua vida. O homem que lhe apresentara a sua mulher. Ele não iria deixá-lo ali, nas mãos de um assassino.

Harrison apertou o gatilho. Ouviu o estrondo e esperou que o atirador desmoronasse. Disparou mais uma vez. E outra.

O rapaz de cabelos escuros virou-se lentamente. Pela primeira vez na vida, Harrison sentiu medo de verdade. Medo do rapaz diante dele, com uma arma na mão. Medo da morte. Medo do que aconteceria com sua família.

Ele sentiu os tiros atravessarem seu corpo como um fogo causticante que parecia dividi-lo em mil pedaços. Caiu de joelhos. Viu o rosto da esposa passar diante de seus olhos, seguido pelo da filha. Abriu a boca, o nome delas na ponta da língua, e tentou pensar em uma forma de demonstrar quanto as amava, antes que fosse tarde demais.

O rapaz agora segurava Harrison, arrastando-o para a passagem estreita nos fundos da casa. Harrison sentiu que estava a ponto de perder a consciência enquanto lutava inutilmente para se levantar. Ele não podia falhar com a filha. Não haveria mais ninguém para protegê-la. O atirador de cabelos negros a encontraria e, se o amigo estivesse certo, a mataria.

— Quem é você? — perguntou Harrison, e cada palavra fazia a ardência se espalhar em seu peito. Ele se agarrou à esperança de que ainda houvesse tempo. Talvez pudesse avisar Nora, do outro mundo... um mundo que se aproximava cada vez mais, como uma chuva de mil plumas tingidas de negro.

O rapaz observou Harrison por um momento, antes que um levíssimo sorriso transformasse sua expressão gélida.

— Você se enganou. Com toda certeza, é tarde demais.

Harrison ergueu o olhar, surpreso que o assassino tivesse adivinhado seus pensamentos, sem conseguir deixar de imaginar quantas vezes o rapaz haveria assumido aquela mesma posição, adivinhando os últimos pensamentos de um moribundo. Não deveriam ter sido poucas.

Como se quisesse provar sua habilidade, o rapaz mirou a arma sem um segundo de hesitação. Harrison se pegou olhando para o cano. O brilho do disparo foi a última imagem que viu.

CAPÍTULO

1

DELPHIC BEACH, MAINE
NOS DIAS DE HOJE

PATCH estava atrás de mim, com as mãos na minha cintura, o corpo relaxado. Tinha quase dois metros de altura e um corpo esguio e atlético, que nem os jeans folgados e a camiseta conseguiam esconder. A cor de seus cabelos deixava a escuridão da meia-noite no chinelo, e os olhos não ficavam atrás. O sorriso era sexy e sugeria encrenca, mas eu havia me convencido de que nem todo tipo de encrenca era ruim.

Acima de nossas cabeças, os fogos de artifício iluminavam o céu noturno e despencavam no Atlântico em torrentes de cor. A multidão soltava exclamações de admiração. Era final de junho e o Maine se jogava de cabeça no verão, celebrando o início de dois meses de sol, praia e turistas com os bolsos cheios. Eu celebrava os dois meses de sol, praia e bastante tempo devotado exclusivamente a Patch. Havia me matriculado em um curso de verão — química — e tinha toda a intenção de deixar que Patch monopolizasse o restante do meu tempo livre.

O corpo de bombeiros disparava os fogos de artifício de um cais que não estava a mais de cento e oitenta metros do lugar onde nos encontrávamos, e eu sentia a reverberação de cada explosão na areia sob os meus pés. As ondas arrebentavam na praia, logo abaixo da duna, e a música festiva soava em volume máximo. O cheiro de algodão-doce, pipoca e churrasquinho enchia o ar, e meu estômago me lembrou de que eu não havia comido nada desde a hora do almoço.

— Vou pegar um cheesebúrguer — disse a Patch. — Quer alguma coisa?

— Quero, mas não está no menu.

Sorri.

— O que é isso, Patch? Está me paquerando?

Ele beijou o alto da minha cabeça.

— Ainda não. Vou pegar seu cheesebúrguer. Aproveite o finalzinho dos fogos.

Segurei em um dos passantes de cinto de sua calça, para impedi-lo.

— Obrigada, mas quem vai comprar sou eu. Ou vou me sentir culpada.

Ele ergueu os olhos, com um ar questionador.

— Quando foi a última vez que a garota da barraca de hambúrguer deixou você pagar pelo lanche?

— Faz tempo.

— Ela nunca deixou. Fique aqui. Se ela o vir, vou passar o restante da noite com a consciência pesada.

Patch abriu a carteira e tirou uma nota de vinte dólares.

— Dê a ela uma boa gorjeta.

Foi minha vez de erguer as sobrancelhas.

— Está tentando se redimir por todas as vezes que levou comida sem pagar?

— Da última vez que paguei, ela correu atrás de mim e enfiou o dinheiro no meu bolso. Não quero ser apalpado novamente.

Aquilo parecia uma invenção, mas, conhecendo Patch, provavelmente era verdade.

Procurei o fim da longa fila, que dava volta na barraca de hambúrgueres e terminava perto da entrada do

carrossel. A julgar pela extensão, estimei que levaria uns quinze minutos só para fazer o pedido. Uma única barraca de hambúrguer para a praia inteira. Nem parecia que estávamos nos Estados Unidos.

Depois de alguns minutos de espera inquieta, eu dava provavelmente a décima olhada entediada ao meu redor quando vi Marcie Millar atrás de mim, com duas pessoas nos separando. Marcie e eu estudávamos juntas desde o jardim de infância e naqueles onze anos eu já me encontrara com ela mais vezes do que gostaria de me lembrar. Por causa dela, a escola inteira já havia visto minha roupa de baixo com frequência maior do que o necessário. Antes mesmo do ensino médio, Marcie tinha como hábito roubar meu sutiã de dentro do meu armário da educação física e prendê-lo no quadro de avisos diante da secretaria, mas ocasionalmente ela ficava criativa e o empregava como uma peça decorativa no refeitório — com os dois bojos recheados com pudim de baunilha e enfeitados com cerejas em conserva, por exemplo. Sim, muito elegante. As saias de Marcie eram dois manequins abaixo de suas medidas e quinze centímetros mais curtas do que deveriam. O cabelo era louro-avermelhado e ela tinha a forma de um picolé — se a virassem de lado, ela praticamente desapareceria. Se houvesse um placar registrando a pontuação da batalha entre nós duas, eu tenho certeza de que Marcie teria o dobro de pontos.

— Oi — falei ao encontrar seu olhar acidentalmente, sem pensar em outra forma de escapar de um cumprimento mínimo.

— Oi — respondeu ela, em um tom que quase passava por educado.

Ver Marcie em Delphic Beach naquela noite era praticamente como brincar do jogo dos sete erros. O pai de Marcie era dono da revendedora da Toyota em Coldwater, a família morava em um bairro elegante nas colinas e os Millar se orgulhavam de serem os únicos cidadãos de Coldwater admitidos no prestigioso Harraseeket Yacht Club. Naquele exato minuto, os pais de Marcie deveriam estar em Freeport, participando de alguma regata com seu veleiro e comendo salmão.

Diferentemente, Delphic era uma praia de pobres. Dava para rir ao pensar em compará-la a um clube elegante. O único restaurante dali era uma barraca caiada que vendia hambúrguer, com ketchup ou mostarda, à escolha. Nos dias bons, ofereciam-se batatas fritas para acompanhar. O entretenimento provinha de fliperamas barulhentos e carrinhos de bate-bate e, depois do anoitecer, sabia-se que a oferta de drogas no estacionamento era maior do que em qualquer farmácia.

Não era o tipo de ambiente que o sr. e a sra. Millar considerariam apropriado para sua filha.

— Será que dá para andar mais devagar, minha gente? — reclamou Marcie, da fila. — Tem gente morrendo de fome aqui atrás.

— Só tem uma pessoa trabalhando no balcão — expliquei a ela.

— E daí? Eles deveriam contratar mais gente. Oferta e demanda.

Levando-se em conta suas médias na escola, Marcie deveria ser a última pessoa a esbanjar conhecimentos em economia.

Dez minutos depois, eu havia avançado e já me encontrava suficientemente próxima do balcão para ler a palavra mostarda escrita com caneta hidrográfica preta no frasco amarelo de uso comunitário. Atrás de mim, Marcie não parava de bufar e transferir o peso de uma perna para a outra.

— Estou sentindo fome com F maiúsculo — reclamou.

O sujeito na minha frente pagou e levou embora seu lanche.

— Um cheesebúrguer e uma Coca-Cola — pedi para a atendente.

Ela se aproximou da grelha para preparar o pedido e me virei para Marcie.

— Então, quem está com você aqui? — perguntei.

Não que eu ligasse para as companhias dela, até porque não tínhamos amigos em comum, mas o instinto de ser educada falou mais alto. Além do mais, Marcie não havia feito nada que fosse obviamente rude nas últimas semanas. E tínhamos ficado em relativa paz nos últimos quinze minutos. Talvez fosse o

início de uma trégua. Águas passadas, essas coisas.

Ela bocejou como se conversar comigo fosse mais tedioso do que esperar na fila encarando a parte de trás da cabeça das pessoas.

— Sem ofensas, mas não estou a fim de conversar. Estou nesta fila há umas cinco horas, por causa de uma garota incompetente que obviamente não consegue preparar dois hambúrgueres ao mesmo tempo.

A garota atrás do balcão estava com a cabeça baixa, concentrada na tarefa de retirar os discos de carne do papel encerado, mas eu sabia que ela havia ouvido. Devia odiar aquele trabalho. Era bem provável que cuspsse secretamente nos hambúrgueres quando virava de costas. Eu não me surpreenderia se, ao final do expediente, ela fosse para o carro e chorasse.

— Seu pai não se incomoda com você andando por Delphic Beach? — perguntei para Marcie, franzindo os olhos muito levemente. — Talvez prejudique a reputação da honrada família Millar. Especialmente agora que ele foi admitido no Harraseeket Yacht Club.

A expressão de Marcie tornou-se fria.

— Estou surpresa que seu pai não se incomode por você estar aqui. Ah, espere aí. É verdade. Ele está morto.

Minha primeira reação foi de choque. A segunda foi ficar indignada com a crueldade. Um nó de raiva apertou minha garganta.

— O quê? — argumentou ela, erguendo um dos ombros. — Ele está morto. É um fato. Você quer que eu minta sobre os fatos?

— O que foi que eu fiz para você?

— Você nasceu.

A completa falta de sensibilidade dela mexeu comigo de tal forma que não consegui encontrar uma boa resposta. Peguei o cheesebúrguer e o refrigerante no balcão, deixando os vinte dólares lá. Quis muito correr para contar para Patch, mas aquilo era entre mim e Marcie. Se eu aparecesse naquele momento, bastaria que Patch desse uma olhada em meu rosto para perceber que havia algo errado. Eu não precisava metê-lo naquela história. Resolvi dar a mim mesma um momento para me recuperar e encontrei um banco próximo à barraca de hambúrgueres. Sentei-me com toda elegância possível, sem querer dar a Marcie o poder de arruinar minha noite. A única coisa que poderia tornar aquele momento ainda pior era saber que ela me observava, satisfeita por ter me jogado no pequeno buraco negro da autopiedade. Dei uma mordida no cheesebúrguer, mas o sanduíche deixou um gosto ruim em minha boca. Só conseguia pensar em carne morta. Vacas mortas. Meu próprio pai morto.

Joguei o hambúrguer na lixeira e continuei a caminhar, sentindo que minha garganta segurava o choro.

Cruzei os braços com força, segurando os cotovelos, e corri para o pavilhão dos banheiros, na beira do estacionamento, torcendo para conseguir chegar antes que as lágrimas começassem a rolar. Havia uma fila para o banheiro feminino, mas mesmo assim consegui me esgueirar pela porta e me coloquei diante de um dos espelhos enebados. Apesar da iluminação ruim, eu conseguia perceber que meus olhos estavam vermelhos e embaçados. Umedeci uma toalha de papel e a apertei contra o rosto. Qual era o problema de Marcie? O que eu tinha feito de tão cruel para merecer aquilo?

Respirei fundo algumas vezes para me recuperar, ergui os ombros e construí um muro de tijolos na minha mente, colocando Marcie do outro lado. Afinal, por que eu deveria me importar com o que ela dizia? Eu nem gostava dela. Sua opinião não tinha o menor valor. Ela era grosseira, egocêntrica e usava de golpes baixos. Ela não me conhecia e, com toda certeza, não tinha conhecido meu pai. Seria um desperdício chorar por alguma palavra saída de sua boca.

Recupere-se, disse a mim mesma.

Esperei que a vermelhidão de meus olhos diminuísse antes de sair do banheiro. Vaguei pela multidão,

procurando Patch, e o encontrei junto a uma das barracas de bola ao alvo, de costas para mim. Rixon estava a seu lado, provavelmente apostando dinheiro na incapacidade de Patch em derrubar um único pino de boliche. Rixon era um anjo caído que conhecia Patch de muito tempo, e seus laços eram muito profundos, quase como se fossem irmãos. Patch não deixava que muitas pessoas fizessem parte de sua vida e confiava em menos gente ainda, mas, se havia alguém que sabia todos os seus segredos, esse alguém era Rixon.

Dois meses atrás, Patch também era um anjo caído. Mas ele salvou minha vida, recuperou suas asas e se tornou meu anjo da guarda. Nesse momento, ele deveria estar jogando do lado dos mocinhos, mas eu percebia secretamente que sua ligação com Rixon e com o mundo dos anjos caídos tinha uma importância maior para ele. E, apesar de não admitir, sentia que ele lamentava que os arcanjos houvessem decidido transformá-lo em meu guardião. Afinal de contas, não era o que ele queria.

Ele queria se tornar humano.

Meu celular tocou, arrancando-me desses pensamentos. Era o toque de Vee, minha melhor amiga, mas deixei que a chamada caísse na caixa postal. Com uma onda de culpa, lembrei-me de que era a segunda chamada dela que eu não atendia naquele dia. Justifiquei-me pensando que a veria no dia seguinte, bem cedo. Patch, por outro lado, eu só veria à noite. Minha intenção era aproveitar todos os minutos que tivesse com ele.

Observei-o jogar a bola contra uma mesa cuidadosamente arrumada com seis pinos de boliche, com um pequeno frio na barriga ao ver que sua camiseta se levantava nas costas, revelando um pedaço da pele. Eu sabia por experiência própria que todos os centímetros do corpo de Patch eram cobertos por músculos rígidos e definidos. Suas costas eram lisas e perfeitas, as cicatrizes que ele ganhara ao cair dos céus haviam sido substituídas por asas — asas que nem eu nem os outros seres humanos podiam ver.

— Aposto cinco dólares que você não consegue fazer isso de novo — falei, vindo por trás dos dois.

Patch olhou para trás e sorriu.

— Não quero seu dinheiro, Anjo.

— Ei, galera, vamos manter a conversa própria para menores — disse Rixon.

— Os três pinos restantes — desafiei Patch.

— E qual seria o prêmio? — perguntou ele.

— Que inferno — disse Rixon. — Vocês não podem mesmo esperar até ficarem sozinhos?

Patch me deu um sorriso cúmplice, depois transferiu seu peso para trás, segurando a bola contra o peito. Deixou cair o ombro direito, deu uma volta com o braço e mandou a bola para a frente com toda a força. Houve um barulho e os três últimos pinos caíram da mesa.

— Pois é, agora você está encrocada, mocinha — berrou Rixon para mim, sua voz se sobrepondo à comoção causada por um grupo de espectadores que aplaudia e assobiava em homenagem a Patch.

Patch encostou-se na barraca e arqueou as sobrancelhas para mim. O gesto dizia: *Está na hora de pagar.*

— Você teve sorte — afirmei.

— Eu vou começar a ter sorte.

— Escolha o prêmio — rosou o velho que cuidava da barraca, abaixando-se para pegar os pinos caídos.

— O ursinho lilás — disse Patch, e recebeu um urso com aparência horrenda, com a pelúcia amassada. Ele o entregou para mim.

— É meu? — indaguei, apertando uma das mãos contra o coração.

— Você gosta dos enfeitados. Na mercearia, sempre escolhe as latas amassadas. Andei prestando atenção. — Ele prendeu o dedo no cós da minha calça jeans e me puxou. — Vamos sair daqui.

— O que você está planejando? — perguntei. Senti por dentro uma agitação e um calor, porque sabia

exatamente o que ele tinha em mente.

— Sua casa.

Sacudi a cabeça.

— Não vai dar. Minha mãe está lá. Podíamos ir para a sua — sugeri.

Estávamos juntos havia dois meses e eu ainda não sabia onde Patch morava. E não por falta de tentativas de descobrir. Duas semanas de relacionamento me pareciam tempo suficiente para ser convidada à casa dele, especialmente porque Patch morava sozinho. Dois meses era tempo demais. Eu tentava ser paciente, mas minha curiosidade atrapalhava. Não sabia nada sobre os detalhes pessoais, particulares da vida de Patch, como a cor das paredes de sua casa. Se ele tinha um abridor de latas elétrico ou manual. A marca de sabonete que usava. Se tinha lençóis de algodão ou de seda.

— Deixe eu adivinhar — provoquei. — Você mora em um esconderijo secreto nos subterrâneos da cidade.

— Anjo.

— Tem louça usada na pia? Cuecas sujas no chão? Vamos ter bem mais privacidade que na minha casa.

— É verdade, mas a resposta continua sendo não.

— Rixon já esteve na sua casa?

— Rixon está na categoria dos que precisam saber.

— Eu não estou?

Sua boca estremeceu.

— Existe um lado sombrio entre os que precisam saber.

— Se você me mostrasse, precisaria me matar? — arrisquei.

Ele me envolveu em seus braços e beijou a minha testa.

— Chegou perto. Qual é o horário para chegar em casa?

— Dez horas. O curso de férias começa amanhã.

Isto e o fato de que encontrar formas de me manter afastada de Patch tinha se tornado praticamente um segundo emprego para minha mãe. Se eu tivesse saído com Vee, poderia dizer com toda certeza que o horário-limite teria sido estendido até as dez e meia. Não podia culpar minha mãe por não confiar em Patch, pois houve um momento em minha vida em que eu também não confiava nele, mas seria extremamente conveniente se, de vez em quando, ela relaxasse a vigilância.

Como esta noite. Além do mais, nada aconteceria comigo. Não com o meu anjo da guarda por perto.

Patch olhou o relógio.

— Hora de ir.

Às 22h04, Patch fez uma curva fechada diante da casa de fazenda e estacionou perto da caixa de correio. Desligou o motor e os faróis, deixando-nos sozinhos na escuridão do campo. Ficamos sentados por um longo momento antes que ele falasse:

— Por que você está tão quieta, Anjo?

Imediatamente prestei atenção nele.

— Quieta, eu? Estou apenas perdida em meus pensamentos.

Um sorriso ligeiro ergueu os cantos da boca de Patch.

— Mentirosa. O que há de errado?

— Você é bom nisso — respondi.

O sorriso dele aumentou minimamente.

— Sou muito bom.

— Encontrei Marcie Millar na fila do hambúrguer — admiti. Era inútil tentar guardar meus problemas

só para mim. Obviamente, eles ainda estavam bem vivos sob a superfície. Por outro lado, se eu não pudesse conversar com Patch, com quem mais eu poderia? Havia dois meses nosso relacionamento envolvia muitos beijos dentro de carros, fora de carros, debaixo de arquibancadas e sobre a mesa da cozinha. Também envolvia muitas mãos bobas, cabelos despenteados e manchas de gloss. Mas era tão mais do que isso agora. Eu me sentia ligada a Patch do ponto de vista emocional. Sua amizade significava mais para mim do que uma centena de experiências casuais. Quando meu pai morreu, deixou-me com um enorme vazio que ameaçava me devorar por dentro. O vazio ainda estava ali, mas a dor não era mais tão forte. Eu não via por que razão deveria permanecer agarrada ao passado quando tinha tudo o que querianeste momento. E eu precisava agradecer a Patch por isso. — Ela fez a enorme gentileza de me lembrar que meu pai está morto.

— Quer que eu fale com ela?

— Isso está parecendo uma frase de O Poderoso Chefão.

— O que foi que começou esta guerra entre vocês duas?

— Esse é o problema. Não faço a mínima ideia. Costumávamos disputar a última caixinha de achocolatado na prateleira do refeitório. Então, um dia, ainda no ensino fundamental, Marcie entrou enfurecida na escola e escreveu “piranha” com tinta spray no meu armário. Ela nem tentou disfarçar. A escola inteira testemunhou.

— Ela ficou louca do nada? Sem nenhum motivo?

— Isso mesmo — declarei. Nada que eu soubesse, pelo menos.

Ele colocou um dos meus cachos atrás da minha orelha.

— Quem está ganhando a guerra?

— Marcie, mas sem muita vantagem.

O sorriso dele aumentou.

— Vá pegá-la, garota.

— E tem outra coisa. Piranha? No ensino fundamental eu nem tinha beijado na boca ainda. Marcie poderia ter guardado o spray para o próprio armário.

— Está começando a parecer que você tem um problema, Anjo. — Ele deslizou o dedo sob a alça da minha camiseta e seu toque fez minha pele formigar. — Aposto que consigo fazer você esquecer Marcie.

Algumas luzes estavam acesas no andar superior da casa, mas, como eu não via o rosto de minha mãe espremido contra uma das janelas, imaginei que tivéssemos algum tempo. Soltei o cinto de segurança e me inclinei por sobre a marcha, encontrando a boca de Patch na escuridão. Eu o beijei lentamente, saboreando o gosto salgado do mar em sua pele. Ele havia feito a barba naquela manhã, mas agora os pelos arranhavam meu queixo. Sua boca percorreu meu pescoço e senti o toque da língua, o que fez com que meu coração saltasse dentro do peito.

O beijo avançou para o meu ombro desnudo. Ele baixou a alça da minha camiseta e desceu com a boca pelo meu braço. Naquele momento, eu queria estar o mais perto dele possível. Não queria que ele fosse embora. Precisava dele na minha vida naquele dia, e no dia seguinte, e depois. Precisava dele como nunca tinha precisado de ninguém.

Passei por sobre a marcha e subi em seu colo. Encostei as mãos no peito dele, agarrei seu pescoço por trás e o apertei. Seus braços passaram pela minha cintura, prendendo-me, e me aconcheguei ainda mais.

Deixando-me ser levada pelo momento, passei as mãos sob sua camisa, pensando apenas em como eu amava sentir o calor de seu corpo se espalhando pelas minhas mãos. Assim que meus dedos esbarraram no lugar das costas onde costumavam se encontrar as cicatrizes das asas, uma luz distante explodiu no fundo da minha mente. A escuridão perfeita foi rompida pela explosão ofuscante. Era como observar um fenômeno cósmico no espaço, a milhões de quilômetros de distância. Senti como se minha mente fosse

engolida pela de Patch, para dentro de todas as milhares de memórias secretas guardadas ali, quando subitamente senti que ele tomava minha mão e a puxava para baixo, tirando-a do lugar onde suas asas se juntavam às costas, e tudo voltou depressa ao normal.

— Boa tentativa — murmurou ele, os lábios esbarrando nos meus ao falar.

Mordisquei seu lábio inferior.

— Se você pudesse ver o meu passado só de tocar em minhas costas, você também teria dificuldade em resistir à tentação.

— Eu já tenho dificuldade em manter minhas mãos longe de você sem esse bônus extra.

Eu ri, mas logo minha expressão ficou séria. Mesmo com considerável concentração, eu mal podia me lembrar de como tinha sido a vida sem Patch. À noite, deitada na cama, eu conseguia pensar com perfeita clareza no timbre grave de sua risada, no jeito como aquele sorriso erguia ligeiramente mais o canto direito da boca, no toque de suas mãos — quentes, macias, deliciosas — sobre a minha pele. Mas só com muito esforço eu conseguia recuperar as recordações dos dezesseis anos anteriores. Talvez porque aquelas lembranças perdiam a importância diante de Patch. Ou talvez porque não houvesse nada de bom nelas.

— Não me deixe, nunca — implorei a Patch, prendendo um dedo na gola da sua camisa e o puxando para perto.

— Você é minha, Anjo — murmurou ele, soltando as palavras em volta do meu maxilar enquanto eu arqueava meu pescoço para trás, convidando-o a beijar todos os lugares. — Você me tem para sempre.

— Prove que está falando sério — declarei, solenemente.

Ele me observou por um momento, então passou a mão atrás do pescoço e abriu o fecho de uma corrente simples de prata, que ele usava desde o dia em que eu o conhecera. Não tinha a mínima ideia da origem daquele cordão nem de seu possível significado, mas sentia que era importante para ele. Era o único acessório que Patch usava, e ele sempre o mantinha sob a camisa, próximo da pele. Nunca o vira ainda sem ele.

As mãos dele deslizaram para minha nuca, onde ele prendeu a corrente. O metal tocou a minha pele, ainda morno com o seu calor.

— Recebi isso quando era um arcanjo — disse ele. — Para me ajudar a diferenciar a verdade da ilusão.

Toquei-a suavemente, admirada com a importância daquele objeto.

— Ainda funciona?

— Não para mim. — Ele entrelaçou nossos dedos e virou minha mão para beijá-la. — Sua vez.

Girei um anelzinho de cobre que estava no dedo médio da minha mão esquerda e o entreguei para ele. Havia um coração gravado na superfície lisa do interior do anel.

Patch segurou o anel entre os dedos, examinando-o silenciosamente.

— Meu pai me deu uma semana antes de morrer — contei a ele.

Os olhos de Patch faiscaram.

— Não posso aceitar.

— É a coisa mais importante do mundo para mim. Quero que fique com ele — pedi. Dobrei seus dedos, fazendo com que envolvessem o anel.

— Nora — hesitou ele. — Não posso aceitar.

— Prometa guardar para mim. Prometa que nada vai nos separar. — Prendi seu olhar, impedindo-o de desviá-lo de mim. — Não quero ficar sem você. Não quero que isso termine.

Os olhos de Patch eram negros como a noite, mais escuros do que um milhão de segredos acumulados uns sobre os outros. Ele baixou o olhar para contemplar o anel na sua mão, virando-o lentamente.

— Jure que você nunca vai deixar de me amar — sussurrei.

Ele balançou a cabeça, assentindo quase imperceptivelmente.

Agarrei sua gola e puxei-o para mim, beijando-o com ainda mais fervor, selando a promessa entre nós. Prendi meus dedos nos dele, a borda afiada do anel marcando as palmas de nossas mãos. Nada do que eu fazia parecia fazê-lo chegar perto o suficiente de mim, nenhuma parte dele era o bastante. O anel afundou ainda mais em minha pele, até eu ter certeza de que havia me ferido. Uma promessa de sangue.

Quando achei que meu peito ia explodir de falta de ar, me afastei, descansando a testa contra a dele. Meus olhos estavam fechados, e a respiração fazia com que meus ombros subissem e descessem.

— Eu amo você — murmurei. — Mais do que deveria.

Esperei que ele respondesse, mas, em vez disso, Patch me apertou com mais força ainda, quase como se quisesse me proteger. Virou a cabeça na direção da mata do outro lado da estrada.

— O que houve?

— Ouvi alguma coisa.

— É que acabei de dizer que amo você — afirmei, sorrindo enquanto contornava sua boca com o dedo.

Esperei que ele devolvesse o sorriso, mas seus olhos permaneciam grudados nas árvores que lançavam sombras enquanto seus galhos balançavam com a brisa.

— O que tem lá? — perguntei, seguindo seu olhar. — Um coiote?

— Alguma coisa está errada.

Senti o sangue gelar e saí de seu colo.

— Você está começando a me assustar. É um urso?

Não víamos ursos havia anos, mas a casa de fazenda ficava bem na periferia da cidade e os ursos costumam se aproximar das zonas urbanas depois de hibernarem, quando ficam famintos e saem à procura de alimentos.

— Ligue os faróis e aperte a buzina — sugeri. Forcei a vista na direção da mata, para captar os movimentos. Meu coração bateu um pouco mais depressa quando me lembrei de quando eu e meus pais vimos, pelas janelas da casa, um urso balançar nosso carro, farejando comida.

Atrás de mim, as luzes da varanda se acenderam. Eu não precisava me virar para saber que minha mãe estava diante da porta, franzindo a testa e batendo o pé.

— O que é? — perguntei mais uma vez a Patch. — Minha mãe está saindo. Ela está segura?

Ele ligou o motor e colocou o Jeep no acesso para a casa.

— Entre. Tem uma coisa que preciso fazer.

— Entrar? Você está brincando? O que está acontecendo?

— Nora! — chamou minha mãe, descendo os degraus, com um tom irritado. Ela parou a um metro do Jeep e gesticulou para que eu abrisse a janela.

— Patch? — voltei a insistir.

— Ligo para você mais tarde.

Minha mãe abriu a porta do carro.

— Patch — cumprimentou ela, secamente.

— Blythe — respondeu ele, acenando displicentemente com a cabeça.

Ela se virou para mim.

— Você está quatro minutos atrasada.

— Ontem cheguei quatro minutos antes do horário.

— Não dá para compensar o horário de chegar em casa. Vá para dentro. Agora.

Sem querer deixar Patch antes que ele me respondesse, mas vendo que não havia alternativa, falei:

— Ligue para mim.

Ele assentiu uma vez, mas o foco peculiar de seu olhar indicava que seus pensamentos estavam em outro lugar. Assim que saltei do carro, o Jeep avançou para a frente, sem desperdiçar tempo com aceleração. Para onde quer que Patch estivesse indo, ele estava com pressa.

— Quando eu lhe dou um horário para voltar para casa, espero que você cumpra — disse mamãe.

— Quatro minutos de atraso! — exclamei com um tom que sugeria que ela talvez estivesse exagerando. Aquilo provocou um olhar de completa desaprovação.

— No ano passado, seu pai foi assassinado. Alguns meses atrás, você mesma correu risco de vida. Acho que conquistei o direito de me tornar superprotetora.

Ela caminhou rigidamente de volta para a casa, com os braços cruzados contra o peito.

Tudo bem, eu era uma filha insensível e sem coração. Mensagem transmitida.

Voltei a atenção para uma fileira de árvores na beira da estrada, do outro lado da pista. Nada parecia fora do normal. Esperei sentir um calafrio que me alertasse que havia algo escondido ali e que eu não podia ver, mas ele não veio. Uma brisa cálida de verão agitou as folhas, com o som das cigarras enchendo o ar. A mata parecia simplesmente serena sob o brilho da lua.

Patch não havia visto nada no mato. Ele se afastara porque eu dissera três palavras muito *idiotas*, que tinham saído da minha boca antes que eu pudesse impedir. O que havia se passado na minha cabeça? Não. O que se passava na cabeça de Patch agora? Será que ele fora embora para evitar respondê-las? Eu estava bastante convencida de saber a resposta. E estava bastante convencida de que ela explicava por que fiquei ali, olhando para a traseira do Jeep.

Pelos últimos onze segundos, eu estivera deitada com o rosto virado para baixo, abraçando meu travesseiro sobre a minha cabeça, tentando calar as notícias sobre o trânsito no centro de Portland ditas por Chuck Delaney, que estavam saindo pelo meu despertador altas e claras. Igualmente, eu estava tentando calar a parte lógica do meu cérebro, que gritava para que eu me vestisse, prometendo repercussões se eu não fizesse isso. Mas a parte do meu cérebro que buscava o prazer ganhou. Ela unia-se ao meu sonho — ou, melhor, ao assunto do meu sonho. Ele tinha cabelo preto ondulado e um sorriso matador. Neste instante, ele estava sentado de costas em sua moto e eu estava sentada virada para frente, nossos joelhos tocando. Eu curvei meus dedos em sua camiseta e o puxei para um beijo.

No meu sonho, Patch sentia quando eu o beijava. Não só num nível emocional, mas um toque real e físico. No meu sonho, ele se tornava mais humano que anjo. Anjos não conseguem sentir sensações físicas — eu sabia disso — mas no meu sonho, eu queria que Patch sentisse a pressão suave e sedosa de nossos lábios se conectando. Eu queria que ele sentisse os meus dedos passando pelo cabelo dele. Eu precisava que ele sentisse a adrenalina e o campo magnético inquestionável que puxava cada molécula do corpo dele em direção ao meu.

Exatamente como eu sentia.

Patch correu seu dedo sob a corrente de prata no meu pescoço, seu toque mandando ondas de calafrios de prazer por mim. —Eu te amo,— ele murmurou.

Firmando as pontas dos meus dedos em seu abdômen duro, eu me inclinei, parando ao quase beijá-lo. *Eu te amo mais*, eu disse, roçando sua boca enquanto eu falava.

Só que as palavras não saíram. Elas ficaram presas na minha garganta.

Enquanto Patch esperava que eu respondesse, seu sorriso vacilou.

Eu te amo, eu tentei novamente. Mais uma vez, as palavras permaneceram presas dentro.

A expressão de Patch ficou impaciente. —Eu te amo, Nora,—ele repetiu.

Eu assenti freneticamente, mas ele se virara. Ele saiu da moto e foi embora sem olhar para trás.

Eu te amo! Eu gritei na direção dele. *Eu te amo, eu te amo!* Mas foi como se areia movediça tivesse sido entornada pela minha garganta abaixo; quanto mais eu tentava lutar para que as palavras saíssem, mais rápido elas eram rebocadas para baixo.

Patch estava escapulindo para o meio de uma multidão. A noite havia caído ao nosso redor num estalar de dedos, e eu mal conseguia distinguir sua camiseta preta das outras centenas de

camisetas escuras nas massas. Eu corri para acompanhá-lo, mas quando agarrei seu braço, foi outra pessoa que se virou. Uma garota. Era tarde demais para dar uma boa olhada em seus traços, mas eu podia afirmar que ela era linda.

—Eu amo o Patch,— ela me disse, sorrindo com seu batom vermelho berrante. —E não tenho medo de dizer.

—Mas eu disse!— eu debati. —Na noite passada eu disse a ele!

Eu empurrei-a para passar, os olhos escaneando a multidão até eu captar um vislumbre do boné azul característico do Patch. Eu saí empurrando freneticamente o caminho todo até ele e estiquei a mão para pegar na dele.

Ele se virou, mas ele tinha mudado para a mesma linda garota. —Você chegou tarde demais,— ela disse. —Eu amo o Patch agora.

—E agora a previsão do tempo, com Angie,— Chuck Delaney tagarelou animadamente no meu ouvido.

Meus olhos se abriram com as palavras —previsão do tempo.— Eu fiquei deitada na cama por um instante, tentando me livrar do que nada mais era que um pesadelo, e me situando. A previsão do tempo era anunciada faltando vinte minutos pro horário, e não havia possibilidade de eu estar ouvindo a previsão, a não ser que...

Escola de verão! Eu tinha dormido demais!

Chutando as cobertas, eu corri para o guarda-roupa. Enfiando meus pés na mesma calça jeans que eu tinha jogado no pé do guarda-roupa noite passada, eu enfiei uma regata branca sobre a minha cabeça e a sobrepus com um cardigã lavanda. Eu liguei para Patch, mas três toques depois eu caí na caixa postal. —Me liga!— eu disse, pausando por meio segundo para me perguntar se ele estava me evitando depois da grande confissão de ontem à noite. Eu botei na minha cabeça que devia fingir que isso nunca tinha acontecido até que o efeito passasse e as coisas voltassem ao normal, mas após o sonho de hoje de manhã, eu estava começando a duvidar que esqueceria isso tão facilmente. Talvez Patch estivesse tanto dificuldade quanto eu em deixar isso pra lá. De qualquer jeito, não havia muito que eu pudesse fazer sobre isso agora. Mesmo eu podendo jurar que ele tinha me prometido uma carona...

Eu empurrei uma tiara no meu cabelo para fazer de penteado, peguei minha mochila da bancada da cozinha, e me apressei porta afora. Eu parei na entrada de carros por tempo o bastante para dar um grito de exasperação para a laje de cimento de 2,5m por 3m onde meu Fiat Spider 1979 costumava parar. Minha mãe vendera meu Spider para pagar uma dívida de três meses da conta de eletricidade, e para estocar a nossa geladeira com alimentos o suficiente para nos alimentar pelo mês. Ela até mesmo dispensara a nossa governanta, Dorothea, também conhecida como minha mãe substituta, para cortar as despesas. Enviando um pensamento odioso em direção à causa dessa circunstância, eu deslizei minha mochila pelo meu ombro e comecei a correr. A maioria das pessoas a casa da fazenda rural de Maine em que minha mãe e eu vivemos como sendo singular, mas a verdade é que não há nada singular

na corrida de 1,5km até o vizinho mais próximo. E a não ser que singular seja um sinônimo para uma casa caída e fria do século XVIII situada no centro de uma inversão atmosférica que suga toda a névoa daqui até o litoral, eu discordo.

Na esquina da Hawthorne com a Beech, eu vejo sinais de vida enquanto carros movem-se rapidamente em sua viagem matinal até o trabalho. Com uma mão eu apontei meu dedão para o ar e com a outra eu desembulhei um pedaço de chiclete que refresca o hálito e substitui a pasta de dentes.

Um 4Runner vermelho da Toyota freou na esquina, e a janela do passageiro se abaixou com um zunido automático. Marcie Millar estava sentada atrás do volante. —Problemas com o carro?— ela perguntou.

Problema com o carro sim, já que não tinha carro. Não que eu fosse admitir isso para Marcie.

—Precisa de uma carona?— ela reformulou impaciente quando eu não respondi.

Eu não conseguia acreditar que de todos os carros passando por este pedaço da estrada, fora o da Marcie quem parara. Eu queria andar de carro com a Marcie? Não. Eu ainda estava chateada pelo que ela tinha dito sobre o meu pai? Sim. Eu estava prestes a perdoá-la? Absolutamente não. Eu teria gesticulado para que ela

continuasse dirigindo, mas havia um pequeno empecilho. Havia boatos de que a única coisa que o Sr. Loucks gostava mais do que a tabela periódica dos elementos era distribuir passes para a detenção para estudantes atrasados.

—Obrigada,— eu aceitei relutante. —Estou indo para escola.

—Parece que sua amiga gorda não pode te dar uma carona.

Eu congelei com a minha mão na maçaneta da porta. Vee e eu tínhamos desistido a muito de educar pessoas de mente estreita que — gorda— e —curvilínea— não são a mesma coisa, mas isso não queria dizer que tolerávamos ignorância. E eu teria pedido alegremente à Vee uma carona, mas ela fora convidada para atender uma reunião de treinamento para os editores promissores do eZine da escola e já estava lá.

—Pensando bem, vou andar.— Eu empurrei a porta de Marcie, colocando-a de volta em sua posição.

Marcie tentou um olhar confuso. —Você está ofendida por eu ter chamado ela de gorda? Porque é verdade. Qual o seu problema? Eu sinto como tudo que eu digo tem que ser censurado. Primeiro o seu pai, agora isso. O que aconteceu com a liberdade de expressão?

Por uma fração de segundo eu achei que seria bom e conveniente se eu ainda tivesse o Spider. Não só eu não estaria desamparada sem carona, como eu poderia ter o prazer de passar por cima da Marcie. O estacionamento da escola era caótica depois das aulas. Acidentes aconteciam.

Já que eu não podia dar uma pancada forte em Marcie com o meu para-choque, eu optei pela segunda melhor opção. —Se o meu pai fosse dono da revenda de Toyotas, acho que eu teria pelo menos uma consciência ambiental de pedir por um híbrido.

—Bom, o seu pai não é dono da revenda de Toyotas.

—Isso mesmo. Meu pai está morto.

Ela levantou um ombro. —Você que disse, não eu.

—De agora em diante, acho que é melhor se ficarmos fora do caminho uma da outra.

Ela examinou suas unhas. —Ótimo.

—Beleza.

—Só estava tentando ser legal, e olha no que deu,— ela disse baixinho.

—Legal? Você chamou a Vee de gorda.

—Eu também te ofereci uma carona.— Ela pisou no acelerador, seus pneus cuspidos poeira de estrada, que flutuaram na minha direção. Eu não acordara esta manhã procurando por outra razão para odiar Marcie Millar, mas consegui.

A Escola Coldwater fora erguida no fim do século XIX, e a construção era uma mistura eclética de gótico com vitoriano que parecia mais uma catedral do que um lugar acadêmico. As janelas eram estreitas e abobadadas, o vidro chumbado. As pedras eram multicoloridas, mas em sua maioria cinza. No verão, hera espalhava-se pelo exterior e dava à escola certo charme da Nova Inglaterra. No inverno, a hera lembrava dedos esqueléticos longos enforcando o prédio.

Eu estava meio andando rápido, meio correndo pelo corredor até a sala de química quando meu celular tocou no meu bolso.

—Mãe?— eu respondi, não diminuindo meu passo. —Posso te ligar de vol—

—Você nunca vai acreditar em quem eu esbarrei ontem! Lynn Parnell. Você se lembra dos Parnells, não? A mãe do Scott.

Eu espiei o relógio no meu celular. Eu tivera sorte o bastante de pegar carona até a escola com uma completa estranha —uma mulher a caminho da aula de kickboxing na academia — mas eu ainda estava escapando por pouco. Menos de dois minutos até o sinal avisando que eu estava atrasada. —Mãe? A aula está prestes a começar. Posso te ligar na hora do almoço?

—Você e o Scott eram tão bons amigos.

Ela aticara uma memória antiga. —Quando tínhamos cinco anos,— eu disse. —Ele não molhava sempre a calça?

—Eu tomei uns drinques com a Lynn noite passada. Ela acabou de finalizar seu divórcio, e ela e Scott estão voltando para Coldwater.

—Isso é ótimo. Eu te ligo—

—Eu convidei-os para jantar hoje à noite.

Enquanto passava pelo escritório da diretora, o ponteiro dos minutos no relógio acima da porta dela andou para o traço seguinte. De onde eu estava, parecia preso entre 7:59 e oito em ponto. Eu apontei um olhar ameaçador para ele que dizia Não ouse tocar mais cedo. —Hoje à noite não dá, mãe. Patch e eu—

—Não seja boba!— minha mãe cortou. —Scott é um dos seus amigos mais antigos no mundo. Você o conhecia muito antes do Patch.

—Scott costumava me forçar a comer rocamboles,— eu disse, minha memória começando a surgir.

—E você nunca o forçou a brincar de Barbie?

—Totalmente diferente!

—Hoje à noite, sete horas,— minha mãe disse numa voz que calava toda a discussão.

Eu me apressei para a aula de química com segundos faltando e deslizei num banquinho de metal atrás de uma mesa de laboratório feita de granito preto, na primeira fileira. Sentavam-se dois por mesa, e fiquei com os dedos cruzados para ficar de dupla com alguém cujo conhecimento de ciência superasse o meu, o que, dado o meu nível, não era difícil de acontecer. Eu tendia a ser mais romântica do que realista, e escolhia a fé cega invés da lógica fria. O que colocava eu e a ciência em desvantagem desde o começo.

Marcie Millar entrou vagarosamente na sala usando salto alto, calça jeans e uma blusa de seda da Banana Republic que eu tinha na minha lista de desejo para a volta às aulas. No dia do trabalho, a blusa estaria na prateleira de liquidação e na minha faixa de preço. Eu estava no meio do processo de retirar mentalmente essa blusa da minha lista quando Marcie se assentou no banquinho ao meu lado.

—Qual o problema com o seu cabelo?— ela disse. —O mousse acabou? A paciência?— Um sorriso levantou um lado de sua boca. —Ou foi por que teve que correr 6,5km para chegar aqui a tempo?

—O que aconteceu com ficarmos fora do caminho uma da outra?— eu dei uma olhada incisiva para seu banquinho, então para o meu, comunicando que 60 centímetros não era 'ficar fora do caminho'.

—Preciso de algo de você.

Eu exalei silenciosamente, estabilizando minha pressão sanguínea. Eu deveria saber. —É o seguinte, Marcie,— eu disse. —Ambas sabemos que essa aula vai ser insanamente difícil.

Deixe-me lhe fazer um favor e te alertar que ciência é a minha pior matéria. A única razão para eu estar na escola de verão é que ouvi dizer que química é mais fácil este semestre. Você não me quer como parceira. Não será fácil conseguir um 10.

—Pareço que estou sentada do seu lado pelo bem da minha média?— ela disse com um movimento impaciente em seu punho. — Preciso de você para outra coisa. Semana passada consegui um trabalho.

Marcie? Um trabalho?

Ela deu um sorriso forçado, e eu só consegui imaginar que ela havia adivinhado meus pensamentos diretamente pela minha expressão. — Eu arquivo no escritório principal. Um dos vendedores do meu pai é casado com a secretária do escritório principal. Nunca machuca ter conexões. Não que você fosse saber algo sobre isso.

Eu sabia que o pai da Marcie era influente na Coldwater. De fato, ele doava tanto que podia opinar em todas as posições de treinador na escola, mas isso era ridículo.

—De vez em quando, um arquivo cai aberto e eu não consigo evitar ver umas coisas,— Marcie disse.

É, até parece.

—Por exemplo, eu sei que você ainda não superou a morte do seu pai. Você está se consultando com o psicólogo da escola. Eu sei tudo sobre todos. Exceto sobre o

Patch. Semana passada notei que o arquivo dele está vazio. Eu quero saber por que. Eu quero saber o que ele está escondendo.

—Por que você se importa?

—Ele estava parado na minha garagem na noite passada, olhando pela janela do meu quarto.

Eu pestanejei. —Patch estava parado na sua garagem?

—A não ser que você conheça outro cara que dirija um Jeep Commander, veste-se só de preto, e é super gostoso.

Eu franzi a testa. —Ele disse alguma coisa?

—Ele me viu observando da janela e foi embora. Eu deveria pensar em conseguir uma medida cautelar? Esse é o comportamento normal dele? Eu sei que ele é desajustado, mas quero saber o grau de desajustamento.

Eu ignorei-a, absorvida demais em ponderar essa informação. Patch? Na casa da Marcie? Tinha que ter sido depois dele sair da minha casa. Depois de eu dizer, —Eu te amo,— e dele ter escapulado.

—Não tem problema,— Marcie disse, endireitando-se. —Há outras maneiras de se conseguir informação, como pela administração. Acho que vão fazer um estardalhaço por causa de um arquivo escolar vazio. Eu não ia dizer nada, mas para minha própria segurança...

Eu não estava preocupada com Marcie indo falar com a administração. Patch podia se cuidar. Eu estava preocupada com a noite passada. Patch fora embora abruptamente, alegando que tinha um negócio que precisava fazer, mas eu estava tendo dificuldade em acreditar que esse negócio fosse ficar parado na garagem da Marcie. Era muito mais fácil aceitar que ele tinha ido embora pelo que eu tinha dito.

—Ou pela polícia,— Marcie acrescentou, batendo a ponta de seu dedo em seu lábio. —Um arquivo escolar vazio quase soa ilegal. Como que o Patch entrou para a escola? Você parece chateada, Nora. Estou na pista certa?— Um sorriso de prazer surpreso começou a nascer em seu rosto. —Eu estou, não estou? Há algo mais aí.

Eu a olhei com olhos frios. —Para alguém que deixou claro que sua vida é superior a de todos os outros alunos desta escola, você com certeza tornou um hábito perseguir cada faceta de nossas vidas entediadas e sem valor.

O sorriso de Marcie desapareceu. —Eu não teria que fazer isso se todos ficassem fora do meu caminho.

—Do seu caminho? Esta escola não é sua.

—Não fale comigo desta maneira,— Marcie disse com um tique de descrença e quase involuntário de sua cabeça. —De fato, não fale comigo e ponto.

Eu virei minhas palmas para cima. —Sem problema.

—E enquanto faz isso, saia.

Eu olhei para baixo para meu banquinho, pensando que com certeza ela não poderia querer dizer----- Eu cheguei aqui primeiro.

Me imitando, Marcie virou suas palmas para cima. —Não é problema meu.

—Não vou sair.

—Não vou sentar do seu lado.

—Que bom ouvir isso.

—Saia,— Marcie ordenou. —Não.

O sinal cortou-nos, e quando o som agudo dele morreu, tanto Marcie quanto eu parecemos perceber que a sala tinha ficado silenciosa. Nós olhamos ao redor, e percebi, com uma acidez no estômago, que todos os outros assentos na sala estavam tomados.

O Sr. Loucks se posicionou no corredor à minha direita, balançando uma folha de papel.

—Estou segurando um mapa de assentos vazio,— ele disse. — Cada um dos retângulos corresponde a uma mesa na sala. Escreva seu nome no retângulo apropriado e passe adiante. — Ele bateu o mapa na nossa frente. —Espero que gostem de seus parceiros,— ele nos disse. —Ficarão oito semanas com eles.

Ao meio-dia, quando as aulas acabavam, eu peguei carona com a Vee até o Bistrô Enzo, nosso lugar favorito para comprar cafés mocha gelados ou leite vaporizado, dependendo da estação. Eu senti o sol cozinhar meu rosto enquanto cruzávamos o estacionamento, e foi quando o vi. Um Volkswagen Cabriolet conversível branco com uma placa de venda grudada na janela: \$1.000,80.

—Não tenho cinco para te emprestar. Meu porquinho está oficialmente anoréxico.

Eu dei um suspiro de anseio na direção do Cabriolet. —Eu preciso de dinheiro. Eu preciso de um emprego.— Eu fecho meus olhos, me imaginando por trás do volante do Cabriolet, com o teto abaixado, o vento farfalhando meu cabelo encaracolado. Com o Cabriolet, eu nunca teria que pedir carona de novo. Eu seria livre para ir onde eu quisesse, quando eu quisesse.

—É, mas ter um emprego significa que você realmente teria que trabalhar. Quero dizer, tem certeza que quer gastar o verão todo trabalhando por um salário mínimo? Você pode, sei lá, se exaurir ou algo assim.

Eu caço na minha mochila um pedaço de papel e rabisco o número listado na placa. Talvez eu pudesse convencer o dono a diminuir uns duzentos dólares. Enquanto isso, eu acrescentei à minha lista de afazeres da tarde procurar nos classificados por um emprego de meio- período. Um emprego significava um tempo longe de Patch, mas também significava transporte particular. Por mais que eu amasse Patch, ele sempre parecia estar ocupado... fazendo alguma coisa. O que não o tornava confiável quando se tratava de caronas.

Dentro do bistrô, Vee e eu pedimos cafés mocha gelados e saladas apimentadas de noz-pecã, e sentamos numa mesa com a nossa comida. Pelas últimas diversas semanas, o Enzo tinha passado foi uma reformulação extensa para fazê-lo —Você está babando, — Vee disse, usando seu dedo para fechar meu queixo. —Por um acaso você não tem mil dólares para me emprestar, tem?

chegar ao século XXI, e Coldwater agora tinha sua própria lan-house. Dado o fato de que meu computador em casa tinha seis anos, eu estava realmente animada com isso.

—Não sei quanto a você, mas estou pronta para as férias,— Vee disse, empurrando seu óculos de sol para o alto de sua cabeça. —Mais oito semanas de espanhol. São mais dias do que eu quero pensar. Precisamos é de uma distração. Precisamos de algo que tirará nossas mentes desse período sem fim de educação de qualidade estirado à nossa frente. Precisamos fazer compras. Portland, aqui vamos nós. A Macy's está tendo uma grande liquidação. Eu preciso de sapatos, eu preciso de vestidos, e eu preciso de um perfume novo.

—Você acabou de comprar roupas novas. No valor de duzentos dólares. Sua mãe vai ter uma hemorragia quando receber a conta do MasterCard dela.

—É, mas eu preciso de um namorado. E para conseguir um namorado, você tem que ficar bonita. Não dói ser cheirosa também.

Eu mordo uma pêra cortada em cubos do meu garfo. —Tem alguém em mente?

—De fato, tenho sim.

—Só me prometa que não é Scott Parnell. —Scott quem?

Eu sorri. —Viu? Agora estou feliz.

—Eu não conheço nenhum Scott Parnell, mas o cara em quem estou de olho por um acaso é gostoso. Gostoso do tipo acima da média. Gostoso do tipo mais-gostoso-que-o-Patch.— Ela fez uma pausa. —Bem, talvez não tão gostoso assim. Ninguém é tão gostoso. Sério, o resto do meu dia é um fracasso. Ou Portland ou cai fora, é o que eu digo.

Eu abri a minha boca, mas Vee foi mais rápida.

—Uh-oh,— ela disse. —Eu conheço esse olhar. Você vai me dizer que já tem planos.

—Voltando para Scott Parnell. Ele costumava morar aqui quando tínhamos cinco anos.

Vee parecia estar procurando em sua memória de longo prazo.

—Ele molhava sua calça bastante,— eu ofereci de modo auxiliador.

Os olhos de Vee se acenderam. —Scotty, o Mijão?

—Ele está voltando para Coldwater. Minha mãe o convidou para jantar hoje à noite.

—Estou vendo onde isso vai dar,— Vee disse, assentindo sabiamente. —Isso é o que chamamos de 'conheça o bonitinho.' É quando as vidas de dois parceiros românticos em potencial se cruzam. Lembra quando a Desi entrou sem querer no banheiro masculino e pegou o Ernesto no urinol?

Eu parei com meu garfo na metade do caminho entre meu prato e a minha boca. —O quê?

—Em Corazón, a novela espanhola. Não? Não importa. Sua mãe quer juntar você com Scotty, o Mijão. Imediatamente.

—Não, ela não quer. Ela sabe que estou com o Patch.

—Só porque ela sabe, não quer dizer que ela está feliz com isso. Sua mãe vai gastar bastante tempo e energia transformando essa equação de Nora mais Patch igual amor, para Nora mais Scotty igual amor. E que tal isso? Talvez Scotty, o Mijão se transformou em Scotty, o Gostosão. Você já pensou nisso?

Eu não tinha, e não ia pensar, também. Eu tinha o Patch, e eu estava perfeitamente feliz em continuar assim.

—Podemos falar sobre algo ligeiramente mais urgente?— eu perguntei, achando que estava na hora de mudar de assunto antes que o nosso atual desse à Vee ideias ainda mais loucas. — Como o fato de que a minha nova parceira de química é a Marcie Millar?

—Que vadia.

—Aparentemente, ela está arquivando no escritório principal, e ela olhou no arquivo do Patch.

—Ainda está vazio?

—Parece que sim, já que ela quer que eu conte à ela tudo que eu sei sobre ele.— Incluindo o porquê dele estar parado em sua garagem na noite passada, olhando para a janela de seu quarto. Uma vez eu ouvira um boato de que Marcie segurava uma raquete de tênis em sua janela quando ela estava aberta a pagamentos para certos —serviços,— mas eu não ia pensar nisso. Os boatos eram 90 por cento fictícios, não?

Vee inclinou-se para perto. —O que você sabe?

Nossa conversa declinou para um silêncio desconfortável. Eu não acreditava em segredos entre melhores amigas. Mas há segredos... e há verdades duras.

Verdades assustadoras. Verdades inimagináveis. Tendo uma namorado que é um anjo caído transformado em anjo da guarda se encaixa em todas as categorias acima.

—Você está escondendo algo de mim.

—Não estou.

—Está sim.

Um longo silêncio.

—Eu disse ao Patch que o amava.

Vee cobriu sua boca, mas eu não conseguia dizer se ela estava sufocando um ofegar ou uma risada. O que só me fazia sentir mais insegura. Isso era tão engraçado assim? Eu tinha feito algo ainda mais estúpido do que eu já achava ter feito?

—O que ele disse?— Vee perguntou.

Eu mal olhei para ela.

—Tão ruim assim?— ela perguntou.

Eu limpei minha garganta. —Me conta sobre esse cara de quem você está atrás. Quero dizer, essa é uma paixonite à distância, ou você já falou com ele?

Vee entendeu a dica. —Falar com ele? Eu comi cachorro quente com ele no Skippy ontem no almoço. Foi um desses negócios de encontro às escuras, e foi melhor do que eu esperava.

Muito melhor. Pra sua informação, você saberia disso tudo se tivesse retornado as minhas ligações ao invés de ficar se pegando com o seu namorado sem parar.

—Vee, eu sou a sua única amiga, e não fui eu quem te arrumou ele.

—Eu sei. Foi o seu namorado.

Eu engasguei numa bola de queijo gorgonzola. —Patch te arrumou um encontro às escuras?

—É, e daí?— Vee disse, seu tom indo à direção do defensivo.

Eu sorri. —Achei que você não confiava no Patch.

—Não confio.

—Mas?

—Eu tentei te ligar para vetar o meu encontro primeiro, mas repetindo, você nunca mais retorna as minhas ligações.

—Missão cumprida. Eu me sinto como a pior amiga do mundo. — Eu lhe mandei um sorriso conspiratório. —Agora me conta o resto.

O tom de resistência de Vee caiu, e ela imitou meu sorriso. —O nome dele é Rixon, e ele é irlandês. O sotaque irlandês dele me mata. Sexy ao máximo. Ele é um tanto magricela, considerando que eu sou robusta, mas estou planejando perder nove quilos esse verão, então tudo deve ficar balanceado até agosto.

—Rixon? Não brinca! Eu amo o Rixon!— De praxe, eu não confiava em anjos caídos, mas Rixon era uma exceção. Como Patch, seus limites morais estavam puxados para a área cinzenta entre o preto e o branco. Ele não era perfeito, mas ele não era de todo mal, tampouco. Eu sorri, apontando meu garfo para a Vee. —Não acredito que você saiu com ele. Quero dizer, ele é o melhor amigo do Patch. Você odeia o Patch.

Vee lançou a ela seu olhar de gata negra, seu cabelo praticamente eriçando. —Melhores amigos não querem dizer nada. Olha para você e para mim. Não somos nada parecidas.

—Isso é ótimo. Nós quatro podemos sair o verão todo.

—Uh-uh. De jeito nenhum. Eu não vou sair com o maluco do seu namorado. Eu não ligo para o que você me disse, eu ainda acho que ele teve algo a ver com a morte misteriosa do Jules no ginásio.

Uma nuvem escura caiu na conversa. Houvera apenas três pessoas no ginásio na noite que Jules morreu, e eu era uma delas. Eu nunca disse à Vee tudo que acontecera, só o bastante para fazê-la parar de me pressionar, e para sua própria segurança, eu planejava continuar assim.

Vee e eu passamos o dia dirigindo, pegando fichas de solicitação de emprego de lanchonetes de fast-food locais, e eram quase seis e meia quando cheguei em casa. Eu deixei

minhas chaves caírem bancada e chequei as mensagens da secretária eletrônica. Havia uma da minha mãe. Ela estava no Mercado Michaud comprando pão de alho, lasanha pronta, e vinho barato, e jurou de pés juntos que chegaria antes que os Parnells em casa.

Eu apaguei a mensagem e subi escada acima para meu quarto. Já que não tinha tomado banho de manhã, e meu cabelo tinha atingido a altura máxima de frizz durante o dia, achei que devia colocar uma roupa linda para controlar os danos. Todas as lembranças que eu tinha do Scott Parnell era desagradáveis, mas companhia era companhia. Eu tinha desabotoado meu cardigã pela metade quando bateram na porta de frente.

Eu encontrei Patch do outro lado dela, as mãos em seus bolsos.

Normalmente eu teria cumprimentando-o ao me confinar diretamente em seus braços. Hoje eu me segurei. Ontem à noite eu dissera que o amava, e ele tinha fugido e supostamente se dirigido diretamente para a casa da Marcie. Meu humor estava em algum lugar entre orgulho ferido, raiva, e insegurança. Eu esperei que meu silêncio reservado lhe mandasse a mensagem de que algo estava errado, e que ficaria até que ele corrigisse, ou se desculpando ou se explicando.

—Ei,— eu disse, assumindo uma informalidade. —Você esqueceu de ligar ontem à noite. Onde você acabou indo?

—Por aí. Você vai me convidar para entrar?

Eu não convidei. —Fico feliz de saber que a casa da Marcie fica bem, sabe, por aí.

Um relampejo momentâneo de surpresa em seus olhos confirmou o que eu não queria acreditar: Marcie estivera dizendo a verdade.

—Quer me contar o que está acontecendo?— eu disse num tom ligeiramente mais hostil. —Quer me contar o que você estava fazendo na casa dela ontem à noite?

—Você parece com ciúmes, Anjo.— Podia ter havido um tom de provocação por trás, mas ao contrário do que de costume, não havia nada de amoroso ou brincalhão nisso.

—Talvez eu não tivesse ciúmes se você não me desse uma razão para ter,— eu retruquei. —O que você estava fazendo na casa dela?

—Dando conta de uns negócios.

Minhas sobrancelhas foram arrastadas para cima. —Eu não tinha percebido que você e Marcie tinham negócios a tratar.

—Nós temos, mas é só isso. Negócios.

—Se importa em explicar?— Havia uma dose pesada de alegações comprimidas entre as minhas palavras.

—Está me acusando de algo?

—Eu deveria?

Patch era geralmente um expert em esconder suas emoções, mas a linha da sua boca se apertou. —Não.

—Se estar na casa dela ontem à noite era tão inocente, por que você está tendo tanta dificuldade em explicar o que você estava fazendo lá?

—Não estou tendo dificuldade,— ele disse, cada palavra medida com cuidado. —Não estou te contando porque o que eu estava fazendo na casa da Marcie não tem nada a ver conosco.

Como ele podia achar que isso não tinha nada a ver conosco? Marcie era a única pessoa que se aproveitava de cada oportunidade para me atacar e me menosprezar. Pelos últimos onze anos, ela tinha me provocado, espalhado boatos horríveis sobre mim, e me humilhado publicamente. Como ele podia achar que isso não era pessoal? Como ele podia achar que eu iria simplesmente aceitar isso, sem perguntar nada? Acima de tudo, ele não conseguia ver que eu estava apavorada por Marcie talvez usá-lo para me machucar? Se ela suspeitasse que ele estivesse remotamente interessado, ela faria tudo em seu poder para roubá-lo para si mesma. Eu não conseguia suportar pensar em perder o Patch, mas me mataria se eu o perdesse para ela.

Devastada por esse medo repentino, eu disse, —Não volte até que esteja pronto para me contar o que você estava fazendo na casa dela.

Patch forçou sua entrada de força impaciente e fechou a porta atrás de si. —Eu não vim aqui para discutir. Eu queria que você soubesse que a Marcie teve alguns problemas esta tarde.

Marcie de novo? Ele achava que já não tinha cavado um buraco fundo o bastante? Eu tentei permanecer calma por tempo o bastante para escutá-lo, mas eu queria gritar com ele. —Ah?— eu disse friamente.

—Ela foi pega no fogo cruzado quando um grupo de anjos caídos tentou forçar um Nephil a jurar fidelidade dentro do banheiro masculino na Bo's Arcade. O Nephil não tinha dezesseis anos, então eles não podiam forçá-lo, mas eles se divertiram tentando. Eles o cortaram bastante, e quebraram algumas costelas. Aí entra a Marcie. Ela bebeu demais e entrou no banheiro errado. O anjo caído que estava guardando o local enfiou uma faca nela. Ela está no hospital, mas eles a liberarão logo. Ferimento superficial.

Meu pulso acelerou, e eu sabia que estava chateada por Marcie ter sido esfaqueada, mas essa era a última coisa que eu queria revelar para o Patch. Eu cruzei meus braços de maneira dura. —Minha nossa, o Nephil está bem?— eu me lembrei vagamente do Patch explicando, há algum tempo, que anjos caídos não podem forçar os Nephilim a jurarem lealdade até que tenham dezesseis anos. Igualmente, ele não podia me sacrificar para conseguir um corpo humano próprio até que eu fizesse dezesseis anos. Dezesseis anos era uma idade sombriamente mágica, até mesmo crucial, no mundo dos anjos e dos Nephilim.

Patch me lançou um olhar que continha uma ínfima partícula de nojo. —Marcie podia estar bêbada, mas a probabilidade é de que ela se lembre do que viu. Obviamente você sabe que anjos caídos e Nefilim tentam ficar despercebidos, e alguém como a Marcie, com uma bocona, pode ameaçar o segredo deles. A última coisa que eles querem é que ela anuncie para o mundo o que viu. O nosso mundo opera muito mais suavemente quando os humanos não possuem conhecimento dele. Eu conheço os anjos caídos envolvidos.— Sua mandíbula ficou tensa. —Eles farão o que for preciso para manter a Marcie calada.

Eu senti um calafrio de medo por Marcie, mas dispensei-o. Desde quando Patch se importava se algo acontecia ou não com a Marcie?

Desde quando ele estava mais preocupado com ela do que comigo? —Estou tentando me sentir mal,— eu disse, —mas parece que você está preocupado o bastante por nós dois.— Eu sacudi a maçaneta e segurei a porta totalmente aberta. —Talvez você devesse ir ver a Marcie, ver se o ferimento superficial dela está sarando apropriadamente.

Patch forçou a minha mão a se soltar e fechou a porta com seu pé. —Estão acontecendo coisas mais importantes que você, eu, e a Marcie. — Ele hesitou, como se tivesse mais a dizer, mas fechou sua boca no último momento.

—Você, eu, e a Marcie? Desde quando você começou a colocar nós três na mesma frase? Desde quando ela significa algo para você?— eu repreendi.

Ele fechou uma mão em sua nuca, parecendo como se soubesse muito bem que tinha que escolher suas palavras cuidadosamente antes de responder.

—Simplesmente me diga o que você está pensando!— eu falei sem pensar. —Desembucha! Já é ruim o bastante eu não ter ideia do que você está sentindo, quanto mais do que você está pensando!

Patch olhou ao redor, como se perguntando-se se eu estava falando com outra pessoa. —Desembucha?— ele disse, seu tom sombriamente descrente. Talvez até mesmo irritado. —O que parece que eu estou tentando fazer? Se você se acalmar, eu consigo. Agora você vai ficar histérica, não importa o que eu diga.

Eu senti meus olhos se estreitarem. —Eu tenho direito de ficar nervosa. Você não me conta o que estava fazendo na casa da Marcie ontem à noite.

Patch jogou suas mãos para cima. Aqui vamos nós de novo, o gesto dizia.

—Há dois meses,— eu comecei, tentando injetar orgulho na minha voz para esconder o tremor nela, —Vee, a minha mãe —todo mundo —me alertou que você era o tipo de cara que vê as garotas como sendo conquistas. Eles disseram que eu era apenas mais um troféu na sua parede, outra garota estúpida que você seduziu para sua própria satisfação. Eles disseram que o instante que eu me apaixonasse por você seria o instante que você iria embora.— Eu engoli em seco. —Eu preciso saber que eles não estavam certos.

Mesmo eu não querendo relembrar isso, a lembrança da noite passada ressurgiu com uma

clareza perfeita. Eu me lembrei da refeira humilhante toda com detalhes vívidos. Eu dissera que o amava, e ele me deixara esperando. Havia centenas de maneiras diferentes de analisar o silêncio dele, nenhuma delas boa.

Patch sacudiu sua cabeça em descrença. —Você quer que eu te diga que eles estão errados? Eu tenho a sensação de que você não vai acreditar em mim, não importa o que eu diga.— Ele olhou de modo furioso para mim.

—Você está tão empenhado nesse relacionamento quanto eu estou?— Eu não podia não perguntar isso. Não depois de observar tudo desmoronar desde ontem à noite.

De repente eu percebi que não fazia ideia de como o Patch realmente se sentia a meu respeito. Eu achava que significava tudo para ele, mas e se eu só tinha visto o que eu queria? E se eu tinha exagerado em excesso os sentimentos dele? Eu olhei em seus olhos, para não facilitar isso para ele, para não dar-lhe uma segunda chance de evitar a questão. Eu precisava saber. —Você me ama?

Eu não posso responder isso, ele disse, me assustando ao falar com os meus pensamentos. Era um dom que todos os anjos possuíam, mas eu não entendia por que ele estava escolhendo usar isso agora. —Eu passo aqui amanhã. Durma bem,— ele acrescentou de forma curta, se dirigindo para a porta.

—Quando a gente se beija, você finge?

Ele parou abruptamente. Outro chacoalhar de descrença de sua cabeça. —Fingir?

—Quando eu te toco, você sente algo? Até onde o seu desejo chega? Você sente algo perto do que eu sinto por você?

Patch me observou em silêncio. —Nora,— ele começou.

—Quero uma resposta honesta.

Após um momento, ele disse, —Emocionalmente, sim.

—Mas não fisicamente, certo? Como eu posso estar num relacionamento, quando eu não faço ideia do quanto significa para você? Eu estou experienciando as coisas num nível completamente diferente? Porque é assim que parece. E eu odeio isso,— eu acrescentei. —Eu não quero que você me beije porque você tem que me beijar. Eu não quero que você finja que isso significa alguma coisa, quando na verdade é apenas uma refeira.

—Apenas uma refeira? Você está escutando a si mesma?— Ele inclinou sua cabeça para trás contra a parede e deu outra risada sombria. Ele me deu uma olhadela de lado. —Você já acabou com as acusações?

—Você acha que isso é engraçado?— eu disse, atingida por uma onda nova de raiva.

—Bem o oposto.— Antes que eu pudesse dizer mais, ele se virou em direção à porta. —Me ligue quando você estiver pronta para falar racionalmente.

—O que isso quer dizer?

—Quer dizer que você está louca. Você está impossível.

—Eu estou louca?

Ele inclinou meu queixo para cima e plantou um beijo rápido e bruto na minha boca. —E eu devo estar louco por aguentar isso.

Eu me livrei e esfreguei meu queixo com ressentimento. —Você desistiu de se tornar humano por mim, e é isso o que eu consigo? Um namorado que passa tempo na casa da Marcie, mas não me diz por quê. Um namorado que cai fora ao primeiro sinal de briga. Veja se essa carapuça te serve: Você é um —babaca!

Babaca? ele falou com os meus pensamentos, sua voz fria e cortante. Estou tentando seguir as regras. Eu não devo me apaixonar por você. Ambos sabemos que isso não é sobre a Marcie. Isso é sobre o que eu sinto por você. Eu tenho que me segurar. Estou andando numa linha tênue. Me apaixonar foi o que me encrencou da primeira vez. Eu não posso ficar com você da maneira que eu quero.

—Por que você desistiu ser humano por mim se você sabia que não podia ficar comigo?— eu perguntei, minha voz vacilando ligeiramente, suor formigando as palmas das minhas mãos. —O que é que você ao menos esperava de um relacionamento comigo? Qual o nosso ----- minha voz ficou presa e eu engoli em seco sem querer ----- propósito?

O que eu esperara de um relacionamento com o Patch? Em algum momento, eu devo ter pensando para onde nosso relacionamento estava indo, e o que aconteceria. É claro que eu pensei. Mas eu estivera tão assustada pelo que eu previra que eu afastei o inevitável. Eu fingi que um relacionamento com Patch iria funcionar, porque bem no fundo, qualquer tempo com o Patch parecera melhor que nenhum tempo com ele.

Anjo.

Eu olhei para cima quando Patch falou meu nome em meus pensamentos.

Ficar perto de você em qualquer nível é melhor do que nada. Eu não vou te perder. Ele fez uma pausa, e pela primeira vez desde que eu o conhecera, eu vi um relampejo de preocupação em seus olhos. Mas eu já caí uma vez. Se eu der aos arcanjos uma razão para achar que eu estou mesmo que remotamente apaixonado por você, eles me mandarão para o inferno. Para sempre.

A notícia me atingiu como um golpe no estômago. —O quê?

Eu sou um anjo da guarda, ou pelo menos foi o que me disseram, mas os arcanjos não confiam em mim. Não tenho nenhum privilégio, nenhuma privacidade. Dois deles me encurralaram ontem à noite para bater um papo, e eu fui embora com a sensação de que eles querem que eu cometa um deslize de novo. Por uma razão qualquer, eles escolheram agora para serem severos comigo. Eles estão procurando por qualquer desculpa para se livrarem de

mim. Eu estou em condicional, e se eu estragar isso, minha história não terá um final feliz.

Eu o encarei, achando que ele devia estar exagerando, achando que não podia ser tão ruim assim, mas uma olhada em seu rosto me disse que ele nunca falara mais sério.

—O que acontece agora?— eu perguntei em voz alta.

Ao invés de responder, Patch suspirou em frustração. A verdade era que isso ia terminar mal. Não importava o quanto nós recuássemos, protelássemos, ou olhássemos pro outro lado, um dia, cedo demais, nossas vidas seriam separadas. O que aconteceria quando eu me formasse e fosse pra faculdade? O que aconteceria quando eu seguisse a minha carreira dos sonhos até o outro lado do país? O que aconteceria quando chegasse a hora de eu casar ou de ter filhos? Eu não fazia um favor a ninguém ao me apaixonar pelo Patch cada dia mais. Eu realmente queria ficar nessa por mais perto, sabendo que só iria acabar em desolação?

Por um instante passageiro, eu achei que tinha a resposta —eu desistiria dos meus sonhos. Era simples assim. Eu fechei meus olhos e soltei meus sonhos como se eles fossem balões com cordas longas e finas. Eu não precisava desses sonhos. Eu nem poderia ter certeza que eles fossem se realizar. E mesmo que eles se realizassem, eu não queria passar o resto da minha vida sozinha e torturada com o conhecimento de que tudo que eu fizera não significava nada sem o Patch.

E então eu percebi, de uma maneira horrível, que nenhum de nós podia desistir de tudo. Minha vida continuaria marchando até o futuro, e eu não tinha o poder de pará-la. Patch continuaria sendo anjo para sempre; ele continuaria no caminho que estava desde que caíra.

—Não há nada que possamos fazer?— eu perguntei.

—Estou trabalhando nisso.

Em outras palavras, ele não tinha nada. Estávamos presos dos dois lados —os arcanjos botando pressão em uma direção, e dois futuros se dirigindo para direções amplamente diferentes uma da outra.

—Eu quero terminar,— eu disse silenciosamente. Eu sabia que não estava sendo justa —eu estava me protegendo. Que outra opção eu tinha? Eu não podia dar ao Patch uma chance de me fazer desistir disso. Eu tinha que fazer o que era melhor para nós dois. Eu não podia ficar aqui, esperando, quando a própria coisa que eu esperava desaparecia mais a cada dia. Eu não podia mostrar o quanto eu me importava quando isso só deixaria, no fim, as coisas imensamente difíceis. Principalmente, eu não queria ser a razão para Patch perder tudo pelo que ele tinha lutado. Se os arcanjos estavam procurando por uma desculpa para bani-lo para sempre, eu só estava facilitando isso.

Patch me encarou como se não pudesse dizer se eu estava falando sério. —É isso? Você quer terminar? Você teve a sua chance de se explicar, que eu não engoli, a propósito, mas agora que é a minha vez, eu devo simplesmente engolir a sua decisão e ir embora?

Eu abracei meus cotovelos e me virei para longe. —Você não pode me forçar a ficar numa

relação que eu não quero.

—Podemos falar sobre isso?

—Se quiser falar, me diga o que estava fazendo na casa da Marcie ontem à noite. — Mas Patch estava certo. Isso não era sobre a Marcie. Isso era sobre eu estar assustada e chateada com o fato de que o destino e as circunstâncias tinham nos cortado.

Eu me virei para ver Patch arrastar suas mãos pelo seu rosto. Ele deu uma risada curta e sem humor.

—Se eu tivesse estado com o Rixon ontem à noite, você se perguntaria o que estava acontecendo!— eu atirei de volta.

—Não, — ele disse, sua voz perigosamente baixa. —Eu confio em você.

Com medo de que fosse perder minha resolução se não agisse imediatamente, eu bati a parte debaixo das minhas mãos contra o peito dele, fazendo-o cambalear um passo para trás. —Vai, — eu disse, as lágrimas deixando a minha voz áspera. —Eu tenho outras coisas que quero fazer da minha vida. Coisas que não te envolvem. Eu tenho a faculdade e empregos futuros. Não vou jogar tudo isso fora por algo que nunca deveria teve chance.

Patch recuou. —É isso que você realmente quer?

—Quando eu beijar meu namorado, eu quero saber que ele sente!

Assim que disse isso, eu me arrependi. Eu não queria magoá-lo — eu só queria acabar com esse momento o mais rápido possível antes que eu desatasse e sucumbisse ao choro. Mas eu tinha ido longe demais. Eu vi ele se endurecer. Nós ficamos parados cara-a-cara, ambos respirando de forma alta.

Então ele marchou para fora, puxando a porta para fechar com tudo atrás dele.

Assim que a porta se fechara, eu desmoronei contra ela. Lágrimas queimaram no fundo dos meus olhos, mas nenhuma gota caiu. Eu tinha frustração e raiva demais se batendo dentro de mim para sentir qualquer outra coisa, mas eu suspeitei que isso, de certo modo, fez com que um gemido ficasse preso na minha garganta, e que daqui a cinco minutos, quando todo o resto tivesse desaparecido e eu percebesse o impacto total do que eu tinha feito, eu sentiria meu coração quebrar.

Eu me abaixei no canto da minha cama, encarando o espaço. A raiva estava começando a se dissipar, mas eu quase desejei que pudesse ficar presa na febre dela para sempre. O vazio que ela deixava para trás doía mais do que a dor penetrante e ardente que eu tinha sentido quando Patch fora embora. Eu tentei achar sentido no que tinha acabado de acontecer, mas meus pensamentos estavam uma bagunça deslocada. Nossas palavras gritadas soavam nos meus ouvidos, mas elas ecoavam uma desordem, como se eu estivesse me lembrando de um pesadelo ao invés de uma conversa de verdade.

Eu realmente tinha terminado com ele? Eu realmente quisera que isso fosse permanente? Não havia jeito de contornar o destino ou algo mais imediato como as ameaças dos arcanjos? Como se respondendo, meu estômago deu um giro, ameaçando ficar enjoado.

Eu me apressei até o banheiro e me ajoelhei sobre a privada, meus ouvidos tinindo e minha respiração saindo rasa e cortada. O que eu tinha feito? Nada permanente, definitivamente nada permanente. Amanhã nós nos veríamos novamente e tudo voltaria a ser do jeito que era. Isso era só uma briga. Uma briga estúpida. Esse não era o fim. Amanhã nós perceberíamos como tínhamos sido baixos e nos desculparíamos. Nós deixaríamos isso para trás. Nós faríamos as pazes.

Eu me arrastei para ficar de pé e abri a torneira da pia. Molhando uma toalha de rosto, eu a pressionei contra o meu rosto. Minha mente ainda parecia estar deslindando mais rapidamente do que um carretel de linha e eu apertei meus olhos para fecharem e fazerem o movimento parar. Mas e quanto aos arcanjos? Eu me perguntei novamente. Como Patch e eu poderíamos ter um relacionamento normal quando eles nos observavam constantemente? Eu congelei. Eles podiam estar me observar agora mesmo. Eles podiam estar observando o Patch. Tentando ver se ele tinha cruzado a linha. Procurando por qualquer desculpa para mandá-lo para o inferno, e para longe de mim, para sempre.

Eu senti a minha raiva reacender. Por que eles não podiam nos deixar em paz? Por que eles estavam tão focados em destruir o Patch? Patch tinha me dito que ele fora o primeiro anjo caído a ganhar suas asas de volta e se tornar um anjo da guarda. Os arcanjos estavam bravos por causa disso? Eles achavam que Patch tinha enganando-os, de algum modo? Ou que ele tinha trapaceado desde o começo? Eles queriam colocá-lo em seu devido lugar? Ou eles meramente não confiavam nele?

Eu fechei os meus olhos, sentindo uma lágrima viajar pela lateral do meu nariz. Eu retiro tudo, eu pensei. Eu queria ligar desesperadamente para o Patch, mas não sabia se estaria colocando-o em algum tipo de perigo. Os arcanjos podiam ouvir as nossas conversas no telefone? Como é que o Patch e eu poderíamos ter uma conversa honesta se eles estivessem escutando?

Eu também não conseguia abandonar o meu orgulho. Ele não percebia que ele também estava tão errado quando. A razão toda por termos brigado, em primeiro lugar, era por ele ter recusado a me dizer o que ele estava fazendo na casa da Marcie ontem à noite. Eu não era do tipo ciumenta, mas ele conhecia a minha história com a Marcie. Ele sabia que essa era a única vez que eu tinha que saber.

Havia outra coisa fazendo com que as minhas entranhas se revirassem. Patch dissera que a Marcie fora atacada no banheiro masculino da Bo's Arcade. O que a Marcie estava fazendo na Bo's? Pelo que eu sabia, ninguém da Escola Coldwater frequentava a Bo's. De fato, antes de conhecer o Patch, eu nunca tinha ouvido falar no lugar. Era uma coincidência que no dia depois de Patch olhar pela janela do quarto da Marcie, ela fosse passar pelas portas dianteiras da Bo's? Patch insistira que não havia nada além de negócios entre eles, mas o que isso ao menos queria dizer? E Marcie era muitas coisas, entre elas, sedutora e persuasiva. Não só ela não aceitava não como resposta, como não aceitava nenhuma resposta que não fosse o que ela queria.

E se, dessa vez, ela quisesse... o Patch?

Uma batida alta na porta da frente me trouxe de volta do meu retiro.

Eu me enrolei em um amontoado de travesseiros na minha cama, fechei meus olhos, e disquei para a minha mãe. —Os Parnells estão aqui.

—Eca! Estou no sinaleiro da Walnut. Estarei aí em dois minutos. Mande-os entrarem.

—Eu mal me lembro do Scott, e eu não me lembro de nenhum pouco da mãe dele. Eu vou convidar eles para entrar, mas não vou bater papo. Eu vou ficar no meu quarto até você voltar. — Eu tentei comunicar no meu tom que algo estava errado, mas não era como se eu pudesse me confidenciar com a minha mãe. Ela odiava o Patch. Ela não iria se compadecer. Eu não conseguia aguentar escutar a felicidade e o alívio em sua voz. Agora não.

—Nora.

—Ótimo! Eu falo com eles.— Eu fechei meu celular com força e o joguei do outro lado do cômodo.

Eu andei até a porta da frente devagar e abri a fechadura. O cara parado no capacho era alto e tinha boas proporções — eu conseguia afirmar isso pois sua camiseta era meio apertada e propagandeava abertamente ACADEMIA PLATINUM, PORTLAND. Uma argola prateada pendia em seu lóbulo direito, e sua calça jeans Levi's pendia perigosamente baixa nos quadris. Ele usava um boné de beisebol com uma estampa rosa havaiana que parecia recém-retirada da prateleira de uma loja de roupas usadas e devia ser uma piada interna, e seu óculos de sol me lembrava o Hulk Hogan. Apesar de tudo isso, ele tinha certo charme juvenil.

Os cantos de sua boca viraram para cima. —Você deve ser a

Nora.

—Você deve ser o Scott.

Ele deu um passo para dentro e tirou seu óculos de sol. Seus olhos escanearam o corredor que levava para a cozinha e para a sala da família. —Onde está a sua mãe?

—A caminho de casa com o jantar.

—O que nós vamos comer?

Eu não gostava dele usando a palavra — nós.— Não havia —nós—. Havia a família Grey, e a família Parnell. Duas entidades separadas que por acaso estavam dividindo a mesma mesa de jantar por uma noite.

Quando eu não respondi, ele prosseguiu. —Coldwater é um pouco menor do que eu estou acostumado.

Eu cruzei meus braços sobre o meu peito. —É também um pouco mais fria que Portland.

Ele me olhou de cima a baixo, então sorriu um tantinho. —Eu notei. — Ele deu um passo para o lado a caminho da cozinha e cutucou a porta da geladeira. —Tem cerveja?

—O quê? Não.

A porta da frente ainda estava aberta e vozes do lado de fora eram trazidas para dentro. Minha mãe passou pela soleira, carregando duas sacolas marrons de mercearias. Uma mulher redonda com uma corte de cabelo feio estilo fadinha e com uma maquiagem rosa pesada a seguiu.

—Nora, esta é Lynn Parnell,— minha mãe disse. —Lynn, essa é a Nora.

—Minha nossa,— a Sra. Parnell disse, unindo suas mãos. —Ela parece exatamente com você, não parece, Blythe? E olhe para essas pernas! Mais compridas que a Strip de Vegas.

Eu falei. —Eu sei que é numa péssima hora, mas não estou me sentindo bem, então eu vou me deitar — Eu parei devido ao olhar feio que a minha mãe lançou na minha direção. Eu dirigi meu olhar mais injustiçado de volta.

—O Scott realmente cresceu, não foi, Nora?— ela disse.

—Que observadora.

Minha mãe colocou as sacolas na bancada e se dirigiu ao Scott. —Nora e eu estávamos um tanto nostálgicas esta manhã, nos lembrando de todas as coisas que vocês dois costumavam fazer. Nora me disse que você costumava fazê-la comer tatu-bolinha.

Antes que Scott pudesse se defender, eu disse, —Ele costumava fritá-los vivos sob uma lupa, e ele não tentava me fazer comê-los. Ele se sentava em cima de mim e eu apertava meu nariz até ficar sem ar e ter que abrir a minha boca. Então ele jogava eles dentro.

Minha mãe e a Sra. Parnell trocam um olhar rápido.

—Scott sempre foi muito persuasivo, — a Sra. Parnell disse rapidamente. —Ele pode convencer as pessoas a fazer coisas que elas nunca imaginaram fazer. Ele tem um dom para isso. Ele me convenceu em comprar para ele um Ford Mustang 1966, novo. É claro, ele me acertou num período bom, eu me sentia tão culpada pelo divórcio. Bom. Como eu dizia, Scott provavelmente fez os melhores tatu-bolinha fritos do quarteirão todo.

Todos olharam para mim para que eu confirmasse.

Eu não podia acreditar que estávamos discutindo isso como se fosse um tópico de conversa perfeitamente normal.

—Então,— Scott aumentou a voz, coçando seu peito. Seu bíceps flexionou quando ele fez isso, mas ele provavelmente sabia disso. — O que tem para o jantar?

—Lasanha, pão de alho, e uma salada de gelatina,— minha mãe disse com um sorriso. — Nora fez a salada.

Isso era novidade para mim. —Eu fiz?

—Você comprou as caixas de gelatina,— ela me lembrou.

—Isso não conta, na verdade.

—Nora fez a salada,— minha mãe assegurou ao Scott. Eu acho que está tudo pronto. Por que não comemos?

Uma vez sentados, nos demos as mãos e a minha mãe abençoou a comida.

—Me conte sobre o apartamentos na vizinhança,— a Sra. Parnell disse, cortando a lasanha e deslizando o primeiro pedaço no prato de Scott. —Quanto eu posso esperar pagar por dois quartos com dois banheiros?

—Depende de quanto você quer que ela seja remodelada,— minha mãe respondeu. — Quase tudo desse lado da cidade foi construído antes de 1900, e aparenta. Assim que nos casamos, Harrison e eu procuramos por diversos apartamentos acessíveis de dois quartos, mas quase sempre havia algo errado —buracos nas paredes, problemas com baratas, ou eles não estavam perto o bastante de um parque para ser capaz de ir caminhando até um. Já que eu estava grávida, decidimos que precisávamos de um lugar maior. Essa casa estivera no mercado por dezoito meses, e conseguimos fazer um acordo que consideramos quase bom demais para ser verdade.— Ela olhou ao redor. —Harrison e eu planejamos restaurá-la por completo eventualmente, mas... bem, e então... como você sabe...— Ela curvou sua cabeça.

Scott limpou sua garganta. —Sinto muito pelo seu pai, Nora. Eu ainda lembro do meu pai me chamando na noite em que aconteceu. Eu estava trabalhando a alguns blocos de distância, na loja de conveniência. Espero que eles pequem quem quer que seja que o tenha matado.

Eu tentei dizer obrigada, mas as palavras se estilhaçaram em minha garganta. Eu não queria

falar do meu pai. Os sentimentos ruins do meu término com Patch já eram suficientes para lidar. Onde ele estava agora? O arrependimento estava o consumindo? Ele tinha entendido o quanto eu queria retirar tudo o que eu disse? De repente, eu me perguntei se ele teria me enviado uma mensagem e desejei ter trazido o celular para a mesa do jantar. Mas o quanto ele poderia dizer? Os arcanjos poderiam ler suas mensagens? O quanto eles podiam ver? Eles estavam em todo lugar? Eu questionava, me sentindo completamente vulnerável.

—Nos diga, Nora. —A Sra. Parnell disse. —Como é o colégio Coldwater? Scott praticava Wrestling em Portland. O time ganhou o Estadual os últimos três anos. A equipe daqui é boa? Eu estava certa de que tínhamos nos enfrentado antes, mas foi quando Scott me lembrou que Coldwater é Classe C.

Eu estava me puxando vagorosamente para fora da névoa dos meus pensamentos. Nós tínhamos uma equipe de Wrestling?

—Eu não sei sobre Wrestling,— eu disse, —mas o time de Basquete foi ao Estadual uma vez.

A Sra. Parnell engasgou com seu vinho. —Uma vez?— Seus olhos saltavam entre eu e minha mãe, esperando uma explicação.

—Tem uma foto do time do outro lado do escritório— continuei, —Pela foto, isso foi a mais de sessenta anos atrás.

Os olhos da Sra. Parnell se arregalaram. —Sessenta anos atrás? — Ela tocou sua boca com seu guardanapo. —Tem algo de errado com o colégio? O treinador? O diretor de atletismo?

—Nenhum grande,— Scott disse. —Eu estou largando o ano.

A Sra. Parnell deixou cair seu garfo com um alto chink.—Mas você ama wrestling!

Scott comeu outro pedaço de lasanha e deu de ombros, indiferente. —E?— Disse através da comida em sua boca.

A Sra. Parnell plantou seus cotovelos na mesa e inclinou-se para frente. —E que você não está indo para a faculdade com suas próprias grades. Sua única esperança a essa altura é que alguma instituição de ensino o pegue em algum jogo.

—Eu tenho outras coisas que quero fazer.

As sobrancelhas dela pularam. —Ah, como repetir o do último ano?!— Logo quando ela o disse, eu vi uma faísca de medo em seus olhos. Scott mastigou duas vezes mais e engoliu duramente. —Passa a salada, Blythe?

Minha mãe passou a travessa de gelatina para a Sra. Parnell, que colocou-a em frente há Scott um pouco cuidadosamente demais.

—O que aconteceu no ano passado?— minha mãe perguntou, preenchendo a tensão do silêncio.

A Sra. Parnell acenou com a mão, desconsiderando. —Ah, você sabe como é isso. Scott arranjou um tantinho de problemas, coisas normais. Nada que uma mãe de um garoto adolescente não tenha visto antes.— Ela riu, mas estava fora do compasso.

—Mãe,— Scott disse num tom que soou demais como um aviso.

—Você sabe como são os garotos,— Sra. Parnell falou, gesticulando com seu garfo. —Eles não pensam. Vivem o momento. São imprudentes. Fique grata por ter uma filha, Blythe. Oh, céus. Aquele pão de alho está me dando água na boca, me passa uma fatia?

—Eu não deveria ter dito nada,— minha mãe murmurou, passando o pão. —Eu não consigo dizer o suficiente o quão felizes estamos por terem vocês de volta em Coldwater.

Senhora Parnell inclinou-se vigorosamente. —Estamos encantados por estar de volta, e tudo numa parte.

Eu parei de comer, dividindo relances entre Scott e a Sra. Parnell, tentando imaginar que estava acontecendo. Garotos serão sempre garotos, foi o tanto que eu entendi. O que eu não entendia era a insistência ansiosa da Sra. Parnell em que os problemas do seu filho eram típicos.

E a supervisão intensa de cada palavra que saía da boca dela não estava ajudando a mudar minha opinião.

Pensando que tinha mais da história do que haviam contado, eu pressionei uma mão em meu coração e disse, — Por que, Scott, você não foi durante a noite roubar sinalização da estrada para pendurar no seu quarto, foi?

A Sra. Parnell caiu em uma genuína, quase aliviada, gargalhada. Bingo. Qualquer que seja o problema que Scott arranjava, não era algo banal como roubar sinalização de estrada. Eu não tinha cinquenta dólares, mas se tivesse, eu apostaria tudo no palpite que o problema de Scott era qualquer coisa menos típico.

—Bem,— minha mãe disse, seu sorriso apertado nos cantos, — Tenho certeza de que o que quer que tenha acontecido ficou no passado. Coldwater é um ótimo lugar para um recomeço. Você já se matriculou para as aulas, Scott? Algumas delas se enchem bem rapidamente, especialmente as aulas de advanced placement.

—Advanced placement,— Scott repetiu com um riso de deboche. —Quer dizer, AP? Sem ofensa, mas não sou tão ambicioso assim. Como a minha mãe —ele esticou a sua mão para lateral e balançou o ombro dela de um jeito que foi um tantinho bruto demais para ser amigável — apontou tão gentilmente, se eu for para a faculdade, não será por causa das notas.

Não querendo dar uma chance a ninguém na mesa de nos afastar ainda mais do assunto dos antigos problemas do Scott, eu disse, — Ah, vamos lá, Scott. Você está me matando. O que tem de tão mal no seu passado? Não pode ser tão horrível que você não tem vontade de contar aos seus velhos amigos.

—Nora—— minha mãe começou.

—Dirigiu bêbado algumas vezes? Roubou um carro? Deu umas voltas num carro roubado?

Sob a mesa, eu senti o pé da minha mãe descansar no alto do meu. Ela dirigiu um olhar penetrante para mim que dizia, O que deu em você?

A cadeira de Scott arrastou-se para trás contra o chão, e ele ficou de pé. —Banheiro?— ele perguntou à minha mãe. Ele esticou seu colarinho. —Indigestão.

—No alto da escada.— Sua voz estava pesarosa. Ela realmente estava se desculpendo pelo meu comportamento, quando fora ela que organizou toda essa noite ridícula. Qualquer um com uma partícula de percepção podia perceber que a razão desse jantar não era partilhar uma refeição com antigos amigos de família. Vee estava certa sobre isso ser um 'conheça o bonitinho'. Bem, eu tinha algo a dizer à minha mãe. Scott e eu? Nada feito.

Após Scott pedir licença, a Sra. Parnell sorriu amplamente, como se para apagar os últimos cinco minutos e recomeçar. —Então me diga,— ela disse um pouquinho animada demais, —a Nora tem namorado?

—Não,— eu disse ao mesmo tempo em que minha mãe disse, — Mais ou menos.

—Isso é confuso,— a Sra. Parnell disse, mordiscando uma garfada de lasanha e olhando entre a minha mãe e eu.

—O nome dele é Patch,— minha mãe disse.

—Nome estranho,— a Sra. Parnell meditou. —O que os pais dele estavam pensando?

—É um apelido,— minha mãe explicou. —Patch se mete em muitas brigas. Ele sempre precisa ser remendado.

De repente eu me arrependi de explicar a ela que Patch era o apelido dele.

A Sra. Parnell balançou sua cabeça. —Acho que é um nome de gangue. Todas as gangues usam apelidos. Slasher, Slayer, Maimer, Mauler, Reaper. Patch.

—Patch não está numa gangue.

Eu girei meus olhos.

—Isso é o que você pensa,— a Sra. Parnell disse. —Gangues são para criminosos de áreas pobres, certo? São baratas que só saem à noite. —Ela ficou silenciosa, e eu achei ter visto seus olhos relampejarem para a cadeira vazia de Scott. —Os tempos estão mudando. Há algumas semanas eu assisti um episódio de Law & Order sobre uma nova raça de gangues ricas suburbanas. Eles chamavam-nas de sociedades secretas, ou sociedades de sangue, ou alguma bobagem assim, mas dá tudo na mesma. Achei que fosse aquele típico lixo sensacionalista hollywoodiano, mas o pai do Scott disse que ele vê cada vez mais dessas coisas o tempo todo. E ele saberia — sendo policial e tudo.

—Seu marido é um policial?— eu perguntei.

—Ex-marido, e que ele apodreça.

Já chega. A voz do Scott foi trazida do corredor escuro, e eu pulei. Eu estava prestes a me perguntar se ele tinha ido mesmo no banheiro, ou se ele tinha ficado simplesmente parado do lado de fora da sala de jantar, escutando a conversa, quando me dei conta que eu não achei que ele tinha falado em voz alta. De fato—

Eu estava bem certa de que ele tinha falado com os meus... pensamentos. Não. Não com os meus pensamentos. Com os da mãe dele. E de alguma forma eu escutei.

Sra. Parnell virou suas palmas para cima. —Tudo o que eu disse não é a alma dele —Eu não estou remoendo, é exatamente como eu me sinto.

—Eu disse para parar de falar.— A voz de Scott era quieta, delével.

Minha mãe girou, como se apenas agora percebesse que Scott tinha voltado à sala. Eu pisquei, desacreditada. Eu não poderia realmente ter escutado ele falando com os pensamentos de sua mãe. Quer dizer, Scott era um humano... Não era?

—É assim que você fala com sua própria mãe?— Sra. Parnell disse, balançando seu dedo para ele. Mas eu poderia dizer que isso era mais para o nosso benefício do que qualquer fim de pôr Scott em seu devido lugar.

Seu olhar frio ficou fixado nela por uns instantes, então ele foi à porta da frente e a bateu em suas costas.

A Sra. Parnell limpou sua boca, deixando o batom rosa no guardanapo. —O lado desagradável do divórcio.— Ela deu um longo e complicado suspiro. —Scott nunca foi de ter temperamento. Com certeza, pode ser que ele esteja crescendo para ser bem filho de seu pai. Bem. Isso é desagradável e desapropriado para um jantar. O Patch pratica wrestling, Nora? Eu creio que o Scott possa-lhe ensinar alguns golpes.

—Ele pratica Pool.— Eu disse, minha voz desinspirada; Eu não tinha vontade nenhuma de falar sobre o Patch. Não aqui, não agora. Não quando o sujeito deste nome me causava uma pedra a crescer na minha garganta. Mais que nunca, eu desejei que tivesse trazido meu celular para baixo. Eu não estava me sentindo tão irritada, então Patch provavelmente já tinha esfriado também. Ele já tinha me perdoado o suficiente pra me enviar uma mensagem ou me ligar? Tudo tinha sido um mal entendido, mas tinha que haver um jeito de contornar isso. Isso não era tão ruim quanto parecia. Nós encontraríamos um jeito de trabalhar isso.

A Sra. Parnell assentiu. —Polo. Esse sim é um verdadeiro esporte de Maine.

—Pool, que significa sinuca,— minha mãe corrigiu, soando um pouco abatida.

A Sra. Parnell inclinou sua cabeça como se não tivesse certa de ter ouvido direito. —Estufas de atividades de gangue,— ela finalmente disse. —O episódio de Law & Order que eu

vi? Jovens homens ricos de classe alta que organizavam seus jogos de sinucas como se estivessem num cassino de Las Vegas. É melhor ficar bem de olho nesse seu Patch, Nora. Ele poderia ter um lado que esconde as coisas de você. Um lado que ele mantém no escuro.

—Ele não está numa gangue,— eu repeti pelo que pareceu ser a milionésima vez, me esforçando para manter um tom cordial. Mas assim que eu disse isso, eu percebi que não havia jeito de ter certeza de que Patch nunca fizera parte de uma gangue. Um grupo de anjos caídos contava como sendo uma gangue? Eu não sabia muito sobre o seu passado, particularmente antes de ele ter me conhecido...

—Veremos,— a Sra. Parnell disse, duvidosa. —Veremos.

Uma hora mais tarde, a comida tinha acabado, os pratos tinham sido lavados, a Sra. Parnell finalmente fora embora para caçar o Scott, e eu me retirei para o meu quarto. Meu celular estava virado para cima no chão, mostrando que eu não tinha mensagens de texto novas, nem mensagens de voz, e nem chamadas perdidas.

Meu lábio tremeu, e eu enfiei a parte debaixo das minhas mãos nos meus olhos para parar as lágrimas que começavam a desfocar a minha visão. Para me impedir de me concentrar em todas as coisas horríveis que eu dissera ao Patch, eu tentei bolar, na minha mente, uma maneira de reparar tudo. Os arcanjos não podiam nos proibir de nos falarmos ou vermos um ao outro —não quando Patch era meu anjo da guarda. Ele tinha que ficar na minha vida. Nós continuaríamos fazendo o que sempre fizemos. Em alguns dias, após termos deixado a nossa primeira briga de verdade passar, as coisas voltariam ao normal. E quem ligava para o meu futuro? Eu podia resolver tudo mais tarde. Não era como se eu tivesse que ter a minha vida toda planejada agora neste instante.

Mas havia uma coisa que simplesmente não estava fazendo sentido. Patch e eu tínhamos passado os dois últimos meses mostrando abertamente o nosso afeto, sem nenhuma reserva. Então por que ele só estava demonstrando preocupação com os arcanjos agora?

Minha mãe enfiou sua cabeça dentro do meu quarto. —Eu vou comprar alguns itens de higiene para a minha viagem de amanhã. Eu devo voltar logo. Precisa de alguma coisa enquanto estou fora?

Eu notei que ela não expressou que o Scott podia ser um namorado em potencial. Aparentemente, o passado incerto dele tinha murchado as urgências de casamenteira dela. — Não precisa, mas obrigada de qualquer jeito.

Ela começou a fechar a porta, então parou. —Nós meio que temos um problema. Eu deixei escapular para Lynn que você não tem um carro. Ela voluntariou o Scott para te levar para a escola de verão. Eu disse a ela que isso realmente não seria necessário, mas eu acho que ela pensou que eu só estava dizendo não por estar preocupada em incomodar o Scott. Ela disse que você poderia lhe retribuir o favor ao fazer um passeio por Coldwater com ele amanhã.

—A Vee me dá carona para a escola.

—Eu deixei isso claro, mas ela não aceita não como resposta. Pode ser melhor se você explicar as coisas diretamente para o Scott. Agradeça-o pela oferta, mas diga a ele que você já tem carona.

Bem o que eu queria. Mais interação com o Scott.

—Eu gostaria que continuasse andando com a Vee,— ela acrescentou lentamente. —De fato, se o Scott aparecer enquanto eu estiver fora da cidade essa semana, talvez seja melhor ficar longe.

—Você não confia nele?

—Nós não o conhecemos bem o bastante,— ela disse cuidadosamente.

—Mas o Scott e eu costumávamos ser melhores amigos, se lembra?

Ela olhou para mim de modo enfático. —Isso foi há muito tempo. As coisas mudam.

Bem, essa era uma reviravolta inesperada. —Você vai caçar os podres dele?

—Lynn e eu somos boas amigas. Ela está muito estressada. Ela pode precisar de alguém com quem se confidenciar.— Ela deu um passo em direção à minha penteadeira, colocou um salpico do meu creme de mão em sua palma, e esfregou suas mãos juntas. —Se ela mencionar o Scott, eu não vou não escutar.

—Se te ajuda a construir a sua hipótese de que ele não presta, eu achei que ele agiu muito estranhamente no jantar.

—Os pais dele estão se divorciando,— ela disse naquele mesmo tom neutro cuidadoso. —Tenho certeza de que ele está passando um tumulto e tanto. É difícil perder um pai.

Nem me fala. Exatamente o que eu quis dizer. —Eu simplesmente gostaria de saber um pouquinho mais sobre o Scott antes que você comece a passar tempo demais com ele,— ela continuou. —Quando eu voltar, eu vejo o que consigo descobrir.

—O leilão acaba quarta à tarde, e eu devo voltar para casa na hora do jantar. A Vee vai ficar aqui amanhã à noite, certo?

—Certo,— eu disse, só agora me lembrando que eu ainda precisava ver isso com a Vee, mas eu não podia imaginar isso sendo um problema. —A propósito, estou pensando em arranjar um emprego.— Melhor deixar isso escapar logo, já que, com sorte, eu esperava ter um emprego antes de ela voltar para casa.

Minha mãe pestanejou. —De onde isso surgiu?

—Eu preciso de um carro.

—Eu achei que a Vee não tinha problema em te dar carona.

—Eu me sinto como uma parasita.— Eu não podia nem mesmo correr para a loja para comprar absorventes sem ligar para a Vee. Pior, eu tinha chegado muito perto de pegar uma carona para a escola hoje com a Marcie Millar. Eu não queria fazer exigências desnecessárias para a minha mãe, especialmente quando o dinheiro estava tão curto, mas eu não queria uma repetição de hoje de manhã, tampouco. Eu estivera sonhando com um carro desde que a minha mãe vendera o meu Fiat, e vendo o Cabriolet esta tarde me fizera entrar em ação. Eu mesma pagar pelo carro parecia um acordo bom.

—Você não acha que um trabalho vai interferir com a escola?— a minha mãe perguntou, seu tom me dizendo que ela não estava louca pela ideia. Não que eu esperasse que ela estivesse.

—Eu só estou tendo uma aula.

—Sim, mas é química.

—Sem ofensa, mas acho que consigo dar conta de duas coisas de uma só vez.

Com isso, ela sentou na beirada da minha cama. —Qual o problema? Você está terrivelmente arisca hoje à noite.

Eu levei um segundo extra para responder, chegando bem perto de lhe contar a verdade. — Nada. Estou bem.

—Você parece estressada.

—Dia longo. Ah, e mencionei que a Marcie Millar é minha parceira de química?

Eu podia afirmar, pela expressão dela, que ela sabia o quanto isso machucava. Afinal, eu corria para a minha mãe na maioria das vezes nos onze anos em que Marcie mexera comigo. E era a minha mãe que catava os pedaços, me colava de novo, e me mandava de volta para a escola mais forte e mais sábia e armada com alguns truques próprios.

—Estou presa com ela por oito semanas.

—Te digo uma coisa, se você sobreviver a oito semanas sem matá-la, nós podemos conversar sobre te comprar um carro.

—Esse é um preço baixo a se pagar, mãe.

Ela beijou a minha testa. —Espero um relatório completo dos primeiros dias quando eu voltar da minha viagem. Nada de festas selvagens enquanto eu estiver fora.

—Não prometo nada.

Cinco minutos mais tarde, minha mãe desceu seu Taurus pela garagem. Eu deixei a cortina voltar para o lugar, me encolhi no sofá, e encarei meu celular.

O sonho veio em três cores: preto, branco, e um cinza mortiço.

Era uma noite fria. Eu estava com os pés descalços na estrada de terra, na lama e na chuva enchendo rapidamente os caldeirões que pockmarking a. As rochas e as ervas daninhas esqueléticas saltaram intermitentemente. A escuridão consumiu o campo, exceto um ponto brilhante.

Umhas cem jardas longe da estrada, via-se uma taverna pedra-e- madeira. As velas grudadas nas janelas, e eu tinha me virado para ir me abrigar, quando ouvi o barulho distante de sinos. Enquanto o som se aproximava, eu me dirigi a uma distância segura fora da estrada. Eu assisti a uma carruagem puxada por cavalos sair da escuridão e parar exatamente onde eu estava em pé momentos antes. Assim que as rodas pararam, o cocheiro se atirou da carruagem, espalhando a lama por cima de sua bota. Ele abriu a porta e deu um passo para trás.

Uma sombra emergiu. Um homem. Uma capa pendurada nos ombros, batendo aberta ao vento, mas cobria seu rosto.

—Espere aqui,— Ele disse ao cocheiro.

—Meu senhor, está chovendo forte...

O homem da capa se direcionou para a taverna. —Eu tenho negócios a tratar. Não demorarei. Mantenha os cavalos preparados.— Os olhos do cocheiro se viraram para a taverna. —Mas, meu senhor... somente ladrões e vagabundos frequentam lá. E está um ar esquisito esta noite. Sinto isso em meus ossos. — Ele tremeu seus braços bruscamente, como de expulsasse um resfriado. —Meu senhor, deve ser melhor voltar pra casa, para a Senhora e o pequeno 'uns.

—Não fale nada disso para minha esposa.— O homem da capa flexionou e abriu suas mãos enluvadas enquanto fixava seu olhar na taverna. —Ela já tem demais com o que se preocupar. — Ele murmurou.

Eu mudei minha atenção para a taverna, e o sinistro candelabro oscilando em sua pequena e torta janela. O telhado era torto também, inclinando levemente para a direita, como se as ferramentas usadas para construir estivessem longe do exato.

As ervas —daninhas sufocavam o exterior, e de vez em quando um grito ou um som de vidro quebrando viajava para fora de seus muros. O cocheiro arrastou a manga de seu casaco pelo seu nariz. —Meu próprio filho morreu de praga não tem dois anos. Algo terrível, que você e a senhora então sofrendo.

No duro silêncio que se seguiu, os cavalos bateram seus cascos impacientemente, seus dorsos fervendo.

A imagem era tão real, que me assustava. Nunca antes eu tinha tido um sonho tão real.

O homem da capa tinha começado a atravessar a escuridão rumo à taverna. As laterais do sonho desapareciam detrás dele, e depois de um momento de hesitação, eu fui atrás dele, com medo de que eu também desaparecesse também, se eu não ficasse por perto. Eu escorreguei através da porta da taverna atrás dele.

No meio da parede do fundo, tinha um forno gigante com uma chaminé de tijolos. Várias tigelas de madeira, copos estranhos, e utensílios ladeados na parede para ambos os lados do forno, pendurados em grandes unhas [?]. Três barris tinham rolado para o canto. Um cão sarnento estava enrolado em uma bola de dormir em frente a eles.

Fezes derrubadas e um arranjo aleatória de pratos sujos e canecas desordenadas no chão, que dificilmente era um chão, afinal. Era sujeira, socada e polvilhada com o que parecia serragem, e no momento em que eu pisei, a lama já seca nos meus calcanhares limpou o pó da terra. Eu estava ansiando por um banho quente, quando a aparência dos quase 10 clientes situados em várias mesas na taverna penetraram meus sentidos.

A maior parte dos homens tinham cabelos na altura do ombro, com estranhas barbas pontiagudas. Suas calças eram folgadas e enfiadas dentro de botas altas, e suas mangas dobradas. Eles usavam chapéus de abas largas, que me lembrava peregrinos.

Eu definitivamente estava sonhando em um tempo distante da história e desde que os detalhes eram tão vívidos, eu deveria pelo menos ter uma ideia de que período eu estava sonhando. Mas eu era uma perca de tempo. Parecia muito com a Inglaterra, mas em qualquer lugar do século quinze ao século dezoito. Eu tinha tirado um 10 em História esse ano, mas vestimenta da época não estava em nenhum de nossos testes. Nada na cena antes de mim tinha.

—Eu estou procurando um homem.— O homem da capa disse para o balconista, que estava posicionado atrás de uma grande e vasta mesa que eu conclui servir como o bar. —Foi-me dito para encontrar com ele aqui esta noite, mas eu temo não saber seu nome.

O balconista, um homem pequeno, careca exceto por alguns fios de cabelo no topo de sua cabeça, olhou para o homem de capa. —Bebe alguma coisa?— ele perguntou, espalhando seus lábios para mostrar tocos negros e tortos como seus dentes.

Eu engoli a náusea que rolou pelo meu estomago quando avistei seus dentes e dei um passo para trás.

O homem de capa não mostrou a mesma repulsão. Ele meramente balançou sua cabeça. —Eu preciso achar esse homem o mais rápido possível. Eu fui avisado que você seria capaz de me ajudar.

O sorriso do balconista voltou para trás de seus lábios. —Aye, eu posso ajudar você a encontrar ele, meu senhor. Mas creia no velho e beba um ou dois copos antes. Algo para aquecer seu sangue em uma noite fria.

Ele empurrou um pequeno copo para o homem. Atrás da capa, o homem balançou sua

cabeça de novo. —Temo que eu esteja com um pouco de pressa.— Ele empurrou algumas moedas através da mesa.

O balconista guardou as moedas. Apontando com sua cabeça para a porta de trás, ele disse, —ele fica além da floresta. Mas, meu senhor? Tenha cuidado. Alguns dizem que a floresta é mal-assombrada. Alguns dizem que o homem que entra na floresta nunca mais volta. O homem na capa inclinou-se sobre a mesa que os dividia e abaixou sua voz. —Eu gostaria de fazer uma pergunta pessoal. O mês judaico do Cheshvan significa algo para você?

—Eu não sou judeu.—, o balconista disse, terminantemente, mas algo em seus olhos me disse que não era a primeira vez que o perguntavam isso.

—O homem que eu vim ver esta noite me disse para encontrá-lo aqui na primeira noite do Cheshvan. Ele disse que precisava de mim para lhe prestar um serviço, na quinzena inteira.

O balconista acariciou seu queixo. —Uma quinzena é um longo tempo.

—Longo demais. Eu não deveria ter vindo, mas temi o que o homem faria se eu não viesse. Ele mencionou o nome da minha família. Ele os conhece. Eu tenho uma linda mulher e quatro filhos. Eu não os quero prejudicados.

O balconista abaixou sua voz, como se estivesse compartilhando uma fofoca escandalosa. —O homem que você veio ver é...— ele olhou envolta, passando um olhar suspeito na taverna.

—Ele é incomumente poderoso.— O homem da capa disse. — Eu já vi sua força antes, e ele é corajoso. Eu vim por essa razão. Obviamente ele não espera que eu abandone meus deveres e minha família por tanto tempo. O homem deve ter uma razão.

—Eu desconheço suas razões.— Disse o balconista.

—Meu filho mais novo contraiu a praga,— o homem da capa explicou, sua voz tomando um tanto de desespero. —os doutores não acham que ele viverá muito mais. Minha família precisa de mim. Meu filho precisa de mim.

—Tome uma bebida—, o balconista disse silenciosamente. Ele cutucou o copo pela segunda vez.

O homem de capa virou-se abruptamente da mesa e caminhou em direção a porta. Eu o segui.

Do lado de fora, eu espirrei lama gelada com meus pés descalços atrás dele. A chuva continuava a cair, e eu tinha que andar cuidadosamente para evitar escorregar. Eu enxuguei meus olhos e vi o homem da capa desaparecer na linha de árvores na beira da floresta.

Eu tropecei atrás dele, hesitando na linha das árvores. Colocando minhas mãos para segurar meus cabelos molhados, eu espiei através da densa escuridão à frente.

Tinha um flash de movimento e de repente o homem de capa estava correndo em minha

direção. Ele tropeçou e caiu. Os galhos grudaram em sua capa; em frenesi, Ele lutou para solta-la de seu pescoço. Ele deu um guincho de terror, seus braços agitados freneticamente, seu corpo balançando e repuxando convulsivamente.

Eu atravessei meu caminho em direção a ele, galhos ferindo meus braços, pedras esfaqueando meus pés descalços. Eu caí de joelhos ao lado dele. Sua capa ainda estava quase solta, mas eu pude ver que sua boca estava um tanto aberta, paralisada em um grito.

—Role!— Eu o ordenei, puxando para livrar o tecido debaixo dele.

Mas ele não podia me ouvir. Pela primeira vez, o sonho me pareceu familiar. Como todos os outros pesadelos em que eu fiquei presa. Por mais que eu lutasse, o que eu mais queria estava fora do meu alcance. Eu empurrei seus ombros e sacudi-o. —Role! Eu posso te tirar daqui, mas você tem que ajudar!

—Eu sou Barnabas Underwood.— Ele sussurrou. —Você sabe o caminho até a Taverna? É uma boa garota.— Ele disse, batendo no ar, como se estivesse acariciando um rosto imaginário.

Eu enrijeci. Não tinha como ele poder me ver. Ele estava alucinando com outra garota. Ele tinha que estar. Como ele poderia me ver se ele não podia me ouvir?

—Volte correndo e fale com o balconista para enviar ajuda.— Ele continuou —diga-o que não há homem. Diga que era um dos anjos malignos, que veio possuir meu corpo e descartar minha alma. Diga-o pra enviar um padre, água benta e rosas.

Na menção dos anjos malignos, os cabelos dos meus braços arrepiaram-se.

Ele virou sua cabeça de volta em direção à floresta, forçando o pescoço. —O anjo!— ele espirou em pânico. —O anjo está vindo!

Sua boca tremeu em formas distorcidas, e pareceu que ele estava lutando para controlar seu próprio corpo. Ele arcou suas costas violentamente, e sua capa estava finalmente solta.

Eu ainda estava agarrando a capa, mas eu senti minhas mãos afrouxarem reflexivamente. Eu encarei o homem com um pouco de surpresa presa em minha garganta. Ele não era Barnabas Underwood.

Ele era Hank Millar.

O Pai de Marcie.

Eu pisquei meus olhos acordando.

Raios de luzes desbravaram pela janela do meu quarto. O painel estava rachado, e uma brisa preguiçosa sussurrou o primeiro sopro da manhã sobre minha pele. Meu coração ainda estava batendo forte por causa do pesadelo, mas eu respirei fundo e me acalmei, aquilo não era real. Verdade seja dita, agora que meus pés estão plantados firmemente em meu mundo, estava tão perturbada com os últimos acontecimentos que acabei sonhando com o pai da

Mercie e mais nada. Quero esquecer isso logo, deixar esse sonho de lado.

Peguei meu celular debaixo do travesseiro e chequei as mensagens. Patch não ligou. Agarrando o travesseiro novamente, tentei ignorar a sensação de vazio dentro de mim. Quantas horas tinham se passado desde que Patch foi embora? Doze. Quantas mais até vê-lo novamente? Eu não sabia. Isso é que realmente preocupa-me. Quanto mais o tempo passa, mais eu sinto a parede de gelo entre nós engrossar.

Apenas mantenha a cabeça no lugar hoje, disse á mim mesma, engolindo a pedrinha na garganta.

A estranha distância entre nós não poderia durar para sempre. Nada se resolveria se eu ficasse na cama o dia inteiro. Eu veria Patch novamente. Ele pode até mesmo aparecer após a aula. Por outro lado, eu poderia ligar para ele. Eu fico com esses pensamentos ridículos, mantendo-me pensando sobre arcanjos, sobre inferno e sobre o medo que eu tinha de que Patch e eu não fossemos forte o suficiente para resolvermos nossos problemas.

Eu saltei da cama e encontrei um Post-it amarelo grudado no espelho do quarto.

Boas notícias: convenci Lynn a não mandar Scott te apanhar nesta manhã.

Más notícias: Lynn confirmou o tour na cidade. A respeito disso eu não tenho certeza se um não vá funcionar. Você tem em mente aonde o levará após a aula? Mantenha-o no seu lugar. Realmente no seu lugar. Eu deixei seu número no balcão da cozinha. XOXO — Mamãe.

P.S. Liguei à noite do hotel.

Eu gemi e me abaixei em frente ao balcão. Eu não quero passar alguns minutos com Scott, quanto mais algumas horas.

Quarenta minutos depois eu tinha tomado banho, me vestido e comido uma tigela de aveia e morango. Ouvi batidas na porta da frente, depois de abri-la encontrei Vee sorrindo. —Pronta para outro dia de pura diversão na escola de verão?— perguntou ela.

—Pronta para outro dia de pura diversão na escola de verão?— perguntou ela.

Peguei minha mochila no gancho do armário de casacos. — Vamos, só pegar o dia de hoje com mais calma, OK?

—Whoa. Quem pisou no seu calo? —Scott Parnell.— Patch.

—Eu vejo que este problema não irá melhorar com o tempo.

—E tenho que fazer um tour com ele na cidade após a aula.

—Um tempo a sós com um menino. O que há de ruim?

—Você deveria ter estado aqui na noite passada. O jantar foi bizarro. A mãe dele começou a nos contar sobre seu passado conturbado, mas Scott a cortou. Não só isso, mas quase

parecia que ele estava a ameaçando. Então, ele pediu para usar o banheiro, mas acabou nos escutando do corredor.— E talvez tenha falado com os pensamentos de sua mãe.

Soa como se ele estivesse tentando manter sua vida privada. Soa como tenhamos que fazer algo para mudar isso.

Eu estava a dois passos de Vee, liderando o caminho, então me reaproximei. Eu apenas tive uma luz de inspiração. —Eu tenho uma grande ideia—, disse, virando-me. —Porque você não faz o tour com Scott? Não, sério, Vee. Você vai amá-lo. Ele é irresponsável, anti-regras, atitude de bad boy. Ele até perguntou se tínhamos cerveja, certo? Acho que ele atende todas as suas expectativas.

—Não posso, tenho um almoço com Rixon.

Eu senti como uma facada no coração. Patch e eu tínhamos planos de almoçarmos hoje também, mas de alguma forma eu duvidava que isso estivesse acontecendo. O que eu tinha feito? Eu tinha que ligar para ele. Tinha que achar uma maneira de falar com ele. Eu não ia terminar assim. Foi um absurdo. Mas uma pequena voz que eu estava ignorando questionou porque ele não me ligou primeiro. Ele também tinha uma parcela de culpa pelo modo que agi.

—Eu te pago para você sair com ele, à oferta final.— Eu disse.

—Tentador, mas não. E outra coisa. Patch provavelmente não vai ficar nada satisfeito se você e Scott juntos se tornar um hábito. Não me interprete mal. Eu não poderia me importar menos com o que Patch pensa, ou se você quer deixá-lo louco, mas pode importar para você. Ainda sim, pensei que poderia te dar essa dica.

Eu estava no meio da escadaria da frente, e meu pé escorregou na simples menção do Patch. Pensei em contar para vi tudo o que tinha acontecido, mas eu ainda não estava pronta para dizer isso em voz alta. Senti meu celular com a imagem de Patch queimando no meu bolso. Parte de mim queria atirá-lo no meio das árvores do outro lado da estrada. Parte de mim não queria perdê-lo tão rápido. Além disso, se eu contasse para Vee, ela inevitavelmente defenderia que uma ruptura nos faz livres para namorar outras pessoas, que era a conclusão errada. Eu não estava procurando outro caminho, e nem Patch. Eu esperava. Esse foi apenas um obstáculo. Nossa primeira briga real. O rompimento não era permanente. Naquele momento, tínhamos dito coisas que não queríamos dizer.

—Se eu fosse você, me libertaria,— disse Vee, descendo a escada atrás de mim com seus saltos de quatro polegadas. —é o que eu faço sempre que me encontro na mesma situação. Ligue para Scott e diga que seu gato está vomitando as tripas, e você terá que levá-lo ao veterinário depois da escola.

—Ele estava na minha casa na noite passada. Ele sabe que eu não tenho um gato.

—Então, se ele não tem um espaguete cozido como cérebro, ele vai entender que você não está interessada.

Considerarei isso. Se eu não sair com Scott num tour pela cidade, talvez eu possa pegar o

carro de Vee emprestado e segui-lo. Tentar racionalizar o que eu ouvi na noite passada, eu não podia ignorar o fato de ter ouvido Scott falar com os pensamentos de sua mãe. Um ano atrás eu acharia ridícula essa ideia. Mas hoje as coisas são diferentes. Patch já havia falado com meus pensamentos diversas vezes. Até Chauncey (Jules), um Nefilim do meu passado. Como conheço Scott desde os cinco anos, e anjos caídos não tem idade, já descartei essa hipótese. Mas mesmo que Scott não fosse um anjo caído, ele ainda poderia ser um Nefilim.

Mas se ele fosse um Nefilim, o que ele estava fazendo em Coldwater? O que ele estava fazendo ao viver uma vida de um adolescente comum? Ele sabia que era um Nefilim? Será que Lynn sabia? Será que Scott já tinha jurado fidelidade a um anjo caído? Se ele ainda não tivesse jurado, era a minha responsabilidade avisá-lo sobre o que viria pela frente? Não simpatizei de cara com Scott, mas não significava que eu achasse que ele merecia desistir de seu corpo duas semanas por ano.

Claro, talvez ele não fosse um Nefilim. Talvez eu tivesse me deixado levar pela crença de tê-lo ouvido conversar com os pensamentos de sua mãe.

Depois da aula de química segui para o meu armário, troquei meu livro pela minha mochila e celular, então atravessei as portas, tendo uma visão clara do estacionamento dos alunos. Scott estava sentado no capô de seu Mustang azul cintilante. Ele estava usando um chapéu havaiano e me dei conta que não o reconheceria se ele estivesse sem. No caso em questão: eu nem sequer sei qual a cor do seu cabelo. Puxei o Post-it que minha mãe havia me deixado do bolso e disquei o número dele.

—Deve ser Nora Grey—, respondeu ele. —espero que você não esteja me abandonando

—Más notícias. Meu gato está doente. O veterinário me pressionou para cuidar dele. Estava indo verificar se ia chover durante o nosso passeio. Desculpe—, eu terminei, não esperava sentir-me culpada. Afinal, era apenas uma pequena mentira. E uma parte de mim não acreditou que Scott quisesse mesmo um tour pela cidade comigo. Era o que dizia a mim mesma para aliviar a minha consciência.

—Certo—, disse Scott, e desligou o telefone.

Eu apenas fechei o celular quando Vee chegou por trás de mim. —Foi fácil com ele, essa é minha garota.

—Você se importaria em me emprestar o Neon mais tarde?—, eu perguntei, vendo Scott sair com o Mustang e fazer uma ligação em seu celular.

—Qual a ocasião?

—Eu quero seguir Scott de perto.

—Para quê? Esta manhã você deixou bem claro que você o considera um sanguessuga.

—Há alguma coisa sobre ele...sei lá.

—Sim, seus óculos escuros. Hulk Hogan, mais alguém? De qualquer forma, não posso te emprestar. Tenho o meu almoço com Rixon.

—Sim, mas Rixon poderia lhe dar uma carona para que eu possa ter o Neon—, eu disse, olhando pela janela para ter certeza de que Scott não tinha pulado dentro de seu Mustang ainda. Eu não queria perdê-lo de vista antes de convencer Vee a me entregar as chaves do Neon.

—Claro que pode—. Mas eu pareceria mais dependente. —Os caras de hoje querem uma mulher forte e independente.

—Se você me deixar ficar com o Neon, eu vou encher o tanque.

Vee mordeu o lábio. —Tudo bem—, disse ela lentamente. — Mas talvez eu devesse ir junto para te fazer companhia, ter certeza de que nada de ruim vá acontecer.

—E Rixon?

—Só porque consegui um namorado gostoso não significa que vou deixar minha melhor amiga em risco. Além disso, tenho a sensação de que você precisará de minha ajuda.

—Nada de ruim vai acontecer. Vou ser discreta. Ele não vai perceber nada.— Mas eu apreciei a oferta. Os últimos meses me mudou. Eu não sou mais tão ingênua ou descuidada como eu era, ainda mais com Vee. Especialmente se Scott fosse mesmo um Nefilim. O único Nefilim que conheci tinha tentado me matar.

Após Vee ligar para Rixon e cancelado o almoço, esperamos até que Scott tivesse se inclinado ao volante e saísse de sua vaga no estacionamento. Ele virou à esquerda fora do estacionamento, e Vee e eu corremos para seu Dodge Neon roxo. —Você dirige—, disse Vee, jogando-me as chaves. Alguns minutos depois a expressão de Vee suavizou-se um pouco. — Todo o tanque? —Todo o tanque—. Ou tanto o que oito dólares pudessem comprar, encontramos o Mustang, e eu estava três carros atrás. Scott ficou na estrada, rumo ao litoral e eu estava seguindo.

Meia hora depois, Scott seguiu no cais e estacionou em uma rua estreita de lojas, que levava ao oceano. Fui mais lentamente, permitindo-lhe tempo para que trancasse as portas e saísse andando, e estacionando duas vagas de distância.

—Parece que Scott vai às compras—, disse Vee, —Falando em compras, você se importaria se eu for dar uma volta ao redor, enquanto você executa sua vigilância amadora? Rixon disse que gosta de meninas que usam acessórios como echarpes, e meu guarda-roupa está vazio de lenços.

Ao ficar meio quarteirão atrás de Scott, eu o vi entrar em uma loja de roupas da moda e sair em menos de quinze minutos com uma sacola de compras. Ele entrou em outra loja e saiu dez minutos depois. Nada de incomum, nada do que fez denunciaria que ele é um Nefilim. Depois da terceira loja, a atenção de Scott foi atraída por um grupo de universitárias que estavam almoçando na rua. Eles se sentaram em uma mesa sob um guarda-chuva no terraço do

restaurante, usando shorts jeans e tops de biquíni, Scott tirou o celular com câmera e tirou algumas fotos.

Virei para fazer caretas na janela de vidro do café ao meu lado, e foi quando eu o vi sentado em uma cabine lá dentro. Ele estava vestindo uma calça caqui, com um botão azul embaixo, e um blazer de linho marfim. Seu cabelo louro ondulado estava maior agora, puxado para trás em um rabo de cavalo. Ele estava lendo o jornal.

Meu pai.

Ele dobrou o jornal e caminhou em direção aos fundos da loja. Eu corri pela calçada até a entrada do café e em empurrei para dentro. Meu pai tinha desaparecido na multidão. Eu corri para o fundo da loja, olhando em volta freneticamente. O corredor de azulejos preto e branco terminou no banheiro dos homens do lado esquerdo e no lado direito o das mulheres. Não havia outra saída, significava que meu pai teria que ter entrado no banheiro dos homens.

—O que você está fazendo?—, Scott perguntou diretamente sobre o meu ombro.

Eu me virei. —como —o que —o que você está fazendo aqui?— —eu estava prestes a perguntar-lhe a mesma coisa. Eu sei que você me seguiu. Não fique tão surpresa. É um espelho chamado retrovisor. Você está me seguindo por algum motivo específico?

Meus pensamentos estavam muito confusos com tudo o que ele estava dizendo.

—Entre no banheiro masculino e veja se tem um homem de azul lá dentro.

Scott bateu na minha testa. —Drogas? Transtornos de conduta? Você está agindo como uma esquizofrênica.

—Apenas faça.

Scott deu um pontapé na porta, entrando no vão livre. Eu ouvi os estalos das portas, e um momento depois, ele retornou.

—Nada

—Eu vi um homem vestido de azul caminhar até aqui. Não há outra saída.— Vóltei a minha atenção para a porta do outro lado do corredor, era apenas outra porta. Entrei no banheiro das mulheres e cutuquei cada cabine aberta, com meu coração na boca. Todos os três estavam vazios.

Scott ficou parado na entrada, os braços cruzados. —Então é assim que é o interior de um banheiro feminino. Tenho que dizer, é muito mais limpo.

Eu mantive a minha cabeça curvada e assuei meu nariz com as costas da minha mão. —Dá licença?

—Não vou embora até você me dizer por que estava me seguindo. Acho que sou um cara fascinante, mas isso está começando a parecer uma obsessão doentia.

Eu fiquei de pé e joguei água fria no meu rosto. Evitando o reflexo do Scott no espelho, eu peguei um papel toalha e me sequei.

—Você também vai me dizer quem você estava procurando no banheiro masculino,— Scott disse.

—Eu pensei ter visto o meu pai,— eu retruquei, convocando toda a raiva que consegui para mascarar a dor penetrante no fundo do meu interior. —Pronto. Satisfeito?— Eu amassei o papel e arremessei-o no lixo. Eu estava me dirigindo à saída quando Scott deixou a porta se fechar e inclinou-se contra ela, me bloqueando.

—Assim que encontrarem o cara que fez isso e o prenderem de uma vez, você se sentirá melhor.

—Obrigada pelo pior conselho que eu já recebi,— eu disse amargamente, pensando que o que faria eu me sentir melhor seria ter meu pai de volta.

—Confie em mim. Meu pai é policial. Contar aos membros sobreviventes da família que ele achou o assassino é o que ele mais gosta. Eles acharão o cara que destruiu a sua família e vão fazê-lo pagar. Uma vida por uma vida. É aí que você conseguirá paz. Vamos sair daqui. Eu me sinto um perverso aqui parado no banheiro feminino.— Ele esperou. —Isso deveria fazê-la rir.

—Não estou com vontade.

Ele entrelaçou seus dedos no alto da sua cabeça e deu de ombros, parecendo desconfortável, como se odiasse momentos embaraçosos, e não soubesse como resolvê-los. —Escuta, vou jogar sinuca numa espelunca em Springvale hoje à noite. Quer vir?

—Passo,— Não estava com vontade de jogar sinuca. Tudo que isso conseguiria era encher a minha cabeça com lembranças indesejadas do Patch. Eu me lembrei daquela primeira noite quando eu o caçara para terminar o trabalho de biologia e encontrei-o jogando sinuca no porão da Bo's. Eu me lembrei de quando ele me ensinou a jogar sinuca. Eu me lembrei da maneira como ele ficara atrás de mim, tão perto que eu sentira a eletricidade.

Ainda mais, eu me lembrei da maneira como ele sempre aparecia quando eu precisava dele. Mas eu precisava dele agora. Onde ele estava? Ele estava pensando em mim?

Eu fiquei de pé na varanda esvaziando a minha bolsa de mão ao procurar pelas minhas chaves.

Meus sapatos encharcados pela chuva guinchavam contra o assoalho, e minha calça jeans molhada esfregava contra o interior das minhas coxas, formando uma erupção cutânea. Depois de perseguir o Scott, Vee me arrastara por diversas boutiques para conseguir a minha opinião sobre os lenços, e enquanto eu lhe falava o que pensava em um violeta de seda ao invés de um simples pintado à mão em cores neutras, uma tempestade chegou inesperadamente do mar. Depois de corrermos a toda velocidade pelo estacionamento e nos jogarmos dentro do Neon, tínhamos ido de secas para ensopadas. Nós ligáramos o aquecedor pelo caminho todo até em casa, mas meus dentes batiam, minhas roupas pareciam com gelo pintado na minha pele, e eu ainda estava balançada por ter acreditado ter visto meu pai.

Eu empurrei meu ombro contra a porta, que havia expandido devido à umidade, então tateei a parede interna até meus dedos apalparem o interruptor de luz. No banheiro do andar de cima, eu descartei as minhas roupas e as pendurei sobre a haste do chuveiro para secarem. Do outro lado da janela, relâmpagos forcavam pelo céu e trovões vociferavam como se estivessem pisando duro no teto.

Eu ficara sozinha na casa da fazenda por numerosas tempestades antes, mas toda essa experiência não me deixara nem um pouco mais acostumada a elas. A tempestade desta tarde não era exceção.

Vee deveria estar aqui agora, passando a noite, mas ela decidira se encontrar com o Rixon por algumas horas já que tinha cancelado com ele mais cedo. Eu desejei poder voltar no tempo e dizer a ela que eu perseguiria Scott sozinha, se ela se certificasse de me fazer companhia na casa da fazenda esta noite.

As luzes do banheiro tremeluzem duas vezes. Esse é todo o aviso que consigo antes que elas sejam exauridas, deixando-me parada na escuridão sombria. Chuva é jogada contra a janela, correndo por ela como um rio. Eu fiquei parada no lugar por um instante, esperando para ver se a eletricidade seria restaurada. Com a chuva veio granizo, batendo nas vidraças forte o bastante para eu temer que fosse fazer uma fenda no vidro.

Eu liguei para a Vee. —Minha eletricidade acabou bem agora.

—É, as luzes das ruas acabaram para mim também. Folgadas.

—Quer dirigir de volta e me fazer companhia?

—Vamos ver. Não muito.

—Você prometeu que iria passar a noite.

—Eu também prometi ao Rixon que o encontraria na Taco Bell. Não vou cancelar com ele

duas vezes num dia. Me dê algumas horas, então serei toda sua. Te ligo quando eu acabar. Eu definitivamente estarei aí antes da meia-noite.

Eu desliguei e esforcei a minha memória, tentando me lembrar da onde tinha visto os fósforos pela última vez. Não estava escuro o bastante para eu precisar de velas para ver, mas eu gostava da ideia de iluminar o lugar o tanto quanto fosse possível, já que eu estava sozinha. A luz tinha uma maneira de manter os monstros da minha imaginação encurralados.

Havia castiçais na mesa da sala de jantar, eu me lembrei, me enrolando numa toalha e indo de escada até o térreo. E velas de igreja nos armários. Mas onde estavam os fósforos?

Uma sombra se moveu no campo atrás da casa, e eu virei a minha cabeça na direção das janelas da cozinha. O forro da chuva entornava pelas vidraças, distorcendo o mundo do lado de fora, e eu dei um passo para perto para olhar melhor. O que quer que eu tinha visto desaparecera.

Um coioote, eu disse a mim mesma, sentindo uma onda repentina de adrenalina. Só um coioote.

O telefone da cozinha guinchou, e eu o agarrei, parcialmente por estar assustada e parcialmente por querer ouvir uma voz humana. Eu rezei para Vee ter ligado dizendo que tinha mudado de ideia. —Alô?

Eu esperei.

—Alô?

Estática estalou no meu ouvido.

—Vee? Mãe?— No canto da minha visão, eu vi outra sombra fugir pelo campo. Sugando ar para me firmar, eu me lembrei que não havia possibilidade de eu realmente estar em perigo. Patch podia não ser meu namorado, mas ele ainda era meu anjo da guarda. Se houvesse algum problema, ele estaria aqui. Mas mesmo enquanto eu pensava isso, eu me perguntava se eu ainda podia contar com o Patch para qualquer coisa.

Ele deve me odiar, eu pensei. Ele não deve querer nada comigo. Ele ainda deve estar furioso, e é por isso que ele não fez esforço algum em me contatar.

O problema com essa linha de pensamento era que só me deixava brava novamente. Aqui estava eu, preocupada com ele, mas a probabilidade era de que, onde quer que estivesse, ele não estivesse preocupado comigo. Ele dissera que não ia simplesmente engolir a minha decisão de terminar, mas era exatamente o que ele tinha feito. Ele não tinha mandado uma mensagem ou ligado. Ele não tinha feito nada. E não era como se ele não tivesse uma razão. Ele podia bater na minha porta bem neste instante e me contar o que estivera fazendo na casa da Marcie há duas noites. Ele podia me contar porque tinha ido embora quando eu dissera que o amava.

Sim, eu estava brava. Só que, dessa vez, eu ia fazer algo sobre isso.

Eu bati o telefone residencial e rolei os números no meu celular, procurando pelo do Scott. Eu ia jogar a cautela aos ventos e aceitar a oferta dele. Mesmo eu sabendo que era pelas razões erradas, eu queria sair com o Scott. Eu queria mostrar o dedo do médio ao Patch. Se ele achava que eu ia ficar em casa e chorar por ele, ele estava enganado. Nós tínhamos terminado; eu estava livre para sair com outros caras. E enquanto eu fazia isso, eu ia testar a habilidade do Patch de me manter a salvo. Talvez o Scott realmente fosse um Nefilim. Talvez ele até mesmo fosse encrenca. Talvez ele fosse exatamente o tipo de cara de quem eu deveria ficar longe. Eu senti um sorriso duro cruzar o meu rosto enquanto eu percebia que não importava o que eu fazia, ou o que o Scott pudesse fazer; Patch tinha de me proteger.

—Você já foi para Springvale?— eu perguntei ao Scott, após discar seu número.

—Andar comigo não é tão ruim, afinal?

—Se você vai se vangloriar, eu não vou.

Eu o escutei sorrir. —Calma, Grey, só estou brincando com você.

Eu tinha prometido à minha mãe que ficaria longe do Scott, mas eu não estava preocupada. Se o Scott mexesse comigo, Patch teria que interferir.

—Você vai me buscar ou o quê?

—Bem?— eu disse.

—Eu passo aí depois das sete.

Springvale é uma pequena cidade pesqueira, e a maior parte dela está concentrada na Rua Principal: o correio, alguns restaurantes servindo peixe e batata frita, lojas de equipamento, e a Sinuca Z.

O Z ficava no primeiro andar, com uma janela de vidro laminado oferecendo uma visão para dentro da sinuca e do bar. Lixo e ervas daninhas decoravam o exterior. Com homens com cabeças raspadas e barbichas fumavam na calçada bem do lado de fora das portas; eles amassaram seus cigarros e desapareceram do lado de dentro.

Scott estacionou numa vaga angular perto das portas. —Vou andar umas quadras e achar um caixa eletrônico,— ele disse, desligando o motor.

Eu estudei a placa da fachada pendurada acima da janela. SINUCA Z. O nome estimulava a minha memória.

—Por que esse lugar soa familiar?— eu perguntei.

—Há algumas semanas um cara morreu sangrando numa das mesas. Briga de bar. Estava em todos os jornais.

Ah.

—Eu vou com você,— eu ofereci rapidamente.

Ele saiu, e eu fiz o mesmo. —Nem,— ele falou por cima da chuva. —Você vai se ensopar. Espere aí dentro. Volto em dez minutos.

Sem me dar outra chance de acompanhá-lo, ele encurvou seus ombros contra a chuva, enfiou suas mãos em seus bolsos, e correu pela calçada.

Tirando a chuva do meu rosto, eu me enfiei debaixo da projeção da construção e calculei as minhas opções. Eu podia ir lá para dentro sozinha, ou podia esperar aqui pelo Scott. Eu não esperara cinco segundos antes da minha pele começar a coçar. Embora a calçada tivesse pouco tráfego de pessoas, ela não estava completamente desolada. Aqueles que estavam do lado de fora neste tempo usavam camisas de flanela e botas de trabalho. Eles pareciam maiores, mais duros, e mais malvados do que os homens que vadiavam pela Rua Principal em Coldwater. Alguns me olharam enquanto passavam.

Eu olhei para a calçada na direção que Scott tinha ido e vi-o contornar a construção e desaparecer pela viela lateral. Meu primeiro pensamento era de que ele ia ter dificuldade em achar um caixa eletrônico numa viela perto do Z. Meu segundo pensamento era de que talvez ele tenha mentido para mim. Talvez ele não estivesse em busca de um caixa eletrônico, afinal. Mas, então, o que ele estava fazendo numa viela, na chuva? Eu queria segui-lo, mas não sabia como ia ficar imperceptível. A última coisa que eu precisava era que ele me pegasse espionando-o de novo. Certamente não promoveria a confiança entre nós.

Achando que talvez pudesse descobrir o que ele estava fazendo ao observar por uma das janelas dentro do Z, eu pressionei a maçaneta.

O ar dentro era gelado e coberto de fumaça e suor masculino. O teto era baixo, as paredes de concreto. Alguns pôsteres de carros imponentes, um calendário da Sports Illustrated, e um espelho da Budweiser eram a única decoração. Nenhuma janela adornava a parede me separando do Scott. Eu passei pelo corredor central, arrastando-me mais profundamente pelo corredor sombrio, e mantive minha respiração superficial, tentando filtrar a minha ingestão de carcinógenos.

Quando cheguei à parte de trás do Z, fixei meus olhos na saída que dava para a viela traseira. Não era tão conveniente quanto uma janela, mas teria que servir. Se o Scott me pegasse observando-o, eu sempre podia fingir ser inocente e dizer que tinha saído para tomar ar fresco.

Depois de me certificar que ninguém estava observando, eu abri a porta e enfiei a minha cabeça para fora.

Mãos agarraram o colarinho da minha jaqueta jeans, me puxaram para fora, e me apoiaram contra o exterior de tijolo.

—O que você está fazendo aqui?— Patch exigiu. Chuva sibilava atrás dele, derramando-se pelo toldo de metal.

—Jogando sinuca,— eu gaguejei, meu coração ainda congelado com a surpresa de ser levantada do chão.

—Jogando sinuca,— ele repetiu, não parecendo nem um pouco perto de comprar isso.

—Estou aqui com um amigo. Scott Parnell.

A expressão dele se endureceu.

—Você tem um problema com isso?— Eu retruquei. —Nós terminamos, se lembra? Eu posso sair com outros caras se eu quiser.— Eu estava brava - com os arcanjos, com o destino, com as consequências. Eu estava brava por estar aqui com o Scott, e não com o Patch. E eu estava brava com o Patch por não me puxar para seus braços e me dizer que queria deixar para trás tudo que tinha acontecido entre nós nas últimas vinte e quatro horas. Tudo nos dividindo fora apagado, e de agora em diante era só eu e ele.

Patch deixou seu olhar cair para o chão e apertou a ponte do seu nariz. Eu conseguia afirmar que ele estava invocando paciência de muito profundamente. —Scott é um Nefilim. A primeira geração de uma raça pura. Bem como Chauncey fora.

Eu pestanejei. Era verdade, então. —Obrigada pela informação, mas eu já suspeitava.

Ele fez um gesto de nojo. —Acaba com essa encenação de bravura. Ele é um Nefilim.

—Todos os Nephil não são como o Chauncey Langeais,— eu disse com irritação. —Todos os Nephil não são malvados. Se você desse uma chance ao Scott, você veria que ele na verdade é—

—Scott não é um Nephil velho,— Patch disse, me cortando. — Ele pertence a uma sociedade de sangue Nefilim cujo poder está crescendo. A sociedade quer libertar os Nefilim do laço aos anjos caídos durante o Cheshvan. Eles estão recrutando membros loucamente para lutar contra os anjos caídos, e uma guerra territorial está fervendo entre os dois lados. Se a sociedade se tornar poderosa o bastante, os anjos caídos irão recuar... e começar a depender de humanos como seus vassalos, ao invés.

Eu mordi meu lábio e olhei para ele de modo constrangedor. Sem querer, eu me lembrei do sonho da noite passada. Cheshvan. Nefilim. Anjos caídos. Eu não conseguia escapar de nada disso.

—Por que os anjos caídos não possuem geralmente os humanos? — eu perguntei.

—Por que eles escolhem os Nefilim?

—Corpos humanos não são tão fortes ou resistentes quanto os corpos de Nefilim,— Patch replicou. —Uma possessão com duração de duas semanas os matará. Dez mil humanos morreriam todo Cheshvan.

—E é muito mais difícil possuir um humano,— ele continuou.

—Anjos caídos não podem forçar humanos a jurar fidelidade, eles têm que convencê-los a entregarem seus corpos. Isso toma tempo e requer persuasão. Corpos humanos também deterioram mais rápido. Não são muitos os anjos caídos que querem se dar ao trabalho de possuir um corpo humano se ele morrerá em uma semana.

Um tremor de mau presságio arrastou-se por mim, mas eu disse, —Essa é uma história triste, mas é difícil culpar o Scott ou qualquer Nefilim, a propósito. Eu não iria querer um anjo caído tomando controle do meu corpo por duas semanas cada ano, tampouco. Isso não parece um problema dos Nefilim. Isso parece um problema dos anjos caídos.

Um músculo em sua mandíbula saltou. —O Z não é o seu tipo de lugar. Vá para casa.

—Eu acabei de chegar aqui.

—A Bo's é leve comparado a esse lugar.

—Obrigada pela dica, mas não estou realmente no clima de ficar em casa a noite toda sentindo pena de mim mesma.

Patch dobrou seus braços e me estudou. —Você está se colocando em perigo para se vingar de mim?— ele adivinhou. —Em caso de você ter esquecido, não fui eu quem terminei.

—Não se vanglorie. Isso não é sobre você.

Patch caçou em seu bolso por suas chaves. —Vou te levar para casa.

O tom dele me dizia que eu era uma grande inconveniência, e que se ele visse alguma alternativa, ele a aceitaria alegremente.

—Eu não quero uma carona. Não preciso da sua ajuda.

Ele riu, mas faltava humor ao som. —Você vai entrar no Jeep, mesmo que eu tenha que te arrastar para dentro, porque você não vai ficar aqui. É perigoso demais.

—Você não manda em mim.

Ele meramente olhou para mim. —E falando nisso, você vai parar de andar com o Scott.

Eu senti a minha raiva borbulhar. Como ele ousava assumir que eu era fraca e indefesa. Como ele ousava tentar me controlar ao dizer onde eu podia ir e onde não podia, e com quem eu podia passar tempo. Como ele ousava agir como se eu não tivesse significado nada para ele.

Eu lhe mandei um olhar de desacato frio. —Não me faça favor algum. Eu nunca pedi. E não quero mais você como meu anjo da guarda.

Patch ficou parado sobre mim, e uma gota de chuva deslizou do cabelo dele, pousando como gelo na minha clavícula. Eu senti-a deslizar pela minha pele, desaparecendo entre o decote da minha blusa. Os olhos dele seguiram a gota de chuva, e eu comecei a tiritar por

dentro. Eu queria dizer a ele que sentia muito por tudo que tinha dito. Eu queria dizer a ele que eu não me importava com a Marcie, ou com o que os arcanjos pensavam. Eu me importava conosco. Mas a verdade nua e crua era que nada que eu dissesse ou fizesse poderia realinhar as estrelas. Eu não podia me importar conosco. Não se eu quisesse manter o Patch por perto. Não se eu não quisesse que ele fosse banido para o inferno. Quanto mais brigávamos, mais fácil ficava ser engolida pelo ódio e me convencer de que ele não significava nada para mim, e de que eu podia ir em frente sem ele.

—Retire o que disse,— Patch disse, sua voz baixa.

Eu não conseguia me forçar a olhar para ele, e eu não conseguia me forçar a retirar o que tinha dito. Eu inclinei meu queixo para cima e fixei meus olhos no borrão de chuva sobre seu ombro. Maldito seu o meu orgulho, e maldito seja o dele, também.

—Retire o que disse, Nora,— Patch repetiu de modo mais firme.

—Não posso fazer o certo com você na minha vida,— eu disse, odiando a mim mesma por permitir que meu queixo tremesse. —Será mais fácil para todos se nós simplesmente —eu quero me separar sem brigar. Eu pensei bem nisso.— Eu não tinha. Eu não tinha nenhum pouco pensado bem nisso. Eu não quisera dizer essas palavras. Mas uma parte pequena, horrível e desprezível de mim queria machucar o Patch o tanto quanto eu estava machucada. —Quero você fora da minha vida. Definitivamente.

Após uma batida pesada de silêncio, Patch esticou a sua mão ao meu redor e enfiou algo profundamente pelo bolso traseiro da minha calça jeans. Eu não conseguia afirmar se tinha imaginado que a mão dele ficara lá por meia batida a mais que o necessário.

—Dinheiro,— ele explicou. —Você vai precisar.—Eu retirei o dinheiro.

—Não quero o seu dinheiro.— Quando ele não pegou a bola de dinheiro esticada, eu a golpeei contra seu peito, querendo passar por ele enquanto eu fazia isso, mas Patch pegou a minha mão, prendendo-a contra seu corpo.

—Pegue.— O tom da voz dele me dizia que eu não sabia de nada. Eu não entendia ele, ou seu mundo. Eu era uma estranha, e nunca me encaixaria. —Metade dos caras aqui está carregando algum tipo de arma. Se algo acontecer, jogue o dinheiro na mesa e se dirija às portas. Ninguém vai te seguir quando tem uma pilha de dinheiro para pegar.

Eu me lembrei de Marcie. Ele estava sugerindo que alguém poderia querer me esfaquear? Eu quase ri. Ele honestamente achava que aquilo me assustaria? Eu querendo ele ou não como meu anjo da guarda era irrelevante. O negócio era que, nada que eu dissesse ou fizesse mudaria a responsabilidade dele. Ele tinha que me proteger. O fato dele estar aqui neste momento provava isso.

Ele soltou a minha mão e puxou a maçaneta, os músculos ao longo de seu braços rígidos. A porta se fechou atrás dele, as dobradiças vibrando.

Eu encontrei o Scott inclinado contra seu taco de sinuca numa mesa próxima à frente.

Ele estava estudando uma difusão de bolas de bilhar quando eu cheguei até ele.

—Achou um caixa eletrônico?— Eu perguntei, jogando a minha jaqueta jeans úmida numa cadeira dobrável de metal empurrada contra a parede.

—É, mas não antes de engolir trinta e sete litros de chuva.— Ele levantou o boné havaiano e sacudiu a água para dar ênfase. Talvez ele tenha encontrado um caixa eletrônico —mas não até ter terminado o que quer que estivera fazendo na viela lateral. E por mais que eu teria gostado de saber o que era, eu provavelmente não ia descobrir tão cedo. Eu perdera a minha chance quando Patch me puxara para longe para me dizer que eu era louca de estar aqui no Z e devia ir embora para casa.

Eu espalmei minhas mãos no extremo da mesa de sinuca e me inclinei casualmente, esperando parecer completamente natural, mas a verdade era que meus batimentos cardíacos estavam acelerados. Não só eu tinha acabado de sair de um confronto com o Patch, como ninguém nos arredores parecia ser remotamente amigável. E, embora eu tentasse, eu não conseguia afastar a lembrança de que alguém tinha sangrado até a morte numa dessas mesas. Fora nesta? Eu me afastei da mesa e limpei as minhas mãos.

—Nós estamos prestes a começar um jogo,— Scott disse. — Com cinquenta dólares você está dentro. Pegue um taco.

Eu não estava com vontade de brincar e teria preferido observar, mas uma rápida olhada no cômodo revelou que Patch estava sentado numa mesa de pôquer nos fundos. Apesar do corpo dele não estar encarando o meu diretamente, eu sabia que ele estava me observando. Ele estava observando todos no cômodo. Ele nunca ia a lugar algum sem fazer uma avaliação cuidadosa e detalhada de suas cercanias.

Sabendo disso, eu testei o sorriso mais deslumbrante que eu tinha dentro de mim no momento. —Eu adoraria.— Eu não queria que o Patch soubesse o quanto eu estava chateada, o quanto eu estava machucada. Eu não queria que ele soubesse que eu não estava me divertindo com o Scott.

Mas antes que eu pudesse ir para a prateleira, um homem baixo com óculos de arame e um colete de lã veio por trás de Scott. Tudo nele parecia fora de lugar —ele estava arrumando, sua calça passada, e seus sapatos polidos. Ele perguntou ao Scott numa voz quase diminuta demais para escutar, —Quanto?

—Cinquenta,— Scott respondeu com um toque de irritação. — O mesmo de sempre.

—O jogo tem um mínimo de cem dólares.

—Desde quando?

—Deixe-me reformular. Para você, o mínimo é cem dólares.

Scott ficou com a face vermelha, pegou a sua bebida na beirada da mesa, e a entornou. Então ele pegou sua carteira e comprimiu um bolo de dinheiro no bolso dianteiro da camisa do homem. —Aí estão cinquenta. Pago a outra metade depois do jogo. Agora tire seu mau hálito do meu rosto para que eu possa me concentrar.

O homem baixo bateu um lápis contra seu lábio inferior. — Você vai ter que acertar a sua conta com o Dew primeiro. Ele está ficando impaciente. Ele tem sido generoso com você, e você não tem retornado o favor.

—Diga a ele que terei o dinheiro ao fim da noite.

—Essa fala ficou velha há uma semana.

Scott chegou mais perto, comprimindo o espaço do homem. — Não sou o único cara aqui que deve um pouquinho ao Dew.

—Mas você é o único que ele está preocupado que não vá pagá-lo de volta.— O homem baixo puxou o dinheiro que Scott tinha enfiado em seu bolso e deixou as notas flutuarem para o chão. —Como eu disse, Dew está ficando impaciente.— Ele deu ao Scott um levantar expressivo das sobrancelhas e foi embora.

—Quanto você deve ao Dew?— eu perguntei ao Scott.

Ele olhou feio para mim.

Está bem, próxima pergunta. —Como é a competição?— eu falei em um tom abafado enquanto olhava os outros jogadores espalhados pelas várias mesas de sinuca. Dois de três fumavam. Três de três tinham tatuagens de facas, revólveres, e várias outras armas subindo por seus braços. Qualquer outra noite e eu podia ter ficado assustada, ou no mínimo, desconfortável, mas Patch ainda estava no canto. Enquanto ele estivesse aqui, eu sabia que estava a salvo.

Scott bufou. —Esses caras são amadores. Eu poderia acabar com eles no meu pior dia. A minha verdade competição está aqui.— Ele deslocou seu olhar na direção de um corredor que ramificava para a área principal.

O corredor era estreito e turvo, e dava para um cômodo que brilhava num laranja luminoso. Uma cortina de contas pendia pela entrada. Uma mesa de sinuca entalhada complexamente estava logo depois da entrada.

—É lá que os grandalhões jogam?— eu adivinhei.

—Lá, eu podia conseguir em um jogo o que eu consigo em quinze aqui.

De canto de olho, eu vi o olhar de Patch relampejar na minha direção.

Fingindo não notar, eu estiquei a minha mão para o meu bolso traseiro e dei um passo mais para perto do Scott. —Você precisa no total de cem dólares para o próximo jogo, certo? Aqui estão... cinquenta,— eu disse, contando rapidamente as duas notas de vinte e a de dez que Patch tinha me dado. Eu não era grande fã de jogos de azar, mas eu queria provar para o Patch que o Z não ia me comer viva e me cuspir fora. Eu podia me encaixar. Ou pelo menos não ser empurrada. E se parecesse que eu estava flertando com Scott no processo, que fosse. Dane-se, eu pensei até o outro lado do cômodo, mesmo sabendo que Patch não podia me ouvir.

Scott olhou entre mim e o dinheiro na minha mão. —Isso é uma piada?

—Se você ganhar, dividiremos o lucro.

Scott considerou o dinheiro com uma luxúria que me pegou desprevenida. Ele precisava do dinheiro. Ele não estava no Z hoje à noite pelo entretenimento. Jogos de azar eram um vício.

Ele pegou o dinheiro e correu até o homem baixo com o colete de lã, cujo lápis estava rabiscando números e saldos furiosa, mas meticulosamente, para os outros jogadores. Eu roubei uma olhadela para o Patch, para ver sua reação para o que eu tinha acabado de fazer, mas seus olhos estavam no jogo de pôquer, sua expressão indecifrável.

O homem com o colete de lã contou o dinheiro de Scott, alinhando habilidosamente as notas para que elas todas encarassem a mesma direção. Quando ele terminou, ele deu um sorriso apertado ao Scott. Parecia que estávamos dentro.

Scott retornou, passou giz em seu taco de sinuca. —Você sabe o que dizem sobre boa sorte. Tem que beijar meu taco.— Ele o enfiou no meu rosto.

Eu dei um passo para trás. —Não vou beijar seu taco de sinuca.

Scott bateu seus braços e fez barulhos de galinha brincalhões.

Eu olhei para o final do cômodo, esperando confirmar que Patch não estava observando a cena humilhante se desenrolando, e foi quando vi Marcie Millar vaguear por trás dele, se inclinar, e cruzar seus braços ao redor do pescoço dele.

Meu coração caiu até meus joelhos.

Scott estava falando, batendo o taco de sinuca contra a minha testa, mas as palavras passaram diretamente. Eu lutei para recuperar meu fôlego e me focar no borrão de concreto logo à frente para pulverizar o meu choque completo e o sentimento de traição. Então era isso que ele queria dizer quando disse que as coisas com a Marcie eram simplesmente negócios? Porque certamente não parecia assim para

mim! E o que ela estava fazendo aqui logo depois de ter sido esfaqueada na Bo's? Ela se sentia segura porque estava com o Patch? Pensando por uma fração de segundos, eu me perguntei se ele estava fazendo isso para me deixar com ciúmes. Mas se esse fosse o caso, ele

teria que saber que eu estaria no Z hoje à noite. O que ele não saberia, a não ser que estivesse me espionando. Ele tinha ficado mais por perto nas últimas vinte e quatro horas do que eu acreditara originalmente?

Eu enfiei minhas unhas nas palmas das minhas mãos, lutando para me focar na dor ali, e não no sentimento de choque e humilhação que estava crescendo dentro de mim. Eu fiquei daquela maneira, entorpecida e segurando a ameaça de lágrimas, antes que a minha atenção fosse puxada para a entrada que dava para o corredor. Um cara numa regata vermelha que mostrava seus músculos inclinava-se na moldura. Algo estava errado com o pedaço de pele na base de sua garganta —quase parecia deformado. Antes que eu pudesse dar uma olhada mais de perto, fiquei paralisada por um relampejo de déjà vu. Algo nele era assustadoramente familiar, mesmo eu sabendo que nunca tinha conhecido ele. Eu tive uma vontade enorme de correr, mas, ao mesmo tempo, fui sobrepujada pela necessidade de identificá-lo.

Ele pegou a bola branca de bilhar da mesa mais próxima a ele e jogou-a algumas vezes no ar, preguiçosamente.

—Vamos,— Scott disse, acenando o taco de sinuca para frente e para trás pela minha linha de visão. Os outros caras cercando a mesa riram. —Faz, Nora,— Scott disse. —Só um selinho. Para boa sorte.

Ele deslizou o taco de sinuca sob a bainha da minha blusa e a levantou.

Eu bati o taco de sinuca para longe. —Para com isso.

Eu vi um movimento do cara na regata vermelha. Aconteceu tão rápido que eu levei dois batimentos cardíacos para perceber o que estava prestes a acontecer. Ele

girou seu braço e atirou a bola de bilhar para o outro lado do cômodo. Um instante mais tarde o espelho pendurado na parede oposta se despedaçou, cacos de vidro chovendo no chão.

O cômodo ficou silencioso, exceto pelo rock clássico tocando nos alto-falantes.

—Você,— o cara de regata vermelha disse. Ele apontou um revólver para o homem no colete de lã. —Me dê o dinheiro.

Ele gesticulou para que ele chegasse mais perto com um empurrão da arma. —Mantenha suas mãos onde eu possa vê-las.

Ao meu lado, Scott se propeliu para frente da multidão.

—De jeito nenhum, cara. Esse dinheiro é nosso.— Alguns gritos de concordância elevaram-se no cômodo.

O cara de regata vermelha manteve sua arma apontada para o homem de colete de lã, mas seus olhos andaram de lado até o Scott. Ele forçou um sorriso, mostrando seus dentes. —Não é mais.

—Se você pegar o dinheiro, eu te mato.— Havia uma calma fúria na voz do Scott. Ele parecia que realmente quisera dizer aquilo. Eu fiquei congelada no lugar, mal respirando, aterrorizada pelo que podia acontecer a seguir, porque nenhuma parte de mim duvidava que a arma estivesse carregada.

O sorriso do pistoleiro aumentou. —É mesmo?

—Ninguém aqui vai deixar você ir embora com o nosso dinheiro,— Scott disse. —Faça um favor a si mesmo e abaixe a arma.

Outro murmúrio de concordância encheu o cômodo.

Apesar do fato da temperatura no cômodo parecer estar aumentando, o cara de regata vermelha coçou preguiçosamente seu pescoço com o cano da arma. Ele não parecia nenhum pouquinho preocupado.

—Não.— Virando a arma para mirar no Scott, ele ordenou, — Vai pra cima da mesa.

—Cai fora.

—Vai pra cima da mesa!

O cara de regata vermelho estava segurando a arma com as duas mãos, mirando no peito do Scott. Muito lentamente, Scott levantou suas mãos na altura de seus ombros e correu de ré para a mesa de sinuca. —Você não irá embora vivo. Você está em menor número, 30 contra um.

O cara de regata vermelho chegou até Scott em três passadas. Ele ficou diretamente na frente de Scott por um momento, seu dedo apontado para o gatilho. Uma gota de suor escorreu pela lateral do rosto de

Scott. Eu não conseguia acreditar que arrancou a arma dele. Ele não sabia que não podia morrer? Ele não sabia que era Nefilim? Mas Patch dissera que ele pertencia a uma sociedade de sangue Nefilim —como ele podia não saber?

—Está cometendo um grande erro,— Scott disse, sua voz ainda gelada, mas derramando a primeira gota de pânico.

Eu me perguntei por que ninguém foi ajudá-lo. Como Scott tinha apontado, a multidão estava em maioria esmagadora contra o cara de regata vermelha.

Mas havia algo malévolo e assustadoramente poderoso nele. Algo... de outro mundo. Eu me perguntei se eles estavam tão assustados por ele quanto eu estava.

Eu também me perguntei se a sensação enjoativa e desconfortavelmente familiar dentro de mim significava que ele era um anjo caído. Ou um Nefilim.

De todos os rostos na multidão, eu de repente me encontrei olhando para a Marcie. Ela estava do outro lado da multidão, com algo que eu só poderia descrever como uma fascinação perplexa escrita por toda a sua expressão. Eu soube, bem então, que ela não fazia ideia do que

estava prestes a acontecer. Ela não percebera que Scott era um Nefilim e tinha mais força em uma de suas mãos do que um humano em seu corpo todo. Ela não vira Chauncey, o primeiro Nephil que eu conhecera, mutilar meu celular na palma de sua mão. Ela não estivera lá na noite que ele me perseguira pelos corredores da escola. E o cara de regata vermelha? Quer fosse um Nefilim ou um anjo caído, ele era igualmente tão poderoso quanto. O que quer que estivesse prestes a acontecer, não era uma mera briga de socos.

Ela deveria ter aprendido sua lição na Bo's e ficado em casa. E eu também deveria.

O cara de camiseta vermelha empurrou Scott com a arma, e ele voou sobre a mesa. De surpresa ou de medo, Scott se atrapalhou com seu taco, e o cara de camisa vermelha o pegou. Sem parar, ele pulou para cima da mesa segurando o taco na mira do rosto de Scott.

Ele perfurou a mesa de sinuca com o taco a uma polegada da orelha de Scott. O taco desceu com tanta força, que se espatifou através da superfície de feltro. Umhas doze polegadas de taco eram visíveis por baixo da mesa.

Segurei o grito.

O pomo-de-adão de Scott tremeu. —Homem, você é louco—, disse ele.

De repente, um tamborete voou pelo ar, batendo na lateral do cara de camiseta vermelha. Ele saltou da mesa para manter seu equilíbrio.

—Pega ele!— alguém na multidão gritou.

Foi como um grito de guerra, mais pessoas agarraram os bancos do bar. Desci com minhas mãos aos joelhos e olhei pelo amontoado de pernas a saída mais próxima. A poucos metros havia um homem com uma arma no coldre, e uma no tornozelo. Ele a pegou e momentos depois desmoronou sons de tiros. O que se seguiu não foi silêncio, mas o mais caótico possível: xingamentos, gritos, punhos batendo na carne. Virei meus pés e em direção à porta e saí correndo. Apenas escorreguei pela saída quando alguém me segurou pelo cós da minha calça e me puxou para ficar de pé. Patch.

—Pegue o jipe—, ordenou, empurrando as chaves na minha mão. De repente parou. —O que você está esperando?

Meus olhos encheram de lágrimas, mas eu pisquei de raiva. — Pare de agir como se eu fosse um estorvo enorme! Eu nunca pedi sua ajuda!

—Eu te disse para não ficar aqui hoje à noite. Você não seria um estorvo se tivesse me ouvido. Este mundo não é seu, é meu.

—Você está tão empenhada que você sabe se virar sozinha que vai acabar fazendo algo estúpido ou se matar.

Fiquei ressentida por isto, e abri minha boca para dizer isso.

—O cara de camiseta vermelha é um Nefilim,— Patch disse, me cortando. —A marca significa que ele faz parte da sociedade de sangue q eu te falei antes. Ele jurou lealdade a eles.

—Marca?

—Perto da clavícula dele

A deformidade era uma marca? Virei meus olhos para uma pequena janela na porta. Dentro, haviam corpos nas mesas de sinuca e jogados em todas as direções. Eu não vi o cara de camisa vermelha novamente, mas agora eu entendi porque eu o reconheci. Ele era Nefilim. Ele me lembrou Chauncey de forma que Scott não tinha chegado nem perto. Imaginei que isso poderia significar que, como Chauncey, ele era mal. E Scott não era.

Um barulho parecia que ia romper meus tímpanos, e Patch me puxou para o chão. Fragmentos de vidros caíram ao nosso redor. A janela na porta dos fundos foi atingida por uma bala.

—Saia daqui—, disse Patch, empurrando-me na direção da rua.

Eu virei para trás. —Aonde você vai?

—Marcie ainda está lá dentro. Eu pego uma carona com ela.

Meus pulmões pareciam bloqueados, não havia ar entrando ou saindo. —E eu? Você é meu anjo da guarda

Patch me olhou nos olhos. —Não mais, Anjo.

Antes que eu pudesse argumentar, ele saltou pela porta, sumindo no caos.

Na rua, eu destranquei o jipe, me jogando no assento da frente e dirigi para fora do estacionamento. Ele não era mais meu anjo da guarda? Ele estava falando sério? Tudo porque eu disse a ele que não o queria mais?

Ou será que ele disse isso para me assustar? Para fazer eu me arrepender de ter dito que não queria mais ele? Bem, se ele não era mais meu anjo, era porque eu estava tentando fazer a coisa certa! Eu estava tentando fazer isso ficar mais fácil para nós dois. Eu estava tentando mantê-lo a salvo dos arcanjos. Eu disse exatamente os motivos pelo qual tinha feito isso, e ele jogou tudo nas minhas costas, como se toda essa confusão fosse por minha culpa. Como se fosse isso que eu quisesse. Tudo isso era mais culpa dele do que minha. Eu tinha vontade de voltar lá e dizer que eu não estava desamparada.

Eu não era uma peça do seu mundo grande e mau. E eu não era cega. Eu podia ver muito bem que algo estava acontecendo entre ele e Marcie. De fato, eu não sabia exatamente o que era, mas era algo. Esqueça isso. Eu estava melhor sem ele. Ele era um idiota. Um idiota traidor. Não precisava dele para nada.

Eu virei o jipe para parar em frente a minha casa. Minhas pernas ainda estavam tremendo, minha respiração falhava quando eu exalava. Eu estava plenamente consciente do silêncio ao

redor. O jipe sempre tinha sido um lugar de refúgio, hoje me senti estranha e isolada, era grande demais para uma só pessoa. Baixai a cabeça sobre o volante e chorei. Eu não imaginei Patch levando Marcie para casa em seu carro, eu simplesmente deixei o ar quente que vinha das portas passar sobre a minha pele e sentir o cheiro do Patch.

Estava sentada curvada e chorando, até que o ponteiro do medidor de gás desceu um pouco. Enxuguei meus olhos e dei um longo suspiro conturbado. Estava prestes a desligar o motor quando vi Patch em pé na minha varanda, inclinando-se sobre um das vigas de sustentação. Por um momento eu ele tivesse vindo por minha causa, e uma lágrima de alívio saltou dos meus olhos. Mas eu estava dirigindo o jipe dele. Ele provavelmente veio pegá-lo de volta. Depois da maneira como ele me tratou hoje, não poderia acreditar que haveria outro motivo.

Ele desceu à calçada e abriu a porta do lado do motorista. — Você está bem?

Eu balancei a cabeça mecanicamente. Eu teria dito sim, mas minha voz estava presa no estômago. Os olhos frios do Nefilim ainda estavam na minha mente, e eu não consegui parar de me perguntar o que tinha acontecido depois que saí do Z. Scott tinha saído? E Marcie?

É claro que ela tinha. Patch parecia empenhado para ter certeza disso. —Porque o Nefilim de camisa vermelha quer dinheiro?— passando para o banco do passageiro. Foi automático, mesmo sabendo que Patch não pode sentir o frio úmido da chuva, me pareceu errado deixá-lo parado na chuva.

Logo ele estava atrás do volante, nos trancando no jipe. Duas noites atrás, o gesto teria um sentido íntimo. Agora só parecia tenso e desajeitado. —Ele estava angariando fundos para a sociedade de sangue Nefilim. Gostaria de ter uma ideia melhor sobre o que estão planejando. Se eles precisam de dinheiro, é mais provável que seja para os recursos. Ou isso, ou para pagar anjos caídos. Mas como, quem e porque eu não sei.— Ele balançou a cabeça. —Eu preciso de alguém lá de dentro. Pela primeira vez, ser um anjo me coloca em desvantagem. Eles não vão me deixar chegar perto dos planos.

Por uma fração de segundo, ocorreu-me que ele poderia me pedir ajuda, mas eu não era Nefilim. Eu tinha um milésimo de sangue Nefilim correndo em minhas veias, que pode ser rastreado pelos quatrocentos anos do meu antepassado Nefilim, Chauncey Langeais. Para todos os efeitos, eu era humana. Eu não tinha nenhuma vantagem dentro de mim a mais que Patch.

Eu disse: —Você disse que o Scott e o Nefilim de camiseta vermelha são parte da sociedade de sangue, mas eles não pareciam se conhecer. Tem certeza de que Scott está envolvido?

—Ele está envolvido.

—Então, como eles não se reconheceram?

—Meu palpite é que agora que está comandando a sociedade está separando os membros individualmente para mantê-los no escuro. Sem amigos, as chances de um golpe são baixas.

Mais do que isso, se eles não sabem o quanto são fortes, os grandes não podem vaziar essa informação para os inimigos. Anjos caídos não podem obter informações sobre a sociedade se os seus membros não sabem de nada.

Digerindo isso, eu não sabia dizer de que lado eu estava. Parte de mim abominava a ideia de anjos caídos possuírem os corpos dos Nefilins no Cheshvan. Uma parte pequena de mim estava agradecida pelo alvo serem os Nefilins e não os humanos. Não era alguém que eu amava.

—E Marcie?— Eu disse, tentando manter minha voz com naturalidade.

—Ela gosta de poker,— Patch disse evasivamente. Ele fez o retorno com o jipe. —Eu devo ir. Você vai ficar bem essa noite? Sua mãe não está em casa?

Virei-me no banco para encará-lo. —Marcie tinha os braços em torno de você.

—O sentido espacial pessoal de Marcie é inexistente

—Então você é um especialista em Marcie agora?

Seus olhos escureceram, e eu sabia que não deveria prosseguir, mas não importava. Eu continuei. —O que está acontecendo entre vocês dois? O que vi não pareciam negócios.

—Eu estava no meio de um jogo, quando ela veio atrás de mim. Não é a primeira vez que uma garota faz isso, e provavelmente não será a última.

—Você poderia tê-la afastado para longe.

—Ela tinha os braços em volta de mim num momento, no momento seguinte o Nefilim jogou a bola. Eu não estava pensando em Marcie. Corri para verificar o perímetro, caso ele não estivesse sozinho.

—Você voltou por ela

—Eu não ia deixá-la lá

Fiquei no meu lugar, com um nó no estômago que tão apertado que doía. O que eu deveria pensar? Se ele tivesse voltado por ela por cortesia? Um senso de dever? Ou outra coisa totalmente diferente, mais preocupante?

—Eu tive um sonho sobre o pai de Marcie a noite passada.— Eu não sabia ao certo porque tinha dito. Provavelmente para comunicar a ele que minha dor era tão grande que estava entrando em meus sonhos. Eu li uma vez que os sonhos são uma forma de entender o que está acontecendo em nossas vidas, se isso for verdade, meu sonho definitivamente estava me dizendo que eu não fazia ideia do que estava acontecendo entre Patch e Marcie. Já que eu estava sonhando com anjos caídos e Cheshvan. Se estiver sonhando com o pai de Marcie.

—Você sonhou com o pai de Marcie?— A voz de Patch era calma, como sempre, mas algo na maneira como ele me olhou-me fez pensar que ele estivesse surpreso com essa notícia.

Talvez até desconcertado.

—Eu acho que era na Inglaterra. Há muito tempo atrás. O pai de Marcie estava sendo perseguido na floresta. Mas ele não podia fugir, pois sua capa se enroscou nas árvores. Ele continuava dizendo que um anjo caído estava tentando possuí-lo.

Patch ponderou nesse momento. Mais uma vez seu silêncio me disse que eu tinha dito algo do seu interesse. Mas não podia adivinhar o que era.

Ele olhou o relógio. —Precisa de mim para entrar em casa?

Eu olhei para cima no escuro, as janelas vazias da casa. A combinação do anoitecer com chuviscos era sombrio, afastando tudo ao redor. Eu não podia dizer que era pio ir lá pra dentro ou ficar aqui com Patch com medo de que ele fosse embora. Para Marcie Millar.

Eu estou hesitando porque não quero ficar molhada. —Além disso, você obviamente tem um lugar para ir.— Empurrei a porta e coloquei uma perna para fora. —Isso, e nosso relacionamento acabou. Você não me deve favores

Nós trocamos olhares.

Eu disse isso para magoá-lo, mas eu era a única com um nó na garganta. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa que magoasse mais profundamente, corri para a varanda, segurando meus braços sobre a minha cabeça tentando me proteger da chuva.

Dentro de casa, encostei-me à porta e ouvi o carro dele. Minha visão estava embaçada por causa das lágrimas, e fechei os olhos.

Eu queria que Patch voltasse. Eu o queria aqui. Eu queria que ele me puxasse contra ele e me beijasse para afastar a sensação de vazio congelando-me de dentro para fora lentamente. Mas o som dos pneus deslizando sobre o piso molhado apenas ficou mais distante.

Sem aviso, a lembrança da nossa última noite juntos antes de tudo desmoronar veio em minha memória. Eu automaticamente comecei a bloqueá-la. O único problema é que eu queria lembrar. De alguma maneira eu precisava sentir o

Patch. Baixando a minha guarda, deixei-me sentir sua boca na minha devagar no começo e depois mais forte. Sentir o seu corpo firme e quente contra o meu. Suas mãos estavam na minha nuca, prendendo sua corrente de prata. Ele prometeu me amar para sempre...

Eu virei à fechadura, dissolvendo a lembrança com um clique. Dane-se. Ele. Repito essas palavras tantas vezes que posso. Na cozinha, as luzes se acenderam ao tocar no interrupto, e fiquei aliviada ao descobrir que a eletricidade voltou a funcionar. O telefone estava com uma luz vermelha piscando, fui checar as mensagens.

—Nora—, a voz da minha mãe disse, —está chovendo toneladas aqui em Boston e eles precisam reagendar o evento. Estou voltando para casa e devo chegar por volta das onze. Você pode ir para a casa da Vee se quiser. Te amo e nos vemos em breve.

Eu olhei o relógio. Poucos minutos antes das dez. Eu tinha apenas uma hora a mais sozinha.

Na manhã seguinte, me arrastei para fora da cama, e depois de uma passagem rápida pelo banheiro, que incluiu um pouco de corretivo na minha olheira, anti-frizz com revitalizante de cachos nos cabelos, segui sem rumo para a cozinha encontrar minha mãe que já estava sentada à mesa. Ela segurava uma xícara de chá de ervas entre as mãos, e seu cabelo estava um pouco bagunçado, com cara de sono, o que era uma boa forma de dizer que ela parecia um porco-espinho. Olhando-me por cima de sua caneca, ela sorriu. —Bom dia.

Eu escorreguei na cadeira e joguei um pouco de cereal em uma tigela. Minha mãe havia separado alguns morangos e um jarro pequeno de leite, e acrescentei ao cereal. Eu tentei me alimentar bem, mas sempre me pareceu muito mais fácil quando minha mãe estava em casa, fazendo as refeições, que com certeza eram bem melhores do que as que eu poderia fazer em 10 segundos.

—Dormiu bem?—, ela perguntou.

Eu assenti com a cabeça, tendo comido apenas uma colher cheia de cereal.

—Eu me esqueci de perguntar sobre a noite passada—, disse minha mãe. —Você acabou fazendo o tour na cidade com Scott?

—Eu cancelei.— É melhor deixar por isso mesmo. Eu não tinha certeza de como ela reagiria se descobrisse que sobre o cais, e em seguida que passei a noite com ele no salão de bilhar na Springvale.

Minha mãe torce o nariz. — É que...Que cheiro de fumaça estou sentindo?

O que será?

—Eu acendi algumas velas no meu quarto esta manhã,— eu disse, me lamentando por não ter tido tempo de tomar banho. Eu tinha certeza de que o Z tinha ficado na minha roupa, meus lençóis, meuá cabelos.

Ela franziu o cenho. —Isso definitivamente é cheiro de fumaça. — Ela arrastou a cadeira para trás, ficando de pé, e foi investigar.

Não adiantava enrolar agora. Cocei a sobrancelha nervosa. —Eu meio que fui a um salão de bilhar na noite passada.

—Patch?— Nós combinamos uma regra não faz muito tempo em que você estava absolutamente proibida, em qualquer circunstância, de sair com Patch enquanto eu estivesse fora.

—Ele estava lá, sim.

—E?

—Eu não fui com o Patch. Fui com Scott.— Ao olhar sua expressão, eu tinha certeza de que isso era pior. —Mas antes de explodir—, me apressei, —Eu só quero dizer que minha curiosidade está me matando. Está sendo muito difícil ignorar o fato de que os Parnells estão fazendo o possível para manter o passado de Scott em segredo. Porque toda a vez que a Sra. Parnell vai abrir a boca, Scott já está a dois centímetros dela, olhando-a como um falcão? O que ele poderia ter feito de tão ruim?

Eu esperava que minha mãe levantaria num pulo e me diria que há partir o minuto em que chegasse da escola, esta tarde, eu estaria de castigo até o dia quatro de julho, mas ela disse, —Eu percebi isso também.

—Sou eu, ou ela parece ter medo dele?— Continuei aliviada por que ela parecia estar mais interessada em falar sobre Scott que meu castigo por passar uma noite em um salão de bilhar.

—Que tipo de mãe tem medo do seu próprio filho?— Minha mãe perguntou em voz alta.

—Eu acho que ela sabe o seu segredo. Ela sabe o que ele fez. E ele sabe que ela sabe.— Talvez o segredo de Scott seja simplesmente de que ele era um Nefilim, mas eu não pensava isso. Com base na sua reação ontem à noite quando ele foi atacado pelo Nefilim de camiseta vermelha, eu estava começando a suspeitar de que ele não sabia a verdade sobre quem era, ou do que era capaz. Ele deve ter notado a sua incrível força e sua habilidade de falar com os pensamentos das pessoas, mas ele provavelmente não

sabia como explicar. Mas se Scott e sua mãe não estivessem tentando esconder esse segredo, o que eles estavam tentando esconder? O que ele tinha feito que precisasse tanto esconder?

Trinta minutos depois, eu andava sem interesse para a aula de química, para encontrar Marcie já em nossa mesa, falando ao telefone, ignorando completamente o sinal na lousa que diz ser proibido o uso de celulares, sem exceções. Quando ela me viu, virou as costas e tampou a boca com a mão, claramente querendo privacidade. Como se eu me importasse. Ao chegar à mesa, deu tempo de ouvi-la dizer com uma voz sedutora, —Eu também te amo.

Ela jogou seu celular dentro do bolso da frente de sua mochila e sorriu pra mim. —Meu namorado, ele não frequenta o ensino médio.

Imediatamente eu fiquei em dúvida e me perguntei se não era Patch do outro lado da linha, mas ele havia jurado que o que aconteceu entre ele e Marcie na noite passada não significou nada. Eu poderia me morder de ciúmes, ou poderia acreditar nele. Eu assenti simpaticamente com a cabeça. —Deve ser difícil namorar com um desistente.

—Há há. Só para você saber, enviarei uma mensagem depois da aula convidando todos para a minha festa de verão anual que vai rolar nessa terça-feira. Você está na lista.—, disse ela casualmente. —Rejeitar o meu convite é a melhor maneira de sabotar a sua vida

social...aliás, você não precisar se preocupar em sabotar algo que você não tem.

—Festa anual de verão? Nunca tinha ouvido falar disso.

Ela pegou um pé compacto, que tinha formado um círculo no bolso traseiro de sua calça jeans, e passou o pé pressionando seu nariz. — Isso é porque você nunca foi convidada antes.

OK, espera. Por que Marcie vai me convidar? Mesmo que meu QI fosse duas vezes o dela, ela tinha que ter percebido o gelo entre nós. Não compartilhamos nenhum amigo em comum. Ou interesses, para esse assunto. —Uau Marcie. Muito gentil de sua parte me convidar. Um pouco inesperado, mas ainda sim agradável. Vou definitivamente tentar ir— Mas não muito.

Marcie se inclinou para mim. —Eu vi você na noite passada.

Meu coração batia um pouco mais rápido, mas eu consegui segurar o tom da minha voz. Evasiva, mesmo. —Sim, eu te vi também.

—Aquilo foi tão...louco— ela deixou em aberto, como se quisesse que eu concluísse para ela.

—Eu estava atrás da multidão. Não consegui ver muita coisa, me desculpe.— Eu não tentava parecer inútil de propósito, apenas esse era uma conversa que eu não queria ter. E dói por isso que ela estava me convidando para a festa? Para adicionar um sentimento de confiança e amizade na nossa relação, para que de algum modo eu lhe dissesse alguma coisa que eu soubesse que aconteceu na noite passada?

—Você não viu nada?— Marcie repetiu, com uma linha de dúvida na testa.

—Não. Você estudou para o teste de hoje? Eu tenho a maioria da tabela periódica memorizada, mas a última linha ainda me faz tropeçar. —Eu acho —Você acha?— Você viu a tacada? Eu nunca vi ninguém fazer isso antes. Ele empurrou-o através da mesa de sinuca. Essas coisas não são feitas de pedra?

—Patch nunca te levou até lá para vê-lo jogar? Você já tinha visto algo assim antes?

—Será que isso importa?

Marcie fez uma careta. —Quer saber? Se você não vai conversar, você pode esquecer o convite para a minha festa.

—Eu não iria de qualquer maneira

Ela revirou os olhos. —Você está brava, porque eu estava com Patch no Z na noite passada? Porque ele não significa nada pra mim. Nós estávamos apenas nos divertindo. Nada grave.

—Sim, realmente me pareceu desse jeito—, disse, deixando apenas um pouco de cinismo no meu tom.

—Não seja ciumenta Nora. Patch e eu somos muito, mas muito bons amigos. Mas caso você tenha interesse, minha mãe conhece um terapeuta de relacionamentos muito bom. Deixe-me ver se você precisa de uma referência. Pensando bem, ele é muito caro. Quer dizer, eu sei que sua mãe tem trabalhado muito e tal — Ignorando-a, abri meu livro. —Eu ouvi que você e Patch terminaram— -, disse ela, tentando um novo ângulo. Eu inspirei um pouco de ar, mas um pouco tarde demais, pois meu rosto já estava quente. —Quem terminou?— Marcie perguntou.

—Pergunta para você, Marcie.— Minha voz estava descontraída, mas minhas mãos estavam tremendo no meu colo. —O que você faria se você acordasse amanhã e soubesse que seu pai tinha sido assassinado? Você acha que com um emprego meio período no JC Penney sua mãe iria pagar as contas? Da próxima vez, antes de expor a minha situação familiar, se coloque no meu lugar um minuto. Um minutinho apenas.

Ela segurou o olhar por um longo momento, mas sua expressão impaciente me fez duvidar que eu a tinha feito pensar duas vezes. A única pessoa com quem ela poderia simpatizar era com ela mesma.

Após a aulas, encontrei Vee no estacionamento. Ela estava estirada sobre o capô do Neon, mangas enroladas acima dos ombros, se bronzeando. —Precisamos conversar—. Disse ela quando me aproximei. Se recompôs e baixou os óculos pelo nariz o suficiente para fazer contato visual.

—Você e Patch estavam em Splitsville, não é?

Eu subi no capô ao lado dela. —Quem disse?

—Rixon. Para seu registro, machucou. Sou sua melhor amiga, e não deveria descobrir essas coisas do amigo do amigo. Ou através do amigo de um ex-namorado.—, ela acrescentou, depois de pensar sobre isso. Ela colocou a mão no meu ombro e apertou. —Como você está aguentando?

Não especialmente bem. Mas era uma daquelas coisas que eu estava tentando enterrar no fundo do coração, o que não conseguiria se continuasse falando sobre isso. Eu me virei contra o para-brisa, levantando meu notebook para proteger do sol. —Você sabe qual é a pior parte?

—Que eu estava certa o tempo todo e agora você tem que sofrer por me ouvir dizer 'eu te avisei'?

—Engraçado

—Não é segredo que o Patch é problema. Ele tem todo o lado bad-boy em necessidade de redenção, mas o problema é que a maioria dos meninos maus não quer redenção. Eles querem continuar maus. Eles gostam do poder que conseguem em colocar o medo e pânico nos corações das mães.

—Essa foi...esclarecedora

—Sempre querida. E sabe o que mais —

—V

Ela agitou os braços. —Me ouça. Estou guardando o melhor para o final. Acho que este é o momento de repensar as suas prioridades quando se trata de rapazes. O que precisamos é encontrar um bom rapaz tipo escoteiro, que vá fazer você apreciar o valor de ter um bom homem na sua vida. Pegue Rixon como exemplo.

—Eu lancei um olhar de você só pode estar brincando.

—Me magoa esse olhar—, disse Vee. —Rixon é realmente um cara decente

Nós nos encaramos por uns três segundos mais.

—OK, talvez não do tipo escoteiro—, disse Vee. —Mas a questão é que você poderia se beneficiar de uma cara legal, um que não tivesse um guarda-roupa negro. O que será isso afinal? O Patch se acha um comandante?

—Eu vi Marcie e Patch juntos na noite passada—, eu disse em um suspiro. Eu disse que estava lá fora. Mas não estava.

Vee piscou algumas vezes, digerindo a informação. —O quê?—, disse ela, de boca aberta.

Eu assenti com a cabeça. —Eu os vi. Ela estava com os braços em torno dele. Eles estavam juntos em um salão de bilhar em Springville.

—Você seguiu eles?

Eu queria dizer, me dê algum crédito, mas só saiu —Scott me convidou para jogar sinuca. Fui com ele, e nós fomos até lá.

Eu queria contar para Vee tudo o que tinha acontecido a partir daquele momento, mas assim como com Marcie, algumas coisas eu não conseguiria explicar a ela. Como eu ia dizer sobre um Nefilim de camiseta vermelha e que ele bateu um taco através da tabela? Vee parecia ansiosa por uma resposta. —Pois bem. Como estava dizendo, uma vez que você conhece a luz, nunca mais vai voltar para a escuridão. Talvez Rixon tenha um amigo que não seja Patch, que é...— Ela parou desajeitadamente.

—Eu não preciso de um namorado. Preciso de um emprego

Vee fez fecho a cara. — Mais conversa dobre emprego, ugh. Eu simplesmente não entendo o fascínio.

—Eu preciso de um carro, e para conseguir um, eu preciso de dinheiro. Assim o emprego. — Eu tinha uma lista de razões para comprar o Volkswagen Cabriolet em minha mente. O carro era pequeno e, portanto, fácil de estacionar, era eficiente de combustível, um bônus, considerando que não ia ter muito dinheiro para isso depois de desembolsar o dinheiro para comprá-lo. Apesar de saber o quanto era

ridículo ter uma conexão com algo material, como um carro, estava começando a vê-lo

como uma metáfora da mudança da minha vida. Liberdade para ir aonde eu quisesse, sempre. Liberdade de Patch e de todas as lembranças das coisas que compartilhamos e que eu ainda não sabia como esconder atrás da porta.

—Minha mãe é amiga de um dos gerentes no Enzo, e eles estão procurando baristas—, Vee sugeriu.

—Eu não sei nada sobre ser uma barista.

Vee encolheu os ombros. —Ou você pode fazer café. Poderia servi-lo. Você poderia levá-lo aos clientes um pouco ansiosos. O quanto difícil poderia ser?

Quarenta e cinco minutos depois, Vee e eu estávamos na praia, andando pelo calçadão, adiando nosso dever de casa e sem nenhum propósito olhando vitrines. Uma vez que nenhuma de nós tinha emprego, e conseqüentemente dinheiro, nós estamos aperfeiçoando nossas habilidades de vitrinistas. No final da nossa caminhada nossos olhos depararam com uma padaria. Eu podia ouvir a boca de Vee encher de água, ela pressionou seu rosto na vitrine e olhou para uma caixa de roscas.

—Eu acho que já passou mais de uma hora desde a última vez que comi—, disse ela.

—Donuts com cobertura, aqui vamos nós, o meu leite.

Ela estava quatro passos a minha frente, puxando a porta.

—Eu pensei que você estava querendo perder peso para a temporada de biquíni. Eu pensei que você tinha os ossos grandes e queria mesmo alguma coisa com Rixon.

—Você sabe mesmo como acabar com um bom humor. Enfim, um pequeno donut não vai doer, não é?

Eu nunca tinha visto Vee comer apenas um donut, mas eu mantive minha boca fechada.

Nós entramos, pedimos meia dúzia de donuts e nos sentamos em uma mesa perto das janelas, quando eu vi Scott do outro lado do vidro. Ele tinha a testa amassada contra a janela sorrindo. Para mim. Assustada, dei um salto. Com o dedo, ele me chamou lá para fora.

—Eu já volto—, disse a Vee

Ela seguiu o meu olhar. —Não é que é o gato do Scott?

—Pare de chamá-lo assim. O que aconteceu com o Scott cara de pinico?

—Ele cresceu. O que ele quer falar com você?— Alguma revelação atravessou seu rosto. Oh, não, você não. Você não tem permissão para se jogar rebound. Ele tem problemas, você mesmo disse. Nós vamos encontrar um bom escoteiro. Lembra?

Pendurei minha bolsa sobre o ombro. —Não estou jogando rebound. O quê?— Eu disse, em resposta ao olhar que ela estava me dando. —Você espera que eu apenas fique sentada

aqui e o ignore?

Ela abriu as palmas das mãos para cima. —Só se apresse ou o seu donut vai fazer parte da lista de espécies ameaçadas de extinção.

Do lado de fora, dobrei a esquina e fui para o local que tinha visto Scott pela última vez. Ele estava recostado sentado em um banco na calçada, com os polegares nos bolsos. —Você sobreviveu à noite passada?— perguntou ele.

—Eu estou aqui, não estou?

Ele sorriu. —Um pouco mais de emoção do que você está acostumada?

Eu não lembrei a ele de que era o único que estava estendido na mesa de bilhar com um taco perfurando a um centímetro da sua orelha.

—Desculpa, eu te deixei na mão—, disse Scott. —Parece que você encontrou seu próprio caminho pra casa?

—Não se preocupe com isso—, eu disse, irritada, sem dar ao trabalho de esconder a minha indignação. —só aprendi a nunca mais sair com você novamente.

—Farei isso para você. Tem tempo para um lanche rápido?— Ele apontou o polegar em direção a um restaurante turístico no calçadão de baixo.

Alfeo's. Eu havia comido anos atrás com meu pai e pelo que lembro o menu é bem caro. A única coisa por menos de cinco dólares era a água. A Coca-Cola, se eu estivesse com sorte. Levando-se em conta os preços exorbitantes e a companhia, afinal, a minha última memória de Scott foi dele tentando burlar minha camisa com um taco de sinuca —eu não queria mais nada além de terminar o meu donut.

—Não vai ser possível. Estou aqui com a Vee— eu disse a ele. —O que aconteceu a noite passada no Z? Depois que eu saí

—Eu consegui meu dinheiro de volta.— Algo sobre a maneira como ele disse me deixou pensando que não foi tão simples assim.

—Nosso dinheiro—, eu corriji.

—Eu tenho a sua metade em casa—, disse ele vagamente. — Vou devolvê-lo esta noite.

Sim, certo. Eu tive a impressão de que ele já havia gastado todo o dinheiro, e mais um pouco.

—E o cara de camisa vermelha?—, eu perguntei.

—Ele seguiu seu caminho.

—Ele parecia muito forte. Ele parecia assim para você? Alguma coisa sobre ele

parecia...diferente.

Eu estava testando ele, tentando descobrir o quanto ele sabia, mas sua resposta foi apenas distraída, —Sim, eu acho. Então, minha mãe continua insistindo que eu saia e faça novos amigos. Sem ofensa, Grey, mas você não é um dos caras. Cedo ou tarde vou ter que cair fora. Ah, não chore. Basta lembrar todos os momentos felizes que passamos juntos, eu tenho certeza que você vai ficar conformada.

—Você me arrastou até aqui para romper nossa amizade? Como eu consegui ter tanta sorte?

Scott riu. —E eu que pensei que ia começar com o seu namorado. Ele tem um nome? Estou começando a achar que ele é seu amigo imaginário. Quer dizer, eu nunca vi vocês dois juntos.

—Nós terminamos.

Algo que se assemelhava a um sorriso torto apareceu em seu rosto. —Sim, é isso que eu ouvi, mas queria ver se você me confirmava isso.

—Você ouviu sobre mim e Patch?

—Alguma gostosa chamada Marcie me disse. Encontrei com ela no posto de gasolina, e ela fez questão de vir e se apresentar. Enfim, ela disse que você é uma perdedora.

—O que Marcie disse sobre mim e Patch?— Minha coluna enrijeceu.

—Quer um conselho? Um verdadeiro conselho de menino para menina? Esqueça Patch. Siga em frente. Um cara que pertença a sua categoria. Estudar, xadrez, coleta e catalogação de insetos mortos...e pensar no que fazer com o estrago no seu cabelo.

—Como?

Scott tossiu na sua mão, mas percebi que era um sorriso disfarçado. —Vamos ser honestos. Ruivas são uma responsabilidade.

Eu apertei meus olhos. —Eu não tenho cabelo ruivo.

Ele estava pronto a gargalhar. —Poderia ser pior. Poderia ser laranja. Bruxa má laranja.

—Você é este grande motivador com todos? Porque deve ser por isso que não tem amigos.

—Um pouco áspero nas pontas, só isso.

Eu empurrei meus óculos escuros ao topo da minha cabeça e fiz contato visual direto.—Só para constar, eu não jogo xadrez tampouco coletei insetos.

—Mas você estuda. Eu sei o que você faz. Eu conheço o tipo. A marca registrada de sua personalidade inteira se define em uma palavra. Controladora. Você é apenas mais um caso de TOC padrão.

Fiquei de boca aberta. —Ok, então talvez eu seja um pouco estudiosa. Mas eu não sou

chata, não aquela chata— Pelo menos era o que eu esperava. —Obviamente você não me conhece.

—Exaaaaato

—Tudo bem—, disse defensivamente. —Alguma coisa que você considere interessante e pensa que eu nunca iria fazer?— Pare de rir. É sério. Pode falar.

Scott coçou a orelha. —Nunca iria na batalha de bandas? Música alta e espontânea. Barulho, multidões incontroláveis. Muito sexo escandaloso nos banheiros. Dez vezes mais adrenalina do que no Z.

—Não—, eu disse um pouco hesitante.

—Vou buscá-la domingo à noite. Traga carteira de identidade falsa.— Ele arqueou as sobrancelhas, e me agradeceu com um sorriso zombeteiro e egoísta.

—Não há problema—, eu disse, tentando manter minha expressão —nem aí—.

Tecnicamente, estaria pagando a língua se eu saísse com Scott novamente, mas eu não ficar aqui e me deixar ele me chamar de entediante. E definitivamente não iria deixar ele me chamar de ruiva. —O que eu devo usar?

—O mínimo permitido legalmente.

Eu quase fiquei chocada. —Eu não sabia que você andava no meio de bandas—, disse eu, enquanto recuperava o fôlego.

—Eu tocava baixo em Portland numa banda chamada Geezer. Tenho a esperança de conhecer alguém no local. O plano é caçar talentos na noite de domingo.

—Parece divertido, menti. —conte comigo—. Eu sempre poderia voltar mais tarde. Uma mensagem cuidaria de tudo. Tudo o que importava no momento era Scott não me chamar de controladora covarde na minha cara. Scott e eu nos separamos, e eu achei Vee esperando na nossa mesa, com metade do meu donut comido.

—Não diga que não avisei—, disse ela, olhando os meus olhos viajar até o donut. O que Scott quer?

—Ele me convidou para a batalha de bandas.

—Oh, cara

—Pela última vez, não tem nada a ver.

—Tanto faz o que você diz.

—Nora Grey?

Vee e eu olhamos para cima até encontrarmos um dos empregados da padaria em pé ao

nosso lado. Seu uniforme de trabalho consistia em uma polo lavanda e um crachá com o nome MADELINE. — Desculpe-me, você é Nora Grey? Ela me perguntou uma segunda vez.

—O que é isso? Perguntei, aceitando o envelope. —Sim—, eu disse, tentando descobrir como ela sabia meu nome. Ela estava segurando um envelope ao seu peito, e estendeu para mim. —Isto é para você.

Ela encolheu os ombros. —Um cara acabou de entregar e pediu para dar a você.

—Que cara?— Vee perguntou, esticando o pescoço em volta da padaria.

—Ele já saiu. Ele disse que era importante que Nora recebesse esse envelope. Achei que ele era seu namorado. Uma vez um cara trouxe flores para entregarmos a sua namorada. Ela estava na mesa no canto de trás.— Ela apontou e sorriu. —Eu ainda me lembro.

Enfiei meu dedo por dentro e olhei. Havia uma folha de papel, juntamente com um grande anel. Nada mais.

Eu olhei para Madeleine, que tinha pequenas manchas de farinha em todo o rosto. —Tem certeza que isso é para mim?

—O cara apontou diretamente para você disse 'dê isto a Nora Grey', você é Nora Grey, não é?

Eu comecei a colocar minhas mãos dentro do envelope, mas Vee colocou sua mão na minha. —Sem ofensa— disse a Madeleine, — gostaríamos de um pouco de privacidade.

—Quem você acha que ela é?— Perguntei a Vee, uma vez que Madeleine estava fora do nosso alcance.

—Eu não sei, mas tive arrepios quando ela entregou a você.— Com as palavras de Vee, senti como dedos frios passando pela minha coluna. —Você acha que foi Scott?

—Eu não sei. O que tem dentro do envelope?— Ela deslizou sua cadeira junto a minha para olhar mais de perto.

Eu puxei o anel, e olhamos em silêncio. Eu poderia dizer só de olhar que ele foi perdido — definitivamente um anel de homem. Era feito de ferro, e na coroa do anel, onde normalmente fica a pedra, tinha um carimbo de uma mão levantada. A mão estava espremida em punho apertado, ameaçador. A coroa do anel foi carbonizada.

—Que, em—, V começou.

Ela parou quando eu puxei o papel. Rabiscado de caneta preta um recado:

ESTE ANEL PERTENCE À MÃO NEGRA. ELA MATOU SEU PAI.

Vee levantou primeiro da cadeira.

Eu fui atrás dela até a porta da padaria, para a ofuscante luz do sol. Tampando nossos olhos, olhamos para os dois lados do calçadão. Nós corremos para a areia e fizemos a mesma coisa. As pessoas estavam espalhadas por toda a praia, mas eu não via nenhum rosto familiar. Meu coração estava acelerado, e perguntei para Vee, —Você acha que isso foi uma piada?

—Eu não estou rindo

—Foi Scott?

—Talvez. Ele estava aqui, afinal.

—Ou Marcie?— Marcie era a única pessoa que eu podia pensar que pudesse fazer esse tipo de coisa.

Vee olhou atentamente para mim. —Uma brincadeira? Talvez

Mas Marcie foi tão cruel? E ela poderia arranjar problemas? Isso era muito mais do que um comentário maldoso. O bilhete, o anel e até a entrega. Isso teve que ser planejado. Marcie parece ser do tipo de pessoa que se cansa após cinco minutos de planejamento.

—Vamos investigar ao fundo isso—, disse Vee, caminhando de volta em direção às portas da padaria. Uma vez lá dentro, ela procurou Madeleine. —Nós precisamos conversar. Como o cara se parecia? Baixo? Alto? Cabelos castanhos? Louro?

—Ele estava usando um chapéu e óculos escuros,— Madeleine respondeu, percebendo os olhares dos outros funcionários da padaria, que Vee começa a chamar a atenção. —Por quê? O que havia no envelope?

—Você terá que fazer melhor que isso—, disse Vee. —O que exatamente ele estava usando? Tinha algum logotipo de time no seu chapéu? Ele tinha barba?

—Eu não me lembro—, Madeleine gaguejou. —Um chapéu preto. Ou talvez marrom. Eu acho que ele estava vestindo calça jeans.

—Você acha?

—Venha—, eu disse, puxando o braço de Vee. —Ela não se lembra— Olhei nos olhos de Madeleine. —Obrigada por sua ajuda.

—Ajuda?— Vee disse. —Ela não foi útil. Ela não pode sair por aí pegando envelopes de caras estranhos e não se lembrar da aparência deles depois.

—Ela achava que ele era meu namorado—, eu disse.

Madeleine assentiu com a cabeça vigorosamente. —Isso, e eu sinto muito! Eu pensei que era um presente! Tinha algo ruim no envelope? Você quer que eu chame a polícia?

—Nós queremos que você se lembre de como o psicopata parecia—, Vee revidou.

—Jeans preto!— Madeleine soltou de repente. —eu me lembro que ele usava um jeans preto. Quer dizer, estou quase certa que ele usava.

—Quase certeza?— Vee disse. Eu a puxei para fora e descemos o calçadão. Depois que ela tempo suficiente para esfriar a cabeça, ela disse, —querida, eu sinto muito sobre isso. Eu deveria ter olhado primeiro dentro do envelope. As pessoas são tão estúpidas. E quem lhe mandou esse envelope é o mais estúpido de todos. Eu ficaria contente em ser uma estrela ninja, se eu pudesse.

Eu sabia que ela estava tentando aliviar o clima, mas os meus pensamentos estavam longe. Eu não estava mais pensando sobre a morte de meu pai. Tínhamos chegado a uma rua estreita entre as lojas e eu a puxei para fora do caminho. —Escute, eu preciso falar com você. Ontem eu pensei ter visto meu pai. Aqui no cais.

Vee olhou pra mim, mas não disse nada.

—Era ele, Vee. Era ele.

—Criança—, ela começou com ceticismo.

—Eu acho que ele ainda está vivo.— O funeral do meu pai foi de fachada. Talvez tivesse sido um erro, um mal-entendido e ele não teria morrido naquela noite. Talvez ele estivesse sofrendo de amnésia, e é por isso que ele não voltou para casa. Talvez alguma coisa o esteja impedindo. Ou alguém...

—Eu não sei como lhe dizer isso—, disse Vee, olhando para todos os lugares e para mim. —Mas ele não vai voltar.

—Então como você explica o que eu vi?— Eu disse na defensiva, magoada por ela e todas as outras pessoas não acreditarem em mim. Lágrimas encheram os meus olhos e rapidamente começaram a descer.

—Era outra pessoa. Um parecido com o seu pai.

—Você não estava lá. Eu o vi.— Eu não ia voltar atrás. Eu não iria me resignar aos fatos. Não depois de tudo o que passei. Há dois meses eu me joguei das vigas do ginásio da escola. Eu sabia que morreria. Não me esqueço daquela noite, ainda assim.

Ainda sim estou viva hoje.

Havia uma chance de o meu pai estar vivo ainda hoje. Ontem eu tinha visto meu pai. Eu tinha. Talvez ele estivesse tentando se comunicar comigo, me enviado uma mensagem. Ele

queria que eu soubesse que ele está vivo.

Ele não gostaria que eu desistisse dele.

Vee balançou a cabeça. —Não faça isso.

—Não vou desistir dele. Não até eu saber a verdade. Eu tenho que descobrir o que aconteceu naquela noite.

—Não, você não vai—, Vee disse com firmeza. —Deixe a alma do seu pai descansar. Mexer com isso não vai mudar o passado, não vai trazê-lo de volta.

Deixar a alma do meu pai descansar? E quanto a mim? Como eu iria descansar até saber a verdade? Vee não entendia.

Ela não sabia como era ter seu pai inexplicavelmente e violentamente arrancado dela. Sua família não fora destruída. Ela tinha tudo. A única coisa que me restava era ter esperanças.

Eu passei à tarde de domingo no Bistro Enzo na companhia da tabela periódica, me concentrando na minha lição de casa, na tentativa de evitar qualquer pensamento sobre meu pai ou sobre o envelope que eu havia recebido dizendo que a Mão Negra foi a responsável pela morte dele. Só podia ter sido uma brincadeira. O envelope, o anel, anota, tudo parte de uma piada cruel. Talvez Scott, talvez Marcie. Mas com toda sinceridade eu não achava que tivesse sido nenhum dos dois. Scott parecia sincero quando ofereceu suas condolências para mim e para minha mãe. E Marcie, sua crueldade eram quase sempre imatura e espontânea.

Uma vez que estava sentada a frete do computador e devidamente logada, corri para pesquisar na internet sobre a Mão Negra. Eu queria ter certeza da autenticidade do bilhete. Provavelmente alguém tinha encontrado o anel em uma loja de segunda mão, viu alguns aspectos sobre a Mão Negra, me seguiu até o calçadão, pediu a Madeleine que entregasse o envelope para mim. Olhando pra trás, não importa que Madeleine não se lembre a aparência do cara, muito provavelmente, ele não era a pessoas por trás da brincadeira. Essa pessoa com certeza tinha parado alguém por acaso na praia e pagou-lhe uns trocados para entregar o envelope. Isso é o que eu teria feito. Se eu fosse um doente, uma pessoa que gostasse de ferir as outras pessoas.

Uma página com links para a Marca Negra apareceu no monitor. O primeiro era sobre uma sociedade secreta que tinha alegado assassinar o Duque Franz Ferdinand da Áustria em 1914, colocando o mundo na Primeira Guerra Mundial. O link seguinte foi para uma banda de Rock. A Mão Negra era o nome de um grupo de vampiros em um jogo de —role-playing—. Finalmente, no início de 1900, Uma gangue italiana apelidada de Mão Negra, invadiu NY. Nenhum link menciona o Maine. Nenhuma imagem de um anel de ferro com um punho cerrado pareceu. Veja? Disse a mim mesma. Apenas uma brincadeira.

Percebendo que me desviei para um assunto em que não deveria estar pensando, voltei meus olhos para o meu dever de casa que estava diante de mim. Eu precisava decorar fórmulas químicas e calculo de massa atômica. Meu primeiro laboratório de química estava

chegando, e Marcie como parceira, me preparava para o pior, fazendo horas extras de estudo após a aula para aguentar o seu peso morto. Eu digitei alguns números na minha calculadora, em seguida transcrevi a minha resposta no notebook, repetindo em voz alta na minha mente para bloquear os pensamentos sobre a Mão Negra.

As cinco, liguei para minha mãe, que estava em New Hampshire. —O check-in—, eu disse, —Como está o trabalho?

—O mesmo de sempre. E você?

—Estou no Enzo's tentando estudar, mas o smoothie de manga continua me chamando.

—Agora você está me deixando com fome.

—Fome o suficiente para você voltar para casa?

Ela deu um daqueles suspiros —está fora do meu controle—. — Eu queria poder. Nós faremos waffles e smoothies para o lanche no sábado.

As seis, Vee me ligou e me disse para encontrá-la na academia. Às sete e meia ela me deixou em casa. Tinha acabado de tomar banho e estava em frente à geladeira, caçando as sobras que minha mãe tinha guardado ontem antes de sair, quando ouvi baterem na porta da frente. Eu olhei pelo olho mágico. Do outro lado da porta, Scott Parnell fez um sinal de paz.

—Batalha de Bandas—, eu disse em voz alta, batendo a palma da minha mão na testa. Eu havia esquecido completamente de cancelar. Olhei para minhas calças de pijama e gemi.

Após uma tentativa frustrada de arrumar meu cabelo molhado, virei à chave e abri a porta.

Scott olhou meu pijama. —Você esqueceu.

—Você está brincando? Eu estava ansiosa o dia inteiro, estou apenas um pouco atrasada—, apontei sobre meu ombro em direção à escada. —Vou me vestir, porque não...esquenta alguma coisa para comer? Tem um pote com tampa azul na geladeira.

Subi as escadas num pulo, fechei a porta do quarto, e liguei para

Vee.

—Eu preciso de você agora—, disse. —Estou indo para batalha de bandas com Scott.

—E o objetivo dessa ligação é me deixar com ciúmes?

Coloquei minha orelha na porta. Parecia como se Scott estivesse abrindo e fechando os armários da cozinha. Por tudo que sabia, ele deveria estar procurando prescrição para drogas ou cerveja. Ele iria se decepcionar em ambos os casos, no máximo ele iria achar as minhas pílulas de ferro. — Não estou tentando fazer você ficar com ciúmes, apenas não quero ir sozinha com ele.

—Então diga que não pode ir.

—A questão é...eu meio que quero ir.— Eu não fazia ideia de onde veio esse desejo repentino. Tudo o que eu sabia é que não queria passar essa noite sozinha. Eu enchi meu dia de deveres, depois segui para a academia, e a última coisa que queria era ficar em casa hoje à noite e fazer uma lista de tarefas para o final de semana. Eu estive bem o dia todo. Eu merecia um pouco de diversão. Scott não era o melhor acompanhante do mundo, mas ele não estava morto, ainda. —Você vem ou não?

—Eu tenho que admitir, parece bem melhor do que ficar conjugando verbos em espanhol a noite toda em meu quarto. Vou chamar Rixon e ver se ele quer ir também.

Eu desliguei e fiz um rápido inventário do meu armário. Eu decidi por uma blusa de seda clara, uma mini saia, meias opacas e sapatilha de balé. Pulverizei um pouco de perfume e fui ao encontro da nuvem que se formou. No fundo da minha mente, eu me perguntava por que estava gastando tanto tempo para me arrumar para Scott. Ele não tinha futuro nenhum, não tínhamos nada em comum, e na maioria das nossas breves conversas trocamos alguns insultos. E não era só isso, Patch tinha me dito para ficar longe dele. E isso quando ele estava brigando comigo. Por algum motivo fiquei atraída por Scott, motivos de natureza psicológica, com contestação e vingança envolvidos. E tudo apontava para Patch.

Eu via isso assim, poderia fazer duas coisas: Ficar em casa e deixar Patch ditar a minha vida ou minha vida de escola —boa garota ter um pouco de diversão. E mesmo não querendo muito admitir, tinha esperanças de o Patch descobrir que fui à

batalha de bandas com Scott. Eu esperava que o pensamento de mim com outro cara o deixasse maluco.

Opinião formada, eu joguei minha cabeça pra frente, secando o meu cabelo o suficiente para definir meus cachos e segui para a cozinha.

—Pronto—, disse Scott

Ele me deu uma segunda olhada de cima para baixo, mas dessa vez me senti mais autoconfiante. —Está bonita, Grey—, avaliou.

—Igualmente—, sorri, sendo um pouco simpática, mas fiquei nervosa. Que ridículo esse era Scott. Nós éramos amigos. Nem mesmo amigos, apenas conhecidos.

—A consumação mínima é de dez dólares.

Fiquei parada por um momento. —Ah. Eu sabia disso. Podemos parar em um banco no caminho?— Eu tinha cinquenta dólares que ganhei de aniversário e estava depositado na minha conta corrente. Eu já tinha destinado para comprar do Cabriolet, mas retirar apenas dez dólares não iria arruinar meus planos. No ritmo que eu estava guardando, eu não seria capaz de comprá-lo antes do meu vigésimo quinto aniversário, de qualquer forma.

Scott jogou uma carteira de motorista do Maine no balcão, com a minha foto do anuário

copiado por ele. —Marlene, OK?

Marlene?

—Eu não estava brincando sobre a identidade falsa, Você não está pensando em desistir, não é?— ele sorriu como se soubesse exatamente quanto a

minha pressão arterial tinha aumentado com a simples ideia de usar uma ID ilegal, e ele apostou todo o seu dinheiro que eu daria pra trás em cinco segundos.

Quatro, três, do...

Peguei a ID do balcão. —Pronto.

Scott dirigiu o Mustang pelo centro de Coldwater até o lado oposto da cidade, algumas estradas sinuosas para trás e todo trilho do trem. Ele parou em frente a um armazém de tijolos invadindo por ervas daninhas que entrelaçavam a fachada. Uma longa fila de pessoas aguardava na frente da porta. Pelo que eu podia reparar, as janelas haviam sido cobertas por dentro com papel preto, mas por algumas brechas eu vi um pedaço de luz estroboscópica. Uma placa de neon por cima da porta brilhava com as palavras THE DEVIL'S HANDBAG.

Eu já tinha vindo a essa parte da cidade uma vez, na quarta série, quando meus pais me levaram e Vee para uma casa assombrada numa encenação de Halloween. Eu nunca tinha visto o Devil's Handbag, mas tinha certeza que apenas olhando que minha mãe odiaria me ver aqui. A descrição que Scott fez daqui veio em minha memória. Música alta espontânea. Multidão incontrolável. Muito sexo escandaloso nos banheiros. Cara!

—Eu te levar daqui—, disse Scott, na direção da rua. — Encontre-nos bons lugares. Perto do palco, no centro.— Desci e fui atrás da fila. Com toda honestidade eu nunca fui a um clube que cobrasse couvert antes. Eu nunca fui a um clube, ponto. Minha vida noturna era composta de filmes e Baskin-Robbins com Vee. Meu celular tocou o ringtone de Vee.

—Eu ouço uma música de fundo, mas tudo o que eu vejo são trilhos de trem e alguns vagões abandonados.

—Você está a alguns quarteirões. Você está com ou sem o

Neon?

—Com o Neon

—Eu vou te encontrar.

Saí da fila, que foi crescendo a cada minuto. No fim do quarteirão, dobrei a esquina, indo em direção ao caminho que Scott tinha feito para chegar aqui. A calçada estava rachada e desigual, em razão de anos de abandono. E com os postes colocados um pouco distantes entre si, por isso tive que diminuir meu passo para evitar tropeços.

Os armazéns na parte de baixo do quarteirão eram escuros e as janelas como olhos vazios.

Os armazéns viraram moradias cobertas de pichações nos tijolos. Mais de cem anos atrás, esse foi o centro de Coldwater. Hoje não é mais assim. A lua lançou uma luz misteriosa e transparente sobre o cemitério de edifícios. Eu cruzei os braços apertados e andei mais rápido. Há dois quarteirões de distância, uma forma se materializou na névoa escura.

—Vee?

A figura continuou em minha direção, de cabeça baixa, mãos escondidas. Não era Vee, mas um homem alto e esguio, com ombros largos e um jeito de andar levemente familiar. Não me sentia exatamente confortável por estar sozinha nesse trecho da calçada com um desconhecido, peguei meu celular no meu bolso. Eu estava prestes a ligar para Vee e saber sua localização exata, quando o homem passou por um poste de luz na rua. Ele estava usando a jaqueta de couro do meu pai.

Parei.

Completamente indiferente a mim, ele subiu um lance de escadas para a direita e desapareceu dentro de uma das moradias abandonadas.

Senti um frio na nuca. —Pai?

Num movimento automático, atravessei a rua sem olhar para os lados, sabendo que não havia nenhum. Quando eu cheguei ao sobrado eu tinha a certeza de que ele havia entrado. Eu tentei a porta dupla alta. Fechada. Apertei os punhos, batendo nas portas, sem resposta. Coloquei minhas mãos ao redor dos meus olhos e tentei espiar pelas janelas ao lado da porta. As luzes estavam apagadas, eu podia ver alguns móveis cobertos por lençóis claros. Meu coração estava batendo descompassado. Era meu pai vivo? Durante todo esse tempo, será que ele tinha vivido aqui?

—Pai!— eu chamei através do vidro. —Sou eu, a Nora

No topo da escadaria no interior do sobrado, os sapatos desapareceram no corredor. —Papai!— Eu gritei através do vidro. —Estou aqui fora!

Eu recuei, com a cabeça inclinada para cima, olhando para as janelas do segundo andar, olhando sua sombra passar.

A entrada dos fundos. O pensamento me veio à mente, eu imediatamente fui até lá. Desci as escadas, escorregando para o corredor estreito entre essa casa e a vizinha. Claro, se a porta de trás estivesse aberta, eu poderia entrar e ver meu pai.

Mai uma vez senti um frio na nuca. O frio vinha da ponta dos pés e passava por minha coluna, momentaneamente me paralisando. Eu estava no final da passagem estreita, olhos fixos no quintal. Arbustos balançando docilmente pela brisa. O portão aberto rangeu as dobradiças. Muito lentamente, me afastei, não confiando no silêncio. Não acreditava que estivesse sozinha, eu já tinha me sentido assim antes, sempre sinalizando perigo.

Nora, não estamos sozinhos. Alguém mais está aqui. Volte!

—Pai?— Eu sussurrei, minha mente disparada.

Vá encontrar Vee. Você precisa sair! Vou encontrá-la novamente. Depressa!

Não me importava com o que ele estava dizendo, eu não estava saindo. Não até saber o que estava acontecendo. Não até vê-lo. Como eu poderia sair daqui? Ele estava aqui. Uma vibração de entusiasmo e alívio nervos borbulhou dentro de mim, encobrindo qualquer medo que estivesse sentindo.

—Pai? Onde você está?

Nada

—Pai?— Tentei novamente. —Não vou sair

Dessa vez houve uma resposta.

A porta dos fundos está destrancada.

Toquei minha cabeça, sentindo as palavras ecoando dentro dela. Algo estava diferente em sua voz agora, mas não o bastante para não reconhecê-la. Ligeiramente mais fria, mais nítida, talvez?

—Pai?— Sussurrei baixo.

Estou aqui dentro.

Sua voz era mais alta, real. Não só na minha mente agora, mas nos meus ouvidos também. Me virei para a casa, certa de que ele falava através da janela. Cortando caminho, eu tentei colocar minhas mãos no vidro. Eu desesperadamente queria que fosse ele, mas ao mesmo tempo, senti um frio na barriga, surgindo em toda a minha pele, me avisando que aquilo poderia ser um truque. Uma armadilha.

—Pai?—, minha voz tremeu. —Estou com medo.

Do outro lado do vidro, um espelho meu, cinco pontas de dedos alinhando-se com os meus. No dedo anelar estava à aliança de casamento do meu pai. Meu sangue bombeou tão depressa que me senti tonta. Era ele. Meu pai estava a alguns centímetros de distância. Vivo.

Entre. Não vou machucar você. Venha, Nora.

A urgência em suas palavras me assustou. Eu agarrei a janela, tentando achar a trava, precisava desesperadamente me jogar em seus braços e impedi-lo de ir embora novamente. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu pensei em correr até a porta de trás, mas não conseguia deixá-lo, mesmo que por alguns segundos. Eu não podia perdê-lo novamente.

Bati minha mão na janela, mais forte dessa vez. —Estou aqui, pai

Desta vez, o vidro ficou fosco ao meu toque e minúsculas fibras de gelo ramificavam em

todo o vidro com um barulho frágil e crepitante. Afastei meu braço com o frio repentino, mas minha pele estava grudada ao vidro congelado. Chorando, tentei me libertar usando a outra mão. A mão do meu pai passou pelo vidro em torno da minha, me segurando para que eu não conseguisse sair. Ele me puxou para frente segurando minha roupa, meu braço inexplicavelmente desaparecendo da janela. Meu reflexo apavorado pareceu novamente, com minha boca aberta comecei a gritar. O único pensamento que veio a minha cabeça é que aquele não poderia ser meu pai.

—Socorro— Eu gritei. —Vee! Você pode me ouvir? Socorro!

Inclinando meu corpo de lado, tentei usar meu peso para me libertar. A dor aguda cortava meu antebraço, uma facada explodiu em minha mente com tal intensidade que pensei que minha cabeça estivesse partida em duas. O fogo lambeu meu antebraço, ele estava me cortando.

—Pare!— Gritei —Você está me machucando!

Senti sua presença por toda a minha mente, sua própria visão ofuscando a minha. Avia sangue por toda parte. Preto, escorregadio...e meu. A bile passou pela minha garganta.

—Patch!— Eu gritei para a noite com nada menos do que terror e absoluto desespero.

A mão se dissolveu em torno da minha. Caí para trás no chão. Instintivamente, segurava meu braço ferido contra a minha blusa para estancar o sangramento, mas para minha surpresa, não havia sangue e nenhum corte.

Engolindo o ar, eu olhava para a janela. Perfeitamente intacta, refletindo as árvores atrás de mim, balançando para frente e para trás no vento da noite. Corri cambaleando para a calçada. Corri na direção do Devil's Handbag, virando para olhar sobre meus ombros a cada passo. Eu esperava ver meu pai —ou seu sócia —aparecer das casas abandonadas segurando uma faca, mas a calçada estava vazia.

Eu virei para frente para atravessar a rua e num piscar de olhos esbarrei com uma pessoa na minha frente.

—Ai está você—, disse Vee, estendendo a mão para me segurar quando sufoquei um grito. —Achei que tínhamos nos desencontrado. Eu fui até o Devil's Handbag e voltei para trás para te encontrar. Você está bem? Você está olhando com se fosse vomitar.

Eu não queria ficar na esquina pensando sobre o que havia acontecido na casa abandonada, me lembrava do que aconteceu com Chauncey e o Neon. Momentos depois o carro tinha voltado ao normal, não deixando nenhuma evidência do acidente. Mas dessa vez era o meu pai. Meus olhos ardiavam, meu queixo tremia enquanto falava. —Eu pensei ter visto meu pai novamente.

Vee me abraçou. —Criança

—Eu sei. Ele não era real, não era real.—, repeti, tentando tranquilizar-me. Pisquei várias

vezes seguidas, as lágrimas manchavam a minha visão. Mas ele parecia real. Tão real...

—Você quer falar sobre isso?

O que eu poderia dizer? Que estava sendo assombrada? Alguém estava brincando com minha mente? Fazendo-me de brincado? Um anjo caído? Um Nefilim? O fantasma do meu pai? Ou foi a minha própria mente me traindo? Não foi como da primeira vez que imaginei ver meu pai. Eu pensei que ele pudesse estar querendo se comunicar comigo, mas talvez fosse um mecanismo de autodefesa. Talvez minha mente estivesse me fazendo ver coisas que recusei a aceitar e que se foram para sempre. Eu estava preenchendo o vazio, porque era mais fácil que seguir em frente.

O que quer que tenha acontecido naquela casa abandonada, não era real. Não era meu pai. Ele nunca me machucaria. Ele me amava.

—Vamos voltar para o Devil's Handbag—, eu disse, trêmula. Eu queria me distanciar daquela casa abandonada o mais rápido possível. Mais uma vez disse pra mim mesma, seja que lá quem fosse que tinha visto lá, não era o meu pai.

O eco de batidas das baterias e guitarras que estavam aquecendo para o show ficou mais alto, enquanto meu pânico foi lentamente passando, eu senti meu coração desacelerar. Há algo tranquilizador na ideia de me perder no meio de uma centena de pessoas dentro do armazém. Apesar do eu tinha acontecido, eu não queria ir para casa, eu não queria ficar sozinha, eu queria me perder no meio da multidão. Eu queria isso.

Vee agarrou meu pulso e me perguntou. —É quem estou pensando?

Na metade do quarteirão de cima, Marcie Millar estava subindo em um carro, vestindo um mínimo de tecido preto, curto o suficiente para mostrar suas roupas íntimas. Botas pretas e um chapéu preto complementavam o look. Mas não foi isso que me chamou a atenção. Foi o carro. Um jipe Commander preto brilhando. O motor roncou e o jipe virou a esquina até sair de vista.

—Minha nossa do circo de horror,— Vee sussurrou. —eu acabei de ver isso? Eu realmente acabei de ver a Marcie entrar no Jeep do Patch? — Eu abri a minha boca para dizer algo, mas parecia que alguém tinha enfiado unhas pela minha garganta abaixo.

—Foi só eu,— Vee disse, —ou você conseguiu ver o fio-dental vermelho dela por debaixo do vestido?

—Aquilo não era um vestido,— eu disse, inclinando-me contra uma construção para conseguir suporte.

—Eu estava tentando ser otimista, mas você está certa. Aquilo não era um vestido. Aquilo era um tomara-que-caia esticado para baixo até a bunda ossuda dela. A única coisa que impede que ele volta para sua cintura é a gravidade.

—Acho que vou passar mal,— eu disse, a sensação de unhas-na-garganta se espalhando para o meu estômago.

Vee empurrou os meus ombros, me forçando a sentar num quadrado da calçada. —Respire fundo.

—Ele está saindo com a Marcie.— Era quase horrível demais para acreditar.

—A Marcie dá,— Vee disse. —Essa é a única razão. Ela é uma vaca. Uma rata.

—Ele me disse que não havia nada acontecendo entre eles.

—Patch é muitas coisas, mas honesto não é uma delas.

Eu evitei olhar para a rua de onde o Jeep havia sumido. Eu senti a vontade inexplicável de avançar atrás dele e fazer algo do que eu esperava me arrepender —como estrangular a Marcie com o fio-dental vermelho estúpido dela.

—Isso não é culpa sua,— Vee disse. —Ele foi o canalha que tirou vantagem de você.

—Eu preciso ir pra casa,— eu disse, a minha voz entorpecida. Bem então um carro policial parou perto da entrada da boate. Um policial alto e magro de calça preta e camisa de manga comprida saiu de dentro. A rua estava pesadamente sombria, mas eu o reconheci imediatamente. Detetive Basso. Eu tinha ido parar sob a jurisdição do trabalho dele uma vez antes, e eu não tinha desejo de repetir a performance. Especialmente já que eu tinha bastante certeza de que não estava na sua lista de pessoas favoritas.

O Detetive Basso foi avançando com a ajuda dos ombros até a frente da fila, mostrou seu distintivo para o leão-de-chácara, e entrou sem diminuir o passo.

—Uau,— Vee disse. —Aquele é um policial?

—Sim, e ele é velho demais, então nem pense nisso. Eu quero ir pra casa. Onde você estacionou?

—Ele não parece ter muito mais que trinta. Desde quando trinta anos é velho demais?

—O nome dele é Detetive Basso. Ele me interrogou depois do incidente com o Jules na escola.— Eu amava como eu ficava me referindo a isso como um incidente, ao invés do que realmente era. Tentativa de assassinato.

—Basso. Gostei disso. Curto e sexy, exatamente como o meu nome. Ele te revistou?

Eu lhe lancei um olhar lateral, mas ela já estava encarando a porta pela qual ele tinha passado. —Não. Ele me interrogou.

—Eu não me importaria de ser algemada por ele. Só não diga isso ao Rixon.

—Vamos. Se a polícia está aqui, algo de ruim vai acontecer.

—Ruim é o meu nome do meio,— ela disse, entrelaçando seu braço pelo meu e me arrastando em direção à entrada do depósito.

—Vee—

—Tem provavelmente duzentas pessoas dentro. Está escuro. Ele não vai te selecionar na multidão, mesmo se ele se lembrar de você. Provavelmente ele já esqueceu de você. Além do mais, ele não vai te prender —você não está fazendo nada ilegal. Bem, fora todo o negócio da identidade falsa, mas todo mundo faz isso. E se ele realmente quisesse prender todos nesse lugar, ele teria trazido reforços. Um policial não vai controlar essa multidão.

—Como você sabe que eu tenho uma identidade falsa?

Ela me lançou um olhar de —Não sou tão burra quanto pareço.

—Você está aqui, não está?

—Como você planeja entrar?

—Do mesmo jeito que você.

—Você tem uma identidade falsa?— Eu não conseguia acreditar nisso. —Desde quando?

Vee piscou. —Rixon não serve só para beijar. Venha, vamos entrar. Sendo a boa amiga que você é, você nem pensaria em me pedir para sair escondida de casa e violar os termos do meu castigo por nada. Especialmente quando eu já liguei pro Rixon, e ele está a caminho.

Eu resmunguei. Mas isso não era culpa da Vee. Fui eu quem achou que vir aqui hoje à noite era uma boa ideia. —Cinco minutos, mas é só isso.

A fila estava se movendo rapidamente, despejando-se para dentro do prédio, e contra minha decisão, eu paguei o couvert e segui Vee para o depósito escuro, fedorento e ensurdecedor. De um jeito, parecia estranhamente bom estar cercada pela escuridão e pelo barulho; a música era alta demais para se pensar, o que significava que, mesmo se eu quisesse, eu não podia me concentrar no Patch, e no que ele estava fazendo com a Marcie nesse preciso instante.

Havia um bar nos fundos, pintado de preto, com banquetas de metal e luzes pendentes do teto, e Vee e eu deslizamos nas últimas duas banquetas vagas.

—Identidade?— o cara atrás do bar perguntou.

Vee balançou sua cabeça. —Só uma coca diet, por favor.

—Eu vou querer uma cherry coke,— eu acrescentei.

Vee cutucou as minhas costelas e se inclinou de lado. —Viu isso? Ele pediu para ver as nossas identidades. Isso não é incrível? Aposto que ele queria saber os nossos nomes, mas estava com vergonha demais para perguntar.

O bartender encheu dois copos e deslizou-os pela bancada, onde eles pararam diretamente na nossa frente.

—Esse é um truque legal,— Vee gritou para ele sobre a música. Ele lhe mostrou o dedo do meio e moveu-se para o próximo cliente.

—Ele era baixo demais para mim, de qualquer jeito,— ela disse.

—Você viu o Scott?— eu perguntei, sentando reta na minha banquetta pra tentar ver sobre a multidão. Ele deveria ter tido tempo o bastante para estacionar por ora, mas eu não o via. Talvez ele não tenha querido usar um parquímetro e tinha dirigido para mais longe para achar uma vaga de estacionamento livre. Ainda assim. A menos que ele tenha estacionado há três quilômetros, e isso parecia altamente improvável, ele deveria estar por aqui.

—Uh-oh. Adivinha quem acabou de entrar?— Os olhos da Vee estavam fixados sobre o meu ombro, e sua expressão transformou-se numa carranca. —Marcie Millar, ela mesma.

—Achei que ela tinha ido embora!— Um choque de raiva queimou dentro de mim. —O Patch está com ela?

—Negativo.

Eu endireitei meus ombros e me sentei ainda mais reta. —Eu estou calma. Eu consigo lidar com isso. É bem provável que ela nem nos veja. E mesmo que ela veja, ela não vai vir conversar.— E mesmo que nenhuma parte de mim acreditasse nisso, eu acrescentei, — Provavelmente tem alguma explicação deturpada para ela ter entrado no Jeep dele.

—Exatamente como tem uma explicação deturpada para ela estar usando o boné dele?

Eu espalmei minhas mãos no bar e girei. De fato, Marcie estava acotovelando a multidão para passar, seu rabo de cabelo loiro-morango jorrando da parte de trás do boné de beisebol do Patch. Se isso não era uma evidência de que eles estavam juntos, eu não sabia o que seria.

—Eu vou matá-la,— eu disse para a Vee, me virando para encarar o bar, agarrando a minha cherry coke, o calor subindo nas minhas bochechas.

—É claro que você vai. E aqui está a sua chance. Ela está vindo direto para cá.

Um instante mais tarde, Marcie ordenou ao cara do lado que saísse de seu assento e se empoleirou no alto dele. Ela tirou o boné do Patch e balançou seu cabelo, então pressionou o boné em seu rosto, inalando profundamente. —Ele não tem um cheiro maravilhoso?

—Ei, Nora,— Vee disse, —o Patch não estava com piolho semana passada?

—O que é?— Marcie perguntou retoricamente. —Grama recém-cortada? Um tempero exótico? Ou talvez... menta?

Eu abaixei meu copo com um pouco de força demais, e um pouco da cherry coke aspergiu no bar.

—Isso é bastante ecologicamente correto da sua parte,— Vee disse à Marcie. —Reciclar o lixo velho da Nora.

—Lixo gostoso é melhor que lixo gordo,— Marcie disse.

—Engorda isso,— Vee disse, e ela pegou minha cherry coke e a atirou em Marcie. Mas alguém na multidão deu um encontrão em Vee por trás, então invés de velejar diretamente para a Marcie, a coca se espalhou e respingou em nós três.

—Olha o que você fez!— Marcie disse, pulando de sua banqueta tão duramente que ela derrubou-a. Ela limpou a coca em seu colo.

—Esse vestido é um Bebe! Você sabe quanto custa? Duzentos dólares.

—Não vale mais tanto assim,— Vee disse. —E não sei do que você está reclamando. Aposto que você roubou de uma loja.

—É? E daí? O que quer dizer com isso?

—Com você, o exterior reflete o interior. E o exterior é barato. Nada diz 'barato' como roubar de lojas.

—Nada diz 'gorda' como um queixo duplo.

Os olhos da Vee se estreitaram. —Você está morta. Você está me escutando? Morta.

Marcie deslocou os olhos para a minha direção. —A propósito, Nora, achei que você

gostaria de saber. Patch me disse que ele terminou com você porque você não era vadia o bastante.

Vee bateu na lateral da cabeça de Marcie com sua bolsa de mão.

—Por que isso?— Marcie berrou, agarrando sua cabeça.

Vee bateu em sua outra orelha. Marcie cambaleou para trás, os olhos confusos, mas se estreitando rapidamente. —Sua pequena-,— ela começou.

—Parem!— eu gritei, me colocando entre elas e levantando meu braços. Nós tínhamos atraído à atenção da multidão, e as pessoas estavam arrastando-se mais para perto, seu interesse provocado pela perspectiva de uma luta de garotas. Eu não ligava para o que acontecesse com a Marcie, mas era uma questão diferente com a Vee. Era provável que, se ela se metesse numa briga, o Detetive Basso levasse-a para a delegacia. Combinando com o fato de sair escondida de casa, eu não achava que um tempo na cadeia iria cair bem com os pais dela. —Vamos todas simplesmente recuar. Vee, vá pegar o Neon. Te espero do lado de fora.

—Ela me chamou de gorda. Ela merece morrer. Você mesma disse.— A respiração da Vee estava alardeado.

—Como você planeja me matar?— Marcie zombou. — Sentando em mim?

E foi quando tudo foi de mal a pior. Vee pegou a sua própria coca do bar e levantou seu braço, mirando para jogar.

Marcie se virou para correr, mas na pressa, tropeçou para trás sobre sua banquetta caída e tombou no chão. Eu rodei até a Vee, esperando neutralizar qualquer violência a mais, quando meu joelho foi chutado por trás. Eu caí, e assim que me dei conta, Marcie estava em cima de mim, sentando de perna aberta em cima de mim.

—Isso é por roubar o Tod Bérot de mim na quinta série,— ela disse, me dando um soco no olho.

Eu uivei e agarrei o meu olho. —Tod Bérot?— eu gritei. —Do que está falando? Isso foi na quinta série!

—E isso foi por colar aquela foto minha com uma espinha gigante no queixo na página da frente do eZine ano passado!

—Não fui eu!

Está bem, talvez eu tivesse um pouco de influência na seleção das fotos, mas não era como se eu fosse a única. E, de qualquer jeito, Marcie estava remoendo isso por minha causa? Um ano não era um pouco demais para se agarrar a um rancor?

Marcie gritou, —E isso é por causa da vagabunda da sua—

—Você é louca!— Dessa vez eu bloqueei o ataque e consegui agarrar a perna da banquetta

mais próxima e derrubá-la em cima dela.

Marcie empurrou a banquetta para longe. Antes que eu pudesse me firmar, ela pegou uma bebida de um transeunte e derramou-a sobre mim.

—Olho por olho,— ela disse. —Você me humilha, eu te humilho.

Eu limpei coca dos meus olhos. Meu olho direito radiava dor onde Marcie tinha me dado um soco. Eu senti a contusão se espalhando sob a minha pele, me tatuando de azul e roxo. Meu cabelo pingava coca, minha melhor veste de baixo estava despedaçada, e eu me sentia desmoralizada, batida... e rejeitada. Patch tinha partido para a Marcie Millar.

E a Marcie tinha acabado de enfatizar o fato.

Meus sentimentos não eram uma desculpa pelo que eu fiz depois, mas eram definitivamente um catalisador. Eu não fazia ideia de como brigar, mas fechei minhas mãos em punhos e bati na mandíbula da Marcie. Por um instante a expressão dela ficou congelada de surpresa. Ela fugiu de mim, segurando sua mandíbula com as duas mãos, olhando boquiaberta para mim. Animada pela minha pequena vitória, eu disparei contra ela, mas parei bruscamente porque alguém me pegara pelas axilas, me rebocando para cima.

—Cai fora daqui agora,— Patch disse no meu ouvido, me arrastando em direção às portas.

—Eu vou matá-la!— eu disse, lutando para me desvencilhar dele.

Uma multidão unida se fechou ao nosso redor, entonando, — Briga! briga! briga!— Patch tirou-os do caminho e me arrastou. Atrás do Patch, Marcie ficou de pé e me mostrou o dedo do meio. Seu sorriso era presunçoso, suas sobrancelhas estavam erguidas. A mensagem era clara: Manda ver.

Patch me lançou para a Vee, então voltou e fechou uma mão sobre o braço da Marcie. Antes que eu pudesse ver onde ele havia a levado, Vee me arrastou em direção à saída mais próxima. Nós saímos no beco.

—Por mais divertido que seja ver você brigar com a Marcie, eu achei que provavelmente não valia a pena você passar uma noite na cadeia por isso,— Vee disse.

—Eu odeio ela!— Minha voz ainda soava histérica.

—O Detetive Basso estava avançando pela multidão quando o Patch te tirou de cima dela. Achei que essa era a minha deixa para intervir.

—Para onde ele levou a Marcie? Eu vi o Patch pegá-la.

—Importa? Com sorte ambos serão assaltados no centro.

Nossos sapatos trituram o cascalho enquanto corríamos pelo beco na direção de onde Vee tinha estacionado. As luzes azuis e vermelhas de um carro patrulha retalharam a abertura do beco, e Vee e eu nós pressionamos contra o depósito.

—Bem, isso foi emocionante,— Vee disse, assim que estávamos trancadas dentro do Neon.

—Ah, é, com certeza,— eu disse pelos meus dentes cerrados. Vee lambeu meu braço. — Você está com um gosto muito bom. Você está me deixando com sede, cheirando a cherry coke e tudo mais.

—Isso é culpa sua!— eu disse. —Foi você quem jogou a minha coca na Marcie! Se não fosse por você, eu não teria me metido numa briga.

—Briga? Você ficou deitada ali e levou. Você devia ter feito o Patch te ensinar alguns movimentos antes de terminar com ele.

Meu celular estava tocando, e eu o arranquei da minha bolsa.

—O quê?— eu repreendi. Quando ninguém respondeu, eu percebi que eu estava tão estimulada que tinha confundido o toque da mensagem de texto com uma chamada de verdade.

Uma mensagem não-lida estava esperando por mim de um número desconhecido. FIQUE EM CASA HOJE À NOITE.

—Isso é assustador,— Vee disse, inclinando-se de lado para ler. —Para quem você anda dando seu número?

—Provavelmente era um erro de digitação. Provavelmente era para outra pessoa.— É claro, eu estava pensando naquela casa abandonada, no meu pai, e na visão que eu tivera dele cortando meu braço.

Eu joguei meu celular na minha bolsa aberta aos meus pés e curvei a minha cabeça em minhas mãos. Meu olho palpitava. Eu estava assustada, sozinha, confusa, e prestes a chorar incontrolavelmente.

—Talvez seja o Patch,— Vee disse.

—O número dele nunca apareceu como desconhecido antes. É uma pegadinha.— Se eu ao menos pudesse me forçar a acreditar nisso. — Podemos ir? Preciso de Tylenol.

—Acho que devíamos ligar para o Detetive Basso. A polícia ama esse tipo de porcaria assustadora de perseguidores.

—Você só quer ligar para ele para poder flertar com ele.

Vee engrenou o Neon. —Só estou tentando ser prestativa.

—Talvez você devesse ter tentado ser prestativa há dez minutos quando jogou a minha bebida na Marcie.

—Pelo menos eu tive coragem de fazer isso.

Eu me virei no meu assento, lançando lhe o poder todo do meu olhar. —Você está me

acusando de não enfrentar a Marcie?

—Ela roubou o seu namorado, não foi? É claro, ele me dá dor de dente de tanto medo, mas se a Marcie roubasse o meu namorado, as consequências seriam terríveis.

Eu apontei um dedo firme para a rua. —Dirija!

—Sabe do que mais? Você realmente precisa de um namorado novo. Você precisa de uma boa e velha sessão de amassos para te suavizar.

Por que todos achavam que eu precisava de um namorado novo? Eu não precisava de um namorado novo. Eu tinha tido namorados o bastante para durar uma vida toda. A única coisa para a qual um namorado servia era para um coração quebrado.

10

Uma hora depois, eu tinha comido um lanche de creme de queijo gelado com biscoitos, arrumei a cozinha, e assisti um pouco de televisão. Em um canto obscuro da minha mente, eu não conseguia esquecer a mensagem de texto avisando-me para ficar em casa essa noite. Era mais fácil encarar como uma injúria ou brincadeira, enquanto eu estava sã e salva dentro do carro da Vee, mas agora que estava sozinha, eu não estava me sentindo tão confiante. Eu considerei tocar um pouco de Chopin para quebrar o silêncio, mas eu não queria prejudicar a minha audição. A última coisa que eu precisava era alguém se esgueirando atrás de mim...

Lutaremos juntos! Ordenei a mim mesma. Ninguém vai se acovardar para cima de você.

Depois de um tempo, quando nada de bom estava passando na TV, eu subi até meu quarto. Meu quarto estava, para todos os efeitos, limpo, então eu fui arrumar meu armário por cores, tentando me manter ocupada, por isso não cairia no sono. Nada me tornaria mais vulnerável quanto dormindo, eu queria adiá-la o maior tempo possível. Tirei a parte superior da minha escrivaninha, em seguida, organizei meus livros em ordem alfabética. Convenci-me de que nada de ruim estava para acontecer. Provavelmente, iria acordar amanhã e perceber o quanto foi ridícula essa paranoia.

Então novamente, talvez a mensagem era de alguém que queria cortar a minha garganta enquanto eu dormia. Em uma noite assustadora como essa, nada muito forçado para acreditar.

Algum tempo depois, acordei no escuro. As cortinas ondulavam quando o ventilador oscilava na direção delas. A temperatura do ar estava muito quente, e meus trajes sumários agarrou-se à minha pele, mas eu estava prestando atenção nesse cenário limite, sequer pensando em abrir a janela. Olhando para todos os lados, eu piscava para os números do meu relógio. Apenas tímidas três horas da manhã.

Uma raiva ecoou do lado direito do meu crânio, meu olho estava inchado e fechado. Liguei todas as luzes da casa, desci descalça, abri o congelador e coloquei uns cubos de gelo dentro de um saco plástico. Dei uma olhada no espelho do banheiro e gemi. A contusão violenta estava roxa e vermelha da minha sobrelha até a minha bochecha.

—Como pude deixar isso acontecer?— Eu perguntei em silêncio.

—Como você pode deixar Marcie bater em você?

Sacudi as duas últimas cápsulas de Tylenol gel do frasco, que estava dentro do armário espelhado, engoli, e voltei para a cama. O gelo picado em volta do machucado deu um arrepio em mim. Enquanto eu esperava o Tylenol fazer efeito, eu lutava com a imagem na minha mente de Marcie subindo dentro do jipe do Patch. A imagem reproduzida, rebobinava e reproduzia novamente. Eu virava na cama, dobrei o travesseiro na minha cabeça para ver se a imagem

desaparecia, mas estava fora do meu alcance, ela continuava a me chatear.

O que deve ter sido uma hora mais tarde, meu cérebro desgastou-se pensando em todas as formas criativas que eu gostaria de matar os dois, Marcie e Patch, e eu peguei no sono.

Eu acordei ao som de uma fechadura sendo aberta.

Abri os olhos, mas encontrei a minha visão embaçada em preto e branco, da mesma forma de quando tinha sonhado com a Inglaterra, há centenas de anos. Tentei piscar para minha visão voltar ao normal, mas meu mundo ficou da cor de fumaça e gelo.

Lá embaixo, a porta da frente foi aberta facilmente rangendo baixo.

Eu não estava esperando minha mãe em casa até a manhã de sábado, o que significava que era um estranho.

Eu dei uma olhada ao redor à procura de algo que pudesse usar como arma. Alguns retratos arrumados na cabeceira, junto com o abajur.

Passo a passo caminhava suavemente pelo piso de madeira do corredor. Segundos depois ele estava nas escadas. O intruso não parava para ouvir os sinais de que tinha sido ouvido. Ele sabia exatamente onde estava indo. Rolei silenciosamente para fora da cama, e peguei a minha calça que estava jogada no chão. Apertei-a entre as minhas mãos e encostei minhas costas contra a parede atrás da porta do meu quarto, um suor pegajoso impregnou a minha pele. Estava tão quieto que podia ouvir minha própria respiração.

Ele entrou pela porta, e eu joguei minha calça em volta do pescoço dele, puxando para trás com toda minha força. Lutamos um pouco antes de ser jogada para frente, ficando cara a cara com Patch.

Ele olhou para as calças que ele tinha confiscado de mim. — Quer explicar?

—O que você está fazendo aqui?—, Perguntei, minha respiração elevada. Eu juntei as coisas. —Era sua mensagem anterior? Pedindo-me para ficar em casa hoje à noite? Desde quando seu número é privado?

—Eu tive que arrumar outra linha. Algo mais seguro.

Eu não quero saber. Que tipo de pessoa precisava de tantos segredos? De quem o Patch tinha medo que escutasse as ligações? Os anjos?

—Alguma vez lhe ocorreu bater?— Eu disse, meu pulso ainda martelando. —Eu pensei que você fosse outra pessoa.

—Esperava mais alguém?

—Devido aos fatos, sim!— Um psicopata anônimo me enviou uma mensagem dizendo para eu me tornar acessível.

—É depois das três,— Patch disse. —Quem você está esperando não parece ser tão excitante, afinal você caiu no sono.— Ele sorriu. —Você ainda está dormindo—, ele disse parecendo satisfeito. Talvez até aliviado, como se algo que estivesse o intrigando, finalmente, soltou para fora.

Pisquei. Ainda estou dormindo? Do que ele estava falando? Espere. É claro. Isso explicava porque estava vendo tudo sem cores, e ainda estava em preto e branco. Patch não estava no meu quarto, ele estava no meu sonho.

Mas eu estava sonhando com ele, ou ele realmente sabia que estava aqui? Estávamos compartilhando o mesmo sonho?

—Para sua informação, eu dormi esperando Scott.— Não fazia ideia porque eu disse isso, minha boca ficou no caminho do meu cérebro.

—Scott—, repetiu ele.

—Não comece. Eu vi a Marcie subir dentro do seu jipe.

—Ela precisa de uma carona.

Eu fiz aquela pose de mãos-nos-quadril. —Que tipo de carona?

—Não esse tipo de carona—, ele disse lentamente.

—Ah, com certeza! De que cor era a calcinha dela?— Era um teste, e eu realmente esperava que ele falhasse.

Ele não respondeu, mas uma olhada em seus olhos me disse que ele não teria falhado.

Eu marchei para minha cama, peguei um travesseiro e arremessei contra ele. Ele desviou, e o travesseiro bateu na parede. —Você mentiu para mim—, disse. —você me disse que não havia acontecendo nada entre vocês dois, mas quando duas pessoas não têm nada entre eles não trocam de roupas e não entram no carro dos outros á noite vestindo com o que poderia se passar como uma lingerie!— de repente eu estava consciente de minhas próprias roupas, ou a falta delas. Fiquei a metros de distância de Patch com nada mais do que uma blusinha de alcinhas e calcinha. Bem, não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso agora.

—Trocas de roupas?

—Ela estava usando seu boné!

—Ela estava tendo um dia ruim com o cabelo.

Meu queixo caiu. —É isso que ela te disse? E você caiu na dela?

—Ela não é tão ruim quanto você a faz parecer—, ele se limitou a dizer.

Apontei o dedo para o meu olho. —Não é tão ruim assim? Vê isso? Ela me fez isso! O que

você está fazendo aqui?— perguntei novamente, com a minha raiva em ebulição.

Patch encostou-se à mesa e cruzou os braços. —Eu vim para ver o que você estava fazendo.

—Mais uma vez, eu tenho um olho roxo, obrigada por perguntar,— eu respondi.

—Precisa de gelo?

—Eu preciso que você saia do meu sonho!— eu peguei uma segunda almofada e joguei violentamente para ele. Desta vez, ele pegou.

—O olho preto do Devil's handbag. Marcou território.

Ele empurrou o travesseiro de volta para mim, como para enfatizar a sua opinião.

—Você está defendendo Marcie?

Ele balançou a cabeça. —Eu não preciso. Ela sabe se cuidar sozinha. Você, por outro lado...

Apontei para a porta. —Fora

Quando vi que ele não se mexia, eu marchei com o travesseiro contra ele. —Eu disse para você sair do meu sonho, você está mentindo, traidores.

Ele lutou para tirar o travesseiro do meu alcance e me empurrou para trás até que eu fui de encontro à parede, suas botas encostaram-se aos meus dedos. Eu estava recuperando o fôlego para terminar de xingá-lo do pior nome que eu pudesse pensar, quando Patch agarrou o cós da minha calcinha e puxou-me para mais perto dele. Seus olhos estavam num líquido escuro, sua respiração lenta e profunda. Eu fiquei assim, suspensa entre ele e a parede, meus batimentos aceleraram quando tomei consciência do seu corpo e do perfume masculino de couro e menta que emanava da sua pele. Eu senti minha resistência começar a degradingolar. De repente, sem obedecer nada além do meu desejo, eu curvei meus dedos em sua camisa puxando-lhe o resto do caminho contra mim. Foi tão bom tê-lo novamente. Eu tinha sentido muita falta dele, mas eu não tinha percebido o quanto até esse momento.

—Não faça eu me arrepender disso—, disse, sem fôlego.

—Você não se arrependeu uma única vez— ele me beijou, e eu respondi tão avidamente que pensei que meus lábios iriam machucar. Eu empurrei meus dedos pelos cabelos dele, apertando-lhe mais para perto. Minha boca era toda dele, caótica, selvagem e faminta. Todas as emoções desorganizadas e complicadas que estava sentindo desde o nosso rompimento foram embora e eu afoguei na necessidade louca e compulsiva de estar com ele.

Suas mãos estavam na minha cintura, habilmente deslizando pelas minhas costas para me segurar contra ele. Eu estava presa entre a parede e seu corpo, mexendo nos botões de sua camisa, meus dedos acariciavam seus músculos enrijecidos por baixo.

Eu puxei sua camisa para baixo de seus ombros, com um aviso martelando no meu cérebro de que estava cometendo um erro enorme, mas eu não quis prestar atenção, não queria me aprofundar nesses pensamentos, com medo do que eu poderia encontrar. Eu sabia que estava me preparando para mais dor, mas eu não podia resistir a ele. Tudo o que eu conseguia pensar era que, se Patch estava realmente no meu sonho, esta noite poderia ser nosso segredo. Os arcanjos não poderiam nos ver. Aqui, todas as suas regras viraram fumaça. Poderíamos fazer o que queríamos, eles nunca iriam descobrir. Ninguém poderia.

Patch terminou de se despir, puxando os braços livres a partir das mangas e jogando a camisa para o lado. Eu deslizei minhas mãos ao longo dos seus músculos esculpidos perfeitamente que enviou uma onda de paixão através de mim. Eu sabia que ele não conseguia sentir nada disso fisicamente, mas eu disse a mim mesma que era o amor que o tinha levado até ali. Seu amor por mim. Não me permiti a pensar sobre sua incapacidade de sentir meu toque, ou o quanto aquele encontro realmente significava para ele. Eu simplesmente o queria. Agora. Ele me levantou, eu envolvi minhas pernas em volta de sua cintura. Eu vi seu olhar cortar para a cômoda, para a cama, e o meu coração saltou dentro do peito de desejo. O pensamento racional havia me abandonado. Tudo o que eu sabia é que faria qualquer coisa para deixar de lado toda essa confusão. Tudo estava acontecendo muito rápido, mas toda essa segurança que estávamos sentindo era um bálsamo para todo o frio, iria ferver e derreter tudo que passamos na última semana.

Esse foi meu último pensamento que tive antes de tocar com os meus dedos o lugar onde ficam suas asas.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, eu fui sugada para dentro de sua memória num estalo.

O cheiro de couro liso, sensação das minhas coxas estarem escorregando, percebi que estava no interior do Jeep de Patch, meus olhos haviam se adaptado totalmente à escuridão. Eu estava no banco traseiro, com Patch ao volante e Marcie no

passageiro. Ela usava o mesmo vestido colado e botas de cano alto que eu tinha visto nela a menos de três horas atrás.

Hoje à noite então. A memória de Patch tinha me levado há apenas algumas horas antes.

—Ela arruinou meu vestido—, disse Marcie mexendo no tecido grudado nas suas coxas. —Agora estou congelando. E cheirando a coca-cola de cereja.

—Você quer meu casaco?— Patch perguntou, com os olhos na estrada.

—Onde ele está?

—No banco traseiro.

Marcie soltou o cinto de segurança, colocou um joelho no console e agarrou a jaqueta de couro de Patch no assento ao meu lado. Quando ela voltou para frente, puxou seu vestido pela cabeça e o jogou aos seus pés. Exceto pela calcinha, ela estava completamente nua. Eu

sufoquei um grito na garganta. Ela enfiou os braços na jaqueta dele e fechou o zíper.

—Pegue a próxima à esquerda—, ela instruiu.

—Eu sei o caminho da sua casa—, Patch disse, virando à direita.

—Eu não quero ir para casa. Após dois quarteirões vire à esquerda.

Mais dois quarteirões, e Patch continuou em linha reta.

—Bem, você não é divertido—, disse Marcie com desânimo. —você não está nem um pouquinho curioso para saber aonde eu ia nos levar?

—Está tarde.

—Você está me dispensando?— Ela perguntou timidamente. —Estou levando você para casa, então depois eu volto para a minha.

—Por que não posso ir? —Talvez um dia—, disse Patch.

Oh, sério? Eu queria explodir a casa dele. Isso é muito mais do que consegui!

—Isso não é muito específico—, sorriu Marcie, balançando suas pernas para cima, deixando suas pernas a mostra. Patch não disse nada.

—Amanhã à noite então—, disse Marcie. Fez uma pausa e depois continuou com uma voz aveludada, —Você não tem outro lugar para ir. Eu sei que Nora terminou com você.

Patch apertou as mãos no volante.

—Eu ouvi que ela está com Scott Parnell agora. Você sabe, cara nova. Ele é bonito, mas te trocou por menos.

—Eu realmente não quero falar sobre Nora.

—Que bom, porque eu quero falar sobre nós.

—Eu pensei que você tivesse um namorado.

—A palavra chave nesta frase é tivesse.

Patch virou a direita, subindo o jipe na garagem de Marcie. Ele não desligou o motor. —Boa noite Marcie.

Ela ficou em seu lugar por um momento e depois riu. —Você não vai me acompanhar até a porta?

—Você é uma garota forte e capaz.

—Se meu pai estiver assistindo ele não vai gostar—, disse ela, segurando o colarinho de Patch para ajustá-lo, sua mão permanecendo lá mais do que o necessário.

—Ele não está vendo.

—Como você sabe?

—Confie em mim.

Marcie baixou ainda mais o tom da sua voz, suave e sensual. — Sabe, eu realmente admiro a sua força de vontade. Você me mantém interessada e eu gosto disso. Mas deixe eu ser bem clara. Não estou procurando um relacionamento. Eu não gosto de complicar as coisas, da bagunça. Eu não quero ferir meus sentimentos, sinais confusos, ciúme, eu só quero me divertir. Estou querendo bons momentos. Pense sobre isso.

Pela primeira vez, Patch virou seu rosto em direção dela. —Vou manter isso em mente— disse ele finalmente.

De perfil, vi Marcie sorrir. Ela inclinou-se sobre o console e deu um lento e ardente beijo em Patch. Ele começou a se afastar, depois parou. Em qualquer momento ele poderia ter cortado o beijo, mas ele não fez.

—Amanhã à noite—, Marcie murmurou, afastando-se finalmente. —Na sua casa.

—Seu vestido—, ele disse a ela, para o pedaço de pano úmido no chão.

—Lave e me devolva amanhã à noite— Saiu do jipe e correu para a porta da frente, e entrou em sua casa.

Meus braços se soltaram em volta do pescoço dele. Eu me senti golpeada com o que eu tinha visto. Era como se ele tivesse jogado uma balde de água gelada em mim. Meus lábios estavam inchados por causa dos seus beijos, meu coração inflamado. Patch estava no meu sonho. Estávamos compartilhando-o. De alguma forma era real. A ideia era assustadoramente surreal, no limite do impossível, mas tinha que ter sido verdadeiro. Se ele não estivesse aqui, se ele não estivesse entrado em silêncio e em segredo em meu sonho, eu não poderia ter tocado nas suas cicatrizes e sido arremessada em suas memórias.

Mas eu tinha. A memória estava viva, verdadeira e real demais. Patch pode sentir com a minha reação, que tudo que eu vi não foi bom. Seus estavam braços em volta dos meus ombros, e ele ergueu a cabeça para trás para encarar o teto. —O que você viu?—. Ele perguntou silenciosamente.

O som do meu coração batia forte entre nós.

—Você beijou Marcie,— eu disse, mordendo meus lábios com força para bloquear as lágrimas que estavam brotando.

Ele passou as mãos pelo rosto, em seguida, apertou a ponta de seu nariz.

Diga que é um jogo mental. Diga-me que é um truque. Diga-me que ela tem algum tipo de poder sobre você, que você não tem escolha quando se trata de ficar com ela ou não.

—É complicado.

—Não—, eu disse com uma agitação feroz na minha mente. — Não me diga que é complicado. Nada é mais complicado do que já passamos. O que você ainda quer, um relacionamento com ela?

Seus olhos encontraram os meus —Não é amor.

Um certo vazio me corroeu por dentro. Tudo veio de uma vez só, e eu de repente entendi. Estar com Marcie era uma conquista fácil. Uma autossatisfação. Ele realmente nos via como conquistas. Ele era um jogador. Cada garota era um novo desafio, um link para ampliar novos horizontes. Ele encontrou o sucesso na arte da sedução. Ele não se preocupava com o meio ou o final da história, ele queria apenas o começo. E, assim como todas as outras garotas, eu cometi o grande erro de me apaixonar por ele. No momento que ele soube, ele caiu fora. Bem, ele nunca teria que se preocupar em Marcie confessar o seu amor. A única pessoa que ela amava era ela mesma.

Patch estava agachado, com os cotovelos sobre os joelhos, e o rosto enterrado entre as mãos. —Eu não vim aqui para te machucar.

—Por que você veio? Para brincar nas costas dos Arcanjos? Para me magoar mais do que você já tem feito?— eu não iria esperar uma resposta. Passei minhas mãos pela garganta, arranquei a corrente de prata que ele tinha me dado dias atrás. Ela prendeu na parte de trás do meu pescoço e tive que puxá-la com força, mas não provou tanta dor quanto a que eu já estava sentindo. Eu deveria ter devolvido a corrente no dia em que terminamos, mas percebi um pouco tarde, que até este momento eu não havia desistido. Eu ainda acreditava em nós. Eu tinha a crença de que ainda haveria um meio de fazer um acordo com as estrelas para trazer Patch de volta para mim. Uma total perda de tempo.

Joguei a corrente para ele. —E eu quero o meu anel de volta.

Seus olhos me fitaram por mais um minuto, então ele se inclinou e pegou sua camisa. — Não.

—Como assim não? Eu o quero de volta!

—Você deu pra mim—, disse ele calmamente e gentil.

—Bem, eu mudei de ideia!— Meu rosto estava vermelho, todo o meu corpo quente, com raiva. Ele estava guardando o anel, porque ele sabia o quanto significava para mim. Ele estava o mantendo, porque apesar de ter se tornado anjo da guarda, sua alma continuava tão negra quanto o dia em que o conheci. E meu maior erro foi querer acreditar no contrário. —Eu te dei quando eu era estúpida o suficiente para pensar que te amava! — estendi a minha mão. —Me devolva, agora.— Eu não podia suportar a ideia de perder o anel do meu pai para Patch. Ele não merecia isso. Ele não merece ter uma lembrança real do meu amor verdadeiro.

Ignorando meu pedido, Patch saiu.

Abri os olhos.

Eu ascendi à lâmpada, a minha visão estava novamente colorida. Sentei-me, um flash quente de adrenalina percorreu pelo meu corpo. Coloquei a minha mão no pescoço para sentir a corrente de prata que Patch havia me dado, mas ela não estava lá.

Passei as mãos pelo lençol enrugado, pensando que houvesse caído enquanto eu dormia. Mas ela não estava mais comigo.

O sonho foi real. Patch tinha descoberto uma maneira de estar comigo enquanto eu dormia.

Na segunda depois da escola, a Vee me deixou na biblioteca. Eu fiquei um instante do lado de fora da entrada para ligar para a minha mãe, para a nossa inspeção diária. Como de costume, ela me disse que o trabalho a mantinha ocupada, e eu disse a ela que a escola fazia o mesmo para mim.

Do lado de dentro, eu peguei um elevador para o laboratório de informática no terceiro andar, olhei meus e-mails, fucei o Facebook, e dei uma checada no Perez Hilton. Só para me torturar, eu joguei Mão Negra no Google de novo.

Os mesmos links apareceram. Eu não tinha realmente esperado algo novo, tinha? Finalmente, sem nenhum lugar mais onde procrastinar, eu abri meu livro de química e me resignei a estudar.

Na hora que eu dei por encerrado para caçar uma máquina automática de vendas já estava tarde. Pelas janelas da biblioteca que davam para o oeste, o sol estava enfiado profundamente no horizonte, e a noite estava caindo rápido. Eu ultrapassei o elevador, dando preferência pela escada, sentindo a necessidade de um pouco de exercício. Eu estivera sentada por tanto tempo que as minhas pernas estavam começando a formigar.

No saguão, eu coloquei alguns dólares na máquina automática de venda e levei pretzels e uma lata de suco de amora de volta ao terceiro andar. Quando eu voltei para o laboratório de informática, Vee estava sentada na minha mesa, seus sapatos amarelos e brilhosos de salto alto apoiados na minha cadeira. Sua expressão era uma mistura de divertimento presunçoso e chateação.

Ela segurava um pequeno envelope preto no ar, preso entre dois de seus dedos.

—Isso é para você,— ela disse, jogando o envelope na mesa.

—E isso também é.— Ela segurava uma sacola de papel de padaria, enrolada na boca. —Achei que você estar com fome.

Julgando pelo desdém na expressão da Vee, eu tinha um mau pressentimento sobre a carta, e aproveitei para dar atenção ao que estava dentro da sacola. —Cupcakes!

Vee forçou um sorriso. —A moça da padaria me disse que são orgânicos. Não sei bem como se faz um cupcake orgânico, e não sei bem porque eles custam mais, mas aí está.

—Você é a minha heroína.

—Quanto tempo mais você acha que vai levar?

—Trinta minutos, no máximo.

Ela colocou as chaves do Neon ao lado da minha mochila. — Rixon e eu vamos pegar algo para comer, então você terá que ser a sua própria chofer esta noite. Eu estacionei o Neon na garagem subterrânea. Fileira B. Eu só tenho um quarto de um tanque sobrando, então não extravase.

Eu peguei as chaves, tentando ignorar a picada desagradável no meu coração que eu reconheci instantaneamente como sendo ciúmes. Eu estava com ciúmes do novo relacionamento da Vee com o Rixon. Com ciúmes de seus planos de jantar.

Com ciúmes de que ela agora era mais próxima do Patch do que eu era, porque mesmo a Vee nunca tendo mencionado isso, eu tinha certeza de que ela se deparava com o Patch quando estava com o Rixon. Pelo que eu sabia, os três assistiam filmes juntos de noite. Os três, descansando no sofá do Rixon, enquanto eu ficava na casa da fazenda sozinha. Eu queria desesperadamente perguntar à Vee sobre o Patch, mas a verdade era que eu não podia. Eu tinha terminado com ele. Eu fiz a minha cama, e estava na hora de me deitar nela.

Mas, também, como é que um inqueritozinho ia machucar?

—Ei, Vee?

Ela virou-se para a porta. —Sim?

Eu abri a minha boca, e foi aí que me lembrei do meu orgulho. Vee era a minha melhor amiga, mas ela também tinha uma boca grande. Se eu perguntasse sobre o Patch, eu me arriscava que ele fosse ouvir sobre isso por outras fontes.

Ele descobriria o quanto estava sendo difícil para mim superá-lo.

Eu dei um sorriso. —Obrigada pelos cupcakes.

—Tudo por você, babe.

Após Vee ir embora, eu puxei o embrulho de papel de um dos cupcakes e comi sozinha no zumbido calmo mecânico do laboratório.

Eu fiz mais uma meia hora de lição de casa, e comi mais dois cupcakes, antes de eu finalmente ousar olhar para o envelope preto sentado na beira da minha visão. Eu sabia que não podia evitá-lo a noite toda. Quebrando o selo, eu retirei um cartão preto com um pequeno coração em relevo no centro. A palavra desculpa estava escrita dentro dele.

O cartão estava perfumado com um perfume agridoce. Eu levantei o cartão para o meu nariz e respirei profundamente, tentando identificar o cheiro estranhamento inebriante. O cheiro de frutas queimadas e especiarias químicas atormentou até o fundo da minha garganta. Eu abri o cartão.

Eu fui um canalha noite passada. Me perdoa?

Automaticamente eu deslizei o cartão a distância de um braço. Patch. Eu não sabia o que fazer com o pedido de desculpas dele, mas eu não gostava da comoção que ele causava dentro de mim. Sim, ele tinha sido um canalha. E ele achava que um cartão da farmácia poderia negar isso? Se sim, ele estava subestimando o dano que tinha causado. Ele beijara a Marcie. Beijara-a! E não só isso, mas ele tinha invadido os meus sonhos. Eu não fazia ideia de como ele tinha feito isso, mas quando acordei de manhã, eu soubera que ele tinha estado lá. Era mais do que um simplesmente enervante. Se ele podia invadir a privacidade dos meus sonhos, o que mais ele podia fazer?

—Dez minutos até o fechamento, — uma bibliotecária sussurrou da porta.

Mandei meu ensaio de três parágrafos sobre aminoácidos para a impressora, então peguei meus livros e enfiei-os dentro da minha mochila. Eu peguei o cartão do Patch, hesitei uma vez, então rasguei-o múltiplas vezes e joguei os pedaços na lata de lixo. Se ele quisesse pedir desculpas, ele poderia fazer isso pessoalmente. Não através da Vee, e não nos meus sonhos.

Na metade do corredor, a caminho de pegar o meu trabalho impresso, eu estendi a mão para me equilibrar sobre a mesa mais próxima. O lado direito do meu corpo parecia mais pesado do que o esquerdo, e o meu equilíbrio oscilou. Eu dei outro passo, e a minha perna direita dobrou-se, como se fosse feita de papel. Eu me agachei, agarrando a mesa com ambas as mãos, colocando a minha cabeça entre os meus cotovelos para fazer com que o sangue fluísse para o meu cérebro novamente. Uma sensação morna e sonolento serpenteou pelas minhas veias.

Endireitando as minhas pernas, fiquei numa posição vacilante, mas algo estava errado com as paredes. Elas estavam esticadas de uma maneira anormalmente longa e estreita, como se eu estivesse olhando para elas através de um dos espelhos em um salão de espelhos num parque de diversões. Pisquei forte várias vezes, tentando fazer com que a minha visão fosse para um ponto focal.

Meus ossos se encheram de ferro, se recusando a se mover, e as minhas pálpebras afundaram contra as luzes fluorescentes nítidas. Em pânico, eu ordenei que elas se abrissem, mas o meu corpo rejeitou tudo. Eu senti dedos quentes contorcerem-se em torno de minha mente, ameaçando fazê-la dormir.

O perfume, eu pensei vagamente. No cartão do Patch.

Eu estava de quatro agora. Retângulos estranhos oscilaram ao meu redor, girando perante mim. Portas. A sala estava cheia de portas abertas. Mas quanto mais rápido eu me arrastava para elas, mais rápido elas saltavam para trás. Ao longe, ouvi um sombrio tique-taque. Eu me afastei do som, lúcida o bastante para saber que o relógio estava no fundo da sala, do lado oposto à porta.

Instantes mais tarde, percebi que os meus braços e pernas já não estavam mais se movendo, a sensação de se rastejar nada mais do que uma ilusão na minha cabeça. Um tapete áspero de qualidade industrial amortecia a minha bochecha. Eu lutei mais uma vez para me levantar, então fechei os olhos, toda a luz indo embora girando.

Eu acordei no escuro.

O ar frio artificial arrepiava a minha pele, e o zumbido silencioso das máquinas sussurrava ao meu redor. Eu coloquei as minhas mãos sob mim, mas quando tentei me levantar, pontos de roxo e negro dançaram pela minha visão. Eu engoli a textura de algodão grosso na minha boca e rolei de costas.

Foi quando lembrei que ainda estava na biblioteca. Pelo menos, eu tinha bastante certeza de que era onde eu estava. Eu não me lembrava de ir embora.

Mas o que eu estava fazendo no chão? Eu tentei me lembrar como eu chegara aqui.

O cartão do Patch. Eu tinha respirado o perfume travoso e amargo. Logo depois, eu tinha caído no chão.

Eu tinha sido drogada?

O Patch tinha me drogado?

Eu fiquei ali, o coração batendo forte, os olhos piscando tão rapidamente que as piscadas ficavam uma em cima da outra. Eu tentei me levantar uma segunda vez, mas parecia como se alguém tivesse uma bota de aço fincada no centro do meu peito. Com um segundo levantamento mais determinado, eu me forcei a sentar. Apegando-me a mesa, eu me arrastei até ficar de pé. Meu cérebro protestou contra a vertigem, mas meus olhos localizaram o sinal de saída verde embaçado acima da porta do laboratório de informática. Eu cambaleei até lá.

Eu virei à maçaneta. A porta abriu-se dois centímetros, então ficou presa. Eu estava prestes a puxar mais forte, quando algo do outro lado da janela presa na porta chamou a minha atenção. Eu franzi a testa. Isso é estranho. Alguém tinha amarrado uma extremidade de um pedaço de corda na maçaneta do lado de fora, e a outra extremidade na maçaneta da porta da sala depois dessa.

Eu bati a minha mão contra o vidro. —Olá? — eu gritei grogue. —Alguém pode me ouvir?

Eu tentei a porta novamente, puxando com toda a minha força, que não era muita, já que os meus músculos pareciam derreter como manteiga quente na hora que eu tentei empregá-los. A corda estava amarrada tão apertadamente entre as duas maçanetas que eu só conseguia afastar a porta do laboratório cerca de doze centímetros da moldura. Não chegava nem perto de ser o suficiente para passar se apertando.

—Tem alguém aí? — eu gritei pela fresta da porta. —Estou presa no terceiro andar!

A biblioteca respondeu com um silêncio.

Meus olhos estavam totalmente adaptados à escuridão agora, e eu achei o relógio na parede. Onze? Isso estava certo? Eu realmente tinha dormido por mais de duas horas?

Eu peguei meu celular, mas não havia sinal. Eu tentei entrar na Internet, mas fui informada repetidamente de que não havia redes disponíveis.

Procurando freneticamente no laboratório de informática, eu passei os meus olhos sobre cada objeto, procurando por algo que eu pudesse usar para sair. Computadores, cadeiras giratórias, arquivos... nada sobressaía para mim. Eu me ajoelhei ao lado da ventilação e gritou: —Alguém consegue me ouvir? Estou presa no laboratório de informática no terceiro andar!— Eu esperei, rezando para ouvir uma resposta. Minha única esperança era de que ainda houvesse uma bibliotecária por perto, terminando trabalhos de última hora antes de sair. Mas faltava uma hora para a meia-noite, e eu sabia que as chances estavam contra mim.

Na biblioteca principal, as engrenagens chiaram em movimento enquanto o elevador de gaiola no fim do corredor subiu do térreo. Eu virei a minha cabeça na direção do som.

Uma vez, quando eu tinha quatro ou cinco anos, meu pai me levou ao parque para me ensinar a andar de bicicleta sem as rodinhas. No final da tarde, eu conseguia andar por todo o caminho do circuito de quatrocentos metros sem ajuda. Meu pai me deu um abraço e me disse que estava na hora de ir para casa e mostrar isso à minha mãe. Eu implorei por mais dois circuitos, e nós concordamos com um. Na metade do circuito, eu perdi o equilíbrio e tombei. Enquanto eu estava endireitando a minha bicicleta, vi um cachorro marrom grande não muito longe. Estava me encarando. Naquele momento, enquanto observamos um ao outro, ouvi uma voz sussurrar, Não se mova. Engoli em seco um suspiro e fiquei parada, embora as minhas pernas quisessem correr o mais rápido que pudessem para a segurança do meu pai.

As orelhas do cão ficaram eriçadas e ele começou a ir atrás de mim num galopar agressivo. Eu estremei de medo, mas mantive os meus pés enraizados.

Quanto mais perto o cachorro chegava, mais eu queria correr, mas eu sabia que no momento que eu corresse, o instinto animal de perseguição do cachorro iria entrar em ação. Na metade do caminho até mim, o cachorro perdeu o interesse no meu corpo imóvel e decolou em uma nova direção. Eu perguntei ao meu pai se ele tinha ouvido a mesma voz me dizendo para ficar parada, e ele dissera que era o instinto. Se eu o escutava, nove em cada dez vezes eu faria a melhor jogada.

O instinto estava falando agora. Caia fora.

Eu peguei um monitor da mesa mais próxima e joguei-o contra a janela. O vidro espatifou, deixando um enorme buraco no centro. Eu apanhei o perfurador de papel de três furos da mesa de trabalho comunitária e usei-a para derrubar o vidro que restava. Então arrastei uma cadeira até lá, subi, firmei meu tênis na moldura da janela, e saltei para o corredor.

O elevador zuniu e vibrou mais alto, passando pelo segundo andar.

Eu corri a toda velocidade pelo corredor. Eu batia meus braços fortemente, sabendo que eu tinha que alcançar a escada, adjacente ao elevador, antes que o elevador subisse muito mais e quem quer que estivesse lá dentro me visse. Eu puxei a porta da escada, gastando vários segundos preciosos enquanto tirava tempo para fechá-la sem fazer barulho atrás de mim. Do outro lado da porta, o elevador parou com tudo. A porta retrátil abriu-se com uma pancada aberto e alguém saiu. Eu usei o corrimão para me impulsionar a ir mais rápido, andando de leve pela escada. Eu estava na metade do segundo lance de escadas quando a porta da escada

abriu-se acima de mim. Eu parei na metade do passo, não querendo alertar a minha localização para quem quer que estivesse lá em cima.

Nora?

Minha mão deslizou sobre os trilhos. Era a voz de meu pai.

Seu tom de voz era estranho e exigente. No sobrado, quando ouvi a voz de meu pai pela primeira vez, era suave e gentil. Essa mesma voz que havia me dito que não estávamos sozinhos e que eu precisava sair. Quando ele falou novamente, sua voz estava diferente. Parecia forte e enganadora. E se meu pai tivesse tentado entrar em contato comigo? E se ele tivesse sido expulso por alguém que se fez passar por ele, a Nora? Você está aí? Engoli em seco, com vontade de chorar por ele. Então lembrei-me da casa abandonada. Pare de se esconder. Pode confiar em mim. Deixe-me ajudá-la. Saia onde eu posso ver você.

estranha voz na verdade, era alguém fingindo ser ele? Fiquei impressionada pelo pensamento de que alguém poderia estar se passando pelo meu pai para me atrair para perto.

Passos pesados desceram as escadas correndo, me cortando de minhas especulações. Ele estava vindo atrás de mim. Eu caí das escadas, já não me preocupando em manter o silêncio. Mais rápido! Eu gritei para mim mesma. Corra mais rápido!

Ele foi ganhando terreno, pouco mais do que uns metros de distância, quando meus sapatos atingiram o solo, me enfiei através da porta que dava para a escadaria, atravessei o saguão e atirei-me para fora das portas da frente diretamente para a noite.

O ar estava quente e tranquilo. Eu estava correndo para o caminho de cimento que levam até a rua, quando por uma fração de segundos eu mudei os planos. Eu subi no corrimão à esquerda das portas, pulando de uma altura de mais ou menos de três metros no pequeno pátio gramado abaixo.

Acima de mim, as portas biblioteca estavam abertas. Eu fui pelo corredor de cimento, os meus pés esbarrando no lixo e ervas daninhas. No minuto em que ouviu o toque lento de sapatos descendo a degraus de cimento, corri para baixo do quarteirão. A biblioteca não tem um estacionamento próprio, e recomendou uma garagem subterrânea com junto com o tribunal. Desci a rampa do estacionamento, me abaixei pela lateral do estacionamento, e corri na garagem para o Neon. Vee sempre disse que estacionava aonde? Linha B...

Corri por um corredor e vi a parte traseira do Neon o. Abri o neon, liguei, engatei a marcha. Estava dirigindo o Neon em direção à quando um SUV escuro virou a esquina. O motorista acelerou o motor, indo direto para mim. Eu passei a segunda marcha no e pisei no acelerador, saindo do estacionamento segundos antes da SUV bloquear a saída e prender-me dentro da garagem.

Minha mente estava paralisada para pensar com clareza sobre onde eu estava indo. Eu dirigi para baixo mais dois quarteirões, passando por um sinal vermelho, então entrei em Walnut. A SUV entrou acelerando em Walnut atrás mim, colando na minha traseira. O limite de

velocidade passou para quarenta e cinco, e as duplicaram. Eu empurrei o Neon para cinquenta, trocando meu olhar entre a estrada e o espelho retrovisor.

Sem sinalização, virei o volante, para entrar numa viela ao lado da rua. O SUV subiu calçada, me seguindo. Eu levei virei mais duas vezes à direita, contornei o quarteirão, e voltei para Walnut.

Eu desviei para frente de um cupê de duas portas, branco, e entre ele ficou eu a SUV. O semáforo em frente ficou amarelo, e acelerei para o cruzamento antes da luz piscou vermelho. Com meus olhos grudados no espelho retrovisor, vi o carro branco parar. Atrás dele, a SUV chegou a cantar pneus.

Minha respiração estava rápida. Meu pulso latejava em meus braços, e minhas mãos estavam apertadas em torno do volante. Tomei Walnut para cima, mas logo que eu estava na parte de trás do morro, eu cruzei tráfego e virou à esquerda. Eu saltava sobre os trilhos da estrada de ferro, tecendo meu caminho através de um escuro, no bairro degradado de casas de alvenaria. Eu sabia onde eu estava: Slaughterville. O bairro ganhou esse apelido há mais de uma década atrás, quando três adolescentes foram assassinados um a um playground.

Eu diminuí quando uma casa muito afastada da rua me chamou a atenção. Nada de luzes. A garagem estava aberta e vazia situava-se atrás da propriedade. Eu retornei o Neon até a entrada da garagem estacionei lá dentro. Após checaram que as portas estavam travadas, desliguei os faróis. Eu esperei, temendo que a qualquer momento faróis da caminhonete apareceria na parte de baixo na rua. Vasculhando a minha bolsa, eu escavei o meu celular.

—Ei, — Vee respondeu.

—Quem tocou no cartão do Patch? —, Perguntei. —Hein?

—Patch deu-lhe o cartão diretamente? Para Rixon? Quem mais tocou?

—Quer dizer-me do que se trata? —Eu acho que eu fui drogada. Silêncio.

—Você acha que o cartão foi envenenado? — Vee repetia em dúvida.

—O papel foi misturado com perfume—, expliquei, impaciente. —Diga-me quem deu a você. Diga-me exatamente como você conseguiu.

—Em meu caminho para a biblioteca para deixar os cupcakes, Rixon me chamou para ver onde eu estava indo—, contou ela lentamente. —Nós nos encontramos na biblioteca, e Patch estava andando no caminhão de Rixon. Patch me deu o cartão e perguntou se eu daria para você. Peguei o cartão, os cupcakes, e as chaves da Neon entreguei a você, então fui de volta ao encontro Rixon.

—Ninguém mais tocou no cartão?

—Ninguém.

—Menos de uma hora e meia depois de cheirar o cartão, eu desmaiei no chão da

biblioteca. Eu não acordei durante duas horas.

Vee não respondeu imediatamente, e eu podia ouvi-la pensando em tudo que passou, tentando digeri-lo. Enfim, ela disse:

—Tem certeza que não era a fadiga? Você estava na biblioteca há muito tempo. Eu não podia trabalhar por tanto tempo em casa sem precisar de uma soneca.

—Quando eu acordei, — eu continuei, —alguém estava na biblioteca comigo. Acho que foi a mesma pessoa que me drogou. Ele me perseguiu através da biblioteca. Eu saí, mas ele me seguiu Walnut.

Outra pausa perplexa.

—Mesmo com o tanto que não gosto de Patch, eu tenho que te dizer, eu não posso vê-lo drogando você. Ele é um louco, mas ele tem limites.

—Então, quem? — Minha voz estava um pouco estridente.

—Eu não sei. Onde está você agora?

—Slaughterville.

—O quê? Saia já daí antes de ser assaltada! Venha. Passe a noite aqui. Nós vamos resolver isso. Nós vamos descobrir o que aconteceu. — Mas as palavras me fez sentir como um consolo vazio. Vee estava tão perplexa quanto eu estava.

Eu fiquei escondida na garagem para o que deve ter sido uns 20 minutos antes de eu me sentir corajosa o suficiente para voltar para a rua. Meus nervos estavam desgastados, minha mente embaralhada. Optei não ir pela Walnut, pensando que a SUV poderia estar cruzando debaixo para cima agora, esperando para me pegar. Nas ruas, eu ignorava o limite de velocidade e dirigia com pressa imprudente.

Eu não estava longe da casa dela, quando notei as luzes azul e vermelha no espelho retrovisor. Parando o Neon na parte lateral da estrada, plantei a minha cabeça

contra o volante. Eu sabia que tinha sido excesso de velocidade, e eu estava frustrada por ter feito isso.

Um momento depois, mãos bateram na janela. Empurrei o botão para baixá-lo.

—Bem, bem, — disse o detetive Basso. —Faz tempo que não a vejo.

Qualquer outro tira, pensei. Qualquer outro.

Ele pegou seu bloco de multas. —Licença e registro, sabe o que fazer.

Desde que eu não tivesse que falar do meu caminho até chegar nesse bilhete, não com o detetive Basso, —Eu não sabia que o trabalho de um detetive incluía preencher multas.

Ele deu um sorriso. —Onde é o incêndio?

—Eu posso só pegar a minha multa e ir para casa?

—Qualquer álcool no carro?

—Dê uma olhada ao redor, — eu disse, estendendo as mãos. Ele abriu a porta para mim. —Saia. —Por quê? —Saia, — ele apontou para a linha pontilhada dividindo rua e ande na linha.

—Você acha que eu estou bêbada?

—Eu acho que você é louca, mas estou verificando sua sobriedade, enquanto eu a tenho aqui.

Eu saltei para fora e fechei a porta atrás de mim. —Até aonde?

—Até que eu lhe diga para parar.

Concentrei-me em plantar meus pés sobre a linha, mas toda vez que eu olhava para baixo, a minha visão inclinava. Eu ainda podia sentir os efeitos da à droga afetando a minha coordenação, e quanto mais eu me concentrava em manter os meus pés sobre a linha, mais eu me sentia balançando para fora na rua. —Não é possível que você apenas me dê à multa, dê um tapinha no meu braço e me mande para casa? — Meu tom estava insubordinado, mas eu estava sentindo um por dentro. Se eu não pudesse andar na linha, detetive Basso poderia me colocar na cadeia. Eu já estava abalada, e eu não acho que eu poderia lidar com uma noite atrás das grades.

E se o homem da biblioteca vier atrás de mim novamente?

—Alguns policiais de uma pequena cidade iria deixá-la sair assim, com certeza. Alguns poderiam até mesmo receber um suborno. Eu não sou um deles.

—Será que importa se eu estivesse sido drogada?

Ele riu sombriamente. —Drogada.

—Meu ex-namorado me deu um cartão perfumado hoje à noite. Eu abri o cartão, e a próxima coisa que eu me lembro é de ter desmaiado. — Quando o detetive Basso pensou em me interromper, eu continuei a falar. —Eu dormi durante mais de duas horas. Quando acordei, a biblioteca estava fechada. Eu estava trancada no laboratório de mídia. Alguém tinha amarrado as maçanetas da porta

Eu parei, fechei a minha boca.

Ele gesticulou para continuar. —Vamos, continue. Não me deixe nesse suspense.

Eu percebi um pouco tarde demais que eu tinha acabado de me incriminar.

Eu me colocaria na biblioteca, esta noite, no laboratório de mídia. A primeira coisa amanhã, quando a biblioteca abrisse, eles estariam levando o relatório da janela quebrada para a polícia. E eu não tinha dúvida de que Detective Basso viria me procurar em primeiro lugar.

—Você estava no laboratório de mídia, — alertou. —O que aconteceu depois disso?

Tarde demais para voltar atrás agora. Eu tenho que terminar na esperança dele acreditar. Talvez houvesse algo que eu dissesse que iria convencer o detetive Basso. Não foi minha culpa, que tudo que eu tinha feito era justificável.

—Alguém tinha amarrado as portas do laboratório de mídia que estava fechado. Eu joguei um computador através da janela para sair.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu. —Há um nome para meninas como você, Nora Grey. Inventores de loucuras. Você é como a mosca que ninguém consegue mandar embora. —Ele voltou para seu carro de patrulha e estendeu seu rádio para fora da porta no lado do motorista que estava aberta. Comando em operação, ele disse, —Eu preciso de alguém para checar a biblioteca e que vá ao laboratório de mídia. Depois me contem o que vão encontrar.

Ele recostou-se contra o seu carro, passando rapidamente os olhos para o relógio. —Quantos minutos você acha que vai demorar para eles me responderem? Eu tenho a sua confissão, Nora. Eu poderia indiciá-la por invasão e vandalismo.

—Implicaria que eu estive presa dentro da biblioteca contra minha vontade. — Eu parecia nervosa.

—Se alguém como você fosse drogada e presa no laboratório, o que você está fazendo aqui agora, rugindo em Hickory 55 milhas por hora?

—Eu fugi. Eu corri para fora da sala enquanto ele foi subindo o elevador para me pegar.

—Ele? Você o viu? Vamos fazer uma descrição.

—Eu não o vi, mas era um homem. Seus passos eram pesados quando ele desceu as escadas atrás de mim. Muito pesado para uma menina.

—Você está gaguejando. Normalmente, isso significa que está mentindo.

—Eu não estou mentindo. Eu estava presa no laboratório, e alguém estava vindo no elevador para me pegar.

—Certo.

—Quem mais teria ficado no prédio até mais tarde? — Eu tive um estalo.

—Um zelador? — Ele ofereceu facilmente.

“Ele não estava vestido como um faxineiro”. Quando olhei para cima na escada, vi calças

escuras e ténis escuro.

—Então, quando eu a levar ao tribunal, você vai dizer ao juiz você é uma expert no uniforme de zeladoria?

—O cara me seguiu para fora da biblioteca, entrou em seu carro, e perseguiu-me. Um zelador não faria isso.

O rádio surgiu com estática, e o detetive Basso inclinou-se dentro do receptor.

—Concluído andando pela biblioteca, — uma voz de homem estalava através do rádio. — Nada.

Detective Basso o cortou, olhando desconfiados para mim.

—Nada? Você tem certeza?

—Eu repito: nada.

Nada? Em vez de alívio, senti pânico. Eu quebrei a janela do laboratório. Eu tinha. Foi real. Não foi minha imaginação. Não foi. Acalme-se! Eu pedi a mim mesma. Isso já tinha acontecido antes. E não era novidade. No passado, era sempre um jogo mental. Foi alguém que trabalha nos bastidores, tentando manipular a minha mente. Estava acontecendo tudo de novo? Mas ... por quê? Eu precisava pensar nisso. Eu balancei minha cabeça, desejando que nenhum gesto ridículo abalasse uma resposta.

Detective Basso arrancou o papel de cima de seu bloco de bilhetes e deu um tapa na minha mão.

Meus olhos escovados sobre o saldo no fundo. —Duzentos e vinte e nove?

—Você passou do limite de velocidade dirigindo um carro que não pertence a você. Pague a multa, ou eu vou vê-la no tribunal.

—Eu, eu não tenho esse tipo de dinheiro.

—Consiga um emprego. Talvez ele a mantenha longe de problemas.

—Por favor, não faça isso, — disse eu, introduzindo todo o drama que eu possuía em minha voz.

Detective Basso estudou comigo. —Há dois meses uma criança sem Identificação, sem família e sem passado rastreáveis acabou morto no ginásio da escola.

—A morte de Júlio foi um suicídio, — eu disse automaticamente, mas o suor formigava a parte de trás do meu pescoço. O que isso tem a ver com meu bilhete?

—Na mesma noite em que desapareceu, a conselheira do ensino médio tocou fogo em sua casa, em seguida, fez seu próprio ato de desaparecer. Há uma ligação entre estes dois

incidentes bizarros. — Seus olhos castanhos fixaram em mim. —Você.

—O que você está dizendo?

—Diga-me o que realmente aconteceu naquela noite, e eu posso fazer o seu bilhete de multa de ir embora.

—Eu não sei o que aconteceu, — eu menti, porque não havia alternativas. Dizer a verdade me deixaria pior do que ter que pagar o bilhete. Eu não poderia dizer nada para o detetive Basso sobre anjos caídos e Nefilim. Ele nunca iria acreditar na minha história se eu confessasse que

Dabria era um anjo da morte. Ou que Jules era descendente de um anjo caído.

—A sua ligação, — disse o detetive Basso, sacudindo seu cartão de visita para mim antes de entrar em seu carro. —Se você mudar a sua versão, você sabe como chegar até mim.

Olhei para o cartão ele saiu. DETETIVE ECANUS Basso. 207-555-3333. O bilhete estava pesado na minha mão. Pesado e quente. Como era que eu ia conseguir duzentos dólares? Eu não poderia pedir o dinheiro da minha mãe, ela mal podia pagar as contas. Patch tinha o dinheiro, mas eu disse a ele que eu poderia cuidar de mim sozinha. Eu disse a ele que saísse da minha vida. O que ele diria sobre mim, se eu corri de volta para ele no momento em que tive um problema? Era admitir que ele estava certo o tempo todo. Era admitir que eu precisava dele.

12

Terça-feira depois da aula, estava fora do meu caminho para encontrar Vee, que tinha matado aula para sair com Rixon, mas me prometeu voltar à escola depois da aula para me levar para casa, quando meu celular tocou. Estava abrindo a mensagem quando Vee gritou meu nome do meio da rua.

—Ei, querida! Aqui!

Eu caminhei até onde ela estava estacionada paralela ao meio fio e cruzei os braços sobre a janela do carro que estava aberta. —Bem, pelo menos valeu a pena?

—Matar aula? Claro que sim. Rixon e eu passamos a manhã toda jogando Xbox. Halo Two —. Estendeu a mão e destrancou a porta do passageiro.

—Parece romântico—, eu disse, subindo no carro.

—Até tentei não bater. Violência realmente deixa os caras com disposição.

—Com disposição? Tem alguma coisa que eu deveria saber?

Vee me deu um sorriso de cem watts. —Nós nos beijamos. Oh cara, foi muito bom. Rixon começou devagar e gentil, depois ele realmente começou a ficar —

—OK!— Eu cortei em voz alta. Se eu tivesse tido mais energia quando Patch e eu estávamos juntos, Vee seria a ouvinte agora? Eu não rezei. —aonde agora?

De volta para o trânsito. —Estou cansada de estudar, preciso colocar um pouco de emoção na minha vida, o que não vai acontecer se estiver com o nariz no livro.

—O que você tem em mente?

—Old Orchard Beach. Estou no clima sol e areia. Além disso, posso pegar um bronzado.

Old Orchard Beach soou perfeito. Tinha um longo cais sobre a água, um parque de diversões na praia, fogos de artifício e danças depois do sol se por. Infelizmente a praia teria que esperar.

Balancei meu celular. —Nós já temos planos para hoje à noite. — Vee se inclinou para o lado para ler a mensagem de texto e fez uma careta. —Lembrete da festa de Marcie? É sério? Eu não sabia que vocês eram MAI's (melhores amigas de infância)

—Foi me dito que a falta na festa é o caminho mais seguro para sabotar a minha vida social.

—Ela é uma vadia. Faltando na sua festa é o caminho mais seguro para fazer minha vida completa.

—Acho melhor você reconsiderar, pois estou indo e você vai comigo.

Vee pressionou contra seu assento, braços rígidos ao volante. — Qual é a sua ideia afinal? Porque ela nos convidou?

—Nós somos parceiras de química.

—Parece-me que você a está perdoando pelo seu olho roxo muito depressa.

—Eu devo isso a ela, pelo menos, ficar pelo menos por uma hora. Como sua parceira de química—, eu acrescentei.

—Então você está me dizendo que a razão pela estamos nos arrastando para a festa de Marcie esta noite, é porque você senta ao lado dela todos os dias na aula de química?— Vee me deu um olhar de alguém que sabe muito mais do que isso.

Eu sabia que era uma desculpa medíocre, mas não mais medíocre do que a verdade. Eu precisava ter absoluta certeza do envolvimento de Patch e Marcie. Quando eu toquei suas cicatrizes duas noites atrás, e fui arremessada para as suas lembranças, ele parecia reservado com Marcie. Até o beijo deles tinha sido curto mesmo. Eu não tinha pensado ainda sobre como ele se sentia a respeito dela. Mas se ele estivesse seguido em frente, tornaria as coisas mais fáceis para mim. A certeza do envolvimento deles tornaria mais fácil odiá-lo. E eu queria odiá-lo. Para o bem de ambos.

—O seu hálito cheira a mentira, mentira pegando fogo—, disse Vee. —Isto não é sobre você e Marcie. Trata-se de Patch e Marcie. Você quer saber o que está acontecendo entre eles.

Eu joguei minhas mãos para o ar. —Ótimo! É tão errado assim?

—Oh, cara—, disse ela, abanando a cabeça, —Você realmente gosta de sofrer.

—Eu pensei que talvez pudéssemos olhar em seu quarto. Ver se encontramos alguma coisa que comprove que eles estão juntos.

—Como preservativos?

De repente, meu almoço foi subindo pelo meu esôfago. Eu não tinha pensado nisso. Eles estavam dormindo juntos? Não, eu não podia acreditar. Patch não faria isso comigo, não com Marcie.

—Já sei— Vee disse. —Nós poderíamos roubar o seu diário!

—O que ela vem carregando desde o primeiro ano?

—O que ela jura que deixaria o National Enquirer no chinelo—, disse ela, soando estranhamente alegre. —Se algo estiver acontecendo entre ela e Patch vai estar naquele diário.

—Eu não sei.

—Ah, vamos lá. Devolvemos depois de lermos. Nenhum dano, nenhuma falta.

—Como? Pular da sua varanda e correr? Ela vai nos matar se achar que o pegamos.

—Claro. Pular da sua varanda, ou levá-lo durante a festa, lê-lo em algum lugar e depois colocar no lugar antes de irmos embora.

—Me parece errado.

—Nós não vamos dizer a ninguém o que lemos, Vai ser nosso segredo. Não será errado se ninguém se machucar.

Eu não estava convencida a roubar o diário dela, mas eu poderia dizer que Vee não ia deixar pra lá. A coisa mais importante era conseguir que ela concordasse em ir à festa comigo. Eu não tinha certeza se teria coragem de ir sozinha. Especialmente porque eu não encontraria nenhum amigo por lá. Então eu disse: —Você vai me pegar hoje então?

—Conte com isso. Ei podemos tocar fogo no quarto dela antes de irmos embora?

—Não, ela não pode desconfiar que estávamos espionando nele.

—Sim, mas sutileza, realmente não faz meu estilo.

Olhei para o lado, sobrancelhas levantadas. —Não está brincando?

Passava das nove quando eu e Vee subimos o morro em direção ao bairro de Marcie. O mapa socioeconômico de Coldwater é facilmente determinado por um simples teste. Coloque uma bola de gude em qualquer rua na cidade. Se a bola rolar para baixo, você é da classe alta. Se não rolar, você estará num bairro de classe média. Se você perder a bolinha no meio da névoa antes de perceber se ela vai rolar, bem...você está no meio bairro. No sertão.

Vee levou o Neon para cima. O bairro de Marcie era um dos mais velhos, com árvores centenárias que derramavam sobre a rua, bloqueando o luar. As casas jardins profissionais e semicírculos nas calçadas. A arquitetura era georgiana colonial, as casas eram brancas, com acabamento em preto. Vee baixou as janelas do neon, e a uma distância, ouvimos o pulsar da música de hip hop.

—Qual é o mesmo o endereço?— Vee perguntou, olhando através do para-brisa. —Estas casas estão tão longe da rua que eu não consigo ver os seus números.

—Mil duzentos e vinte da Brenchley Street.

Chegamos a um cruzamento e Vee virou para Brenchley. A música se intensificou à medida que cruzávamos o quarteirão, e eu presumi que estávamos indo na direção certa. Carros estavam estacionados em ambos os lados da rua. Ao passarmos por uma elegante casa, a música alcançou um nível de som tão alto que vibrou o carro. Um bando de pessoas estavam cortando o gramado e entrando na casa. Da casa da Marcie. Um olhar sobre ela, e eu vi a

maravilha que devi ser sua vida. Qual a emoção dela? Para escapar de seus pais? Eu não podia especular mais. Uma dor profunda me socou no estômago. Estacionado na rua estava o jeep dele. Obviamente ele deve ter sido um dos primeiros a chegar. Ele provavelmente ficou sozinho com Marcie horas antes da festa começar. Fazendo o que, eu nem quero saber. Respirei fundo e disse a mim mesma que poderia lidar com aquilo. E não eram essas as provas que eu queria?

—O que você está pensando? — Vee perguntou, com seu olhar também vidrado no jeep enquanto estávamos passando.

—Que eu quero vomitar.

—Se for em toda a sala de Marcie seria bom. Mas, falando sério. Você está bem com o Patch estando aqui?

Eu respondi com meu queixo, inclinando-o um pouco. — Marcie me convidou. Eu tenho o mesmo direito de estar aqui como Patch. Eu não vou deixá-lo ditar para onde eu vou ou o que eu devo fazer. — Engraçado, porque é exatamente isso que eu estava fazendo.

A porta da frente de Marcie estava aberta, nos levando a um salão de mármore escuro, cheio de gente dançando ao som de Jay-Z. A sala tinha um teto alto, mesclado com móveis vitorianos. Toda a mobília, incluindo a mesa de café, estava sendo usada como assentos. Vee hesitou na porta.

—Preciso de um tempo para me preparar mentalmente para isso, — ela me falou por cima da música. —Quero dizer, o lugar vai estar infestado com coisas da Marcie. Fotos Marcie, móveis Marcie, odores Marcie. Falando em retratos, podemos tentar encontrar fotos velhas da família. Eu gostaria de ver como o pai Marcie se parecia há dez anos. Quando vejo seus comerciais na TV, eu não consigo decidir se é a cirurgia plástica que o faz parecer tão jovem, ou apenas uma quantidade enorme de maquiagem.

A segurei pelo braço e a puxei para perto de mim. —Você não vai me abandonar agora.

Vee olhou para dentro, franzindo a testa. —Tudo bem, mas eu estou te avisando, se eu ver um único par de calcinhas, caio fora daqui. O mesmo vale para uso de preservativos.

Eu abri minha boca, mas a manti fechada. A chance de vê-los juntos hoje era grande, e era do meu interesse não contrariar os seus termos. Eu fui salva de uma possível discussão mais séria por Marcie, que surgiu da escuridão, segurando uma taça de ponche. Ela dividiu um olhar crítico entre nós duas. —Eu convidei-te, — ela me disse, —Mas eu não a convidei.

—É bom ver você também, — disse Vee.

Marcie examinado Vee lentamente, da cabeça aos pés. —Você não está fazendo uma daquelas estúpidas dietas de cores? Parece-me que você desistiu antes mesmo de começar. — Ela voltou sua atenção para mim. —E Vocês, simpáticos olhos negros.

—Você ouviu alguma coisa, Nora? — Vee perguntou. —Eu pensei ter ouvido alguma coisa.

—Você certamente ouviu alguma coisa, — eu concordei.

—Poderia ser um... pum do cachorro que eu ouvi? — Vee me perguntou.

Eu balancei a cabeça. —Eu acho que sim.

Os olhos Marcie estavam diluídos em fendas. —Ha ha.

—Olha só, ouvi novamente, — disse Vee. —Aparentemente, este cão tem sério problema de gases. Talvez nós devemos alimentá-lo com sal de frutas.

Marcie empurrou a tigela de ponche para nós. —Doação. Ninguém entra sem fazer uma doação.

—O quê? — Vee e eu dissemos ao mesmo tempo.

—Não. Você realmente não achou que te convidou aqui, sem nenhum interesse, não é? Eu preciso do seu dinheiro. Pura e simplesmente.

Vee e eu olhamos a taça, que estava nadando com algumas notas de dinheiro.

—E para o que é o dinheiro? — Eu perguntei.

—Novos uniformes de cheerleading. O time quer aqueles que deixam a barriga de fora, mas a escola não terá dinheiro até Primavera, por isso estou angariando fundos.

—Isso deve ser interessante, — disse Vee. —O termo Slut Squad terá um significado completamente novo.

—Isso faz isso!, — disse Marcie, ficando vermelha de raiva. —Você quer entrar? É melhor ter uma nota de vinte. Se você fizer outro comentário, eu vou aumentar o valor para quarenta.

Vee me cutucou no braço. —Eu não vim aqui para isso. Você paga.

—Dez cada um? — Eu ofereci.

—De jeito nenhum. Esta foi ideia sua. Você paga.

Eu questionei Marcie que abriu um sorriso. —Vinte dólares é muito—, eu argumentei.

—Sim, mas vai ser incrível me olhar no uniforme—, ela afirmou. —Eu tenho que fazer quinhentos abdominais todas as noites para que eu possa manter a minha cintura de 60 centímetros. Eu não posso ter um centímetro de gordura, pois como poderia deixar o umbigo à mostra.

Eu não ousava poluir minha mente com uma imagem mental de Marcie em um uniforme de líderes de torcida promíscuas, e instantaneamente disse, —Que tal quinze?

Marcie com uma mão em concha, e a outra mão em seu quadril, estava pronta para bater a porta na nossa cara.

—Ok, calma, vamos pagar—, disse Vee, colocando a mão em seu bolso de trás. Ela colocou um maço de dinheiro na taça, mas estava escuro e eu não poderia dizer quanto tinha sido. —Você vai me dever por muito tempo—, disse-me.

—Você deveria me deixar contar o dinheiro primeiro—, Marcie disse, vasculhando na tigela, tentando recapturar a doação de Vee.

—Eu só presumi que vinte era uma quantia muito alta para que você pudesse contar— Vee afirmou. —As minhas desculpas.

Marcie nos olhou estreitando o olhar novamente, então ela se virou nos calcanhares e levou a taça de volta para casa.

—Quanto você deu a ela? — Eu perguntei Vee.

—Eu nada. Joguei alguns preservativos.

Eu levantei minhas sobrancelhas. —Desde quando você anda com preservativos?

—Eu peguei aqui fora no gramado quando caminhávamos até aqui. Quem sabe, talvez Marcie vá usá-lo. Então eu já teria feito a minha parte para manter seu material genético fora de circulação.

Vee e eu pisamos no interior da sala e nos posicionamos de costas para a parede. Em uma espreguiçadeira de veludo na sala de estar, vários casais estavam entrelaçados como um monte de cliques de papel. O centro de sala estava cheio de corpos a dançar. Fora da sala de estar, uma porta arqueada nos levou para a cozinha, onde as pessoas estavam bebendo e rindo. Ninguém notou a nossa presença lá, e eu achando que entrar no quarto de Marcie seria uma tarefa difícil. Ninguém deu atenção a mim ou a Vee, eu tentei preparar meu espírito de que ficar dentro do quarto de Marcie despercebida não ia ser tão difícil quanto eu achava. O problema era que eu estava começando a pensar que eu não tinha vindo aqui esta noite para bisbilhotar por quarto Marcie e encontrar evidências dela com Patch. Na verdade, eu estava chegando a perigosa conclusão que eu vim porque sabia Patch estaria aqui. E eu queria vê-lo.

Parecia como se eu estivesse indo ter a minha chance. Patch apareceu na entrada da cozinha de Marcie, vestido com uma camisa pólo preta e calça jeans escura. Eu não estava acostumada a observá-lo à distância. Seus olhos eram da cor da noite, seus cabelos ondulando estavam sob suas orelhas, parecia que não era cortado há umas seis semanas. Ele tinha uma corpo que instantaneamente atraía o sexo oposto, mas sua postura dizia 'eu não estou aberto a conversa'. O chapéu ainda estava faltando, o que significava que provavelmente estivesse na posse Marcie.

Não é grande coisa, eu me lembrei. Já não era da minha conta. Patch poderia dar o boné para quem quisesse. Apenas porque ele nunca emprestou-me que iria ferir meus sentimentos. Jenn Martin, uma menina com quem eu estudei no primeiro ano de matemática, foi conversar com Patch, mas ele parecia distraído.

Seus olhos circulou o sala de estar, atento, como se não estivesse disposto a confiar em

uma única alma ali. Sua postura era descontraída, mas atenta, quase como se ele esperasse que algo acontecesse a qualquer momento. Antes que seus olhos me encontrassem, eu mudei o meu olhar. Melhor, para não ser pega com olhar de arrependimento e saudade.

Anthony Amowitz sorriu e acenou para mim do outro lado da sala. Eu automaticamente sorriu de volta. Tínhamos uma aula juntos esta ano e, embora eu não tivesse trocado mais que dez palavras com ele, foi bom pensar que alguém estava animado em me ver aqui com Vee.

—Porque é que Anthony Amowitz está dando seu sorriso de xaveco para você? — Vee perguntou.

Revirei os olhos. —Você está apenas reparando, porque ele está aqui na festa de Marcie.

—Sim, e daí?

—Ele está sendo legal. — Dei-lhe uma cotovelada. —Sorria de volta.

—Sendo legal? Ele está excitado. — Anthony ergueu a taça de plástico vermelho para mim e gritou alguma coisa, mas era muito difícil ouvir sobre a música.

—O quê? — Eu respondi de volta.

—Você está ótima! — Um sorriso pateta estava estampado em seu rosto.

—Oh cara, — disse Vee. —Não é apenas um chavequeiro, mas um chavequeiro bêbado.

—Então talvez ele esteja um pouco bêbado.

—Bêbado e com a esperança de ficar sozinho com você em um quarto lá em cima. —Ugh.

Cinco minutos depois, ainda estávamos mantendo a nossa posição em frente da porta de entrada. Eu tinha uma lata de cerveja acidentalmente jogada nos meus sapatos, mas felizmente, não havia nenhum vômito. Eu estava a sugerir a Vee que nos afastássemos da porta aberta -A direção em que todos pareciam correr momentos antes derramar o conteúdo de seu estômago - quando Brenna Dubois veio e me ofereceu um copo de plástico vermelho para mim.

—Isto é para você, com os cumprimentos do cara do outro lado da sala.

—Não te disse— Vee sussurrou para os lados.

Eu dei um rápido olhar para Anthony, que piscou.

—Uh, obrigada, mas eu não estou interessada—, disse a Brenna. Eu não era muito experiente quando se trata desses assuntos de festas, mas eu sabia que não deveria aceitar bebidas de estranhos. Por tudo que eu sabia, poderia ter sido contaminado com alguma substância ilícita. —Diga Anthony eu não quero beber nada que não esteja lacrado.

Uau. Eu devia parecer mais burra do que eu pensava.

—Como?. Anthony? — Seu rosto torcido com a confusão.

—Sim, Anthony-chavequeiro-Witz—, disse Vee.

—O cara que está te fazendo da menina de entrega.

—Você pensou que foi Anthony que me deu o copo? — Ela balançou a cabeça. —Tente o cara do outro lado da sala. — Virou-se para o lugar onde Patch tinha estado em pé há poucos minutos atrás. — Bem, ele estava lá. Eu acho que ele saiu. Ele era gostoso e estava vestindo uma camisa preta, se isso ajuda.

—Oh cara, — disse Vee novamente, desta vez sob sua respiração.

—Obrigado—, disse Brenna, não tendo outra escolha a não ser pegar o copo. Ela desapareceu de volta para a multidão, e eu deixei o copo do que cheirava a Coca-Cola de cereja em cima da mesa de entrada atrás de mim. Foi Patch tentando enviar uma mensagem? Lembrando-me do meu fracasso de luta na Devil's Handbag, quando Marcie me molhou com Coca-Cola de cereja? Vee empurrou algo em minha mão.

—O que é isso? — Eu perguntei.

—Um walkie-talkie. Eu peguei eles com meu irmão. Vou sentar na as escadas e vigiar. Se alguém aparecer, eu falo no rádio.

—Você quer que eu vá bisbilhotar no quarto Marcie agora?

—Eu quero você vá lá para roubar o diário.

—Sim, sobre isso. Acho que mudei de ideia.

—Você está brincando comigo? — Vee disse. —Você não pode pular fora agora. Imagine o que tem nesse diário. Esta é sua chance de encontrar algo verdadeiro sobre o que está acontecendo entre Marcie e Patch. Você não pode passar por cima.

—Mas isso está errado.

—Não vai se sentir mal se você roubá-lo tão rápido, não terá nem tempo de sentir culpa.

Eu dei-lhe um olhar aguçado.

—Será de autoajuda também—, acrescentou Vee. —Se disser a si mesma que isto não está errado muitas vezes, você vai começar a acreditar nisso.

—Eu não estou roubar o diário. Eu só quero ... dar uma olhada. E pegar o boné do Patch de volta.

—Eu vou te pagar plano anual da eZine se você entregar o diário para mim nos próximos 30 minutos —, disse Vee, começando a soar desesperada.

—É por isso que você quer o diário? Para publicá-lo no eZine?

—Pense nisso. Poderia fazer deslanchar a minha carreira.

—Não—, eu disse com firmeza. —Isso é ainda pior Vee.

Ela soltou um suspiro.

—Bem, não custava tentar.

Olhei para o walkie-talkie na mão. —Por que não podemos simplesmente mandar texto?

—Os espiões não usam mensagens de texto.

—Como você sabe?

—Como você sabe o que eles fazem?

Descobrimo que não valia a pena uma discussão, eu coloquei a walkietalkie no cós da calça. —Você tem certeza que o quarto da Marcie fica no segundo andar?

—Um de seus ex-namorados se senta atrás de mim na aula de espanhol. Ele disse me que todas as noites às dez em ponto Marcie se despe com as luzes acesas. Às

vezes, quando ele e seus amigos estão entediados, eles dirigem até aqui para assistir ao show. Ele disse Marcie nunca para, quando ela termina, ele está com câibra no pescoço de olhar para cima. Ele também disse que houve uma vez

Bati as mãos nos ouvidos. —Pare!

—Ei, se meu cérebro tem de ser contaminado com este tipo de detalhes, eu acho que o seu deveria também. A razão para eu saber de toda essa informação inútil é porque eu estava tentando te ajudar

Levei meus olhos em direção às escadas. Meu estômago parecia pesar o dobro do que tinha há três minutos. Eu ainda não tinha feito nada, e já estava doente de culpa. Quando eu que ser baixa o suficiente para bisbilhotar no quarto de Marcie? Quando eu tinha deixado Patch bagunçar a minha rotina dessa maneira? —Eu acho que estou indo agora— eu disse pouco convincente.

—Você estará na minha retaguarda?

—Com certeza.

Subi as escadas. Havia um banheiro com molde da coroa na porta. Eu fui caminhando pelo corredor à minha esquerda, passei pelo que parecia ser um quarto de hóspedes, e um quarto de ginástica pois a sala equipada com esteira de corrida. Neste momento, vi o corredor à direita. A primeira porta estava aberta, e eu espiei para dentro. A cor do quarto era um cor-de-rosa total -Paredes rosa, cortinas rosa e um edredom rosa com rosa jogada nos travesseiros. Parecia que o armário tinha vomitado sobre a cama, piso e outras superfícies dos móveis. Diversas fotografias, incluindo um pôster gigante, foram pregados nas paredes, e todos eram de Marcie fazendo pose sedutoramente com seu uniforme e pompons de líder de torcida. Eu experimentei uma onda de náusea, então vi o boné de Patch sobre a cômoda. Desligando-me

do resto, eu peguei o boné e o enrolei em forma de cone estreito e o soquei em meu bolso de trás. Debaixo do boné, deitado sobre a cômoda, havia uma única chave de carro. Parecia

uma cópia, mas tinha uma marca Jeep. Patch tinha dado uma cópia da chave do seu jipe para Marcie.

Peguei a chave do armário, depois empurrei profundamente no meu outro bolso de trás. Já que eu estava lá, eu percebi que poderia muito bem olhar para ver se não achava mais nada que lhe pertencesse. Eu abria e fechava gavetas um pouco. Olhei embaixo da cama, com esperança, de achar alguma coisa. Finalmente esbarrei minha mão entre o colchão e uma caixa de primavera. Eu retirei o diário. O pequeno diário azul de Marcie, que supostamente devia conter mais escândalo do que um tabloide. Segurando-o entre as minhas mãos, senti a tentação irresistível para abri-lo. O será que ela tinha escrito sobre Patch? Que coisas secretas estavam escondidos na páginas?

Meu walkie-talkie chiava.

—Oh merda, — disse Vee através dele.

Eu me atrapalhei para pelo da minha cintura e apertei o botão para falar. —Qual é o problema?

—Cachorro. Um grande cachorro. Ele só está atravessando a sala, ou o que vocês chamam deste espaço aberto. Está olhando para mim. Como, olhando direto para mim.

—Que tipo de cachorro?

—Eu não estou atualizado sobre as raças de cães, mas eu acho que é um Dobermann. Cara pontuda e rosnando. Assemelha-se há Marcie um pouco, se isso ajuda. Uh-oh. Suas orelhas estão levantadas para cima. Ele está vindo em minha direção. Eu acho que é um daqueles cães psíquicos. Ele sabe que eu não estou apenas sentada aqui cuidando da minha vida.

—Fique calma

—Xô, cachorro, eu disse shoo! — O rugido inconfundível de um cão de grande veio através do walkie-talkie.

—Hum, Nora? Nós temos um problema—, disse Vee um momento posterior.

—O cão não saiu?

—Pior. Ele apenas subiu as escadas.

Só então houve umas patas estalando na porta. O latido não parava de crescer mais alto e rosnando.

—Vee! — Eu sussurrei para o walkie-talkie. —Livre-se do cão!

Ela disse algo em resposta, mas eu não podia ouvir por causa do latido do cão. Eu achatava

minha mão ao meu ouvido. —O quê?

—Marcie está chegando! Sai daí!

Comecei a empurrar o diário de volta sob o colchão, mas me atralhei. Punhados de papéis e fotos caíram do diário. Em pânico, eu recolhi os papéis e fotos em uma pilha e joguei-os de volta para dentro do diário. Então me ocorreu que o diário, que era bastante pequeno considerando o número de segredos que ela guardava. Peguei meu walkie-talkie na cintura e apaguei a luz. Eu iria lidar com a reposição do diário novamente mais tarde. Agora, eu tinha que sair.

Eu levantei a janela, esperando ter que remover a tela de proteção, mas isso já havia sido feito para mim. Provavelmente Marcie tinha removido há muito tempo para evitar o incômodo quando ela precisasse sair. Esse pensamento me deu um pequeno grau de esperança. Se Marcie tivesse saído antes, eu poderia também. E ia cair e me matar. Claro, que Marcie era líder de torcida e tinha muito mais flexibilidade e coordenação.

Colocando a cabeça para fora da janela aberta, eu olhei para baixo. A porta da frente estava diretamente abaixo, sob um telhadinho sustentado por quatro pilares. Pus uma perna para fora, e procurei um lugar seguro sobre as telhas. Depois que eu tinha certeza que eu não ia escorregar, eu trouxe minha outra perna para fora. Balanceamento de meu peso, eu me agachei embaixo da janela. Me encolhi abaixo linha da janela quando vi o quarto cheio de luz e as unhas do cachorro clicado contra o vidro, e ele soltou uma rodada de latidos furiosos. Com meu estômago embrulhado, eu me apertei o mais próximo possível da casa que podia e rezei para não abrir a janela e olhar para baixo.

—O que é isso? — Voz abafada de Marcie vinha através da janela.

—Qual é o problema, Boomer?

Um filete de suor desceu em minha coluna. Marcie estava vindo para olhar para baixo, e ela ia me ver. Fechei os olhos e tentei esquecer que sua casa estava repleta de pessoas que eu tinha que frequentar a escola com ela para os próximos dois anos. Como eu fazer para explicar o motivo de estar no quarto de Marcie? Como eu iria explicar estar segurando seu diário? O pensamento era muito humilhante para suportar.

—Cale-se, Boomer! — Marcie gritou.

—Será que alguém pode segurar o meu cão enquanto eu abro a janela? Caso contrário, ele é estúpido o suficiente para saltar para fora. Ei você, no corredor. Sim, você. Segura a coleira do meu cão e não deixar vir. Apenas faça isso.

Esperando que os latidos do cão tampasse que todo o barulho que eu estava fazendo, eu me virei e plantei as minhas costas contra as telhas. Eu engoli o nó de medo na minha garganta. Eu tinha uma espécie de fobia de alturas, e o pensamento de todo aquele espaço entre mim e o terreno estava brotando suor da minha pele.

Tentando ficar o mais escondida possível no telhado, eu lutava com o walkie-talkie na

minha cintura. —Vee—, eu sussurrei.

—Onde está você? —, Disse ela através da música aos berros no fundo.

—Você poderia se livrar do cão a qualquer momento a partir de agora?

—Como? —Seja criativa. —Como dar veneno a ele?

Limpei o suor da testa com a palma da minha mão. —Eu estava pensando em você trancá-lo em um armário.

—Você quer dizer, tocá-lo?

—Vee!

—Ok, ok, vou pensar em alguma coisa.

Trinta segundos se passaram antes que eu pudesse ouvir a voz Vee através da janela do quarto de Marcie.

—Ei, Marcie? —, Ela chamou através dos latidos.

—Não queria atrapalhar, mas a polícia está na porta da frente. Eles disseram que estão respondendo a uma queixa de barulho. Você quer que eu vá convidá-los para entrar?

—O quê? — Marcie gritou diretamente acima de mim. —Eu não vejo nenhum carro de polícia.

—Eles provavelmente foram estacionar alguns quarteirões mais para frente. Enfim, como eu estava dizendo, eu notei substâncias ilegais nas mãos de alguns convidados.

—Então? — Ela estalou. —É uma festa.

—O álcool é ilegal para menores de 21.

—Ótimo! — Marcie gritou. —O que eu posso fazer? — Ela uma pausa, depois levantou a sua voz novamente. —Você provavelmente chamou eles!

—Quem, eu? — Vee disse. —E perder a comida de graça? De jeito nenhum.

Um momento depois, os latidos frenéticos Boomer desapareceu, e a luz do quarto apagou. Eu esperei ainda mais um momento, escutando. Quando eu tive certeza que Marcie tinha saído do quarto, eu me rastejei de barriga até a janela. O cão estava desaparecido, Marcie já tinha ido embora, e se eu pudesse, -

Eu pressionei minhas mãos para forçar a janela para cima, mas não saiu do lugar. Aproveitando as minhas mãos no painel inferior, coloquei todas as minhas força para cima. Nada aconteceu. Ok, eu pensei. Não é grande coisa. Marcie deve ter bloqueado o janela. Tudo o que eu tinha a fazer era ficar aqui mais cinco horas até que a festa acabasse, então, fazer Vee voltar com uma escada. Ouvi passos de caminhada abaixo e estiquei o pescoço para ver se

por algum golpe de sorte era Vee vindo ao meu socorro. Para meu horror, Patch estava de costas para mim, caminhando em direção ao Jeep. Ele digitou um número em seu celular e levou-o aos seus ouvidos. Dois segundos depois, meu celular cantou no meu bolso. Antes que eu pudesse arremessar o celular dentro do mato na beira da propriedade, Patch parou de repente. Ele olhou por cima do ombro, seus olhos subindo. Seu olhar caiu sobre mim, e eu pensei que teria sido melhor se Boomer tivesse me comido viva.

—E olha que pode ser chamada de voyeurs. — Eu não precisava vê-lo para saber que ele rindo.

—Pare de rir—, disse eu, meu rosto quente com humilhação. —Me ajude a descer.

—Pule.

—O quê?

—Eu vou pegar você.

—Você está louco? Vá para dentro, suba e abra a janela. Ou pegue uma escada.

—Eu não preciso de uma escada. Pule. Eu não vou deixá-la cair.

—Ah, com certeza! Como eu acredito nisso!

—Você quer a minha ajuda ou não?

—Você chama isso ajuda? — Eu contestei furiosamente. —Isso não é ajudar!

Ele girou a chave do carro em torno de seu dedo, depois começou a andar.

—Você é um idiota! Volte aqui!

—Idiota? —, Ele repetiu. —Você é a espiã na janela.

—Eu não estava espionando. Eu estava, eu estava— Pense em algo!

Os olhos Patch foi para a janela acima de mim, e eu assisti como a compreensão tomou seu rosto. Ele inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. —Vocês estavam espionando o quarto de Marcie.

—Não. — Eu revirei os olhos como se fosse a ideia mais absurda.

—O que você estava procurando?

—Nada. — Eu peguei o boné dele do meu bolso de trás e atirei para ele. —E aqui está o seu boné estúpido, a propósito!

—Você entrou aí só para pegar o meu boné?

—Um grande perda de tempo, obviamente!

Ele encaixou o boné na cabeça. —Você vai pular?

Eu dei um olhar inquieto sobre a borda do telhadinho, e o chão parecia a vinte metros fora do alcance. Com medo da resposta, perguntei: —Por que você me ligou?

—Eu perdi você de vista lá dentro. Eu queria ter a certeza de que você estava bem.

Ele parecia sincero, mas ele era um mentiroso habilidoso. —E a Coca-Cola de cereja?

—Uma oferta de paz. Você vai pular ou o quê?

Não vendo alternativa, eu fui cautelosamente até a borda do telhadinho. Meu estômago virou círculos. —Se você me derrubar, eu ... —adverti.

Patch tinha os braços erguidos. Fechei os olhos apertados, eu deslizei para a borda. Senti quebrar o ar em volta do meu corpo e então eu estava nos braços de Patch, ancorada contra ele. Fiquei lá por um momento, coração martelando tanto da adrenalina da queda, quanto da sensação de estar tão perto dele. Ele me fez sentir quente e familiar. Me fez sentir firme e segura. Queria agarrar sua camisa, enterrar meu rosto na curva quente de seu pescoço, e nunca mais largar. Patch colocou um cacho do meu cabelo atrás da minha orelha.

—Você quer voltar para a festa? —, ele murmurou.

Eu balancei minha cabeça que não.

—Eu vou te levar para casa. — Ele usou seu queixo gesticulando ao jipe, porque ele ainda não tinha desdobrado seus braços ao redor de mim.

—Eu vim com a Vee, — eu disse. “Eu deveria voltar com ela”.

—Vee não vai pegar comida chinesa no caminho de casa.

Comida chinesa. Isso implicaria em Patch entrando na minha casa para comer. Minha mãe não estava em casa, o que significava que teríamos que ficar sozinhos.

Eu baixei minha guarda um pouco mais. Provavelmente, estávamos seguros.

Provavelmente, os arcanjos não estavam por perto. Patch não parecia preocupado, por isso eu também não deveria. E era apenas um jantar. Eu tinha tido um dia longo e insatisfatório na escola, e eu estava faminta depois de uma hora de academia. Jantar com Patch soou perfeito. Um jantar juntos vai doer? As pessoas jantavam juntos o tempo todo e nada demais.

—Só um jantar, — Eu disse, mais para me convencer do que Patch.

Ele deu uma saudação de escoteiro, mas seu sorriso era o que há de bom. O sorriso de um menino mau. O sorriso perverso e encantador do cara que Marcie que tinha beijado há duas noites ... e estão oferecendo- se para jantar comigo esta noite, provavelmente com a esperança que o jantar poderia acabar em algo completamente diferente. Ele me deu um sorriso de derreter o coração, o necessário para apagar a minha mágoa. Para me fazer esquecer que ele

tinha beijado Marcie.

Todo o tumulto no meu interior se espatifou enquanto eu era empurrada para o presente. Minhas especulações morreram, sendo substituído por um sentimento súbito e forte de mal-estar que não tinha nada a ver com Patch, ou domingo à noite. Arrepios deixaram a minha pele arrepiada. Estudei as sombras que tocavam o gramado.

—Hum— Patch murmurou, detectando a minha preocupação, apertando braços protetoramente em torno de mim. E então eu senti novamente. Uma mudança no ar. Uma névoa invisível, estranhamente quente, pendendo para baixo, pressionando tudo, ziguezagueando como mais de uma centena de cobras furtivas no ar. A sensação foi muito perturbadora, que eu até tinha dificuldade em acreditar que Patch não tinha notado nada, mesmo que ele não pudesse sentir diretamente.

—O que foi isso, Anjo? — Sua voz era baixa, me questionamento.

—Estamos seguros?

—Será que isso importa?

Mudei meus olhos pelo jardim. Eu não estava certa porque, mas eu continuei com o pensamento nos arcanjos. Eles estão aqui. —Quero dizer ... os arcanjos, —eu disse, tão baixo que mal ouvi a minha própria voz. —Não são eles observando?

—Sim.

Tentei recuar, mas Patch recusou a me deixar. —Eu não me importo com o que eles veem. Estou cansado da farsa. — Ele tinha parado de roçar o seu nariz em meu pescoço, e eu vi uma certa provocação atormentado em seus olhos.

Eu esforcei-me um pouco mais para me afastar. —Me deixe ir.

—Você não me quer? — Seu sorriso era astuto como uma raposa.

—Esse não é o problema. Eu não quero ser responsável por qualquer coisa que aconteça com você. Deixe-me ir embora.

Como ele pode ser tão irresponsável sobre isso? Eles estavam à procura de uma desculpa para se livrar dele. Ele não podia ser visto me segurando. Ele acariciou os lados dos meus braços, mas como eu tentei me aproveitar da oportunidade para me afastar, ele pegou as minhas mãos. Sua voz entrou em minha mente. Eu poderia ser desonesto. Eu poderia seguir em frente, poderíamos parar e jogar pelas regras dos arcanjos. Ele disse tão decididamente, tão facilmente, que eu sabia que essa não era a primeira vez que ele havia pensado nisso. Este foi um plano que ele tinha secretamente fantasiou muitas e muitas vezes.

Meu coração batia freneticamente. Seguir em frente? Parar de jogar pelas regras? —Do que você está falando?

Eu viveria em movimento, sempre escondido, esperando que o arcanjos não me

encontrasse.

—E se eles te encontrar?

Eu iria a julgamento. Eu seria considerado culpado, mas isso nos daria algumas semanas sozinhos, digo, enquanto deliberassem.

Eu podia sentir o olhar ferido em seu rosto. —E então?

Eles me mandariam para o inferno. Ele fez uma pausa, depois acrescentou com calma e convicção, não tenho medo do inferno. Eu mereço o que está por vir. Eu menti, enganei, fui enganado. Eu machuquei pessoas inocentes. Eu cometi mais erros do que me lembro. De uma forma ou outra, eu deveria pagar por eles mais do que a minha existência. O inferno não terá diferença. Sua boca se curvou em um sorriso breve e irônico. Mas eu tenho certeza que os arcanjos têm algumas cartas na manga. O seu sorriso desvaneceu, e ele olhou para mim com uma honestidade despojada. Estar com você nunca me fez sentir errado. Foi a única coisa que eu fiz certo. Você é a única coisa certa pra mim. Eu não me preocupo com os arcanjos. Diga-me, o que você quer que eu faça. Diga a palavra. Vou fazer o que você quiser. Podemos sair agora mesmo.

Levei um momento para compreender as suas palavras, eu olhei para o Jeep. A parede de gelo entre nós derreteu. O muro só estava lá por causa dos arcanjos. Patch e eu estávamos brigando por nada. Eles eram o problema. Eu queria deixá-los, e tudo mais para trás e seguir com Patch. Eu queria ser imprudente, o pensamento só do aqui, agora. Nós poderíamos fazer um ao outro esquecer sobre as consequências. Não nos importaríamos com as regras, limites, e acima de tudo, com o amanhã. Seria apenas eu e Patch, e nada mais importava.

Nada além da promessa do que iria acontecer quando essa semana chegasse ao fim. Eu tinha duas opções, mas a resposta foi clara. A única maneira que eu poderia manter Patch foi ter que deixá-lo ir. Nada mais poderia fazer com ele.

Eu não sabia que eu estava chorando até Patch tocar meu rosto com seus polegares sob meus olhos.

—Shh, — ele murmurou. —Vai ficar tudo bem. Eu quero você. Eu não posso continuar fazendo o que eu estou fazendo agora, viver pela metade.

—Mas eles vão mandar você para o inferno—, eu gaguejei, incapaz de controlar o tremor no meu lábio inferior.

—Eu tive muito tempo para chegar a um acordo com eles.

Eu estava determinada a não mostrar a Patch o quão difícil estava sendo para mim, mas engasguei com as lágrimas escorrendo pelo meu pescoço. Meus olhos estavam úmidos e inchados, e meu peito doía. Isso tudo foi minha culpa. Se não fosse por mim, ele não seria um anjo da guarda. Se não fosse por mim, os arcanjos não estariam inclinados a destruí-lo ele. Eu era responsável por guiá-lo até este ponto.

—Eu preciso de um favor—, eu finalmente disse em voz baixa que soava mais como de um estranho que a minha. —Diga a Vee que fui andando para casa. Eu preciso ficar sozinha.

—Anjo? — Patch pegou minha mão, mas eu a puxei soltando-a. Senti meus pés se afastando, um passo em frente do outro. Mais longe e mais distante do Patch possível, como se apenas minha mente tivesse guiando o meu corpo.

Na tarde seguinte, a Vee me deixou próximo à porta da frente do Enzo's.

Eu estava usando um vestido de verão com estampa amarela que quase passava a linha entre sedutor e profissional e era muito mais otimista do que eu me sentia por dentro. Eu parei na frente das janelas para balançar meu cabelo, que tinham relaxados em cachos após eu ter dormido em cima deles a noite toda, mas o gesto parecia rígido. Eu forcei um sorriso. Era o que eu estivera praticando a manhã toda. Parecia apertado nas beiradas e frágil em todos os outros lugares. Na janela, parecia falso e oco. Mas para uma manhã depois de uma noite chorando, era o melhor que eu conseguia.

Depois de andar da casa da Marcie até lá em casa ontem à noite, eu tinha me curvado na cama, mas não tinha dormido. Eu passara a noite atormentada por pensamentos autodestrutivos. Quanto mais eu ficava acordada, mais meus pensamentos se afastavam vertiginosamente da realidade. Eu queria fazer uma declaração, e eu estava machucada o bastante para não ligar para o quanto ela seria drástica. Um pensamento chegou até mim, o tipo de pensamento que eu nunca teria tido na minha vida antes. Se eu acabasse com a minha vida, os arcanjos veriam. Eu queria que eles sentissem remorso. Eu queria que eles duvidassem de suas leis arcaicas. Eu queria que eles fossem dados como responsáveis por despedaçar a minha vida, e então por acabar com ela completamente.

Minha mente serpenteou e cambaleou com esses tipos de pensamentos a noite toda. Minhas emoções mudaram de uma perda de partir o coração para negação e para raiva. Em certo momento, eu me arrependi de não ter fugido com o Patch. Qualquer felicidade, não importando o quanto ela fosse breve, parecia melhor do que essa tortura longa e fervendo lentamente de acordar dia após dia, sabendo que eu nunca poderia tê-lo.

Mas enquanto o sol começava a abrir uma fenda pelo céu nesta manhã, eu tomei uma decisão. Eu tinha que seguir em frente. Era ou isso, ou entrar numa depressão congelada. Eu me forcei a passar pelas ações de tomar banho e me vestir, e fui para escola com a determinação fixa de que ninguém veria por baixo da superfície.

Uma sensação de alfinetes e agulhas envolveu o meu corpo, mas eu me recusei a mostrar mesmo um única sinal exterior de autocomiseração. Eu não ia deixar os arcanjos vencerem. Eu ia me firmar novamente, conseguir um emprego, pagar a minha multa de velocidade, terminar a escola de verão com a nota mais alta, e me manter tão ocupada que, só de noite, quando eu estivesse sozinha com os meus pensamentos e não pudesse evitar, eu pensaria no Patch.

Dentro do Enzo's, duas sacadas semicirculares estavam espalhadas à minha esquerda e à minha direita, com uma escada ampla dando para a área principal de alimentação e para a bancada frontal. As sacadas me lembravam de passarelas curvadas com vista para um buraco. As mesas na sacada estavam cheias, mas apenas alguns retardatários bebendo café e lendo o

jornal matutino ainda permaneciam no buraco.

Respirando fundo para ajudar, eu descii a escada e me aproximei da bancada frontal.

—Com licença, ouvi dizer que estão contratando baristas,— eu disse à mulher no caixa. Minha voz parecia desafinada aos meus ouvidos, mas eu não tinha energia para tentar corrigi-la. A mulher, uma ruiva de meia idade com um crachá onde se lia ROBERTA, olhou para cima. —Eu gostaria de preencher uma solicitação de emprego.— Eu consegui dar um meio sorriso, mas, de algum jeito, temi que não era nem um pouco verossímil.

Roberta limpou suas mãos sardentas num pano e deu a volta na bancada. —Baristas? Não mais.

Eu encarei-a, segurando meu fôlego, sentindo toda a esperança esvaziar-se de mim. Meu plano era tudo. Eu não tinha considerado o que faria se mesmo um passo dele fosse arrancado de mim. Eu precisava de um plano. Eu precisava desse emprego. Eu precisava de uma vida cuidadosamente controlada onde cada minuto fosse planejado, e cada emoção separada em compartimentos.

—Mas ainda estou procurando por uma atendente de bancada confiável, no turno da noite só, das seis às dez,— Roberta acrescentou.

Eu pestanejei, meu lábio tiritando ligeiramente em surpresa. — Ah,— eu disse.—Isso é... bom.

—De noite nós escurecemos as luzes, trazemos os baristas, tocamos um pouco de jazz, e tentamos dar uma sensação mais sofisticada. Isso aqui costumava ficar morto depois das cinco, mas estamos esperando atrair as multidões. Economia dura,— ela explicou. —Você ficaria encarregada de receber os clientes e anotar os pedidos, e então informá-los à cozinha. Quando a comida estiver pronta, você a leva para as mesas.

Eu tentei assentir avidamente, determinada à mostrá-la o quanto eu queria esse emprego, sentindo todas as pequenas fendas dos meus lábios se partirem enquanto eu sorria. —Isso — soa perfeito,— eu consegui dizer numa voz rouca.

—Você tem alguma experiência de emprego?

Eu não tinha. Mas a Vee e eu vínhamos ao Enzo's pelo menos três vezes por semana. —Eu conheço o menu de cor,— eu disse, começando a me sentir mais sólida, mais real. Um trabalho. Tudo dependia disso. Eu ia construir uma vida nova.

Aqui eu estava, incapaz de convocar até mesmo um sorriso sincero, mas ela estava deixando isso passar. Ela estava me dando uma chance. Eu movi a minha mão —É isso que eu gosto de ouvir,— Roberta disse. —Quando você pode começar? —Hoje à noite?— Eu mal conseguia acreditar que ela estava me oferecendo o trabalho para frente para apertar a dela, então notei, meio segundo tarde demais, de que a minha mão estava tremendo.

Ela ignorou a minha mão esticada, olhando-me com sua cabeça inclinada de lado de um

jeito que me fazia sentir mais exposta e constrangida. —Está tudo bem?

Eu inspirei silenciosamente e segurei. —Sim —estou bem.

Ela assentiu bruscamente. —Chegue aqui quinze para seis e eu te darei um uniforme antes do seu turno.

—Muito obrigada—, — eu comecei, minha voz ainda em choque, mas ela já estava escapando para trás da bancada.

Enquanto eu saía para um sol cegante, eu comecei a calcular na minha cabeça. Supondo que eu teria um salário mínimo, se eu trabalhasse todas as noites pelas próximas duas semanas, eu talvez fosse capaz de pagar a minha multa de velocidade. E se eu trabalhasse todas as noites por dois meses, isso seriam sessenta noites em que eu estaria afogada demais em trabalho para me concentrar no Patch. Sessenta noites mais perto do fim das férias de verão, quando eu poderia, novamente, concentrar toda a minha energia na escola. Eu já tinha decidido lotar o meu horário com aulas exigentes. Eu conseguia lidar com lições de casa de cada tamanho e formato, mas um coração quebrado era algo inteiramente diferente.

—Bem?— Vee perguntou, encostando o Neon ao meu lado.—

Como foi?

Eu entrei no assento do passageiro. —Consegui o emprego.

—Legal. Você parecia bem nervosa ao entrar, quase como se você fosse perder o controle, mas não há razão para se preocupar agora. Você é oficialmente um membro trabalhador da sociedade. Estou orgulhosa de você, babe. Quando começa?

Eu olhei o visor no painel. —Em quatro horas.

—Vou passar aqui hoje à noite e pedir para ser sentada na sua área.

—É melhor deixar uma gorjeta,— eu disse, minha tentativa de humor quase me levando a lágrimas.

—Sou a sua chofer. Isso é melhor que uma gorjeta.

—Um sanduíche de costela, um de salame, e um de peru assado, — eu disse, assentando os pratos na frente de um grupo de três homens de negócios de terno. —Boa refeição.

Eu corri pelos degraus que saíam do buraco, puxando meu bloquinho de anotação de refeições do meu bolso traseiro. A meio caminho da passarela, meus passos pararam. Marcie Millar estava logo na minha frente, sentada na minha mesa nova. Eu também reconheci Addyson Hales, Oakley Williams, e Ethan Tyler, todos da escola. Eu pensei em fazer uma meia volta e dizer à hostess para dar a minha mesa para outra pessoa - qualquer pessoa —quando a Marcie olhou para cima e eu soube que estava presa.

Um sorriso duro como granito tocou a boca dela.

Minha respiração vacilou. Havia alguma possibilidade dela saber que eu tinha pego seu diário? Não foi até eu chegar em casa e engatinhar para a minha casa ontem à noite que eu me lembrara que ainda o tinha. Eu o teria devolvido bem então, mas ele tinha sido a última coisa na minha cabeça. O diário parecera insignificante perto do tumulto doloroso me raspando tanto por dentro quanto por fora. Agora, ele estava intocado no chão do meu quarto, logo ao lado das roupas jogadas de ontem à noite.

—O seu uniforme não é a coisa mais fofinha do mundo?— Marcie disse sobre o jazz gravado de antemão. —Ethan, você não usou um colete exatamente como esse no baile do ano passado? Eu acho que a Nora assaltou o seu guarda-roupas.

Enquanto eles riam, eu segurei a minha caneta pronta para anotar no bloquinho de pedidos.

—Vocês querem algo para beber? O especial de hoje à noite é o nosso smoothie de lima e coco.— Todos podiam ouvir o rangido de culpa na minha voz? Eu engoli em seco, esperando que, quando eu falasse novamente, o sinal de nervosismos fosse embora.

—Da última vez que eu estive aqui, foi o aniversário da minha mãe,— Marcie disse. —A nossa garçonele cantou 'Parabéns Pra Você' pra ela.

Levei uns bons três segundos para entender. —Ah. Não. Quero dizer —não. Não sou uma garçonele. Sou uma atendente de bancada.

—Não ligo para o que você é. Quero que cante 'Parabéns Pra Você' pra mim.

Eu fiquei paralisada, minha mente buscando freneticamente uma fuga. Eu não conseguia acreditar que a Marcie estava me pedindo para eu me humilhar dessa forma. Espera. E claro que ela estava me pedindo para eu me humilhar. Pelos últimos onze anos, eu mantivera um cartão de pontos entre nós, mas agora eu tinha certeza de que ela tinha o seu próprio.

Ela morria pela oportunidade de se vingar de mim. Pior, ela sabia que o placar dela era o dobro do mim e ela ainda estava contando os pontos.

O que fazia dela não só uma valentona, mas uma exibida.

Eu levantei a minha mão. —Deixe-me ver a sua identidade.

Marcie levantou um ombro indiferentemente. —Eu a esqueci.

Ambas sabíamos que ela não tinha esquecido a carteira de motorista dela, e ambas sabíamos que não era o aniversário dela.

—Estamos realmente lotados hoje à noite,— eu disse, fingindo uma desculpa. —Meu gerente não iria querer que eu tomasse tempo dos outros clientes.

—O seu gerente iria querer que você deixasse os seus clientes felizes. Agora cante.

—E enquanto faz isso,— Ethan aderiu à conversa, —traga um daqueles bolos de chocolate de graça.

—Só devemos dar uma fatia, não um bolo inteiro,— eu disse.

—Nós só devemos dar uma fatia,— Addyson imitou, e a mesa irrompeu em risadas.

Marcie esticou a mão para sua bolsa de mão e puxou uma câmera da marca Flip. O botão vermelho de força piscou, indicando ter ligado, e ela mirou a lente para mim. —Mal posso esperar para mandar esse vídeo para a escola toda. É uma boa coisa eu ter acesso ao e-mail de todo mundo. Quem teria pensado que ser uma assistente de escritório seria tão útil?

Ela sabia sobre o diário. Ela tinha de saber. E essa era a vingança. Cinquenta pontos para mim por ter roubado o seu diário. O dobro dela por mandar um vídeo comigo cantando —Parabéns pra Você, Marcie— para todo o Colégio Coldwater.

Eu apontei sobre o meu ombro para a cozinha e recuei lentamente. —Escuta, meus pedidos estão se empilhando—

—Ethan, vá contar à nossa hostess adorável lá que nós exigimos falar com o gerente. Diga à ela que a nossa atendente de bancada está sendo ranzinza,— Marcie disse.

Eu não conseguia acreditar nisso. Menos de três horas trabalhando, e a Marcie ia me fazer ser despedida. Como eu ia pagar a minha multa? E adeus Volkswagen Cabriolet. Mais que isso, eu precisava do trabalho para me distrair da luta inútil de encontrar uma maneira de lidar com a verdade enfuriante: Patch estava fora da minha vida. Para sempre.

—O tempo esgotou,— Marcie disse. —Ethan, vá chamar o gerente.

—Espera,— eu disse. —Eu faço.

Marcie deu um gritinho e bateu suas mãos. —Que bom que eu carreguei a bateria.

De forma subconsciente, eu abaixei a minha boina, escondendo o meu rosto. Eu abri a minha boca. —Parabéns pra você—

—Mais alto!— todos gritaram.

—Nessa data querida,— eu cantei mais alto, envergonhada demais para notar se o meu tom estava perigosamente desafinado. —Muitas felicidades. Muitos anos de vida.

Ninguém disse uma palavra. Marcie armazenou a câmera de volta em sua bolsa de mão. —Bom, isso foi entediante.

—Isso soou... normal,— Ethan disse.

Um pouco do sangue foi drenado do meu rosto. Eu dei um sorriso breve, aturdido e triunfante. Quinhentos pontos. Meu solo valia pelo menos isso. Lá se foi a Marcie me explodir em pedacinhos. Eu tinha assumido a liderança, oficialmente. —Bebidas, aceitam?— eu perguntei, soando surpreendentemente animada.

Após anotar seus pedidos, eu me virei para me dirigir de volta à cozinha, quando Marcie

me chamou, —Ah, e Nora?

Eu parei onde estava. Eu tomei um fôlego profundo, me perguntando a altura que ela achava que podia me fazer saltar dessa vez.

Ah, não.. A não ser... que ela fosse me desmascarar. Bem agora. Na frente de todas essas pessoas. Ela ia contar ao mundo que eu roubara seu diário, para que eles pudessem ver o quanto eu realmente era baixa e desprezível.

—Dava pra você apressar o nosso pedido?— Marcie terminou. —Temos uma festa para ir.

—Apressar o seu pedido?— eu repeti estupidamente. Isso queria dizer que ela não sabia sobre o diário?

—Patch vai nos encontrar na Praia Delphic, e eu não quero me atrasar.— Marcie cobriu sua boca instantaneamente. —Eu sinto muito. Eu nem estava pensando. Eu não deveria ter mencionado o Patch. Deve ser difícil vê-lo com outra pessoa.

Qualquer sorriso ao qual eu estivesse me segurando escorregou. Eu senti um calor subir pelo meu pescoço. Meu coração batia tão rápido que deixava a minha cabeça leve. O cômodo inclinou-se para frente, e o sorriso homicida da Marcie estava no centro de tudo, rindo de mim. Então tudo tinha voltado ao normal. Patch tinha

voltado para a Marcie. Depois de eu ter ido embora na noite passada, ele se resignara ao que o destino tinha nos dado. Se ele não podia me ter, ele ficaria com a Marcie. Como é que eles podiam ter um relacionamento? Onde os arcanjos estavam quando se tratava de vigiar o Patch e a Marcie? E quanto ao beijo deles? Os arcanjos iam deixar isso passar porque sabiam que não significa nada para os dois? Eu queria berrar contra a injustiça disso tudo. Marcie podia ficar com o Patch já que não o amava, mas eu não podia, porque eu o amava e os arcanjos sabiam. Por que era tão errado nós estarmos apaixonados? Os anjos e os humanos eram realmente tão diferentes?

—Está tudo bem, eu superei, — eu disse, injetando uma nota de civilidade fria ao meu tom.

—Que bom pra você,— Marcie disse, mordiscando sedutoramente seu canudo, nenhuma parte dela parecendo ter acreditado em mim.

Lá na cozinha, eu mandei o pedido da Marcie para os cozinheiros. Eu deixei o espaço de —instruções especiais de comida— em branco.

Marcie estava com pressa para ver o Patch na Praia Delphic?

Que pena.

Eu peguei o meu pedido que estava esperando e levei a bandeja para fora da cozinha. Para a minha surpresa, vi Scott parado perto das portas dianteiras, falando com as hostesses. Ele estava vestido confortavelmente em calça jeans Levi's largas e uma camiseta apertada, e, dada a linguagem corporal das duas hostesses vestidas de preto, elas estavam flertando com ele.

Ele me viu e deu um aceno baixo de reconhecimento. Eu deixei o pedido da mesa quinze, então caminhei rapidamente pela escada.

—Ei,— eu disse ao Scott, tirando a boina para arejar o meu rosto.

—Vee me disse que eu te acharia aqui.

—Você ligou para a Vee?

—É, depois de você não retornar nenhuma das minhas mensagens.

Eu passei o meu braço pela minha testa, varrendo alguns cabelos soltos de volta aos seus lugares. —Meu celular está nos fundos. Não tive uma chance de vê-lo desde que eu comecei o trabalho. O que você precisa?

—Que horas você sai?

—Dez. Por quê?

—Tem uma festa na Praia Delphic. Estou procurando uma perdedora para arrastar junto.

—Toda vez que saímos, algo ruim acontece.— A luz não se acendeu em seus olhos. —A luta no Z,— eu o lembrei. —A do Devil's Handbag. Em ambas as vezes eu tive que pedir carona para casa.

—Na terceira vez dá certo.— Ele sorriu, e eu percebi, pela primeira vez, que era um sorriso bonito. Juvenil até. Suavizava a personalidade dele, me fazendo perguntando se havia outro lado dele, um lado que eu ainda não havia visto.

A probabilidade era de que fosse a mesma festa à qual a Marcie ia. A mesma festa onde Patch deveria estar. E a mesma praia onde eu estivera com ele há apenas uma semana e meia, quando eu falara cedo demais ao declarar que estava tendo a vida perfeita. Eu nunca poderia ter adivinhado o quanto isso iria mudar para pior tão rapidamente.

Eu fiz uma rápida contagem dos meus sentimentos, mas eu precisava de mais que um punhado de segundos para decidir como eu estava me sentindo. Eu queria ver o Patch —eu sempre iria querer —mas essa não era a questão. Eu precisava determinar se eu podia aguentar vê-lo. Eu conseguiria aguentar vê-lo com a Marcie? Especialmente depois de tudo que ele tinha me dito ontem à noite?

—Vou pensar nisso,— eu disse ao Scott, percebendo que estava demorando demais para responder.

—Precisa que eu passe as dez e te pegue?

—Não. Se eu for, a Vee pode me dar uma carona.— Eu apontei na direção das portas da cozinha. —Escuta, eu preciso voltar ao trabalho.

—Espero te ver,— ele disse, me lançando um sorriso final antes de ir embora.

Ao fechar, eu encontrei a Vee vagabundeando no estacionamento. —Obrigada por me buscar,— eu disse a ela, indo para o banco do passageiro. Minhas pernas doíam de tanto ficar em pé, e minhas orelhas ainda zuniam com toda a conversa e as risadas altas de um restaurante lotado - para não falar em todas as vezes que os cozinheiros e os garçons gritaram correções para mim. Eu tinha levado pelo menos dois pedidos errados, e, mais de uma vez, tinha entrado na cozinha pela porta errada.

Em ambas as vezes, eu quase tinha derrubado uma garçonete que estava com os braços cheios de pratos. A boa notícia era que eu tinha trinta dólares em gorjetas dobrados dentro do meu bolso. Depois que eu pagasse a minha multa, todas as minhas gorjetas iriam para o Cabriolet. Eu ansiava pelo dia em que não teria que depender da Vee para me transportar por aí.

Mas não tanto quanto eu ansiava pelo dia em que eu teria esquecido o Patch.

Vee sorriu. —Isso não é um serviço de graça. Todas essas caronas são, em verdade, dívidas que voltarão para te assombrar.

—Estou falando sério, Vee. Você é a minha melhor amiga no mundo todo. A melhorzona.

—Ah, talvez devêssemos comemorar esse momento precioso e passar no Skippy's para tomar sorvete. Eu estava precisando de um sorvete. Em verdade, eu estava precisando de um pouco de MSG. Nada me deixa tão feliz quanto uma porção de fast-food recém frita, encoberta por um bom e velho MSG.

—Fica para a próxima?— eu perguntei. —Fui convidada para ficar na Praia Delphic hoje à noite. Você é mais do que bem-vinda para vir, — eu acrescentei rapidamente. Eu não tinha nem um pouco de certeza de ter tomado a decisão certa quando decidi ir hoje à noite. Por que eu estava me fazendo passar pela tortura de ver o Patch de novo? Eu sabia que era porque o queria perto, mesmo que perto não fosse perto o bastante. Uma pessoa mais forte e corajosa teria cortado todos os laços e ido embora. Uma pessoa mais forte não teria batidos seus punhos contra a porta do destino. Patch estava fora da minha vida de vez. Eu sabia que precisava aceitar isso, mas havia uma grande diferença entre saber e fazer.

—Quem mais vai?— Vee perguntou.

—Scott e alguns outros da escola.— Não precisava mencionar a Marcie e ganhar um veto instantâneo. Eu tinha um pressentimento de que podia precisar do apoio da Vee hoje.

—Acho que vou me aconchegar com o Rixon e assistir um filme, ao invés. Posso perguntar se ele tem outros amigos para te apresentar. Podíamos fazer um negócio de encontro de casais. Comer pipoca, contar piadas, dar uns amassos.

—Passo.— Eu não queria outro. Eu queria o Patch.

Na hora em que Vee entrou no estacionamento da Praia Delphic, o céu estava pichado de preto. Luzes de alta voltagem que me lembravam daquelas no campo de futebol americano do colégio iluminavam as estruturas de madeira pintadas de branco que abrigavam o carrossel, o

fliperama, e o minigolfe, fazendo com que uma auréola pairasse sobre o local. Não havia mais eletricidade pela praia, ou nos campos ao redor, fazendo dele o único ponto brilhante na costa por quilômetros. A essa hora da noite eu não esperava encontrar ninguém comprando hambúrgueres ou jogando air hockey, e eu sinalizei para a Vee parar perto do caminho da marca da ferrovia cortando a água.

Eu saí do carro e balbuciei um tchau. Vee acenou em resposta, seu celular pressionado contra sua orelha enquanto ela e Rixon combinavam os detalhes de onde eles se encontrariam.

O ar ainda tinha aquele calor do sol de mais cedo e estava cheio de sons de tudo, desde a música distante que chegava do Parque de Diversões Delphic Seaport, nos penhasco, até as ondas tocando a areia. Eu parti a cadeia de ervas marinhas que corriam paralelamente à costa como uma cerca, corri pela ladeira, e andei na faixa fina de areia seca que estava fora do alcance da maré alta.

Eu passei por pequenos grupos de pessoas ainda brincando na água, pulando ondas e atirando madeira na escuridão do oceano, mesmo os salva-vidas já terem ido embora há tempos. Eu fiquei de olho para achar o Patch, Scott, Marcie, ou qualquer outro que eu reconhecesse.

Lá na frente, as chamas laranja de uma fogueira piscaram e esvoaçaram na escuridão. Eu tirei o meu celular e disquei pro Scott.

—E aí.

—Eu cheguei,— eu disse. —Onde você está?

—Ao sul da fogueira. Você?

—Ao norte dela.

—Vou te achar.

Dois minutos mais tarde, Scott caiu subitamente na areia ao meu lado. —Você vai ficar à margem a noite toda?— ele me perguntou. Seu hálito tinha o cheiro forte de álcool.

—Não sou muito fã de noventa por cento das pessoas dessa festa.

Ele assentiu, entendendo, e esticou uma garrafa de aço. —Não tenho germes, palavra de escoteiro. Tome o tanto que quiser.

Eu me inclinei o bastante para cheirar o conteúdo da garrafa. Imediatamente eu recuei, sentindo a fumaça queimar o fundo da minha garganta. —O que é?— eu sufoquei. —Olho de motor?

—Minha receita secreta. Se eu te contasse, teria que te matar.

—Não precisa. Tenho bastante certeza que tomar um gole daria o mesmo resultado.

Scott relaxou para trás, os cotovelos na areia. Ele tinha se trocado para uma camiseta do Metallica com as mangas arrancadas, short caqui, e chinelos. Eu estava usando o meu uniforme de trabalho, menos a boina, o colete, e a minha camisa marcada abaixo do busto. Felizmente, eu tinha colocado uma veste de baixo antes de ir trabalhar, mas eu tinha nada para substituir a calça de tweed.

—Então me diga, Grey. O que você está fazendo aqui? Tenho que te dizer, eu achei que você tinha me rejeitado pela lição de casa da semana que vem.

Eu me inclinei para trás na areia ao lado dele e lancei um olhar na direção dele. —O negócio de fingir ser um canalha está começando a ficar velho. Eu sou bobona. E daí?

Ele sorriu. —Eu gosto de bobona. A bobona vai me ajudar a passar no meu primeiro ano. Especialmente em inglês.

Ah, cara. —Se isso foi uma pergunta, a resposta é não, não vou escrever as suas redações de inglês.

—Isso é o que você acha. Eu não comecei a trabalhar no Charme do Scott ainda.

Eu bufei uma risada, e seu sorriso se aprofundou. Ele disse, —O quê? Não acredita em mim?

—Eu não acredito que você e a palavra 'charme' pertençam à mesma sentença.

—Nenhuma garota resiste ao Charme. Tô te dizendo, elas ficam loucas por ele. Aqui está o básico: Fico bêbado vinte e quatro horas por dias, sete dias por semana, não paro num emprego, não consigo passar em matemática básica, e passo meus dias jogando videogame e desmaiando.

Eu joguei a minha cabeça para trás, sentindo meus ombros balançarem enquanto eu ria. Eu estava começando a achar que eu gostava mais da versão bêbada do Scott do que da sóbria. Quem teria imaginado que o Scott seria autodepreciativo?

—Para de babar,— Scott disse, inclinando meu queixo para cima de maneira brincalhona. —Vai tudo para a minha cabeça.

Eu lhe lancei um sorriso relaxado. —Você dirige um Mustang. Isso deve te dar dez pontos, pelo menos.

—Maravilha. Dez pontos. Tudo que eu preciso são de mais duzentos para sair da zona vermelha.

—Por que não para de beber?— eu sugeri.

—Parar? Você está brincando? Minha vida é uma droga quando eu só estou parcialmente ciente dela. Se eu parar de beber e ver o que ela realmente é, eu provavelmente pularia de uma ponte.

Nós ficamos quietos por um momento.

—Quando estou bêbado, eu quase consigo esquecer quem eu sou,— ele disse, seu sorriso desbotando ligeiramente. —Eu sei que ainda estou aqui, mas só por pouco. É um lugar bom de se estar.— Ele virou a garrafa, os olhos no mar negro à frente.

—É, bem, a minha vida não é tão boa também.

—O seu pai?— ele adivinhou, limpando seu lábio superior com as costas da mão. —Isso não foi culpa sua.

—O que quase piora as coisas.

—Como?

—Se fosse culpa minha, isso indicaria que eu tinha falhado. Eu teria me culpado por um longo tempo, mas talvez, eventualmente, eu poderia seguir em frente. Agora eu estou presa, encarando a mesma pergunta: Por que o meu pai?

—É justo,— Scott disse.

Uma chuva suave começou a cair. Chuva de verão, com grandes gotas quentes respingando por todo lugar.

—Que diabos?— eu ouvi Marcie exigir mais abaixo na praia, perto da fogueira. Eu estudei os contornos dos corpos enquanto as pessoas começaram a ficar de pé. Patch não estava entre elas.

—Pessoal, o meu apartamento!— Scott gritou, pulando de pé com um floreio. Ele cambaleou de lado, mal conseguindo se equilibrar. — Estrada Deacon 72, apartamento trinta e dois. As portas estão destrancadas. Bastante cerveja na geladeira. Ah, e eu mencionei que a minha mãe está no Bunco a noite toda?

Uma comemoração ergueu-se, e todos pegaram seus sapatos e outros itens descartados de roupa e subiram pela areia na direção do estacionamento.

Scott cutucou a minha coxa com o seu chinelo. —Precisa de uma carona? Vamos lá, eu até te deixo dirigir.

—Obrigada pela oferta, mas acho que pra mim já deu.— Patch não estava aqui. Ele fora a única razão para eu ter vindo, e de repente a noite não parecera só uma decepção, mas um desperdício também. Eu deveria ter ficado aliviada de não ter que ver o Patch e a Marcie juntos, mas eu quase que só me sentia decepcionada, solitária, e cheia de arrependimento. E exausta. A única coisa que estava na minha cabeça era me engatinhas até a cama e colocar um fim nesse dia o mais cedo possível.

—Amigos não deixam amigos dirigirem bêbados,— Scott seduziu.

—Está tentando apelar para a minha consciência?

Ele balançou as chaves na minha frente. —Como você pode rejeitar uma chance única de dirigir o 'Stang?

Eu fiquei de pé e limpei areia da minha calça.

—Que tal você me vender o 'Stang por trinta dólares? Eu posso até mesmo pagar em dinheiro.

Ele riu, deslizando seu braço ao redor do meus ombros. — Bêbado, mas não tão bêbado assim, Grey.

—E o meu carro?

—Eu vou deixar em casa esta noite, então trarei amanhã à tarde.

Scott exalou contentamento e relaxou profundamente no seu assento. —Eu quero entrar e me arrepiar com o solo do Jimi Hendrix. Você poderia falar para todo mundo que a festa acabou?

Eu revirei os olhos. —Você convidou mais de sessenta pessoas. Eu não vou entrar e falar para eles caírem fora.

Scott se dobrou para fora da porta e vomitou.

Ugh.

Eu peguei as costas da camiseta, puxei-o para dentro do carro, e dei impulso no Mustang para ele andar dois passos para frente. Então eu apertei o freio e sai do carro. Eu andei até o lado do Scott e tirei-o do carro pelos braços, sendo cuidadosa para evitar pisar no conteúdo que deixou seu estômago vazio. Ele jogou o braço por cima dos meus ombros, e isso era tudo o que eu poderia fazer sob o colapso do peso dele. —Qual apartamento?

—Trinta e dois. Em cima à direita.

A cobertura. Claro. Porque eu esperei uma folga agora?

Eu arrastei Scott dois lances de escada acima, rigidamente ofegante e cambaleei através da porta aberta do apartamento dele, o qual estava um caos de corpos pulsando e triturando o rap ligado tão alto que eu poderia sentir pedaços do meu cérebro tremendo frouxos.

—O quarto é na parte de trás.— Scott murmurou na minha orelha.

Eu empurrei-o para frente através da multidão, abri o quarto no fim do corredor e despejei Scott no colchão inferior em um beliche no canto. Havia uma mesa pequena no canto adjacente, um uniforme flexível como empecilho, uma base de guitarra e alguns pesos livros. As paredes eram brancas e velhas decoradas com o pôster do filme *The Goodfather Part III* (O poderoso chefe parte III) e uma flâmula do *New England Patriots*.

—Meu quarto.— Scott falou, me pegando e me puxando para perto. Ele afagou o colchão junto a ele. —Faça-se confortável.

—Boa noite, Scott.

Eu comecei a fechar a porta quando ele falou, —Você poderia pegar algo para eu beber? Água. Eu tenho que lavar esse gosto da minha boca.

Eu estava ansiosa para sair do lugar, mas não pude não ter um sentimento de agravante simpatia por Scott. Se eu saísse agora, ele provavelmente acordaria amanhã em uma poça de seu próprio vômito. Eu podia muito bem limpá-lo e trazer para ele um ibuprofen.

A cozinha pequena e em forma de U do apartamento tinha vista para a sala-de-estar-transformada-em-pista-de-dança, e depois de me apertar no meio dos corpos embotados bloqueando a entrada da cozinha, eu abri e fechei os armários, procurando por um copo. Eu encontrei uma pilha de copos brancos de plástico em cima da pia, liguei a torneira e segurei um copo embaixo do jato. Quando eu estava voltando para levar a água para o Scott, meu coração pulou. Patch ficou a vários metros de distância, inclinando-se contra os armários em frente ao refrigerador. Ele se separou da multidão, e retirou seu boné de beisebol, sinalizando que ele não estava interessado em conversar. Sua postura era impaciente. Ele olhou para o relógio. Vendo maneira alguma para evitar ele, além de escalar acima do contador direto para a sala de estar, e a sensação de que eu lhe devia civilidade —mais, ambos não estavam com idade o suficiente para lidar com isso. —Madura? Eu umedecei meus lábios, que de repente senti secos como areia, e me aproximei. —Está se divertindo?

As linhas duras do seu rosto se suavizaram em um sorriso —Eu posso pensar em pelo menos uma coisa que eu preferiria estar fazendo.

Se isso foi uma insinuação, eu iria ignorá-lo. Eu me impulsionei sobre o balcão da cozinha, as pernas balançando sobre a borda.

—Ficará a noite toda?

—Se eu tiver que ficar a noite inteira, atire em mim agora.

Eu estendi minhas mãos. —Sem arma, desculpe.

Seu sorriso era a perfeição de bad-boy. —Isso é tudo que está te parando?

—Atirar não vai matá-lo,— eu apontei. —Uma das desvantagens de ser imortal.

Ele assentiu com a cabeça, um sorriso feroz rastejando sob a sombra do seu boné de beisebol. —Mas você faria se pudesse?

Hesitei antes de responder. —Eu não te odeio, Patch. Ainda.

—O ódio não é forte o suficiente?— Ele adivinhou. —Algo mais profundo?

Eu sorri, mas não o suficiente para mostrar dentes.

Nós dois parecemos sentir que nada de bom viria desta conversa, especialmente aqui, e Patch resgatando tanto de nós, inclinando a cabeça para a multidão atrás de nós. —E você?

Ficará muito tempo?

Eu pulei do balcão. —Não... Eu estou entregando água para Scott, e enxague bucal se eu puder acha-lo, então eu estou fora daqui.

Ele segurou meu cotovelo. —Você iria atirar em mim, mas você esta no seu caminho para ser enfermeira da ressaca de Scott?

—Scott não quebrou meu coração.

Um par de batidas de silencio caiu entre nós, então Patch disse em voz baixa: —Vamos embora.— A maneira como ele olhou para mim me disse exatamente o que ele quis dizer. Ele queria que eu fugisse com ele. Para desafiar os arcanjos. Para ignorar que eles eventualmente encontrariam Patch.

Eu não poderia pensar sobre o que eles fariam com ele sem sentirem presos no gelo, frio com medo, e congelado pelo puro horror dele. Patch nunca me contou como o inferno seria. Mas ele sabia. E o fato que ele nunca iria me dizer pintou um quatro vívido muito, muito desolador. Eu mantive meus olhos pregados na sala de estar. —Eu prometi a Scott um copo de água.

—Você esta gastando muito tempo com um cara que eu chamaria de escuro, e, dado o meu padrão, é um título duramente conquistado.

—É um príncipe escuro para conhecer um?

—Fico feliz que você pendurou no seu senso de humor, mas estou falando sério. Tenha cuidado.

Eu balancei a cabeça. —Eu aprecio sua preocupação, mas eu sei o que eu estou fazendo.— Eu dei um passo para o lado de Patch e me lancei através do giro de corpos na sala de estar. Eu tinha que ir embora. Foi muito ficando em pé perto dele, sentindo que a parede de gelo tão espesso e impenetrável. Sabendo que ambos queriam algo que não podíamos ter, mesmo que o que queríamos estava a um braço de distância.

Eu havia andado metade do caminho entre a multidão quando alguém roubou a minha presilha do meu bolso de trás. Voltei-me, à espera de encontrar Patch pronto para me dar mais de sua opinião, ou talvez, mais aterrorizante, jogar a precaução para o vento e me beijar, mas era Scott, sorrindo para mim preguiçosamente. Ele tirou o meu cabelo do rosto e inclinou-se, selando minha boca com a dele. Ele tinha gosto de enxague bucal de menta e dentes recém limpos. Eu comecei a me afastar, então pensei, o que importa de Patch ver? Eu não estava fazendo nada errado, ainda. Eu tinha o direito tanto quanto ele de seguir em frente, como ele fez. Ele estava somente usando Marcie para preencher o vazio de seu coração, e agora era minha vez, com Scott.

Eu deslizei minhas mãos para o peito e Scott e segurei-o pela sua nuca. Ele pegou a deixa e me pegou mais apertado, traçando suas mãos para baixo no contorno da minha espinha. Então era isso que se sentia quando beijava outro alguém. Enquanto

Patch era lento e praticado e tomava seu tempo, Scott estava brincando ansioso e um pouco desleixado. Foi completamente diferente e novo... e não de todo ruim.

—Meu quarto.—, Scott sussurrou em meu ouvido, atando seus dedos entre os meus e me puxando em direção ao corredor.

Lancei meu olhar para o lugar onde eu tinha visto Patch pela última vez. Nossos olhos se encontraram. Sua mão era dura, em forma de concha na parte de trás do pescoço, como se ele estivesse perdido em pensamentos profundos e havia congelado a mira em mim beijando Scott.

E isso que se sente. Pensei para ele.

Só que, eu não me senti nada melhor depois de pensar isso. Senti-me triste e para baixo e insatisfeita. Eu não era o tipo de pessoa que jogava os jogos ou usava truques sujos para consolar ou aumentar minha autoestima. Mas ainda havia uma certa dor bruta queimando dentro de mim, e por causa disso, eu deixei Scott guiar-me pelo corredor. Usando seu pé, Scott cutucou para abrir a porta do quarto. Ele apagou as luzes, e sombras suaves fixas em torno de nós. Olhei para o pequeno e fino colchão na beliche inferior, depois para a janela. A janela estava quebrada. Em um momento de pânico induzido, na verdade eu me imaginei deslizando através das fissuras e desaparecendo na noite. Provavelmente, um sinal de que o que eu estava prestes a fazer seria um grande erro. Eu realmente estava passando por isto somente para fazer um ponto? Foi assim que eu queria mostrar para Patch a magnitude da raiva e mágoa? O que ele disse sobre mim?

Scott levou-me pelos ombros e me beijou mais intensamente. Eu folheei mentalmente as minhas opções. Eu poderia dizer para Scott que eu estava passando mal. E poderia falar para ele que eu mudei de ideia. Eu poderia simplesmente falar não para ele.

Scott arrancou sua camisa e jogou-a para o lado.

—Uh--,— Eu comecei. Olhei em volta uma vez mais para escapar, notando que a porta do quarto devia ter aberto, porque uma sombra surgiu iluminada pela luz do corredor. A sombra entrou e fechou a porta, e eu senti meu queixo ficar sem ter o que fazer.

Patch atirou a camisa de Scott para ele, pegando-o no rosto.

—Que,— Scott exigiu, puxando a camisa sobre a sua cabeça e recolocando-a.

—Voando para baixo,— Patch disse à ele.

Scott puxou o zíper. —O que você está fazendo? Você não pode entrar aqui. Estou ocupado. E este é o meu quarto!

—Você está louco?— Eu disse a Patch, o sangue subindo em minhas bochechas.

Patch desviou os olhos dele para mim. —Você não quer estar aqui. Não com ele.

—Você não consegue fazer este apelo!

Scott esvoaçou por mim. —Deixe-me cuidar dele.

Ele deu dois passos antes de Patch socá-lo na mandíbula em uma crise de revolta.

—O que você está fazendo?— Eu gritei para Patch. —Você quebrou a mandíbula dele?

—Unnuh!— Scott gemeu, agarrando a parte inferior do rosto.

—Eu não quebrei a mandíbula dele, mas se ele colocar as mãos em você, isso será a primeira de muitas coisas para quebrar.— Patch disse.

—Fora!— Eu ordenei a Patch, apontando o dedo para porta.

—Eu vou matar você,— Scott rosnou para Patch, abrindo e fechando sua mandíbula, certificando-se que ainda funcionava.

Mas, em vez de pegar a deixa para sair, Patch cruzou o quarto para Scott em três passos. Ele arremessou ele de cabeça para a parede. Scott tentou se orientar, mas Patch bateu-o contra a parede de novo, desorientando-o ainda mais. —Encoste nela,— disse ele no ouvido de Scott, a voz baixa e ameaçadora, —E isso vai ser o grande arrependimento da sua vida.

Antes de sair, Patch desviou os olhos na minha direção.

—Ele não é digno disso.— Fez uma pausa. —E nem eu.

Abri a boca, mas não tive um argumento. Eu não estava aqui porque queria estar. Eu estava aqui para jogar na cara de Patch. Eu sabia disso, e ele sabia disso.

Scott rolava, arrastando-se contra a parede. —Eu poderia ter pegado ele se eu não estivesse devastado—, ele disse, massageando a metade inferior de seu rosto. —Quem ele pensa que é? Eu não o conheço. Você o conhece?

Scott, obviamente, não reconheceu Patch do Z, mas havia muitas pessoas naquela noite. Eu não poderia esperar que Scott se lembrasse de cada rosto. —Me desculpe por isso,— disse, gesticulando para a porta que Patch acabou de sair. —Você está bem?

Ele sorriu lentamente. —Nunca estive melhor.— Ele disse isso com uma contusão da pancada forte florescendo por sua mandíbula.

—Ele estava fora de controle.

—A melhor maneira de ser—, ele demorou, usando as costas das mãos para limpar um filete de sangue do corte da sua boca.

—Eu deveria ir,— disse —Vou trazer o Mustang de volta depois da escola amanhã.— Perguntei-me como eu deveria sair daqui, passando por Patch, e mantendo qualquer nível de auto dignidade. Eu poderia muito bem passar e admitir que ele estava certo: eu só segui Scott de volta para machucá-lo.

Scott colocou seu dedo em forma de gancho debaixo a minha blusa, me segurando no lugar.

—Não vá, Nora. Ainda não.'

Eu tirei o seu dedo. —Scott—

—Diga-me se eu estiver indo longe demais,— ele disse, puxando a cabeça dele por cima da cabeça para o segundo tempo. Sua pele pálida brilhava no escuro. Ele claramente gastou muito tempo na sala de musculação, e isso se mostra nas linhas dos músculos ramificados seguindo seus braços.

—Você está indo longe demais— eu disse.

—Isso não soou convincente.— Ele levantou meu cabelo para fora do meu pescoço e colocou seu rosto na curva.

—Eu não estou interessada em você desse jeito—, eu disse, colocando minhas mãos entre nós. Eu estava cansada e uma dor de cabeça zumbia entre os meus ouvidos. Eu estava com vergonha de mim mesma e queria ir para casa e dormir e dormir, até eu esquecer essa noite.

—Como você sabe? Você nunca me provou desta maneira.

Eu virei o interruptor de luz, inundando o quarto com a luz. Scott colocou as mãos sobre os olhos e cambaleou um passo para trás.

—Estou saindo ----- , comecei, então deixei fixos meus olhos em

um pedaço de pele alta sobre o peito de Scott, no meio do caminho entre seu mamilo e sua clavícula. A pele estava deformada e brilhante. Em algum lugar do fundo do meu cérebro, fiz a conexão de que esta deve ser a marca registrada que Scott havia conseguido quando ele jurou fidelidade para a sociedade de sangue Nefilim, mas isso era como uma neblina de reflexão, apagadas em comparação com o que realmente prendeu minha atenção. A marca era em forma de um punho fechado. Era idêntica, para baixo na mesma dimensão e tamanho, que o carimbo em relevo do anel de ferro do envelope.

Com uma mão ainda atirada sobre os olhos, Scott gemeu e alcançou a cabeceira da cama para se firmar.

—O que é essa marca na sua pele?— Eu perguntei, minha boca secando.

Scott pareceu momentaneamente assustado, depois deslizou sua mão para baixo para cobrir a marca. —Alguns amigos e eu estávamos bêbados uma noite. Não é nada grave. É apenas uma cicatriz.

Ele teve a audácia de mentir sobre isso? —Você me deu o envelope.— Quando ele não respondeu, eu acrescentei mais ferozmente, — O calçadão. A padaria.

O envelope com o anel de ferro.— O quarto parecia estranhamente isolado, separado do pulsante som na sala de estar. Em um instante, eu não me sentia mais segura presa de novo

aqui com Scott.

Os olhos de Scott se estreitaram e ele piscou para mim através da luz, que parecia ferir seus olhos ainda. —Sobre o que você está falando? — Seu tom era desconfiado, hostil, confuso.

—Você realmente acha esse ato engraçado?— Eu sei que você me deu o anel.

—O—anel?

—O anel que fez essa marca no seu peito!

Ele balançou a cabeça uma vez, duramente, como se para espantar seu estupor. Em seguida seu braço atacou, empurrando-me contra a parede. —Como você sabe sobre o anel?

—Você está me machucando—, eu disse venenosamente, mas eu estava tremendo de medo. Percebi que Scott não estava fingindo. A menos que ele fosse um ator muito melhor do que eu imaginava, ele genuinamente não sabia sobre o envelope. Mas ele sabia sobre o anel.

—O que ele se parece?— Ele pegou minha blusa e apertou em mim. —O cara que te deu o anel—com o que ele se parece?

—Tire suas mãos de mim,— Eu ordenei, empurrando-o para trás. Mas Scott pesava muito mais do que eu, e os seus pés ficaram plantados, seu corpo prendendo-me contra a parede. — Eu não vi ele. Ele mandou entregar.

—Ele sabe onde eu estou? Ele sabe que eu estou em Coldwater?

—Ele?— Eu respondi. —Quem é ele? O que está acontecendo?

—Por que ele lhe deu o anel?

—Eu não sei! Eu não sei nada sobre ele! Por que você não me diz?

Ele estremeceu fortemente contra o pânico furioso que parecia controlar ele. —O que você sabe?

Eu mantive meus olhos pregados nos do Scott, mas minha garganta estava apertada tão fortemente que era difícil para respirar. —O anel estava no envelope com uma nota que falava que a Mão Negra matou meu pai. E que o anel pertencia a ele.— Lambi meus lábios. —Você é a Mão Negra?

A expressão de Scott ainda detinha a mais profunda desconfiança, seus olhos dardeavam para frente e para trás, julgando se ele acreditava em mim ou não. —Esqueça que tivemos essa conversa, se você sabe o que é bom para você.

Tentei soltar meu braço, mas ele ainda estava segurando.

—Saia—, disse ele. —E fique longe de mim.— Dessa vez ele deixou eu ir, dando-me um

empurrão em direção a porta.

Parei na porta. Limpei as palmas das mãos suadas na minha calça. —Não até você me falar sobre a Mão Negra.

Eu pensei que Scott poderia lançar uma raiva ainda mais violenta, mas ele apenas me olhou como se olharia para um cão que estava de córcoras em sue gramado. Ele tirou sua camiseta e fez como se fosse colocá-la de novo, então sua boca se curvou em um sorriso ameaçador. Ele jogou a camisa sobre a cama. Ele soltou seu cinto,

puxou para baixo o zíper e despiu seu calção em pé ficando com nada além de uma boxer de algodão. Ele estava indo para o fator choque, claramente tentando me intimidar para sair. Ele tinha feito um bom trabalho de me convencer, mas eu não ia deixar ele se livrar de mim facilmente.

Eu disse, —Você tem o anel do Mão Negra marcado na sua pele. Não espere que eu acredite que você sabe nada sobre isso, incluindo como isso chegou aqui.

Ele não respondeu.

Eu estava tão ocupada ficando em pânico, que eu não percebi que Scott sentou-se na cama. Seu rosto estava escondido em suas mãos. Suas costas estavam tremendo, e eu percebi que ele estava chorando em silêncio, copiosamente, soluçando convulsivamente. No começo, eu pensei que ele estava fingindo, que esta era uma espécie de armadilha, mas os sons embargados no seu peito eram reais. Ele foi bêbado, desequilibrado emocionalmente, e eu não sabia quão estável ele estava. Eu ainda me segurei, com medo do que um movimento ligeiro poderia causar em um piscar de olhos.

—Eu contrai um monte de dívidas de jogo em Portland,— ele disse, sua voz irregular de desespero e exaustão. —O gerente do bar do sinuca estava respirando no meu pescoço, exigindo o dinheiro, e eu tinha que olha em volta toda vez que eu saia de casa. Eu estava vivendo no medo, sabendo que um dia ele iria me encontrar, e eu estaria com sorte de sair com rótulas quebradas.

—Uma noite no meu caminho para casa do trabalho, eu fui surpreendido por trás, arrastado para um depósito, e amarrado a uma mesa dobrável. Estava escuro demais para ver o cara, mas eu calculei que o gerente tinha enviado ele. Eu lhe disse que pagaria tudo o que ele queria se ele me deixasse ir, mas ele riu e disse que ele não estava atrás do meu dinheiro—na verdade, ele já havia resolvido as minhas dívidas. Antes que eu pudesse calcular se isso foi sua ideia ou uma brincadeira, ele disse que era o Mão Negra, e a última coisa que ele precisava era de mais dinheiro.

—Ele tinha um Zippo (tipo de isqueiro), e ele segurou a chama contra o anel na mão esquerda, aquecendo-o. Eu estava suando. Eu disse a ele que eu faria qualquer coisa que ele quisesse—que somente me tirasse da mesa. Ele rasgou minha camisa e afundou o anel no meu peito. Minha pele estava em chamas, e eu estava gritando com o máximo de força. Ele agarrou meu dedo, quebrou o osso, e me disse que se eu não calasse a boca, ele quebraria todos os dez

dedos. Ele me disse que tinha me dado sua marca— A voz de Scott caiu até ficar grossa. —Eu molhei minha calça. Bem ali na mesa. Ele me assustou como o inferno. Eu vou fazer o que for preciso para nunca ver ele de novo. Por isso que mudamos de volta para Coldwater. Eu parei de ir para a escola e estava me escondendo na academia todo o dia, crescendo no caso dele vir procurando por mim. Se ele me achasse, desta vez eu estaria pronto.— Interrompendo a fala, ele limpo o nariz com as costas da mão.

Eu não sabia se podia confiar nele. Patch havia deixado claro que ele não, mas Scott estava tremendo. Sua pele estava pálida, molhada de suor, e ele passou as mãos pelo cabelo, soltando um longo suspiro. Ele poderia inventar uma história como essa? Todos os detalhes entrelaçados com tudo o que eu já sabia sobre Scott. Ele possuía um vício em jogos de azar . Ele trabalhava à noite em Portland em uma loja de conveniência. Ele voltou para Coldwater para escapar do passado. Ele tinha uma marca de ferro em seu peito, prova de que alguém havia posto ali. Será que ele podia sentar a dois pés de distancia e mentir sobre o que ele havia passado?

—Como ele parecia?— Eu perguntei. —O Mão Negra.

Ele balançou a cabeça. —Estava escuro. Ele era alto, e isso é tudo que eu me lembro.

Eu procurei alguma forma de conexão entre Scott e meu pai— ambos estavam relacionados ao Mão Negra. Scott havia sido monitorado pelo Mão Negra atrás de dívida. Em troca de pagar a dívida, o Mão Negra o marcou. Meu pai passou pela mesma coisa? Seria seu assassino não um assassino aleatório como a polícia originalmente pensou? Será que o Mão Negra pagou uma dívida do meu pai, então matado ele quando meu pai se recusou a ser marcado? Não. Eu não estava comparando. Meu pai não apostava, e não acumulava dívidas. Ele era um contador. Ele sabia o valor do dinheiro. Nada sobre a situação dele era igual a do Scott. Tinha que haver algo a mais.

—O Mão Negra disse algo a mais?— Eu perguntei.

—Eu tento não me lembrar de nada sobre aquela noite.— Ele colocou a mão embaixo do colchão e tirou um cinzeiro de plástico e um pacote de cigarros. Acendeu-os, exalando fumaça lentamente, e fechou os olhos.

Minha mente continuava se recuperando das mesmas três questões. O Mão Negra matou meu pai? Quem era ele? Aonde eu poderia encontrá-lo?

E então uma nova pergunta. O Mão Negra seria o líder da sociedade de sangue Nefilim? Se fosse ele quem marcasse os Nefilim, isso teria sentido. Somente um líder, ou alguém com muita autoridade, seria encarregado da atividade de recrutar membros para lutar contra os anjos caídos.

C A P Í T U L O

Na tarde seguinte, a Vee me deixou próximo à porta da frente do Enzo's.

Eu estava usando um vestido de verão com estampa amarela que quase passava a linha entre sedutor e profissional e era muito mais otimista do que eu me sentia por dentro. Eu parei na frente das janelas para balançar meu cabelo, que tinham relaxados em cachos após eu ter dormido em cima deles a noite toda, mas o gesto parecia rígido. Eu forcei um sorriso. Era o que eu estivera praticando a manhã toda. Parecia apertado nas beiradas e frágil em todos os outros lugares. Na janela, parecia falso e oco. Mas para uma manhã depois de uma noite chorando, era o melhor que eu conseguia.

Depois de andar da casa da Marcie até lá em casa ontem à noite, eu tinha me curvado na cama, mas não tinha dormido. Eu passara a noite atormentada por pensamentos autodestrutivos. Quanto mais eu ficava acordada, mais meus pensamentos se afastavam vertiginosamente da realidade. Eu queria fazer uma declaração, e eu estava machucada o bastante para não ligar para o quanto ela seria drástica. Um pensamento chegou até mim, o tipo de pensamento que eu nunca teria tido na minha vida antes. Se eu acabasse com a minha vida, os arcanjos veriam. Eu queria que eles sentissem remorso. Eu queria que eles duvidassem de suas leis arcaicas. Eu queria que eles fossem dados como responsáveis por despedaçar a minha vida, e então por acabar com ela completamente.

Minha mente serpenteou e cambaleou com esses tipos de pensamentos a noite toda. Minhas emoções mudaram de uma perda de partir o coração para negação e para raiva. Em certo momento, eu me arrependi de não ter fugido com o Patch. Qualquer felicidade, não importando o quanto ela fosse breve, parecia melhor do que essa tortura longa e fervendo lentamente de acordar dia após dia, sabendo que eu nunca poderia tê-lo.

Mas enquanto o sol começava a abrir uma fenda pelo céu nesta manhã, eu tomei uma decisão. Eu tinha que seguir em frente. Era ou isso, ou entrar numa depressão congelada. Eu me forcei a passar pelas ações de tomar banho e me vestir, e fui para escola com a determinação fixa de que ninguém veria por baixo da superfície.

Uma sensação de alfinetes e agulhas envolveu o meu corpo, mas eu me recusei a mostrar mesmo um única sinal exterior de autocomiseração. Eu não ia deixar os arcanjos vencerem. Eu ia me firmar novamente, conseguir um emprego, pagar a minha multa de velocidade, terminar a escola de verão com a nota mais alta, e me manter tão ocupada que, só de noite, quando eu estivesse sozinha com os meus pensamentos e não pudesse evitar, eu pensaria no Patch.

Dentro do Enzo's, duas sacadas semicirculares estavam espalhadas à minha esquerda e à minha direita, com uma escada ampla dando para a área principal de alimentação e para a bancada frontal. As sacadas me lembravam de passarelas curvadas com vista para um buraco. As mesas na sacada estavam cheias, mas apenas alguns retardatários bebendo café e lendo o jornal matutino ainda permaneciam no buraco.

Respirando fundo para ajudar, eu descii a escada e me aproximei da bancada frontal.

—Com licença, ouvi dizer que estão contratando baristas,— eu disse à mulher no caixa. Minha voz parecia desafinada aos meus ouvidos, mas eu não tinha energia para tentar corrigi-

la. A mulher, uma ruiva de meia idade com um crachá onde se lia ROBERTA, olhou para cima. —Eu gostaria de preencher uma solicitação de emprego.— Eu consegui dar um meio sorriso, mas, de algum jeito, temi que não era nem um pouco verossímil.

Roberta limpou suas mãos sardentas num pano e deu a volta na bancada. —Baristas? Não mais.

Eu encarei-a, segurando meu fôlego, sentindo toda a esperança esvaziar-se de mim. Meu plano era tudo. Eu não tinha considerado o que faria se mesmo um passo dele fosse arrancado de mim. Eu precisava de um plano. Eu precisava desse emprego. Eu precisava de uma vida cuidadosamente controlada onde cada minuto fosse planejado, e cada emoção separada em compartimentos.

—Mas ainda estou procurando por uma atendente de bancada confiável, no turno da noite só, das seis às dez,— Roberta acrescentou.

Eu pestanejei, meu lábio tiritando ligeiramente em surpresa. — Ah,— eu disse.—Isso é... bom.

—De noite nós escurecemos as luzes, trazemos os baristas, tocamos um pouco de jazz, e tentamos dar uma sensação mais sofisticada. Isso aqui costumava ficar morto depois das cinco, mas estamos esperando atrair as multidões. Economia dura,— ela explicou. —Você ficaria encarregada de receber os clientes e anotar os pedidos, e então informá-los à cozinha. Quando a comida estiver pronta, você a leva para as mesas.

Eu tentei assentir avidamente, determinada à mostrá-la o quanto eu queria esse emprego, sentindo todas as pequenas fendas dos meus lábios se partirem enquanto eu sorria. —Isso — soa perfeito,— eu consegui dizer numa voz rouca.

—Você tem alguma experiência de emprego?

Eu não tinha. Mas a Vee e eu vínhamos ao Enzo's pelo menos três vezes por semana. —Eu conheço o menu de cor,— eu disse, começando a me sentir mais sólida, mais real. Um trabalho. Tudo dependia disso. Eu ia construir uma vida nova.

Aqui eu estava, incapaz de convocar até mesmo um sorriso sincero, mas ela estava deixando isso passar. Ela estava me dando uma chance. Eu movi a minha mão —É isso que eu gosto de ouvir,— Roberta disse. —Quando você pode começar? —Hoje à noite?— Eu mal conseguia acreditar que ela estava me oferecendo o trabalho para frente para apertar a dela, então notei, meio segundo tarde demais, de que a minha mão estava tremendo.

Ela ignorou a minha mão esticada, olhando-me com sua cabeça inclinada de lado de um jeito que me fazia sentir mais exposta e constrangida. —Está tudo bem?

Eu inspirei silenciosamente e segurei. —Sim —estou bem.

Ela assentiu bruscamente. —Chegue aqui quinze para seis e eu te darei um uniforme antes do seu turno.

—Muito obrigada—, — eu comecei, minha voz ainda em choque, mas ela já estava escapando para trás da bancada.

Enquanto eu saía para um sol cegante, eu comecei a calcular na minha cabeça. Supondo que eu teria um salário mínimo, se eu trabalhasse todas as noites pelas próximas duas semanas, eu talvez fosse capaz de pagar a minha multa de velocidade. E se eu trabalhasse todas as noites por dois meses, isso seriam sessenta noites em que eu estaria afogada demais em trabalho para me concentrar no Patch. Sessenta noites mais perto do fim das férias de verão, quando eu poderia, novamente, concentrar toda a minha energia na escola. Eu já tinha decidido lotar o meu horário com aulas exigentes. Eu conseguia lidar com lições de casa de cada tamanho e formato, mas um coração quebrado era algo inteiramente diferente.

—Bem?— Vee perguntou, encostando o Neon ao meu lado.—

Como foi?

Eu entrei no assento do passageiro. —Consegui o emprego.

—Legal. Você parecia bem nervosa ao entrar, quase como se você fosse perder o controle, mas não há razão para se preocupar agora. Você é oficialmente um membro trabalhador da sociedade. Estou orgulhosa de você, babe. Quando começa?

Eu olhei o visor no painel. —Em quatro horas.

—Vou passar aqui hoje à noite e pedir para ser sentada na sua área.

—É melhor deixar uma gorjeta,— eu disse, minha tentativa de humor quase me levando à lágrimas.

—Sou a sua chofer. Isso é melhor que uma gorjeta.

—Um sanduíche de costela, um de salame, e um de peru assado, — eu disse, assentando os pratos na frente de um grupo de três homens de negócios de terno. —Boa refeição.

Eu corri pelos degraus que saíam do buraco, puxando meu bloquinho de anotação de refeições do meu bolso traseiro. A meio caminho da passarela, meus passos pararam. Marcie Millar estava logo na minha frente, sentada na minha mesa nova. Eu também reconheci Addyson Hales, Oakley Williams, e Ethan Tyler, todos da escola. Eu pensei em fazer uma meia volta e dizer à hostess para dar a minha mesa para outra pessoa - qualquer pessoa —quando a Marcie olhou para cima e eu soube que estava presa.

Um sorriso duro como granito tocou a boca dela.

Minha respiração vacilou. Havia alguma possibilidade dela saber que eu tinha pego seu diário? Não foi até eu chegar em casa e engatinhar para a minha casa ontem à noite que eu me lembrara que ainda o tinha. Eu o teria devolvido bem então, mas ele tinha sido a última coisa na minha cabeça. O diário parecera insignificante perto do tumulto doloroso me raspando tanto por dentro quanto por fora. Agora, ele estava intocado no chão do meu quarto, logo ao

lado das roupas jogadas de ontem à noite.

—O seu uniforme não é a coisa mais fofinha do mundo?— Marcie disse sobre o jazz gravado de antemão. —Ethan, você não usou um colete exatamente como esse no baile do ano passado? Eu acho que a Nora assaltou o seu guarda-roupas.

Enquanto eles riam, eu segurei a minha caneta pronta para anotar no bloquinho de pedidos.

—Vocês querem algo para beber? O especial de hoje à noite é o nosso smoothie de lima e coco.— Todos podiam ouvir o rangido de culpa na minha voz? Eu engoli em seco, esperando que, quando eu falasse novamente, o sinal de nervosismos fosse embora.

—Da última vez que eu estive aqui, foi o aniversário da minha mãe,— Marcie disse. —A nossa garçonete cantou 'Parabéns Pra Você' pra ela.

Levei uns bons três segundos para entender. —Ah. Não. Quero dizer —não. Não sou uma garçonete. Sou uma atendente de bancada.

—Não ligo para o que você é. Quero que cante 'Parabéns Pra Você' pra mim.

Eu fiquei paralisada, minha mente buscando freneticamente uma fuga. Eu não conseguia acreditar que a Marcie estava me pedindo para eu me humilhar dessa forma. Espera. E claro que ela estava me pedindo para eu me humilhar. Pelos últimos onze anos, eu mantivera um cartão de pontos entre nós, mas agora eu tinha certeza de que ela tinha o seu próprio.

Ela morria pela oportunidade de se vingar de mim. Pior, ela sabia que o placar dela era o dobro do mim e ela ainda estava contando os pontos.

O que fazia dela não só uma valentona, mas uma exibida.

Eu levantei a minha mão. —Deixe-me ver a sua identidade.

Marcie levantou um ombro indiferentemente. —Eu a esqueci.

Ambas sabíamos que ela não tinha esquecido a carteira de motorista dela, e ambas sabíamos que não era o aniversário dela.

—Estamos realmente lotados hoje à noite,— eu disse, fingindo uma desculpa. —Meu gerente não iria querer que eu tomasse tempo dos outros clientes.

—O seu gerente iria querer que você deixasse os seus clientes felizes. Agora cante.

—E enquanto faz isso,— Ethan aderiu à conversa, —traga um daqueles bolos de chocolate de graça.

—Só devemos dar uma fatia, não um bolo inteiro,— eu disse.

—Nós só devemos dar uma fatia,— Addyson imitou, e a mesa irrompeu em risadas.

Marcie esticou a mão para sua bolsa de mão e puxou uma câmera da marca Flip. O botão

vermelho de força piscou, indicando ter ligado, e ela mirou a lente para mim. —Mal posso esperar para mandar esse vídeo para a escola toda. É uma boa coisa eu ter acesso ao e-mail de todo mundo. Quem teria pensado que ser uma assistente de escritório seria tão útil?

Ela sabia sobre o diário. Ela tinha de saber. E essa era a vingança. Cinquenta pontos para mim por ter roubado o seu diário. O dobro dela por mandar um vídeo comigo cantando —Parabéns pra Você, Marcie— para todo o Colégio Coldwater.

Eu apontei sobre o meu ombro para a cozinha e recuei lentamente. —Escuta, meus pedidos estão se empilhando—

—Ethan, vá contar à nossa hostess adorável lá que nós exigimos falar com o gerente. Diga à ela que a nossa atendente de bancada está sendo ranzinza,— Marcie disse.

Eu não conseguia acreditar nisso. Menos de três horas trabalhando, e a Marcie ia me fazer ser despedida. Como eu ia pagar a minha multa? E adeus Volkswagen Cabriolet. Mais que isso, eu precisava do trabalho para me distrair da luta inútil de encontrar uma maneira de lidar com a verdade enfuriante: Patch estava fora da minha vida. Para sempre.

—O tempo esgotou,— Marcie disse. —Ethan, vá chamar o gerente.

—Espera,— eu disse. —Eu faço.

Marcie deu um gritinho e bateu suas mãos. —Que bom que eu carreguei a bateria.

De forma subconsciente, eu abaixei a minha boina, escondendo o meu rosto. Eu abri a minha boca. —Parabéns pra você—

—Mais alto!— todos gritaram.

—Nessa data querida,— eu cantei mais alto, envergonhada demais para notar se o meu tom estava perigosamente desafinado. — Muitas felicidades. Muitos anos de vida.

Ninguém disse uma palavra. Marcie armazenou a câmera de volta em sua bolsa de mão. — Bom, isso foi entediante.

—Isso soou... normal,— Ethan disse.

Um pouco do sangue foi drenado do meu rosto. Eu dei um sorriso breve, aturdido e triunfante. Quinhentos pontos. Meu solo valia pelo menos isso. Lá se foi a Marcie me explodir em pedacinhos. Eu tinha assumido a liderança, oficialmente. —Bebidas, aceitam?— eu perguntei, soando surpreendentemente animada.

Após anotar seus pedidos, eu me virei para me dirigir de volta à cozinha, quando Marcie me chamou, —Ah, e Nora?

Eu parei onde estava. Eu tomei um fôlego profundo, me perguntando a altura que ela achava que podia me fazer saltar dessa vez.

Ah, não.. A não ser... que ela fosse me desmascarar. Bem agora. Na frente de todas essas pessoas. Ela ia contar ao mundo que eu roubara seu diário, para que eles pudessem ver o quanto eu realmente era baixa e desprezível.

—Dava pra você apressar o nosso pedido?— Marcie terminou. —Temos uma festa para ir.

—Apressar o seu pedido?— eu repeti estupidamente. Isso queria dizer que ela não sabia sobre o diário?

—Patch vai nos encontrar na Praia Delphic, e eu não quero me atrasar.— Marcie cobriu sua boca instantaneamente. —Eu sinto muito. Eu nem estava pensando. Eu não deveria ter mencionado o Patch. Deve ser difícil vê-lo com outra pessoa.

Qualquer sorriso ao qual eu estivesse me segurando escorregou. Eu senti um calor subir pelo meu pescoço. Meu coração batia tão rápido que deixava a minha cabeça leve. O cômodo inclinou-se para frente, e o sorriso homicida da Marcie estava no centro de tudo, rindo de mim. Então tudo tinha voltado ao normal. Patch tinha

voltado para a Marcie. Depois de eu ter ido embora na noite passada, ele se resignara ao que o destino tinha nos dado. Se ele não podia me ter, ele ficaria com a Marcie. Como é que eles podiam ter um relacionamento? Onde os arcanjos estavam quando se tratava de vigiar o Patch e a Marcie? E quanto ao beijo deles? Os arcanjos iam deixar isso passar porque sabiam que não significa nada para os dois? Eu queria berrar contra a injustiça disso tudo. Marcie podia ficar com o Patch já que não o amava, mas eu não podia, porque eu o amava e os arcanjos sabiam. Por que era tão errado nós estarmos apaixonados? Os anjos e os humanos eram realmente tão diferentes?

—Está tudo bem, eu superei, — eu disse, injetando uma nota de civilidade fria ao meu tom.

—Que bom pra você,— Marcie disse, mordiscando sedutoramente seu canudo, nenhuma parte dela parecendo ter acreditado em mim.

Lá na cozinha, eu mandei o pedido da Marcie para os cozinheiros. Eu deixei o espaço de —instruções especiais de comida— em branco.

Marcie estava com pressa para ver o Patch na Praia Delphic?

Que pena.

Eu peguei o meu pedido que estava esperando e levei a bandeja para fora da cozinha. Para a minha surpresa, vi Scott parado perto das portas dianteiras, falando com as hostesses. Ele estava vestido confortavelmente em calça jeans Levi's largas e uma camiseta apertada, e, dada a linguagem corporal das duas hostesses vestidas de preto, elas estavam flertando com ele. Ele me viu e deu um aceno baixo de reconhecimento. Eu deixei o pedido da mesa quinze, então caminhei rapidamente pela escada.

—Ei,— eu disse ao Scott, tirando a boina para arejar o meu rosto.

—Vee me disse que eu te acharia aqui.

—Você ligou para a Vee?

—É, depois de você não retornar nenhuma das minhas mensagens.

Eu passei o meu braço pela minha testa, varrendo alguns cabelos soltos de volta aos seus lugares. —Meu celular está nos fundos. Não tive uma chance de vê-lo desde que eu comecei o trabalho. O que você precisa?

—Que horas você sai?

—Dez. Por quê?

—Tem uma festa na Praia Delphic. Estou procurando uma perdedora para arrastar junto.

—Toda vez que saímos, algo ruim acontece.— A luz não se acendeu em seus olhos. —A luta no Z,— eu o lembrei. —A do Devil's Handbag. Em ambas as vezes eu tive que pedir carona para casa.

—Na terceira vez dá certo.— Ele sorriu, e eu percebi, pela primeira vez, que era um sorriso bonito. Juvenil até. Suavizava a personalidade dele, me fazendo perguntando se havia outro lado dele, um lado que eu ainda não havia visto.

A probabilidade era de que fosse a mesma festa à qual a Marcie ia. A mesma festa onde Patch deveria estar. E a mesma praia onde eu estivera com ele há apenas uma semana e meia, quando eu falara cedo demais ao declarar que estava tendo a vida perfeita. Eu nunca poderia ter adivinhado o quanto isso iria mudar para pior tão rapidamente.

Eu fiz uma rápida contagem dos meus sentimentos, mas eu precisava de mais que um punhado de segundos para decidir como eu estava me sentindo. Eu queria ver o Patch —eu sempre iria querer —mas essa não era a questão. Eu precisava determinar se eu podia aguentar vê-lo. Eu conseguiria aguentar vê-lo com a Marcie? Especialmente depois de tudo que ele tinha me dito ontem à noite?

—Vou pensar nisso,— eu disse ao Scott, percebendo que estava demorando demais para responder.

—Precisa que eu passe as dez e te pegue?

—Não. Se eu for, a Vee pode me dar uma carona.— Eu apontei na direção das portas da cozinha. —Escuta, eu preciso voltar ao trabalho.

—Espero te ver,— ele disse, me lançando um sorriso final antes de ir embora.

Ao fechar, eu encontrei a Vee vagabundeando no estacionamento. —Obrigada por me buscar,— eu disse a ela, indo para o banco do passageiro. Minhas pernas doíam de tanto ficar em pé, e minhas orelhas ainda zuniam com toda a conversa e as risadas altas de um restaurante lotado - para não falar em todas as vezes que os cozinheiros e os garçons gritaram correções

para mim. Eu tinha levado pelo menos dois pedidos errados, e, mais de uma vez, tinha entrado na cozinha pela porta errada.

Em ambas as vezes, eu quase tinha derrubado uma garçonete que estava com os braços cheios de pratos. A boa notícia era que eu tinha trinta dólares em gorjetas dobrados dentro do meu bolso. Depois que eu pagasse a minha multa, todas as minhas gorjetas iriam para o Cabriolet. Eu ansiava pelo dia em que não teria que depender da Vee para me transportar por aí.

Mas não tanto quanto eu ansiava pelo dia em que eu teria esquecido o Patch.

Vee sorriu. —Isso não é um serviço de graça. Todas essas caronas são, em verdade, dívidas que voltarão para te assombrar.

—Estou falando sério, Vee. Você é a minha melhor amiga no mundo todo. A melhorzona.

—Ah, talvez devêssemos comemorar esse momento precioso e passar no Skippy's para tomar sorvete. Eu estava precisando de um sorvete. Em verdade, eu estava precisando de um pouco de MSG. Nada me deixa tão feliz quanto uma porção de fast-food recém frita, encoberta por um bom e velho MSG.

—Fica para a próxima?— eu perguntei. —Fui convidada para ficar na Praia Delphic hoje à noite. Você é mais do que bem-vinda para vir, — eu acrescentei rapidamente. Eu não tinha nem um pouco de certeza de ter tomado a decisão certa quando decidi ir hoje à noite. Por que eu estava me fazendo passar pela tortura de ver o Patch de novo? Eu sabia que era porque o queria perto, mesmo que perto não fosse perto o bastante. Uma pessoa mais forte e corajosa teria cortado todos os laços e ido embora. Uma pessoa mais forte não teria batidos seus punhos contra a porta do destino. Patch estava fora da minha vida de vez. Eu sabia que precisava aceitar isso, mas havia uma grande diferença entre saber e fazer.

—Quem mais vai?— Vee perguntou.

—Scott e alguns outros da escola.— Não precisava mencionar a Marcie e ganhar um veto instantâneo. Eu tinha um pressentimento de que podia precisar do apoio da Vee hoje.

—Acho que vou me aconchegar com o Rixon e assistir um filme, ao invés. Posso perguntar se ele tem outros amigos para te apresentar. Podíamos fazer um negócio de encontro de casais. Comer pipoca, contar piadas, dar uns amassos.

—Passo.— Eu não queria outro. Eu queria o Patch.

Na hora em que Vee entrou no estacionamento da Praia Delphic, o céu estava pichado de preto. Luzes de alta voltagem que me lembravam daquelas no campo de futebol americano do colégio iluminavam as estruturas de madeira pintadas de branco que abrigavam o carrossel, o fliperama, e o minigolfe, fazendo com que uma auréola pairasse sobre o local. Não havia mais eletricidade pela praia, ou nos campos ao redor, fazendo dele o único ponto brilhante na costa por quilômetros. A essa hora da noite eu não esperava encontrar ninguém comprando hambúrgueres ou jogando air hockey, e eu sinalizei para a Vee parar perto do caminho da

marca da ferrovia cortando a água.

Eu saí do carro e balbuciei um tchau. Vee acenou em resposta, seu celular pressionado contra sua orelha enquanto ela e Rixon combinavam os detalhes de onde eles se encontrariam.

O ar ainda tinha aquele calor do sol de mais cedo e estava cheio de sons de tudo, desde a música distante que chegava do Parque de Diversões Delphic Seaport, nos penhasco, até as ondas tocando a areia. Eu parti a cadeia de ervas marinhas que corriam paralelamente à costa como uma cerca, corri pela ladeira, e andei na faixa fina de areia seca que estava fora do alcance da maré alta.

Eu passei por pequenos grupos de pessoas ainda brincando na água, pulando ondas e atirando madeira na escuridão do oceano, mesmo os salva-vidas já terem ido embora há tempos. Eu fiquei de olho para achar o Patch, Scott, Marcie, ou qualquer outro que eu reconhecesse.

Lá na frente, as chamas laranja de uma fogueira piscaram e esvoaçaram na escuridão. Eu tirei o meu celular e disquei pro Scott.

—E aí.

—Eu cheguei,— eu disse. —Onde você está?

—Ao sul da fogueira. Você?

—Ao norte dela.

—Vou te achar.

Dois minutos mais tarde, Scott caiu subitamente na areia ao meu lado. —Você vai ficar à margem a noite toda?— ele me perguntou. Seu hálito tinha o cheiro forte de álcool.

—Não sou muito fã de noventa por cento das pessoas dessa festa.

Ele assentiu, entendendo, e esticou uma garrafa de aço. —Não tenho germes, palavra de escoteiro. Tome o tanto que quiser.

Eu me inclinei o bastante para cheirar o conteúdo da garrafa. Imediatamente eu recuei, sentindo a fumaça queimar o fundo da minha garganta. —O que é?— eu sufoquei. —Olho de motor?

—Minha receita secreta. Se eu te contasse, teria que te matar.

—Não precisa. Tenho bastante certeza que tomar um gole daria o mesmo resultado.

Scott relaxou para trás, os cotovelos na areia. Ele tinha se trocado para uma camiseta do Metallica com as mangas arrancadas, short caqui, e chinelos. Eu estava usando o meu uniforme de trabalho, menos a boina, o colete, e a minha camisa marcada abaixo do busto. Felizmente, eu tinha colocado uma veste de baixo antes de ir trabalhar, mas eu tinha nada para

substituir a calça de tweed.

—Então me diga, Grey. O que você está fazendo aqui? Tenho que te dizer, eu achei que você tinha me rejeitado pela lição de casa da semana que vem.

Eu me inclinei para trás na areia ao lado dele e lancei um olhar na direção dele. —O negócio de fingir ser um canalha está começando a ficar velho. Eu sou bobona. E daí?

Ele sorriu. —Eu gosto de bobona. A bobona vai me ajudar a passar no meu primeiro ano. Especialmente em inglês.

Ah, cara. —Se isso foi uma pergunta, a resposta é não, não vou escrever as suas redações de inglês.

—Isso é o que você acha. Eu não comecei a trabalhar no Charme do Scott ainda.

Eu bufei uma risada, e seu sorriso se aprofundou. Ele disse, —O quê? Não acredita em mim?

—Eu não acredito que você e a palavra 'charme' pertençam à mesma sentença.

—Nenhuma garota resiste ao Charme. Tô te dizendo, elas ficam loucas por ele. Aqui está o básico: Fico bêbado vinte e quatro horas por dias, sete dias por semana, não paro num emprego, não consigo passar em matemática básica, e passo meus dias jogando videogame e desmaiando.

Eu joguei a minha cabeça para trás, sentindo meus ombros balançarem enquanto eu ria. Eu estava começando a achar que eu gostava mais da versão bêbada do Scott do que da sóbria. Quem teria imaginado que o Scott seria autodepreciativo?

—Para de babar,— Scott disse, inclinando meu queixo para cima de maneira brincalhona. —Vai tudo para a minha cabeça.

Eu lhe lancei um sorriso relaxado. —Você dirige um Mustang. Isso deve te dar dez pontos, pelo menos.

—Maravilha. Dez pontos. Tudo que eu preciso são de mais duzentos para sair da zona vermelha.

—Por que não para de beber?— eu sugeri.

—Parar? Você está brincando? Minha vida é uma droga quando eu só estou parcialmente ciente dela. Se eu parar de beber e ver o que ela realmente é, eu provavelmente pularia de uma ponte.

Nós ficamos quietos por um momento.

—Quando estou bêbado, eu quase consigo esquecer quem eu sou,— ele disse, seu sorriso desbotando ligeiramente. —Eu sei que ainda estou aqui, mas só por pouco. É um lugar bom de

se estar.— Ele virou a garrafa, os olhos no mar negro à frente.

—É, bem, a minha vida não é tão boa também.

—O seu pai?— ele adivinhou, limpando seu lábio superior com as costas da mão. —Isso não foi culpa sua.

—O que quase piora as coisas.

—Como?

—Se fosse culpa minha, isso indicaria que eu tinha falhado. Eu teria me culpado por um longo tempo, mas talvez, eventualmente, eu poderia seguir em frente. Agora eu estou presa, encarando a mesma pergunta: Por que o meu pai?

—É justo,— Scott disse.

Uma chuva suave começou a cair. Chuva de verão, com grandes gotas quentes respingando por todo lugar.

—Que diabos?— eu ouvi Marcie exigir mais abaixo na praia, perto da fogueira. Eu estudei os contornos dos corpos enquanto as pessoas começaram a ficar de pé. Patch não estava entre elas.

—Pessoal, o meu apartamento!— Scott gritou, pulando de pé com um floreio. Ele cambaleou de lado, mal conseguindo se equilibrar. — Estrada Deacon 72, apartamento trinta e dois. As portas estão destrancadas. Bastante cerveja na geladeira. Ah, e eu mencionei que a minha mãe vai passar a noite toda fora, num jogo de dados?

Uma comemoração ergueu-se, e todos pegaram seus sapatos e outros itens descartados de roupa e subiram pela areia na direção do estacionamento.

Scott cutucou a minha coxa com o seu chinelo. —Precisa de uma carona? Vamos lá, eu até te deixo dirigir.

—Obrigada pela oferta, mas acho que pra mim já deu.— Patch não estava aqui. Ele fora a única razão para eu ter vindo, e de repente a noite não parecera só uma decepção, mas um desperdício também. Eu deveria ter ficado aliviada de não ter que ver o Patch e a Marcie juntos, mas eu quase que só me sentia decepcionada, solitária, e cheia de arrependimento. E exausta. A única coisa que estava na minha cabeça era me engatinhas até a cama e colocar um fim nesse dia o mais cedo possível.

—Amigos não deixam amigos dirigirem bêbados,— Scott seduziu.

—Está tentando apelar para a minha consciência?

Ele balançou as chaves na minha frente.

—Como você pode rejeitar uma chance única de dirigir o Mustang?

Eu fiquei de pé e limpei areia da minha calça.

—Que tal você me vender o Mustang por trinta dólares? Eu posso até mesmo pagar em dinheiro.

Ele riu, deslizando seu braço ao redor dos meus ombros.

— Estou bêbado, mas não tão bêbado assim, Grey.

De volta aos limites de Coldwater, atravessei a cidade com o Mustang e peguei à Beech, em direção à Deacon. A chuva continuava a tamborilar, transformando-se em um chuveiro sombrio. A rua era estreita e sinuosa com árvores por toda a calçada. Depois da curva seguinte, Scott apontou para um conjunto de apartamentos no estilo Cape Cod, com minúsculas varandas e telhas cinzentas. Havia uma quadra de tênis caindo aos pedaços no pequeno gramado da frente. Todo o lugar parecia precisar de uma boa mão de tinta.

Estacionei o Mustang.

— Obrigado pela carona — agradeceu Scott, colocando o braço atrás do meu banco. Os olhos estavam embaçados, o sorriso erguido preguiçosamente em um dos cantos da boca.

— Você consegue entrar? — perguntei.

— Não quero entrar — disse ele com a voz enrolada. — O carpete cheirava a xixi de cachorro e o teto do banheiro está mofado. Quero ficar aqui fora com você.

Porque você está bêbado.

— Preciso voltar para casa. Está tarde e ainda não liguei para minha mãe hoje. Ela vai ficar louca se eu não telefonar logo.

Debrucei-me por cima dele e abri a porta do carona. Quando fiz isso, ele enrolou uma mecha do meu cabelo em volta do dedo.

— Bonito.

Desfiz o cacho.

— Não vai rolar. Você está bêbado.

Ele sorriu.

— Só um pouquinho.

— Você não vai se lembrar disso amanhã.

— Achei que tivemos um bom momento na praia.

— Tivemos. E já passou. É sério. Estou expulsando você. Saia.

— E o meu carro?

— Eu vou deixar em casa esta noite, então trarei amanhã à tarde.

Scott exalou contentamento e relaxou profundamente no seu assento.

—Eu quero entrar e me arrepiar com o solo do Jimi Hendrix. Você poderia falar para todo mundo que a festa acabou?

Eu revirei os olhos.

—Você convidou mais de sessenta pessoas. Eu não vou entrar e falar para eles caírem fora.

Scott se dobrou para fora da porta e vomitou.

Eca.

Eu peguei as costas da camiseta, puxei-o para dentro do carro, e dei impulso no Mustang para ele andar dois passos para frente. Então eu apertei o freio e saí do carro. Eu andei até o lado do Scott e tirei-o do carro pelos braços, sendo cuidadosa para evitar pisar no conteúdo que deixou seu estômago vazio. Ele jogou o braço por cima dos meus ombros, e isso era tudo o que eu poderia fazer sob o colapso do peso dele. —Qual apartamento?

—Trinta e dois. Em cima à direita.

A cobertura. Claro. Porque eu esperei uma folga agora?

Eu arrastei Scott dois lances de escada acima, rigidamente ofegante e cambaleei através da porta aberta do apartamento dele, o qual estava um caos de corpos pulsando e triturando o rap ligado tão alto que eu poderia sentir pedaços do meu cérebro tremendo frouxos.

—O quarto é na parte de trás.— Scott murmurou na minha orelha.

Eu empurrei-o para frente através da multidão, abri o quarto no fim do corredor e despejei Scott no colchão inferior em um beliche no canto. Havia uma mesa pequena no canto adjacente, um uniforme flexível como empecilho, uma base de guitarra e alguns pesos livros. As paredes eram brancas e velhas decoradas com o pôster do filme *The Goodfather Part III* (O poderoso chefão parte III) e uma flâmula do New England Patriots.

—Meu quarto.— Scott falou, me pegando e me puxando para perto. Ele afagou o colchão junto a ele. —Faça-se confortável.

—Boa noite, Scott.

Eu comecei a fechar a porta quando ele falou, —Você poderia pegar algo para eu beber? Água. Eu tenho que lavar esse gosto da minha boca.

Eu estava ansiosa para sair do lugar, mas não pude não ter um sentimento de agravante simpatia por Scott. Se eu saísse agora, ele provavelmente acordaria amanhã em uma poça de seu próprio vômito. Eu podia muito bem limpá-lo e trazer para ele um ibuprofen.

A cozinha pequena e em forma de U do apartamento tinha vista para a sala-de-estar-transformada-em-pista-de-dança, e depois de me apertar no meio dos corpos embolados

bloqueando a entrada da cozinha, eu abri e fechei os armários, procurando por um copo. Eu encontrei uma pilha de copos brancos de plástico em cima da pia, liguei a torneira e segurei um copo embaixo do jato. Quando eu estava voltando para levar a água para o Scott, meu coração pulou. Patch ficou a vários metros de distância, inclinando-se contra os armários em frente ao refrigerador. Ele se separou da multidão, e retirou seu boné de beisebol, sinalizando que ele não estava interessado em conversar. Sua postura era impaciente. Ele olhou para o relógio. Vendo maneira alguma para evitar ele, além de escalar acima do contador direto para a sala de estar, e a sensação de que eu lhe devia civilidade —mais, ambos não estavam com idade o suficiente para lidar com isso. —Madura? Eu umedeci meus lábios, que de repente senti secos como areia, e me aproximei. —Está se divertindo?

As linhas duras do seu rosto se suavizaram em um sorriso —Eu posso pensar em pelo menos uma coisa que eu preferiria estar fazendo.

Se isso foi uma insinuação, eu iria ignorá-lo. Eu me impulsionei sobre o balcão da cozinha, as pernas balançando sobre a borda.

—Ficará a noite toda?

—Se eu tiver que ficar a noite inteira, atire em mim agora.

Eu estendi minhas mãos. —Sem arma, desculpe.

Seu sorriso era a perfeição de bad-boy. —Isso é tudo que está te parando?

—Atirar não vai matá-lo,— eu apontei. —Uma das desvantagens de ser imortal.

Ele assentiu com a cabeça, um sorriso feroz rastejando sob a sombra do seu boné de beisebol. —Mas você faria se pudesse?

Hesitei antes de responder. —Eu não te odeio, Patch. Ainda.

—O ódio não é forte o suficiente?— Ele adivinhou. —Algo mais profundo?

Eu sorri, mas não o suficiente para mostrar dentes.

Nós dois parecemos sentir que nada de bom viria desta conversa, especialmente aqui, e Patch resgatando tanto de nós, inclinando a cabeça para a multidão atrás de nós. —E você? Ficará muito tempo?

Eu pulei do balcão. —Não... Eu estou entregando água para Scott, e enxague bucal se eu puder achá-lo, então eu estou fora daqui.

Ele segurou meu cotovelo. —Você iria atirar em mim, mas você está no seu caminho para ser enfermeira da ressaca de Scott?

—Scott não quebrou meu coração.

Um par de batidas de silêncio caiu entre nós, então Patch disse em voz baixa: —Vamos

embora.— A maneira como ele olhou para mim me disse exatamente o que ele quis dizer. Ele queria que eu fugisse com ele. Para desafiar os arcanjos. Para ignorar que eles eventualmente encontrariam Patch.

Eu não poderia pensar sobre o que eles fariam com ele sem sentirem presos no gelo, frio com medo, e congelado pelo puro horror dele. Patch nunca me contou como o inferno seria. Mas ele sabia. E o fato que ele nunca iria me dizer pintou um quadro vívido muito, muito desolador. Eu mantive meus olhos pregados na sala de estar. —Eu prometi a Scott um copo de água.

—Você está gastando muito tempo com um cara que eu chamaria de escuro, e, dado o meu padrão, é um título duramente conquistado.

—É um príncipe escuro para conhecer um?

—Fico feliz que você pendurou no seu senso de humor, mas estou falando sério. Tenha cuidado.

Eu balancei a cabeça. —Eu aprecio sua preocupação, mas eu sei o que eu estou fazendo.— Eu dei um passo para o lado de Patch e me lancei através do giro de corpos na sala de estar. Eu tinha que ir embora. Foi muito ficando em pé perto dele, sentindo que a parede de gelo tão espessa e impenetrável. Sabendo que ambos queriam algo que não podíamos ter, mesmo que o que queríamos estava a um braço de distância.

Eu havia andado metade do caminho entre a multidão quando alguém roubou a minha presilha do meu bolso de trás. Voltei-me, à espera de encontrar Patch pronto para me dar mais de sua opinião, ou talvez, mais aterrorizante, jogar a precaução para o vento e me beijar, mas era Scott, sorrindo para mim preguiçosamente. Ele tirou o meu cabelo do rosto e inclinou-se, selando minha boca com a dele. Ele tinha gosto de enxague bucal de menta e dentes recém limpos. Eu comecei a me afastar, então pensei, o que importa de Patch ver? Eu não estava fazendo nada errado, ainda. Eu tinha o direito tanto quanto ele de seguir em frente, como ele fez. Ele estava somente usando Marcie para preencher o vazio de seu coração, e agora era minha vez, com Scott.

Eu deslizei minhas mãos para o peito e Scott e segurei-o pela sua nuca. Ele pegou a deixa e me pegou mais apertado, traçando suas mãos para baixo no contorno da minha espinha. Então era isso que se sentia quando beijava outro alguém. Enquanto

Patch era lento e praticado e tomava seu tempo, Scott estava brincando ansioso e um pouco desleixado. Foi completamente diferente e novo... e não de todo ruim.

—Meu quarto.—, Scott sussurrou em meu ouvido, atando seus dedos entre os meus e me puxando em direção ao corredor.

Lancei meu olhar para o lugar onde eu tinha visto Patch pela última vez. Nossos olhos se encontraram. Sua mão era dura, em forma de concha na parte de trás do pescoço, como se ele estivesse perdido em pensamentos profundos e havia congelado a mira em mim beijando

Scott.

E isso que se sente. Pensei para ele.

Só que, eu não me senti nada melhor depois de pensar isso. Senti-me triste e para baixo e insatisfeita. Eu não era o tipo de pessoa que jogava os jogos ou usava truques sujos para consolar ou aumentar minha autoestima. Mas ainda havia uma certa dor bruta queimando dentro de mim, e por causa disso, eu deixei Scott guiar-me pelo corredor. Usando seu pé, Scott cutucou para abrir a porta do quarto. Ele apagou as luzes, e sombras suaves fixas em torno de nós. Olhei para o pequeno e fino colchão na beliche inferior, depois para a janela. A janela estava quebrada. Em um momento de pânico induzido, na verdade eu me imaginei deslizando através das fissuras e desaparecendo na noite. Provavelmente, um sinal de que o que eu estava prestes a fazer seria um grande erro. Eu realmente estava passando por isto somente para fazer um ponto? Foi assim que eu queria mostrar para Patch a magnitude da raiva e mágoa? O que ele disse sobre mim?

Scott levou-me pelos ombros e me beijou mais intensamente. Eu folheei mentalmente as minhas opções. Eu poderia dizer para Scott que eu estava passando mal. E poderia falar para ele que eu mudei de ideia. Eu poderia simplesmente falar não para ele.

Scott arrancou sua camisa e jogou-a para o lado.

—Uh--,— Eu comecei. Olhei em volta uma vez mais para escapar, notando que a porta do quarto devia ter aberto, porque uma sombra surgiu iluminada pela luz do corredor. A sombra entrou e fechou a porta, e eu senti meu queixo ficar sem ter o que fazer.

Patch atirou a camisa de Scott para ele, pegando-o no rosto.

—Que,— Scott exigiu, puxando a camisa sobre a sua cabeça e recolocando-a.

—Voando para baixo,— Patch disse à ele.

Scott puxou o zíper. —O que você está fazendo? Você não pode entrar aqui. Estou ocupado. E este é o meu quarto!

—Você está louco?— Eu disse a Patch, o sangue subindo em minhas bochechas.

Patch desviou os olhos dele para mim. —Você não quer estar aqui. Não com ele.

—Você não consegue fazer este apelo!

Scott esvoaçou por mim. —Deixe-me cuidar dele.

Ele deu dois passos antes de Patch socá-lo na mandíbula em uma crise de revolta.

—O que você está fazendo?— Eu gritei para Patch. —Você quebrou a mandíbula dele?

—Unnuh!— Scott gemeu, agarrando a parte inferior do rosto.

—Eu não quebrei a mandíbula dele, mas se ele colocar as mãos em você, isso será a primeira de muitas coisas para quebrar.— Patch disse.

—Fora!— Eu ordenei a Patch, apontando o dedo para porta.

—Eu vou matar você,— Scott rosnou para Patch, abrindo e fechando sua mandíbula, certificando-se que ainda funcionava.

Mas, em vez de pegar a deixa para sair, Patch cruzou o quarto para Scott em três passos. Ele arremessou ele de cabeça para a parede. Scott tentou se orientar, mas Patch bateu-o contra a parede de novo, desorientando-o ainda mais. —Encoste nela,— disse ele no ouvido de Scott, a voz baixa e ameaçadora, —E isso vai ser o grande arrependimento da sua vida.

Antes de sair, Patch desviou os olhos na minha direção.

—Ele não é digno disso.— Fez uma pausa. —E nem eu.

Abri a boca, mas não tive um argumento. Eu não estava aqui porque queria estar. Eu estava aqui para jogar na cara de Patch. Eu sabia disso, e ele sabia disso.

Scott rolava, arrastando-se contra a parede. —Eu poderia ter pegado ele se eu não estivesse devastado—, ele disse, massageando a metade inferior de seu rosto. —Quem ele pensa que é? Eu não o conheço. Você o conhece?

Scott, obviamente, não reconheceu Patch do Z, mas havia muitas pessoas naquela noite. Eu não poderia esperar que Scott se lembrasse de cada rosto. —Me desculpe por isso,— disse, gesticulando para a porta que Patch acabou de sair. —Você está bem?

Ele sorriu lentamente. —Nunca estive melhor.— Ele disse isso com uma contusão da pancada forte florescendo por sua mandíbula.

—Ele estava fora de controle.

—A melhor maneira de ser—, ele demorou, usando as costas das mãos para limpar um filete de sangue do corte da sua boca.

—Eu deveria ir,— disse —Vou trazer o Mustang de volta depois da escola amanhã.— Perguntei-me como eu deveria sair daqui, passando por Patch, e mantendo qualquer nível de auto dignidade. Eu poderia muito bem passar e admitir que ele estava certo: eu só segui Scott de volta para machucá-lo.

Scott colocou seu dedo em forma de gancho debaixo a minha blusa, me segurando no lugar.

—Não vá, Nora. Ainda não.'

Eu tirei o seu dedo. —Scott—

—Diga-me se eu estiver indo longe demais,— ele disse, puxando a cabeça dele por cima da cabeça para o segundo tempo. Sua pele pálida brilhava no escuro. Ele claramente gastou

muito tempo na sala de musculação, e isso se mostra nas linhas dos músculos ramificados seguindo seus braços.

—Você está indo longe demais— eu disse.

—Isso não soou convincente.— Ele levantou meu cabelo para fora do meu pescoço e colocou seu rosto na curva.

—Eu não estou interessada em você desse jeito—, eu disse, colocando minhas mãos entre nós. Eu estava cansada e uma dor de cabeça zumbia entre os meus ouvidos. Eu estava com vergonha de mim mesma e queria ir para casa e dormir e dormir, até eu esquecer essa noite.

—Como você sabe? Você nunca me provou desta maneira.

Eu virei o interruptor de luz, inundando o quarto com a luz. Scott colocou as mãos sobre os olhos e cambaleou um passo para trás.

—Estou saindo ----- , comecei, então deixei fixos meus olhos em

um pedaço de pele alta sobre o peito de Scott, no meio do caminho entre seu mamilo e sua clavícula. A pele estava deformada e brilhante. Em algum lugar do fundo do meu cérebro, fiz a conexão de que esta deve ser a marca registrada que Scott havia conseguido quando ele jurou fidelidade para a sociedade de sangue Nefilim, mas isso era como uma neblina de reflexão, apagadas em comparação com o que realmente prendeu minha atenção. A marca era em forma de um punho fechado. Era idêntica, para baixo na mesma dimensão e tamanho, que o carimbo em relevo do anel de ferro do envelope.

Com uma mão ainda atirada sobre os olhos, Scott gemeu e alcançou a cabeceira da cama para se firmar.

—O que é essa marca na sua pele?— Eu perguntei, minha boca secando.

Scott pareceu momentaneamente assustado, depois deslizou sua mão para baixo para cobrir a marca. —Alguns amigos e eu estávamos bêbados uma noite. Não é nada grave. É apenas uma cicatriz.

Ele teve a audácia de mentir sobre isso? —Você me deu o envelope.— Quando ele não respondeu, eu acrescentei mais ferozmente, — O calçadão. A padaria.

O envelope com o anel de ferro.— O quarto parecia estranhamente isolado, separado do pulsante som na sala de estar. Em um instante, eu não me sentia mais segura presa de novo aqui com Scott.

Os olhos de Scott se estreitaram e ele piscou para mim através da luz, que parecia ferir seus olhos ainda. —Sobre o que você está falando? — Seu tom era desconfiado, hostil, confuso.

—Você realmente acha esse ato engraçado?— Eu sei que você me deu o anel.

—O—anel?

—O anel que fez essa marca no seu peito!

Ele balançou a cabeça uma vez, duramente, como se para espantar seu estupor. Em seguida seu braço atacou, empurrando-me contra a parede. —Como você sabe sobre o anel?

—Você está me machucando—, eu disse venenosamente, mas eu estava tremendo de medo. Percebi que Scott não estava fingindo. A menos que ele fosse um ator muito melhor do que eu imaginava, ele genuinamente não sabia sobre o envelope. Mas ele sabia sobre o anel.

—O que ele se parece?— Ele pegou minha blusa e apertou em mim. —O cara que te deu o anel—com o que ele se parece?

—Tire suas mãos de mim,— Eu ordenei, empurrando-o para trás. Mas Scott pesava muito mais do que eu, e os seus pés ficaram plantados, seu corpo prendendo-me contra a parede. — Eu não vi ele. Ele mandou entregar.

—Ele sabe onde eu estou? Ele sabe que eu estou em Coldwater?

—Ele?— Eu respondi. —Quem é ele? O que está acontecendo?

—Por que ele lhe deu o anel?

—Eu não sei! Eu não sei nada sobre ele! Por que você não me diz?

Ele estremeceu fortemente contra o pânico furioso que parecia controlar ele. —O que você sabe?

Eu mantive meus olhos pregados nos do Scott, mas minha garganta estava apertada tão fortemente que era difícil para respirar. —O anel estava no envelope com uma nota que falava que a Mão Negra matou meu pai. E que o anel pertencia a ele.— Lambi meus lábios. —Você é a Mão Negra?

A expressão de Scott ainda detinha a mais profunda desconfiança, seus olhos dardeavam para frente e para trás, julgando se ele acreditava em mim ou não. —Esqueça que tivemos essa conversa, se você sabe o que é bom para você.

Tentei soltar meu braço, mas ele ainda estava segurando.

—Saia—, disse ele. —E fique longe de mim.— Dessa vez ele deixou eu ir, dando-me um empurrão em direção a porta.

Parei na porta. Limpei as palmas das mãos suadas na minha calça. —Não até você me falar sobre a Mão Negra.

Eu pensei que Scott poderia lançar uma raiva ainda mais violenta, mas ele apenas me olhou como se olharia para um cão que estava de córcoras em sue gramado. Ele tirou sua camiseta e fez como se fosse colocá-la de novo, então sua boca se curvou em um sorriso ameaçador. Ele

jogou a camisa sobre a cama. Ele soltou seu cinto,

puxou para baixo o zíper e despiu seu calção em pé ficando com nada além de uma boxer de algodão. Ele estava indo para o fator choque, claramente tentando me intimidar para sair. Ele tinha feito um bom trabalho de me convencer, mas eu não ia deixar ele se livrar de mim facilmente.

Eu disse, —Você tem o anel do Mão Negra marcado na sua pele. Não espere que eu acredite que você sabe nada sobre isso, incluindo como isso chegou aqui.

Ele não respondeu.

Eu estava tão ocupada ficando em pânico, que eu não percebi que Scott sentou-se na cama. Seu rosto estava escondido em suas mãos. Suas costas estavam tremendo, e eu percebi que ele estava chorando em silêncio, copiosamente, soluçando convulsivamente. No começo, eu pensei que ele estava fingindo, que esta era uma espécie de armadilha, mas os sons embargados no seu peito eram reais. Ele foi bêbado, desequilibrado emocionalmente, e eu não sabia quão estável ele estava. Eu ainda me segurei, com medo do que um movimento ligeiro poderia causar em um piscar de olhos.

—Eu contrai um monte de dívidas de jogo em Portland,— ele disse, sua voz irregular de desespero e exaustão. —O gerente do bar do sinuca estava respirando no meu pescoço, exigindo o dinheiro, e eu tinha que olha em volta toda vez que eu saia de casa. Eu estava vivendo no medo, sabendo que um dia ele iria me encontrar, e eu estaria com sorte de sair com rótulas quebradas.

—Uma noite no meu caminho para casa do trabalho, eu fui surpreendido por trás, arrastado para um depósito, e amarrado a uma mesa dobrável. Estava escuro demais para ver o cara, mas eu calculei que o gerente tinha enviado ele. Eu lhe disse que pagaria tudo o que ele queria se ele me deixasse ir, mas ele riu e disse que ele não estava atrás do meu dinheiro—na verdade, ele já havia resolvido as minhas dívidas. Antes que eu pudesse calcular se isso foi sua ideia ou uma brincadeira, ele disse que era o Mão Negra, e a última coisa que ele precisava era de mais dinheiro.

—Ele tinha um Zippo (tipo de isqueiro), e ele segurou a chama contra o anel na mão esquerda, aquecendo-o. Eu estava suando. Eu disse a ele que eu faria qualquer coisa que ele quisesse—que somente me tirasse da mesa. Ele rasgou minha camisa e afundou o anel no meu peito. Minha pele estava em chamas, e eu estava gritando com o máximo de força. Ele agarrou meu dedo, quebrou o osso, e me disse que se eu não calasse a boca, ele quebraria todos os dez dedos. Ele me disse que tinha me dado sua marca— A voz de Scott caiu até ficar grossa. —Eu molhei minha calça. Bem ali na mesa. Ele me assustou como o inferno. Eu vou fazer o que for preciso para nunca ver ele de novo. Por isso que mudamos de volta para Coldwater. Eu parei de ir para a escola e estava me escondendo na academia todo o dia, crescendo no caso dele vir procurando por mim. Se ele me achasse, desta vez eu estaria pronto.— Interrompendo a fala, ele limpo o nariz com as costas da mão.

Eu não sabia se podia confiar nele. Patch havia deixado claro que ele não, mas Scott estava

tremendo. Sua pele estava pálida, molhada de suor, e ele passou as mãos pelo cabelo, soltando um longo suspiro. Ele poderia inventar uma história como essa? Todos os detalhes entrelaçados com tudo o que eu já sabia sobre Scott. Ele possuía um vício em jogos de azar. Ele trabalhava à noite em Portland em uma loja de conveniência. Ele voltou para Coldwater para escapar do passado. Ele tinha uma marca de ferro em seu peito, prova de que alguém havia posto ali. Será que ele podia sentar a dois pés de distância e mentir sobre o que ele havia passado?

—Como ele parecia?— Eu perguntei. —O Mão Negra.

Ele balançou a cabeça. —Estava escuro. Ele era alto, e isso é tudo que eu me lembro.

Eu procurei alguma forma de conexão entre Scott e meu pai— ambos estavam relacionados ao Mão Negra. Scott havia sido monitorado pelo Mão Negra atrás de dívida. Em troca de pagar a dívida, o Mão Negra o marcou. Meu pai passou pela mesma coisa? Seria seu assassino não um assassino aleatório como a polícia originalmente pensou? Será que o Mão Negra pagou uma dívida do meu pai, então matado ele quando meu pai se recusou a ser marcado? Não. Eu não estava comparando. Meu pai não apostava, e não acumulava dívidas. Ele era um contador. Ele sabia o valor do dinheiro. Nada sobre a situação dele era igual a do Scott. Tinha que haver algo a mais.

—O Mão Negra disse algo a mais?— Eu perguntei.

—Eu tento não me lembrar de nada sobre aquela noite.— Ele colocou a mão embaixo do colchão e tirou um cinzeiro de plástico e um pacote de cigarros. Acendeu-os, exalando fumaça lentamente, e fechou os olhos.

Minha mente continuava se recuperando das mesmas três questões. O Mão Negra matou meu pai? Quem era ele? Aonde eu poderia encontrá-lo?

E então uma nova pergunta. O Mão Negra seria o líder da sociedade de sangue Nefilim? Se fosse ele quem marcasse os Nefilim, isso teria sentido. Somente um líder, ou alguém com muita autoridade, seria encarregado da atividade de recrutar membros para lutar contra os anjos caídos.

—Ele te disse por que ele te deu a marca dele?— Eu perguntei. É evidente que a marca foi para marcar os membros da sociedade de sangue, mas talvez houvesse algo a mais. Algo que só os Nefilim membros sabiam.

Scott balançou a cabeça, dando mais uma tragada.

—Não— Scott encerrou.

—Ele veio procurar por você desde aquela noite?

—Não.— Eu poderia falar pelo olhar selvagem em seus olhos que ele estava com medo, que não seria capaz de falar tanto.

Eu pensei de volta no Z. No Nefilim de camisa vermelha. Ele teria a mesma marca que Scott? Eu estava quase certa que sim. Isso só faz sentido se todos os membros tivessem a mesma marca. O que significa que havia outros como Scott e o Nefilim no Z. Membros em todo o lugar, recrutados à força, mas desvinculada de qualquer vantagem ou finalidade, pois eram mantidos no escuro. O que o Mão Negra estava esperando? Por que ele estava adiando a união de seus membros? Para evitar que os anjos caídos descubram o que ele está fazendo?

Era esse o motivo do meu pai ter sido assassinado? Por causa de algo que ele não quis fazer com uma sociedade de sangue?

—Você já viu a marca do Mão Negra em outra pessoa?— Eu sabia que estava em perigo insistindo tanto, mas eu precisava saber o quanto Scott sabia.

Scott não respondeu. Ele estava dobrado na cama, passando para fora. Sua boca estava boquiaberta, e seu hálito cheirava fortemente a álcool e fumo.

Eu sacudi ele gentilmente. —Scott? O que você pode me falar sobre a sociedade?— Eu bati suavemente nas bochechas dele. —Scott, acorde. O Mão Negra te contou que você é um Nefilim? Ele te disse o que isso significa?

Mas ele caiu em um sono profundo e embriagado. Eu amassei o cigarro, puxei um lençol até os ombros dele e fui embora. Capítulo traduzido pela Choco também.

15

Eu estava mergulhada em um sonho quando o telefone tocou. Eu mexi um braço para fora das cobertas, varrendo com a mão a mesa de cabeceira e localizando meu celular. —Alô?— Eu disse, limpando a baba da beirada da minha boca.

—Você já viu o Canal do Tempo?— Vee perguntou.

—O que?— Eu murmurei. Eu tentei piscar, mas meus olhos voltavam para o sonho. —Que horas são?

—Céu azul, calor, vento zero. Nós vamos demais para a Old Orchard Beach depois da aula. Eu estou arrumando pranchas no Neon agora.— Ela cantou a primeira estrofe de —Summer Nights— do Grease. Eu me encolhi e afastei o telefone da minha orelha.

Esfreguei meus olhos sonolentos e os números do meu relógio de gangorra entraram em foco. Não poderia ser possível ser seis na frente... poderia?

—Devo usar um bandeau rosa choque ou um biquíni dourado metálico? A coisa sobre o biquíni é, eu provavelmente preciso de um bronzeado antes de vestir ele. Dourado fará minha pele parecer ainda mais desbotada. Talvez eu use o rosa nessa vez, pego um bronzeado, e-

—Por que o meu relógio está marcando seis e vinte e cinco?— Perguntei, tentando ultrapassar a névoa do sono tempo o suficiente para colocar algum volume na minha voz.

—Isso é uma pegadinha?

—Vee!

—Yeesh. Muito nervosa?

Desliguei o telefone e aconcheguei mais profundamente nos cobertores. O telefone da casa começou a tocar no andar de baixo, na cozinha. Coloquei o travesseiro sobre minha cabeça. Caiu na caixa de mensagens, mas Vee não era tão fácil de se livrar. Ela ligou de novo. De novo e de novo.

Eu liguei para ela. —O que?

—Dourado ou rosa? Eu não perguntaria se não fosse importante. É só... Rixon vai estar lá, e esta é a primeira vez que ele vai me ver em uma roupa de banho.

—Espera ai. O plano era para nós três irmos juntos? Eu não vou passar pelo caminho todo até Old Orchard Beach para segurar vela!

—E eu não vou deixar você ficar sentada em casa toda a tarde com a sua cara azeda.

—Eu não tenho uma cara azeda.

—Sim, você tem e está com ela agora.

—Essa é a minha cara de aborrecimento. Você me acordou as seis da manha!

O céu de verão estava azul de horizonte a horizonte. As janelas do Neon foram abertas, um vento quente atravessou o cabelo de Vee e o meu, e o cheiro inebriante de água salgada encheu o ar. Vee saiu da estrada e dirigiu para Old Orchard Street, olhos procurando por um estacionamento. As pistas de ambos os lados estavam lentas com carros movendo-se devagar, abaixo do limite de velocidade, esperando uma vaga ser desocupada antes que a ultrapassassem e perdessem a chance.

—Esse lugar está cheio.— Queixou-se Vee. —Onde eu supostamente deveria estacionar?— Ela dirigiu por um beco e desacelerou para parar atrás de uma livraria. —Este parece ser um bom lugar. Muitas vagas aqui em volta.

—A placa disse que é para empregados, apenas.

—Como eles vão saber que não somos empregados? O Neon combina direito aqui. Todos esses carros são de classe baixa.

—A placa diz que os infratores serão rebocados.

—Eles só dizem isso para assustar as pessoas como eu e você para longe. É uma ameaça vazia. Nada para se preocupar.

Ela colocou o Neon no espaço vazio e puxou o freio de mão. Nós tiramos um guarda sol e uma sacola cheia de garrafas de água, lanches, protetor solar, e toalhas, para fora do portamalas, em seguida caminhamos pela Old Orchard Street até ela terminar na praia. A areia estava pontilhada de guardas sol coloridos, as ondas espumosas rolando nos pés do píer. Eu reconheci um grupo de alunos populares da escola jogando Ultimate Frisbee logo à frente.

—Normalmente eu diria que deveríamos flertar esses caras— Vee disse —mas Rixon é tão quente que eu não sou nem ao menos tentada.

—Afinal, quando o Rixon combinou de chegar aqui?

—Ei, para. Isso não soou muito alegre. De fato, soou um pouco cínico.

Cobrindo os meus olhos, eu olhei o litoral, procurando por um lugar ideal para colocar o guarda-sol. —Eu já te disse: eu odeio ser vela.— A última coisa que eu precisava ou queria era me sentar embaixo de um sol quente a tarde toda, vendo Vee e Rixon me fazendo sentir por fora.

—Para sua informação, Rixon teve alguns compromissos para ir, mas ele prometeu estar aqui às três.

—Que tipo de compromissos?

—Quem sabe? Provavelmente Patch o obrigou a fazer algum favor. Patch sempre tem algo que precisa de Rixon para ir e tomar conta.

Você pensa que Patch poderia somente fazer ele mesmo. Ou pelo menos pagar Rixon, então não estaria tirando proveito dele. Você acha que eu devo passar filtro solar? Eu vou ficar realmente louca se eu vir para todo esse problema e não pegar um bronzado.

—Rixon não parece o tipo de cara que deixa as pessoas tirarem vantagem dele.

—Pessoas? Não. Patch? Sim. É como se Rixon adorasse ele. Isso é tão horrível. Isso faz meu estômago embrulhar. Patch não é o tipo de cara que eu quero que meu namorado pense em ser.

—Eles tem uma longa história juntos.

—Foi assim que eu escutei. Blah Blah Blah. Provavelmente Patch é um traficante de drogas. Não. Provavelmente ele é um traficante de armas e coloca Rixon lá fora se sacrificando, contrabandeando as armas de graça e arriscando o seu pescoço.

Atrás da minha imitação de Ray-Ban, eu revirei os olhos. — Rixon tem algum problema com o relacionamento deles?

—Não.— Ela disse, ofendida.

—Então deixe isso por isso mesmo.

Mas Vee não estava disposta a deixar por isso mesmo. —Se Patch não é um traficante de armas, como ele consegue o dinheiro dele?

—Você sabe onde ele consegue seu dinheiro.

—Me diga,— ela falou, cruzando os braços teimosamente em seu peito. —Me diga em voz alta onde ele consegue seu dinheiro.

—No mesmo lugar que Rixon consegue o dele.

—Uh-huh. Como eu pensava. Você está envergonhada de dizer isso.

Dei um olhar aguçado para ela. —Por favor. Essa é a coisa mais idiota.

—Ah é?— Vee marchou até uma mulher não muito distante, que estava construindo um castelo de areia com seus dois filhos pequeno. —Com licença, senhora? Desculpe interromper o seu ótimo tempo na praia com seus filhos, mas minha amiga aqui gostaria de lhe dizer o que o seu ex faz para viver.

Eu segurei o braço de Vee e puxei-a para longe.

—Vê?— Vee disse. —Você está envergonhada. Você não pode dizer em voz alta e não

sentir seu interior começando a apodrecer.

—Poker. Sinuca. Aqui. Eu disse isso e não vou murchar e morrer. Satisfeita? Eu não sei qual é o grande problema com isso. Rixon ganha a vida da mesma maneira.

Vee meneou a cabeça. —Você está tão no escuro, menina. Você não compra o tipo de roupas que Patch veste com apenas apostas vencedoras no Bo's Arcade.

—O que você está falando? Patch veste jeans e camisetas.

Ela colocou uma mão no quadril. —Você sabe o quanto custa jeans daquele jeito?

—Não,— Eu disse, confusa.

—Vamos somente falar que você não pode comprar um jeans como aquele em Coldwater. Ele provavelmente compra eles de New York. Quatrocentos dólares um par.

—Você está mentindo.

—Atravessou meu coração a esperança de morrer. Semana passada, ele estava vestindo uma camiseta do Rolling Stones autografada pelo Mick Jagger. Rixon falou que era verdadeira. Patch não está pagando a conta de seu MaterCard com as fichas de poker. Antes, você e Patch foram a Splitsville, você perguntou como ele realmente consegue seu dinheiro? Ou como ele conseguiu aquele agradável Jeep brilhante?

—Patch ganhou seu Jeep no jogo de poker.— Eu argumentei. — Se ele ganhou o Jeep, tenho certeza que ele poderia ganhar o suficiente para comprar o um par de jeans de quatrocentos dólares. Talvez ele somente seja muito bom no poker.

—Patch falou para você que ele ganhou o Jeep. Rixon tem uma história diferente.

Eu tirei meu cabelo dos ombros, tentando fingir que eu não poderia me importar menos sobre a direção que a nossa conversa tomou, porque eu não estava acreditando. —Ah é? Qual seria?

—Eu não sei. Rixon não me falou. Tudo o que ele disse foi, 'Patch gostaria que você pensasse que ele ganhou o Jeep. Mas ele sujou suas mãos conseguindo aquele carro.'

—Talvez você escutou errado.

—Yeah, talvez,— Vee repetiu cinicamente. —Ou talvez Patch é um maldito lunático correndo em serviços ilegais.

Dei-lhe um tubo de protetor solar, talvez um pouco rude demais,

—Passe isso nas minhas costas, e não deixe lugar algum, —Eu acho que eu vou direto para o bronzeador.— Vee disse, espalhando protetor solar nas minhas costas. —Um pouco de queimado é melhor que gastar o dia inteiro na praia e sair tão branca quanto eu você chegou.

Estiquei o pescoço por cima do meu ombro, mas não podia dizer quão minucioso foi o trabalho de Vee. —Certifique-se de colocar sob as tiras.

—Você acha que eles vão me prender se eu tirar o meu top? Eu realmente odeio marcas de bronzeado.

Abri minha toalha sob o guarda-sol e me enrolei sob ele, reverificando para ter certeza que meus pés não estavam no sol. Vee estendeu a toalha a poucos metros de distância e passava em suas pernas óleo de bebê. No fundo da minha mente surgiu imagens de câncer de pene que eu tinha visto no consultório do médico.

—Falando no Patch,— Vee disse, —qual é a última? Ele ainda está saindo com a Marcie?

—Foi o que eu ouvi.— Eu disse friamente, pensando que a única razão para ela levantar a questão foi para me provocar ainda mais.

—Bem, você sabe a minha opinião.

Eu sabia, mas eu ia escutar isso de novo, querendo ou não.

—Os dois se merecem.— Vee disse, pulverizando Sun-In no cabelo, enchendo o ar com uma névoa química de limão. —Claro, eu não acho que isso vai durar. Patch vai se cansar e seguir em frente. Assim como ele fez com-

—Podemos falar sobre algo que não seja Patch?— Eu cortei, comprimindo meus olhos fechados e massageando os músculos da parte de trás do meu pescoço.

—Tem certeza que não quer conversar? Você parece que tem muita coisa na cabeça.

Eu suspirei. Não adianta esconder isso. Repugnante ou não, Vee era minha melhor amiga e merecia a verdade, quando eu podia dar.

—Ele me beijou na noite passada. Após o Devil's Handbag.

—Ele o quê?

Eu apertei meus olhos com os dedos. —No meu quarto.— Eu não acho que poderia explicar para Vee que ele me beijou dentro do meu sonho. O ponto era que ele tinha. Localização era irrelevante. Isso, e eu não quero nem pensar o que significava ele ser capaz de se inserir nos meus sonhos.

—Você deixou ele entrar?

—Não exatamente, mas ele veio de qualquer forma.

—Okay,— Vee disse, olhando como se estivesse lutando para chegar a uma resposta decente a minha idiotice. —Aqui está o que nós devemos fazer. Vamos fazer um juramento de sangue. Não me dê esse olhar, eu falo sério. Se é um juramento de sangue, você vai ter que mantê-lo ou algo muito ruim vai acontecer—como ratos poderiam roer fora o seu pé, enquanto

—você está dormindo. E quando você acordar, tudo o que foi deixado foi tocos sangrentos. Você tem um canivete? Nós vamos encontrar um canivete, então nós nos cortaremos na palma da mão e pressionamo-las juntas. Você irá jurar nunca estar sozinha com o Patch de novo. Dessa forma, se a tentação te levar, você terá algo para te trazer de volta.

Eu ponderei sobre dizer a ela que estar sozinha com Patch nem sempre era minha opção. Ele se moveu como vapor. Se ele quisesse tempo sozinho comigo, ele teria que ir atrás. E embora eu odiasse admitir isso, eu nem sempre importava.

—Eu preciso de algo mais efetivo que um juramento de sangue. — Eu disse.

—Babe, dê uma pista. Isso é muito grave. Eu espero que você seja uma crente, porque eu sou. Eu vou caçar uma faca.— Ela disse, começando a se levantar.

Puxei-a para baixo. —Eu tenho o diário da Marcie.

—O q-quê?— Vee cuspiu.

—Eu peguei ele, mas não o li.

—Por que eu estou ouvindo somente agora sobre isso?— E por que você está demorando tanto para lê-lo? Esqueça Rixon—vamos dirigir até em casa agora mesmo e o ler! Você sabe que Marcie fala de Patch nisso.

—Eu sei;

—Então porque a demora? Você está com medo sobre o que poderia revelar? Porque eu posso ler primeiro, filtrar as coisas ruins, e apenas dar-lhe respostas, direto ao ponto.

—Se eu ler isso, eu poderia nunca mais falar com o Patch.

—Isso é uma coisa boa!

Olhei de soslaio para Vee. —Eu não sei se é isso que eu quero.

—Oh, babe. Não faça isso consigo mesma. Isso está me mantando, Leia o estúpido diário e pare você mesmo a discussão. Existe outros caras fora daqui. Somente para você saber. Nunca terá uma escassez caras.

—Eu sei,— Disse, mas soou como uma mentira barata. Nunca houve um cara antes de Patch. Como eu poderia falar para mim mesma que haveria um depois? —Não vou ler o diário. Eu vou devolvê-lo a Marcie, e eu tive essa rixa ridícula por anos, e está ficando ultrapassada. Eu só quero seguir em frente.

A boca de Vee caiu, e ele gaguejava. —Não é possível esperar eu ler o diário para seguir em frente? Ou pelo menos uma espiada? Cinco minutos, isso é tudo que peço.

—Eu estou tomando o caminho mais nobre.

Vee suspirou. —Você não vai mudar, vai?

—Não.

Uma sombra caiu sobre nossas toalhas.

—Se importam se eu me juntar às lindas garotas?

Nós olhamos para cima para encontrar Rixon de pé acima de nós em uma sunga e um tanquinho, com uma toalha jogada sobre o ombro. Ele tinha uma forma desengonçada que aparentava surpreendentemente forte e jovial, um nariz curvo, e um emaranhado de cabelo escuro caiu na testa dele. Um par de asas de anjo pretas estava

tatuada em seu ombro esquerdo, e combinado com uma pesada sombra de cinco horas, ele parecia ser contratado da máfia. Encantador, brincalhão, e não bom.

—Você veio!— Vee disse, seu sorriso iluminando toda a sua face.

Rixon desabou na areia em frente de nós, o cotovelo abaixado, o rosto apoiado no punho. —O que eu perdi?

—Vee quer que eu faça um juramento de sangue.— Eu disse.

Ele levantou uma sobrancelha. —Parece sério.

—Ela acha que isso vai manter Patch fora da minha vida.

Rixon inclinou a cabeça para trás e riu. —Boa sorte com isso.

—Ei, agora a pouco,— Vee disse. —Juramentos de sangue são coisas sérias.

Rixon pôs a mão na coxa dela intimamente e sorriu carinhosamente para ela, e eu senti uma dor no peito com inveja. Semanas atrás, Patch teria me tocado da mesma maneira. A ironia é que, semanas atrás, Vee provavelmente sentia da mesma maneira que eu senti sempre que ela era forçada a sair comigo o Patch.

Sabendo isso, deveria engolir um pouco do meu ciúme, mas a dor do machucado era intensa. Respondendo a Rixon, Vee se curvou para frente, plantando um beijo na boca dele. Desviei os olhos, mas não diminuí a inveja que parecia pairar como uma pedra na minha garganta.

Rixon pigarreou. —Por que não vou comprar algumas Cocas para gente?— ele perguntou, tento a sensibilidade para perceber que ele e Vee estavam me deixando desconfortável.

—Permita-me,— Vee disse, levantando e limpando a areia da parte de trás.

—Eu acho que Nora quer falar com você, Rixon.— Ela fez aspas no ar na palavra —falar—. —Eu ia ficar, mas não sou uma grande fã do assunto.

—Uh--,— Eu comecei desconfortável, não tendo certeza do que Vee insinuava, mas tendo

certeza que não iria gostar.

Rixon sorriu para mim com expectativa.

—Patch.— Disse Vee, clareando as coisas, só para fazer o ar parecer dez vezes mais pesado do que já estava. Desse jeito, ela saiu.

Rixon coçou o queixo. —Você quer falar sobre o Patch?

—Não realmente. Mas você conhece Vee. Sempre lá para fazer uma situação desconfortável piorar dez vezes.— Eu murmurei sob a minha respiração.

Rixon riu. —Ainda bem que eu não sou facilmente humilhado.

—Eu gostaria de poder dizer a mesma coisa agora.

—Como estão as coisas?— Ele perguntou, tentando quebrar o gelo.

—Com o Patch, ou em geral?

—Os dois.

—Já estiveram melhor.— Percebendo que havia uma boa chance de Rixon passar qualquer coisa que eu falar para Patch, eu rapidamente acrescentei, —Estou no auge. Mas eu posso fazer uma pergunta pessoal? É sobre o Patch, mas você não precisa responder se não quiser, estou seriamente bem com isso.

—Fale.

—Ele ainda é meu anjo da guarda? Um tempo atrás, depois de uma briga, eu falei para ele que não queria ele fosse. Mas eu não tenho certeza de como estamos. Ele não é mais meu guardião simplesmente porque eu disse que era o que eu queria?

—Ele ainda é atribuído a você.

—Como é se ele nunca mais está por perto?

Os olhos de Rixon brilharam. —Você terminou com ele, lembra?— É estranho para ele. A maioria dos caras não gostam da ideia de pendurar em torno de uma ex mais tempo do que eles tem. Isso, e eu sei que ele disse que os arcanjos estão respirando no pescoço dele. Ele se dobra para manter as coisas estritamente profissional.

—Então ele continua me protegendo?

—Claro. Só que nos bastidores.

—Quem é responsável por ele ser designado a mim?

Rixon encolheu os ombros. —Os arcanjos.

—Existe alguma maneira de fazer eles saberem que eu gostaria de ser transferida? Não está funcionando muito bem. Não desde o rompimento, de qualquer maneira.

Não trabalhando bem? Ele estava me rasgando por dentro. Tudo isso de ir tocar, vendo ele, mas não sendo capaz de ter, era devastador.

Ele correu o polegar ao longo de seu lábio. —Eu posso dizer que eu sei, mas há uma boa chance da informação ser coisa boa. Tem muito tempo desde que eu era do circuito. Ironicamente—você está pronta para isso?—Você tem fazer um juramento de sangue.

—Isso é uma piada?

—Você corta a palma da mão e derruba algumas gotas no pó da terra. Não no carpete ou na sujeira de concreto. Então você jura, reconhecendo aos céus que não está com medo de derramar o próprio sangue. Do pó vieste, para o pó você vai. E dizendo o juramento, você desiste de seu direito de um anjo da guarda e anuncia que aceita o seu destino—sem ajuda dos céus. Tenha em mente, eu não estou defendendo ele. Eles te deram um guardião, e por boas razões. Alguém lá em cima acha que você está em perigo. Eu vou com meu intestino na aposta, mas eu acho que é mais do que um palpite paranoico.

Não é uma notícia nova—Eu podia sentir algo escuro pressionando de novo meu mundo, ameaçando dominá-lo. O fantasma aparecendo reaparecendo com o espírito do meu pai, principalmente. Eu fui atingida por um pensamento. —E se a pessoa que está atrás de mim for meu anjo da guarda também?— Eu perguntei lentamente.

Rixon deu um grasnido de risada. —Patch?— Ele não soava como se fosse sequer uma possibilidade. Nenhuma surpresa nisso. Rixon tinha passado por tudo com

Patch. Mesmo se Patch fosse culpado, Rixon estaria do seu lado. Lealdade cega acima de tudo.

—Se ele estivesse tentando me machucar, alguém saberia?— Eu perguntei.

—Os arcanjos? Os anjos da morte? Dabria sabia quando as pessoas estavam à beira da morte. Outro anjo da morte pararia Patch antes que fosse tarde demais?

—Se você está duvidando de Patch, você está duvidando do cara errado.— Seu tom de voz tinha esfriado. —Eu o conheço melhor que você. Ele leva seu trabalho como guarda a sério.

Mas, se Patch quisesse me matar, ele teria criado o perfeito assassinato, não tinha? Ele era meu anjo da guarda. Ele foi designado para me mandar para me manter segura. Ninguém suspeitaria dele...

Mas ele já havia tido a chance de me matar. E ele não tinha feito. Ele sacrificou a única coisa que ele mais queria —um corpo humano— para salvar a minha vida. Ele não faria isso se ele me quisesse morta. Faria?

Sacudi as minhas suspeitas. Rixon estava certo. Suspeitando de Patch foi ridículo a esta

altura.

—Ele está feliz com Marcie?— Eu fechei minha boca, apertando-a. Eu não pretendia fazer essa questão em primeiro lugar. Tinha saído no momento. Um rubor coloriu meu rosto.

Rixon me olhou, claramente dando a sua resposta uma reflexão.

—Patch é a coisa mais próxima que eu tenho de uma família, e eu amo o cara como um irmão, mas ele não é o certo para você. Eu sei disso, ele sabe disso, e, no fundo, eu acho que você sabe disso também. Talvez você não queria ouvir isso, mas ele e Marcie são iguais. Eles são pedaços da mesma roupa. Patch deve ser autorizado a ter um pouco de diversão. E ele pode—Marcie não o ama. Nada do que ela sente por ele é uma dica para os arcanjos.

Ficamos em silêncio, e eu me esforcei para esconder as minhas emoções. Eu tinha avisado os arcanjos, em outras palavras. Meus sentimentos por Patch tinham exposto a gente. Não foi nada que Patch fez ou falou. Foi tudo eu. De acordo com a explicação de Rixon, Patch nunca me amou. Ele nunca havia retribuído. Eu não queria aceitar isso. Eu queria que Patch se importasse comigo tanto quanto eu me importava com ele. Eu não queria pensar que eu tinha sido nada mais do que uma diversão, uma maneira de passar o tempo.

Tinha mais uma questão que eu desesperadamente queria perguntar para Rixon. Se Patch e eu ainda estávamos em paz, eu teria perguntando a ele, mas aquele era um ponto de discussão agora. Rixon era tão mundano como Patch, no entanto. Ele sabia de coisas que outras pessoas não sabiam—particularmente quando se trata de anjos caídos e Nefilim—e o que ele não sabia, ele poderia descobrir. Agora, minha maior esperança em achar o Mão Negra era através de Rixon. Umedeci meus lábios e decidi começar a questão com. —Você já ouviu falar do Mão Negra?

Rixon recuou. Ele me estudou em silêncio um momento antes de seu rosto brilhar de diversão. —Isso é uma piada? Eu não ouço esse nome faz muito tempo. Eu pensava que Patch não gostava de ser chamado dessa forma. Ele te contou sobre isso, então?

Um frio lento congelou meu coração. Eu estava quase contando a Rixon sobre o envelope com o anel de ferro e a nota alegando que a Mão Negra matou meu pai, mas me encontrei ávida por uma nova resposta. —Mão Negra é o apelido do Patch?

—Ele não é chamado disso nos últimos anos. Não desde que eu comecei a chamá-lo de Patch. Ele nunca gostou de Mão Negra.— Ele coçou o queixo. —Aqueles que estavam nos dias em que nós pegávamos empregos como mercenários para o rei francês. Do negro século XVIII. Bons tempos. Bom dinheiro.

Eu poderia ter levado um tapa o rosto. Por todo o momento me senti desequilibrada, inclinada para o lado. As palavras de Rixon atropelaram-me como um borrão, como se ele estivesse falando uma língua estrangeira, e eu não conseguia acompanhar. Fui imediatamente bombardeada com dúvidas. Não Patch. Ele não havia matado meu pai. Qualquer um, mas não ele.

Lentamente, as dúvidas começaram a cair no esquecimento, substituído por outros pensamentos. Eu me encontrei escolhendo, através dos fatos, analisando as evidências. A noite que eu dei para Patch meu anel: o momento que eu disse que meu pai havia me dado, ele insistiu que não poderia pega-lo, quase tão inflexível. E o nome simples da Mão Negra. Era conveniente, quase tão conveniente. Forçando-me a travar mais alguns momentos, segurando minhas emoções cuidadosamente com dificuldade, eu selecionei cuidadosamente minhas próximas palavras.

—Você sabe o que eu mais lamento?— Eu disse, o tom da minha voz o mais casual que eu poderia fazer. —É a coisa mais estúpida, e você provavelmente vai rir.— Para fazer a história convincente, eu soltei um riso comum de algum lugar bem no fundo que nem eu sabia que existia. —Eu deixei meu moletom favorito em sua casa. É de Oxford—minha escola dos sonhos,— Eu expliquei. —Meu pai pegou para mim quando foi para Inglaterra, ela significa muito.

—Você já esteve na casa do Patch?— Ele soava genuinamente surpreso.

—Somente uma vez. Minha mãe estava em casa, então nos dirigimos até sua casa para ver um filme. Eu deixei meu moletom no seu sofá.— Eu sabia que eu estava andando em uma direção perigosa— que quanto mais detalhes eu revelasse sobre a casa de Patch, maior a chance de alguma coisa não corresponder, e eu ser pega mentindo. Mas ao longo da mesma linha, se eu fosse muito vaga, eu estava com medo que seria apontado por Rixon que eu estava mentindo.

—Estou impressionado. Ele gosta de manter seu endereço fora do radar.

E por que isso? Eu pensei. O que ele estaria escondendo? Por que Rixon foi a única pessoa autorizada a entrar no 'santuário' do Patch? O que ele podia compartilhar com Rixon, e ninguém mais? Ele nunca me permitiu entrar porque ele sabia que algo que eu visse lá me permitiria desvendar a verdade—que ele foi o responsável pelo assassinato do meu pai?

—Conseguir o moletom de novo significa muito para mim.— Eu disse. Senti como se tivesse sido removida, como se eu estivesse assistindo eu mesma conversando com Rixon a alguns passos de distância.

Alguém mais forte, mais inteligente e contida, dizendo as palavras que rolavam pela minha boca. Eu não era essa pessoa. Eu era a garota que sentia se desintegrar em pedaços tão finos como a areia debaixo dos seus pés.

—Primeira coisa de manhã. Patch sai mais cedo, mas se você estiver lá por volta das seis e meia, você deve pegá-lo.

—Eu não quero fazer isso cara-a-cara.

—Quer que eu pegue o moletom da próxima vez que eu for? Eu estou certo que vou estar lá amanhã a noite. Este fim de semana no mais tardar.

—Eu gostaria de pegar isso o mais rápido possível. Minha mãe fica me perguntando sobre

isso. Patch me deu a chave, e enquanto ele não mudar as fechaduras, eu posso entrar. O problema é que estava escuro quando dirigimos, e eu não me lembro de como chegar no lugar. Eu não prestei atenção, porque eu não estava planejando dirigir de novo para pegar a minha blusa, após o término.

—Swathmore. Perto do distrito industrial.

Minha mente guardou essa informação.

Se a sua casa era perto do distrito industrial, eu estava apostando que ele vivia em um apartamento dos prédios de tijolos na orla do velho centro de Coldwater. Não havia muito que escolher, a menos que ele more em uma das fábricas abandonadas ou em barracos vagabundos à beira do rio, o que parecia duvidoso.

Eu sorri, esperando aparentar relaxada. —Eu sei que é em algum lugar acima do rio. Cobertura, certo?— Eu disse, jogando no escuro. Pareceu-me que Patch não gostaria de ouvir seus vizinhos andando no andar de cima.

—Sim—, disse Rixon. —Número trinta e quatro.

—Você acha que Patch vai estar em casa essa noite? Eu não quero encontrá-lo. Especialmente se ele estiver lá com a Marcie. Eu só quero pegar o moletom e sair de lá.

Rixon tossiu, cobrindo com o punho. —Uh, não, você deve ter sorte.— Ele coçou a bochecha e me lançou um olhar nervoso, quase com pena. —Vee e eu vamos nos encontrar com Patch e Marcie para um filme esta noite.

Enrijei. O ar em meus pulmões pareciam se estilhaçar... e então, quando eu senti toda a aparência cuidadosamente controlada de emoções fugindo, eu estava falando claramente de novo. Eu tinha que. — Vee sabe?

—Ainda estou tentando descobrir como dar a notícia.

—Dar a notícia sobre o quê?

Rixon e eu viramos quando Vee se sentou com um engradado de papelão de Coca-Cola.

—Uh—uma surpresa,— Rixon disse. —Eu tenho algo planejado para essa noite.

Vee sorriu. —Uma pista, uma pista! Por favooooor?

Rixon e eu nos olhamos rapidamente, mas eu desviei o olhar. Eu não queria fazer parte disso. Além disso, eu já havia me desligado do assunto. Meus pensamentos roboticamente filtraram toda essa nova informação: Essa noite. Patch e Marcie. Um encontro. O apartamento de Patch estaria vazio.

Eu tinha que entrar.

Três horas mais tarde, a parte de cima das coxas Vee estavam torradas de vermelho, o topo de seus pés estavam com bolhas, e seu rosto estava inchado com o calor. Rixon havia saído uma hora atrás, e Vee e eu estávamos carregando a sacola de praia e o guarda-sol e até o beco que dava em Old Orchard Street.

—Eu me sinto engraçada—, disse Vee. —Como se eu fosse desmaiar. Talvez eu deveria ter pego mais leve no óleo de bebê.

Eu estava tonta e desconfortavelmente quente também, mas não tinha nada a ver com o clima. Uma dor de cabeça cortada o centro do meu crânio. Fiquei tentando engolir o gosto ruim na minha boca, mas quanto mais eu engolia, a azia em meu estômago aumentava. O nome "Mão Negra" martelava em minha mente como que me provocando para dar-lhe toda a minha atenção, fincando as unhas na minha cabeça toda vez que eu tentava ignorá-lo. Eu não poderia pensar sobre isso agora, não na frente de Vee, tinha que ter a perspicácia suficiente para saber o momento em que poderia me soltar. Eu tinha que fazer malabarismos com a dor um pouco mais, jogá-la ao ar toda vez que ameaçava desabar. Eu agarrei-me à segurança da devastação entorpecente, empurrando o inevitável para o mais longe possível, enquanto eu podia. Patch. A Mão Negra. Não podia ser.

Vee parou de repente. —O que é isso?

Nós estávamos no estacionamento nos fundos da livraria, a poucos metros do Neon, e nós estávamos olhando para o grande pedaço de metal preso ao pneu traseiro esquerdo.

—Eu acho que é um rebocador de carro,— eu disse.

—Eu posso ver isso. O que está fazendo no meu carro?

—Eu acho que quando eles dizem que infratores serão rebocados, que eles falam sério.

—Não se faça de esperta comigo. O que vamos fazer agora?

—Ligar para Rixon?— Eu sugeri.

—Ele não vai ficar muito feliz em ter que fazer todo o caminho de volta para cá. E a sua mãe? Ela está de volta à cidade?

—Ainda não. E seus pais?

Vee se sentou no meio-fio e enterrou o rosto nas mãos. —Provavelmente vai custar uma fortuna para conseguir um rebocador de carro. Esta será a gota d'água. Minha mãe vai me mandar para um convento.

Sentei-me ao lado dela e, juntas, ponderamos as nossas opções.

—Não temos qualquer outro amigo?— Vee perguntou. — Alguém que poderíamos chamar para um passeio sem nos sentirmos culpadas demais? Eu não me sentiria culpada por fazer Marcie dirigir todo o caminho até aqui, mas eu tenho certeza de que ela não faria isso. Não por nós. Principalmente por nós. Você é amiga do Scott. Acha que ele viria nos pegar? Espere um minuto ... não é o Jeep do Patch?

Segui o olhar de Vee para o lado oposto da rua um pouco mais abaixo. Ele estava na Rua Imperial, estacionado perfeitamente na Imperial um brilhante e preto Jeep Commander. As janelas estavam coloridas, com os raios do sol refletindo nelas. Meu coração estava acelerado. Eu não poderia pedir ajuda a Patch. Não aqui. Não ainda. Não quando a única coisa me impedindo de desabar em soluços era uma represa cuidadosamente construída, cuja a fundação estava rachando a cada segundo que se passava.

—Ele deve estar aqui em algum lugar—, disse Vee. —Mande uma mensagem e diga a ele que estamos encalhadas. Posso não gostar dele, mas eu vou usá-lo para poder ir para casa

—Eu vou mandar uma para Marcie antes de mandar para o Patch.— Esperava que Vee não detectasse a minha voz estranha e monótona de sofrimento. A Mão Negra ... a mão negra ... não Patch...por favor, não Patch... deve ser um engano, tem que haver uma explicação ... A minha dor de cabeça queimava, como se meu corpo estivesse me avisando para parar de pensar sobre isso para minha própria segurança.

—Quem mais podemos chamar?— Vee disse.

Nós duas sabíamos que não poderíamos chamar absolutamente ninguém. Nós éramos excluídas, pessoas sem amigos. Ninguém nos devia um favor. A única pessoa que iria largar tudo para vir para o meu resgate estava sentada ao meu lado. E vice-versa. Eu dirigi a minha atenção de volta para o jipe. Sabe-se-lá-porque, mas eu estava.

—Eu vou dirigir o Jeep até em casa.— Eu não tinha certeza que tipo de recado eu pretendia enviar para o Patch. Olho por olho? Você me feriu, eu vou te ferir? Ou talvez, isto seja apenas o começo, se você tivesse alguma coisa a ver com a morte do meu pai...

—Se Patch ficar louco quando descobrir que roubaram seu Jipe? — Vee disse.

—Eu não me importo. Eu não vou ficar aqui a noite toda.

—Eu tenho um mau pressentimento sobre isso—, disse Vee. — Eu não gosto de Patch em um dia normal, não importa o quanto ele seja paciente.

—O que aconteceu com seu senso de aventura?— Um feroz desejo tinha tomado o controle de mim, e eu não queria nada mais do que levar o jipe e enviar uma mensagem à Patch. Me imaginei batendo o jipe em uma árvore. Não forte o suficiente para inflar o airbag, apenas o suficiente para deixar um amassado. Uma lembrança minha. Um aviso.

—Meu senso de aventura não chega a um suicídio kamikaze—, disse Vee. —Não vai ser

nada bonito quando ele descobrir que foi você. — A voz lógica na minha cabeça poderia ter me instruído a me afastar por um momento, mas toda a lógica foi embora rapidamente. Se ele machucou a minha família, se ele destruiu a minha família, se ele mentiu para mim-

—Você sabe mesmo como fazer funcionar o carro?— Vee perguntou.

—Patch me ensinou.

Ela não parecia convencida. —Você quer dizer que viu Patch roubar um carro, e agora você acha que vai conseguir também?

Eu caminhava pelo beco em direção a Rua Imperial, com Vee correndo logo atrás. Eu verifiquei para o tráfego, então cruzei para o Jeep. Eu tentei a fechadura da porta. Trancado. —Ninguém está em casa—, Vee disse, colocando as mãos em torno dos olhos para verificar dentro. —Acho que devemos ir embora. Vamos lá, Nora. Afaste-se do jipe.

—Precisamos de uma carona. Nós estamos encalhadas.

—Nós ainda temos duas pernas esquerda e direita. As minhas estão no humor para o exercício. Eles se sentem muito bem para uma longa caminhada-Você está louca?—Ela gritou.

Eu estava com a ponta do guarda-sol mirando na janela do lado do motorista.

—O quê?— Eu disse. —Temos que entrar.

—Abaxe o guarda-sol! Você vai chamar muita atenção negativa, se você quebrar a janela. O que deu em você?—, disse ela, me olhando, com os olhos arregalados.

A visão passou pela minha mente. Vi Patch em pé sobre meu pai, com a arma na mão. O som de um tiro rasgou o silêncio. Eu apoiei minhas mãos em meus joelhos e me inclinei, sentindo brotar lágrimas nos meus olhos. O chão balançou em um giro nauseante. Suor escorria em trilhas dos lados do meu rosto. Eu estava sendo sufocada, como se todo o oxigênio de repente tivesse evaporado do ar. Quanto mais eu tentava respirar, mais paralisados meus pulmões ficavam. Vee estava gritando para mim, mas vinha de longe, um som subaquático. De repente o chão parou.

E respirei fundo três vezes. Vee estava ordenando-me a sentar, gritando alguma coisa sobre o calor exaustão. Puxei minhas mãos para me livrar das dela—Estou bem—, eu disse, levantando a mão quando ela veio para mim novamente. —Eu estou bem.

Para mostrar a ela que eu estava bem, eu me curvei para pegar minha bolsa, que devia ter caído, e foi então que vi a chave reserva do Jeep brilhando no fundo dela. A que eu tinha roubado de Marcie na noite de sua festa, quando entrei em seu quarto.

—Eu tenho a chave do jipe,— eu disse, surpreendendo a mim mesma.

Vee franziu a testa. —Patch nunca a pediu de volta?

—Ele nunca me deu. Encontrei ela no quarto de Marcie na noite da festa.

—Whoa.

Enfiei a chave na fechadura, subi, sentei no assento do motorista. Então, eu ajustei o banco para a frente, acionando a ignição, e agarrou o volante com as duas mãos. Apesar do calor, as minhas mãos estavam frias de nervoso.

—Você não está pensando em causar mais danos do que apenas dirigir para casa, não é?— Vee perguntou, encaixando o cinto de segurança. —Porque essa veia latejante nas suas têmporas, da última vez que eu vi, foi antes de você dar um soco na mandíbula de Marcie, no Devil's Handbag.

Lambi meus lábios, que eu sentia como lixa e borracha ao mesmo tempo. —Ele deu uma chave reserva para Marcie, então eu deveria estacionar essa coisa no mar, a vinte metros abaixo.

—Talvez ele tivesse uma boa razão,— Vee disse nervosa.

Eu dei uma risada ligeiramente alta. —Eu não vou fazer nada com ele até deixá-la.—Eu girei o volante para a esquerda e seguimos para a rua.

—Você jura que vai lembrar desse detalhe quando tentar explicar a Patch porque você roubou seu Jeep?

—Não estou roubando. Estamos presas aqui. Isso se chama empréstimo.

—Isso se chama 'você está louca'.— Eu podia sentir a perplexidade de Vee na minha raiva. Eu podia ver a minha irracionalidade no jeito que ela olhou para mim. Talvez eu fosse irracional. Talvez eu tivesse levado as coisas sério demais. Duas pessoas podem ter o mesmo apelido, eu pensei, tentando me convencer. Eles Poderiam. Eles poderiam, eles poderiam. Eu esperava mais, eu disse isso, mas eu fui levada a acreditar que o lugar que eu reservei no meu coração para a confiança ficou vazio.

—Vamos sair daqui—, disse Vee, usando um cauteloso, mas com medo, tom de voz que ela nunca usou comigo. —Temos limonada na minha casa. Depois disso, poderíamos assistir TV. Talvez tirar um cochilo. Você não tem que trabalhar esta noite?

Eu estava prestes a dizer-lhe que Roberta não tinha me programado hoje à noite, quando eu pisei no freio. —O que é isso?

Vee seguiu o meu olhar. Ela se inclinou para frente, puxando um pedaço de tecido rosa fora jogado. Ela balançou o top de biquíni francês entre nós. Olhamos uma para a outra, e ambas estávamos pensando a mesma coisa. Marcie.

Não tinha nenhuma dúvida sobre isso, ela estava aqui com o Patch. Agora mesmo. Em algum lugar da praia. Deitada na areia. Fazendo sabe-se lá o que. Um impulso violento, traidor e de ódio foi cravado em mim. Eu odiava ele. E eu me odiava por adicionar o meu nome à lista de meninas ele tinha seduzido, em seguida, traído. Um desejo incontrollável de corrigir a minha ignorância tomou conta de mim. Eu não ia ser apenas uma garota. Ele não

poderia me fazer desaparecer. Se ele era o Mão Negra, eu ia descobrir. E se ele tivesse alguma coisa a ver com a morte do meu pai, eu o faria pagar.

—Ele pode encontrar sua própria carona para casa—, disse por meio de uma trêmula mandíbula. Eu pisei fundo no acelerador, que deixou uma faixa de borracha sobre o asfalto.

Horas mais tarde, eu estava na frente da geladeira, abri a porta, examinando o conteúdo, procurando algo que pudesse se passar por um jantar. Quando achei nada, fui até a despensa estreita no canto da cozinha e fiz a mesma coisa. Eu peguei uma caixa de macarrão gravata borboleta e um frasco de molho de espaguete com salsicha. Quando o timer do fogão apitou, eu escorri o macarrão, derramei em uma tigela, coloquei o molho no micro-ondas. Não tínhamos parmesão, então eu ralei cheddar e me pareceu bom. Tirei o molho do micro-ondas, e derramei camadas de molho e queijo em cima do macarrão. Quando me virei para levar tudo para a mesa, eu encontrei Patch encostado nela. A tigela de macarrão quase caiu pelos meus dedos.

—Como entrou aqui?— Eu perguntei.

—Você poderia querer manter a porta trancada. Especialmente quando você está sozinha em casa.

Sua postura parecia relaxada, mas seus olhos não estava,. A cor era mármore negro, e cortaram através de mim. Eu não tinha dúvida de que ele sabia que eu tinha roubado o jipe. Difícil não, uma vez que ele estava estacionado na garagem. Havia tantos lugares para se esconder um jipe em uma casa cercada por campos abertos

de um lado, e bosques impenetráveis, por outro. Eu não tinha pensado sobre esconder quando eu coloquei o jipe na garagem, eu tinha sido consumida pelo adoecimento de repúdio e choque. Tudo tinha entrado em foco certo: as suas palavras suaves, seus pretos e brilhantes olhos, sua ampla experiência com mentiras, a sedução, as mulheres. Eu me apaixonei pelo diabo.

—Você pegou o jipe—, disse o Patch. Calmo, mas não feliz.

—Vee havia estacionado numa zona ilegal e eles colocaram um bloqueio em seu carro. Tínhamos que chegar em casa, e é aí que vimos o jipe na rua.— Minhas mãos começaram a suar, mas não me atrevi a secá-las. Não na frente de Patch. Ele diferente esta noite. Mais severo, duro. O brilho das luzes da cozinha iluminou corte das maçãs do rosto, e seu cabelo preto, desganhado depois de um dia na praia, pendem para baixo na testa, quase tocando-lhe obscenamente seus cílios longos. Sua boca, que eu sempre considerei sensual, virou-se cinicamente em um lado. Não era um sorriso caloroso.

—Você podia me ligar e me dar um mãos-ao-alto—, questionou.

—Eu não estava com meu telefone. —E Vee?

—Ela não tem o seu número em seu telefone. E eu não poderia lembra do seu número novo de qualquer maneira. Você não nos deu.

—Você não tem a chave do jipe. Como você entrou?

Fiz de tudo para não dar-lhe um olhar traiçoeiro. —Sua chave reserva.

Eu o vi tentando entender onde eu estava indo chave reserva. Estava procurando por qualquer sinal de que ele sabia que eu estava me referindo sobre a chave de Marcie, mas a luz do entendimento nunca acendeu os olhos. Sua expressão era controlada, impenetrável, ilegível.

—Qual chave reserva?—, questionou.

Isso só me deu mais raiva, porque eu esperava que ele soubesse exatamente qual era a chave de que eu estava falando. Quantas chaves reservas ele tinha? Muitas outras meninas tinham uma chave do Jeep arrumadas em suas bolsas?

—Sua namorada,— eu disse. —Ou isso não é o bastante para um esclarecimento?

—Deixe-me ver se eu entendi isso. Você roubou o jipe para voltar e me dar uma chave reserva para Marcie?

—Eu roubei o jipe porque Vee e eu precisávamos dele—, eu disse friamente. —Houve um momento em que você estava sempre lá quando eu precisei de você. Pensei que ainda era verdadeiro, mas, aparentemente, eu estava errada.

Os olhos de Patch não vacilaram nos meus. —Quer me dizer o que realmente está acontecendo?

Quando eu não respondi, ele arrastou uma das cadeiras da cozinha debaixo da mesa. Sentou-se, os braços cruzados, pernas esticadas, languidamente. —Eu tenho tempo.

A Mão Negra. Isso é o que era realmente. Mas eu estava com medo de enfrentá-lo. Por causa do que eu poderia saber, e como ele poderia reagir. Eu tinha certeza que ele não tinha absolutamente nenhuma ideia de como eu sabia. Se eu o acusasse de ser o Mão Negra, não haveria mais volta. Eu teria que enfrentar a verdade que detinha o poder de quebrar a minha alma.

Patch ergueu as sobrancelhas. —O tratamento em silêncio?

—Trata-se de dizer a verdade—, disse eu. —Algo que você nunca fez.— Se ele tivesse matado meu pai, como ele poderia ter olhado nos meus olhos todas as vezes, me dizendo como ele estava arrependido, e nunca ter me contou a verdade? Como ele poderia me beijar, acariciar, me segurar em seus braços, e conviver com isso?

—Algo que eu nunca fiz? Desde o dia em que nos encontramos, eu nunca menti para você. Você nem sempre gosta do que eu tenho a dizer, mas eu estava sempre disposto.

—Deixou-me acreditar que você me amou. Uma mentira!

—Sinto muito, se sentiu como uma mentira.— Ele não estava arrependido. Houve um olhar

de fúria, de pedra em seu olhar. Ele odiava que eu estava o colocando para fora. Ele queria que eu fosse como todas as outras meninas e desaparece do seu passado sem dar sequer um pio.

—Se você não sentiu nada por mim, você não teria seguido em frente com Marcie em tempo recorde.

—E você não passaria para Scott em tempo recorde? Você teve metade de um homem do que eu?

—Metade de um homem? Scott é uma pessoa.

—Ele é Nefilim.— Ele fez um gesto negligente na direção da porta da frente. —O jipe tem mais valor.

—Talvez ele sinta da mesma maneira sobre os anjos.

Ele deu de ombros, preguiçoso e arrogante. —Eu duvido. Se não fosse por nós, sua raça não existiria.

—O monstro de Frankenstein não o amava. —E?

—A raça Nefilim já está em busca de vingança sobre os anjos. Talvez este seja apenas o começo.

Patch ergueu o boné e arrastou uma mão pelo cabelo. A partir do olhar na cara dele, fiquei com a impressão de que a situação era muito mais perigosa do que eu inicialmente fui levada a acreditar. Como estava a corrida dos Nefilins atrás dos anjos caídos? Certamente não neste Cheshvan. Patch não poderia saber que em menos de cinco meses, multidões de anjos caídos iriam invadir e, eventualmente, matar, dezenas de milhares de seres humanos. Mas na forma como ele manteve-se, até o olhar que estava em seus olhos, me disse que era exatamente o que estava por vir.

—O que você está fazendo sobre isso?— Eu perguntei, horrorizada. Ele pegou o copo de água eu havia posto para mim e deixei sobre a mesa, e tomou em um gole.

—Eu tenho dito para você ficar de fora.

—Até os arcanjos?

—A raça Nefilim é mau. Eles nunca deveriam ter habitado a Terra. Elas existem por causa do orgulho de anjos caídos. Os arcanjos não querem nada com eles. Eles não estão no mesmo patamar.

—E todos os seres humanos que vão morrer?

—Os arcanjos têm seu próprio plano. Às vezes, coisas ruins tem que acontecer antes que as coisas boas possam.

—Plano? Que plano? Para assistir a pessoas inocentes morrerem?

—Os Nefilins estão andando em linha reta na armadilha de suas próprias decisões. Se as pessoas têm que morrer para aniquilar a raça Nefilim, os arcanjos vão se arriscar.

Os cabelos do meu couro cabeludo, eriçaram. —E você concorda com eles?

—Eu sou um anjo da guarda agora. Minha lealdade é para com os arcanjos.— Uma chama do ódio de matar subiu em seus olhos, e por um momento, eu acreditei que era dirigida a mim. Como se ele me culpasse pelo que ele havia se tornado. Em minha defesa, eu senti uma lavagem de raiva. Será que ele tinha esquecido de tudo, desde aquela noite? Eu sacrifiquei minha vida por ele, e ele rejeitou. Se ele queria culpar alguém de suas circunstâncias, não era eu!

—Quanto são fortes os Nefilins?— Eu perguntei.

—Suficientemente fortes.— Sua voz era perturbadoramente desprovida de preocupação.

—Eles poderiam manter afastados os anjos caídos, antes do Cheshvan, não poderiam?

Ele deu um aceno de cabeça. Abracei-me para afastar um calafrio, profundo e repentino, mas foi mais psicológico do que físico.

—Você tem que fazer alguma coisa.

Ele fechou os olhos. —Se os anjos caídos não pode possuir Nefilim, eles vão passar a seres humanos—, disse eu, tentando romper a sua atitude de mãos atadas e chegar a sua consciência. —Isso é o que você disse. Dezenas de milhares de seres humanos. Talvez Vee. Minha mãe. Talvez eu.

Mas ele ainda não disse nada.

—Você não se importa?

Seus olhos ligou para seu relógio, e ele empurrou a cadeira a partir da mesa. —Eu odeio sair correndo daqui quando temos assuntos inacabados, mas estou atrasado.— A chave de reserva para o jipe estava jogada em um prato no aparador, e ele a colocou no bolso. — Obrigado pela chave. Vou acrescentar empréstimo de jipe no seu manual.

Eu me coloquei entre ele e a porta. —Meu manual?

—Eu trouxe você para casa do Z, te tirei do telhado da Marcie, e agora eu deixei você usar meu jipe. Eu não faço favores de graça.

Eu tinha certeza que ele não estava brincando. Na verdade, eu tinha certeza que ele estava falando sério.

—Podemos trabalhar isso para que você me pague depois cada benefício individual, então achei que um manual seria mais fácil. —Seu sorriso curvo era uma provocação curva. De um

idiota de primeira classe presunçoso.

Eu estreitei os olhos. —Você está realmente gostando disso, não é?

—Um dia desses eu vou vir e cobrar os favores, e então eu vou realmente estar gostando.

—Você não me emprestou o jipe—, argumentei. —Eu roubei ele. E não foi um favor, eu comandeí.

Ele deu um segundo olhar. —Nós vamos ter que terminar mais tarde. Eu tenho que correr.

—Isso eu sei—, eu atirei. —É um filme com a Marcie. Vá se divertir enquanto o meu mundo pesa na balança.— Eu disse a mim mesma que queria que ele fosse. Ele merecia Marcie. Eu não me importava. Fiquei tentado a jogar algo mais depois, pensei querendo bater a porta nas suas costas. Mas eu não ia deixá-lo ir sem perguntar a questão que queimou todos os meus pensamentos. Enfiei os dentes na parte dentro da minha bochecha para manter a minha voz firme. —Você sabe quem matou meu pai?— Minha voz estava fria e controlada, e não era minha. Era a voz de alguém que foi preenchida desde as pontas dos dedos com o ódio, a devastação, a acusação.

Patch parou de costas para mim. —O que aconteceu naquela noite?— Eu não me incomodei tentando esconder o desespero na minha voz. Após um momento de silêncio, ele disse: —Você está me perguntando como. Você acha que eu poderia saber.

—Eu sei que você é a Mão Negra.— Fechei os olhos por um instante, sentindo todo o meu corpo balançar sob uma onda de náusea.

Ele olhou por cima do ombro. —Quem lhe disse isso?

—Então é verdade?— Eu percebi que minhas mãos estavam curvadas nos punhos, ao meu lado, sacudindo violentamente. —Você é a Mão Negra.— Assisti seu rosto, rezando para que ele de alguma forma fosse refutar. O relógio do meu avô no hall soou a hora, um som pesado resplandecente.

—Saia—, disse eu. Eu não iria chorar na frente dele. Eu me recusei a isso. Eu não lhe daria essa satisfação.

Ele ficou no lugar, seu rosto frio e sombrio, levemente satânico.

As badaladas do relógio através do silêncio. Um, dois, três. — Eu vou fazer você pagar por isso—, eu disse, minha voz ainda esquisitamente estranha. Quatro, cinco. —Eu vou encontrar um caminho. Você merece ir para o inferno. A única coisa que poderia me dar pena é se os arcanjos chegassem antes de mim.

Um flash quente de preto cruzou seus olhos.

—Você merece tudo que está acontecendo para você—, eu disse a ele. —Toda vez que você me beijou e abraçou-me, sabendo o que você fez ao meu pai— Engasguei e virei-me, caindo aos pedaços, enquanto eu podia...Seis.

—Vá embora—, eu disse, minha voz calma, mas não constante. Eu olhei para cima, pretendendo fazer Patch sair com a intensidade do ódio e do desprezo nos meus olhos, mas eu estava sozinho na sala. Olhei ao redor, esperando que ele tivesse saído de minha vista, mas ele não estava lá.

Um estranho silêncio entre as sombras, e percebi que o relógio do meu avô tinha parado. Seus ponteiros estavam congelados em seis e doze, parou no exato momento que Patch me deixou para sempre.

Depois que o Patch foi embora, eu troquei o meu traje de praia por uma calça jeans escura e uma regata, e me fechei numa japona preta da Razorbills que eu tinha ganho na festa de Natal do eZine ano passado. Mesmo o pensamento fazendo o meu estômago revirar-se desconfortavelmente, eu tinha que vasculhar o apartamento do Patch, e eu tinha que fazer isso hoje à noite —antes que fosse tarde demais.

Eu fora estúpida ao dizer ao Patch que sabia que ele era o Mão Negra. Tinha saído num momento de imprudência hostil. Eu perdera a vantagem da surpresa. Eu duvidava que ele me visse como uma verdadeira ameaça — ele provavelmente achara sombriamente divertida a minha ameaça de mandá-lo para o inferno —mas eu tinha informação que ele claramente trabalhara muito para manter escondida. Baseada em tudo que eu sabia sobre os arcanjos oniscientes e sempre observantes, não fora fácil manter longe deles o envolvimento dele no assassinato do meu pai. Eu não podia mandá-lo para o inferno, mas os arcanjos podiam. Se eu achasse um modo de contatá-los, seu segredo cuidadosamente fabricado seria despedaçado. Os arcanjos estavam caçando uma desculpa para bani-lo para o inferno.

Bem, eu tinha uma razão.

Meus olhos lacrimejaram, e eu apressadamente afastei as lágrimas. Houvera uma época na minha vida onde eu nunca teria acreditado que o Patch seria capaz de matar o meu pai. A ideia teria sido risível, absurda —ofensiva. Mas só mostrava como ele tinha me enganado habilmente e a fundo.

Tudo me dizia que o apartamento em Swathmore era onde ele mantinha seus segredos. Era a sua vulnerabilidade. Fora Rixon, não era permitido que ninguém mais entrasse. Hoje mais cedo, quando eu mencionei ao Rixon que estivera lá, ele respondera com uma surpresa genuína. Ele gosta de manter seu endereço residencial fora do radar, ele dissera.

O Patch tinha conseguido ficar fora do radar dos arcanjos? Parecia altamente improvável, quase no limite do impossível, mas Patch havia provado que ele era muito bom em encontrar uma maneira de desvencilhar-se de qualquer obstáculo colocado em seu caminho. Se alguém era engenhoso ou esperto o bastante para minar os arcanjos, esse alguém era o Patch. Eu estremeci inesperadamente enquanto me perguntava o que ele mantinha em seu apartamento. Uma sensação agourento que fazia cócegas na minha espinha dorsal parecia me avisar para não ir, mas eu devia ao meu pai levar o seu assassino à justiça.

Eu localizei uma lanterna sob a minha cama e a fechei no bolso da frente da japona. Enquanto eu estava ficando de pé, o diário da Marcie capturou minha atenção. Estava parado do outro lado de uma fileira de livros na minha estante. Eu debati por um momento, sentindo um buraco se queimar na minha consciência. Com um suspiro, eu enfiei o diário junto com a lanterna, tranquei tudo atrás de mim, e sai a pé.

Eu andei o pedaço até Beech, então peguei um ônibus para a Rua Herring. Eu andei três quadras até Keate, entrei em outro ônibus até Clementine, então andei a pé a ladeira sinuosa e com uma paisagem deslumbrante que dava para a vizinhança da Marcie, que era o mais perto que Coldwater chegava de ser luxuosa. O cheiro de grama recém cortada e hortênsias pendia no ar noturno, e não havia tráfego. Os carros eram guardados organizadamente em suas garagens, fazendo as ruas parecerem mais amplas, mais limpas. As janelas de todas as casas colônias brancas refletiam o calor do sol se pondo lentamente, e eu imaginei famílias se sentando juntas para um jantar tardia atrás das persianas. Eu mordeu meu lábio, assustada por uma onda repentina de um arrependimento inconsolável. A minha família nunca se sentaria junta para uma refeição novamente. Três noites por semana eu jantava sozinha, ou na casa da Vee. Nas outras quatro noites, quando a minha mãe estava em casa, nós comíamos, tipicamente, em bandejas na frente da TV.

Por causa do Patch.

Eu virei na Brenchley, contando as casas até a da Marcie. O Toyota 4-Runner dela estava estacionado na entrada, mas eu sabia que ela não estava em casa. Patch teria pego-a em seu Jeep para o filme. Eu estava cortando caminho pelo gramado, achando que deixaria o diário na varanda, quando a porta da frente se abriu.

Marcie estava com sua bolsa pendurada sobre seu ombro, as chaves na mão, claramente saindo. Ela congelou na entrada quando me viu.

—O que você está fazendo aqui?— ela perguntou.

Eu abri a minha boca, mas três segundos inteiros passaram antes que as palavras saíssem. —Eu —eu não achei que você estava em casa.

Ela estreitou seus olhos. —Bem, eu estou.

—Eu achei que você... e o Patch...— eu mal falava coerentemente. O diário estava nos meus braços, exposto. A qualquer instante Marcie o veria.

—Ele cancelou,— ela retrucou pra mim, como se não fosse da minha conta.

Eu mal a ouvi. A qualquer instante agora ela iria ver o diário. Como nunca antes, eu queria retroceder no tempo. Eu devia ter pensado bem nisso antes de vir. Eu devia ter pensado na possibilidade de ela estar em casa. Eu olhei de modo agitado para trás de mim, encarando a rua como se, de algum modo, ela pudesse vir ao meu resgate.

Marcie arfou, uma precipitação de ar passando entre seus dentes. —O que você está fazendo com o meu diário?

Eu me virei, as bochechas pegando fogo.

Ela marchou até a varanda. Ela agarrou o diário e o apertou, automaticamente, contra seu peito. —Você —você o pegou?

Minhas mãos caíram inutilmente ao meu lado. —Eu o peguei na noite da sua festa.— Eu balancei minha cabeça. —Foi uma coisa estúpida de se fazer. Eu sinto tanto—

—Você leu?— Ela exigiu. —Não.

—Sua mentirosa,— ela zombou. —Você leu, não foi? Quem não leria? Eu te odeio! A sua vida é tão entediante que você tem que ficar bisbilhotando a minha? Você leu o negócio todo, ou só as partes sobre você?

Eu estava prestes a negar com determinação sequer o ter aberto, quando as palavras da Marcie fizeram com os meus pensamentos parassem e voltassem.

—Eu? O que você escreveu sobre mim?

Ela jogou o diário na varanda atrás dela, então se endireitou, esquadrinhando seus ombros. —O que me importa?— ela disse, cruzando seus braços e olhando feio para mim. —Agora você sabe a verdade. Como é saber que a sua mãe está transando com o marido das outras?

Eu dei uma risada de descrença que teve mais raiva do que deveria. —O quê?

—Você realmente acha que a sua mãe fica fora da cidade todas essas noites? Ha!

Eu adotei a postura da Marcie. —Em verdade, eu acho.— O que ela estava insinuando?

—Então como você explica o carro dela estacionado na rua debaixo uma noite por semana?

—Você pegou a pessoa errada,— eu disse, sentindo a minha raiva ferver. Eu tinha bastante certeza de que sabia exatamente o que Marcie estava querendo dizer.

Como ela ousava acusar a minha mãe de ter um caso. E com o pai dela, de todas as pessoas. Se ele fosse o último homem no planeta, minha mãe não seria pega viva com ele. Eu odiava a Marcie, e a minha mãe sabia disso. Ela não estava dormindo

com o pai da Marcie. Ela nunca faria isso comigo. Ela nunca faria isso com o meu pai. Nunca.

—Taurus bege, chapa X4I24?— a voz da Marcie estava ártica.

—E daí, você sabe o número da chapa dela,— eu disse após um instante, tentando ignorar a sensação esmagadora no meu peito.—Isso não prova nada.

—Acorda, Nora. Os nossos pais se conheciam no colégio. A sua mãe e o meu pai. Eles estavam juntos.

Eu balancei minha cabeça. —Isso é mentira. Minha mãe nunca disse nada sobre o seu pai.

—Porque ela não quer que você saiba.— Os olhos dela relampejaram.—Porque ela ainda está com ele. Ele é o segredinho sujo dela.

Eu balancei a minha cabeça mais arduamente, me sentindo como uma boneca quebrada. —

Talvez a minha mãe tenha conhecido o seu pai no colégio, mas isso foi há muito tempo, antes dela conhecer o meu pai. Você pegou a pessoa errada. Você viu o carro de outra pessoa estacionado na rua debaixo. Quando ela não está em casa, ela está fora da cidade, trabalhando.

—Eu os vi juntos, Nora. Era a sua mãe, então nem tente criar desculpas para ela. Eu fui para a escola aquele dia e pichei o seu armário com uma mensagem para a sua mãe. Você não entende?— Sua voz era um sibilo revoltado. —Eles estavam dormindo. Todos esses anos eles estiveram fazendo isso. O que significa que o meu pai podia ser o seu pai. E você podia ser a minha —irmã.

As palavras da Marcie caíram como uma lâmina entre nós.

Eu envolvi os meus braços ao redor da minha cintura e me virei, sentindo como se fosse passar mal. Lágrimas sufocaram na minha garganta, queimando os fundos do meu nariz. Sem uma palavra, eu andei duramente pela entrada da casa da Marcie. Eu achei que ela podia gritar algo pior pelas minhas costas, mas não havia nada pior que ela pudesse dizer.

Eu não fui à casa do Patch.

Eu devo ter andado o caminho todo até Clementine, passado pelo ponto de ônibus, pelo parque, e pela piscina da cidade, porque assim que me dei conta, eu estava sentada num banco no gramado em frente à biblioteca pública. Um cone de poste de luz caía sobre mim. Era uma noite quente, mas eu abracei os meus joelhos contra o meu peito, meu corpo destruído por tremores. Meus pensamentos eram uma desordem de teorias assombradoras.

Eu encarei a escuridão que se fixava ao meu redor. Faróis oscilavam pela rua, chegavam mais perto, iam embora. Risadas esporádicas de sitcoms era carregadas de uma janela aberta para a rua.

Bolsas de ar frio incitavam arrepios pelos meus braços. O cheiro intoxicante de grama, almiscarado e úmido do sol de mais cedo, me sufocava.

Eu me recostei no banco, fechando os meus olhos contra a poeira das estrelas. Eu entrelacei as minhas mãos agitadas no meu estômago, meus dedos parecendo gravetos congelados. Eu me perguntei por que a vida às vezes tinha que ser uma porcaria tão grande, me perguntei por que as pessoas que eu mais amava eram as que mais podiam me decepcionar, me perguntar para quem que eu mais queria direcionar o meu ódio —Marcie, o pai dela, ou a minha mãe.

Lá no fundo, eu me agarrava à esperança de que Marcie estivesse errada. Eu esperava poder jogar isso de volta na cara dela. Mas a sensação penetrante que parecia me puxar de dentro pra fora me dizia que eu só estava me preparando para a decepção.

Eu não conseguia localizar a lembrança, mas era dentro do último ano, mais ou menos. Talvez logo antes do meu pai morrer... não. Depois. Fora um dia quente —primavera. O funeral tinha acabado, meu generoso período de luto tinha acabado, e eu estava de volta à escola. Vee tinha me convencido a matar aula, e naqueles dias, eu não resistia muito à nada. Eu

flutuava junto. Eu sobrevivia. Pensando que a minha mãe estaria no trabalho, andamos até a minha casa. Devemos ter levado todo o sétimo período para chegar lá.

A medida que a casa da fazenda entrava no campo de visão, Vee me puxou para fora da estrada.

—Tem um carro na sua entrada,— ela disse.

—De quem poderia ser? Parece um Land Cruiser.

—A sua mãe não dirige um desses.

—Você acha que é um detetive?— Não era provável um detetive dirigir uma SUV de sessenta mil dólares, mas eu estava tão acostumada aos detetives passando em casa, que foi o primeiro pensamento que veio à minha mente.

—Vamos chegar mais perto.

Estávamos quase na entrada quando a porta da frente se abriu e vozes saíram de dentro. A da minha mãe... e uma voz mais profunda. De um homem.

Vee me puxou para a lateral da casa, fora de vista.

Observamos enquanto Hank Millar entrava na Land Cruiser e dirigia para longe.

—Minha nossa senhora das aberrações,— Vee disse. — Normalmente eu suspeitaria de alguma sacanagem, mas a sua mãe é a mais moralista que conheço. Aposto que ele estava tentando vender um carro à ela.

—Ele veio até aqui por isso?

—Pode crer, babe. Vendedores de carros não sabem o seu limite.

—Ela já tem um carro.

—Um Ford. Esse é, tipo, o maior inimigo da Toyota. O pai da Marcie não ficará feliz até que a cidade toda esteja dirigindo Toyotas...

Eu me desvencilhei da lembrança. Mas e se ele não estivera vendendo-a um carro? E se eles —eu engoli em seco involuntariamente — estivessem tendo um caso?

Onde eu deveria ir agora? Pra casa? A casa da fazenda não parecia mais a minha casa. Não parecia mais sã e segura. Parecia uma caixa de mentiras. Meus pais tinham me vendido uma história de amor, proximidade, e família. Mas se a Marcie estivesse dizendo a verdade — meu maior medo era de que ela estivesse — a minha família era uma piada. Uma enorme mentira que eu nem mesmo pressentira. Não deveria ter havido sinais de alerta? Eu não deveria ser atingida com a percepção de que eu suspeitara secretamente disso o tempo todo, mas tinha escolhido a negação ao invés da verdade dolorosa? Essa era a minha punição por confiar nos outros. Essa era a minha punição por procurar a bondade nas pessoas. Por mais

que eu odiasse o Patch agora, eu invejava o desaparego frio que o separava de todos os outros.

Ele suspeitava do pior nas pessoas; não importava o quanto elas chegassem no fundo, ele sempre havia previsto. Ele era endurecido e secular, mas as pessoas o respeitavam por isso.

Elas o respeitavam, e mentiram para mim.

Eu fiquei ereta no banco e soquei o número da minha mãe no meu celular. Eu não sabia o que diria quando ela atendesse; eu deixaria a minha raiva e traição me guiarem. Enquanto o telefone dela tocava, lágrimas quentes caíam pelas minhas bochechas; Eu mandei-as para longe com um tapa. Meu queixo tremia, e cada músculo do meu corpo estava tenso. Palavras nervosas e vingativas saltavam à mente. Eu previ gritá-las para ela, cortando-a toda vez que ela tentava se defender com mais mentiras. E se ela chorasse... eu não sentiria pena. Ela merecia sentir cada pingo de dor pelas escolhas que fizera.

Sua caixa de correio atendeu, e exigiu todas as minhas forças não arremessar o telefone para a escuridão.

Eu disquei para Vee em seguida.

—E aí, babe. É importante? Estou com o Rixon—

—Vou sair de casa,— eu disse, não ligando se a minha voz soava pesada por causa do choro. —Posso ficar na sua casa por um tempo? Até eu decidir pra onde eu vou.

A respiração da Vee encheu o meu ouvido. —Repete?

—Minha mãe chega em casa no sábado. Eu quero ter ido embora até lá. Posso ficar com você o resto da semana?

—Hm, posso perguntar— —Não.

—Está bem, claro,— Vee disse, tentando esconder seu choque. —Você pode ficar, sem problema. Nem problema algum. Me conta o que aconteceu quando estiver pronta.

Eu senti lágrimas frescas brotarem dentro de mim. Agora, a Vee era a única pessoa com quem eu podia contar. Ela podia ser detestável, irritante, e preguiçosa, mas ela nunca mentira pra mim.

Eu cheguei na casa da fazenda por volta das nove, e coloquei um pijama de algodão. Não era uma noite fria, mas o ar estava úmido, e a umidade parecia deslizar por baixo da minha pele, esfriando-me até os ossos. Após fazer um copo de leite quente para mim, afundei na cama. Estava cedo demais para dormir, mas eu não podia ter dormido mesmo que tivesse tentado; meus pensamentos ainda estavam vistosamente se destruindo. Eu encarei o teto, tentando apagar os últimos dezesseis anos e começar de novo. Por mais que eu tentasse, eu não conseguia visualizar Hank Millar como meu pai.

Eu saí da cama e marchei pelo corredor até o quarto da minha mãe. Eu abri com tudo seu baú, procurando por seu anuário do colégio. Eu nem sabia se ela possuía um, mas se ela

possuía, o baú era o único lugar em que eu conseguia pensar procurar. Se ela e Hank Millar foram para o colégio juntos, haveria fotos. Se eles estivessem estado apaixonados, ele teria assinado seu anuário de algum modo especial que anunciaria isso. Cinco minutos mais tarde, eu tinha procurado a fundo no baú e acabado de mãos vazias.

Eu andei até a cozinha, procurei nos armários por algo para comer, mas descobri que meu apetite tinha ido embora. Eu não conseguia comer, pensando na enorme mentira que a minha família tinha revelado ser. Peguei os meus olhos viajando para a porta da frente, mas para onde eu iria? Eu me sentia perdida na casa, impaciente para ir embora, mas sem lugar para onde correr. Depois de ficar no corredor por diversos minutos, eu subi de volta para o meu quarto. Deitando na cama com as cobertas puxadas até o meu queixo, eu fechei os meus olhos e observei um carretel de fotos deslizar pela minha mente. Fotos da Marcie; do Hank Millar, que eu mal conhecia, e cujo rosto eu só conseguia invocar com dificuldade; dos meus pais. As imagens vinham cada vez mais rápidas, até que se misturaram numa colagem estranha de loucura.

As imagens pareceram mover-se para trás de repente, recuando no tempo. Toda a cor foi drenada do filme, até que não houvesse nada além de um preto e branco indistinto. Foi então que eu soube que tinha deslizado para outra realidade.

Eu estava sonhando.

Eu estava parada no jardim da frente. Um vento bruto varria folhas mortas pela entrada, ao redor dos meus tornozelos. Uma nuvem funil estranha serpenteava no céu acima, mas não fazia movimento algum de golpear, como se contente em aguardar antes de atacar. Patch estava sentado na mureta da varanda, a cabeça encurvada, as mãos fechadas frouxamente entre seus joelhos.

—Caia fora do meu sonho,— eu gritei para ele sobre o vento.

Ele balançou sua cabeça. —Não até que eu te diga o que está acontecendo.

Eu puxei a minha camiseta do pijama mais apertadamente. — Eu não quero ouvir o que você tem a dizer.

—Os arcanjos não podem nos ouvir aqui.

Eu dei uma risada de acusação. —Não foi o bastante me manipular na vida real —agora você tem que fazer isso aqui também?

Ele levantou a cabeça.

—Manipular? Estou tentando te contar o que está acontecendo. —Você está forçando a sua entrada nos meus sonhos,— eu desafiei.

—Você fez isso depois do Devil's Handbag, e está fazendo isso de novo.

Uma rajada de vento repentina soprou entre nós, fazendo com que eu desse um passo para

trás. Os galhos da árvore rangiram e gemeram. Eu tirei o meu cabelo do meu rosto.

Patch disse, —Depois do Z, no Jeep, você me disse que tinha tido um sonho com o pai da Marcie. Na noite que você teve o sonho, eu estava pensando nele. Eu estava me lembrando da lembrança exata que você sonhou, desejando ter alguma maneira de eu te contar a verdade. Eu não sabia que estava me comunicando com você.

—Você me fez ter aquele sonho?

—Não foi um sonho. Foi uma lembrança.

Eu tentei digerir isso. Se o sonho fosse real, Hank Millar estivera vivendo na Inglaterra há centenas de anos. Minha lembrança voltou-se para o sonho. Diga ao balconista para enviar ajuda, Hank tinha dito. Diga-o que não há nenhum homem. Diga que era um dos anjos do diabo, que veio possuir meu corpo e descartar minha alma.

O Hank Millar era um —Nefilim?

—Não sei como eu adentrei os seus sonhos,— Patch disse, — mas venho tentando me comunicar com você da mesma maneira desde então. Eu consegui na noite em que te beijei depois do Devil's Handbag, mas agora eu fico batendo nas paredes. Tenho sorte de estar aqui agora. Eu acho que é você. Você não está me deixando entrar.

—Porque eu não te quero dentro da minha cabeça!

Ele deslizou da mureta, descendo para me encontrar no jardim. —Eu preciso que você me deixe entrar.

Eu me virei para longe.

—Eu fui redesignado para a Marcie,— ele disse.

Cinco segundos se passaram antes de tudo se encaixar no lugar. A sensação doentia e quente que agitava-se no meu estômago desde que eu tinha deixado a casa da Marcie se espalhou para as minhas extremidades. — Você é o anjo da guarda da Marcie?

—Não tem sido um passeio agradável.

—Os arcanjos fizeram isso?

—Quando eles me designaram como o seu anjo, eles deixaram claro que eu devia ter o seu bem em mente. Me envolver com você não foi para o seu bem. Eu sabia disso, mas eu não gostava da ideia dos arcanjos me dizendo o que fazer com a minha vida pessoal. Eles estavam nos observando na noite que você me deu o anel.

No Jeep. Na noite antes de terminarmos. Eu me lembrava.

—Assim que percebi que eles estavam nos observando, eu me mandei. Mas o dano estava feito. Eles me disseram que eu estaria fora assim que achassem um substituto. Então eles me

designaram para a

Marcie. Eu fui à casa dela naquela noite para me forçar a encarar o que eu tinha feito.

—Por que a Marcie?— ai perguntei amargamente. —Para me punir?

Ele arrastou uma mão pela sua boca. —O pai da Marcie é um Nefilim de primeira geração, de raça pura. Agora que a Marcie tem dezesseis anos, há perigo dela ser sacrificada. Há dois meses, quando tentei te sacrificar para conseguir um corpo humano, mas acabei salvando a sua vida, não havia muitos anjos caídos que acreditavam que podiam mudar o que eram. Eu sou um anjo da guarda agora. Todos sabem, e todos sabem por que eu te salvei da morte. De repente, muitos deles acreditam que podem enganar o destino também. Ou salvando um humano e conseguindo suas asas de volta --- ele expirou --- ou matando seu vassalo Nephil e transformando seus corpos de anjos caídos em humanos.

Eu revisei, na minha mente, tudo que eu sabia sobre anjos caídos e Nefilim. O Livro de Enoque contava sobre um anjo caído que tinha se tornado humano após matar seu vassalo Nephil — ao sacrificar uma das descendentes femininas do vassalo. Há dois meses, Patch tinha tentado justamente isso ao planejar me usar para matar Chauncey. Agora, se o anjo caído que tinha forçado Hank Millar a jurar fidelidade quisesse se tornar humano, bem, ele teria que...

Sacrificar a Marcie.

Eu disse, —Você quer dizer que o seu trabalho é se certificar de que o anjo caído que forçou Hank Millar a jurar fidelidade não sacrifique a Marcie para conseguir um corpo humano.

Como se achasse que me conhecia bem o bastante para adivinhar meu próximo pensamento, ele disse, —Marcie não sabe. Ela está completamente alheia.

Eu não queria falar sobre isso. Eu não queria o Patch aqui. Ele tinha matado o meu pai. Ele tinha arrancado de mim, para sempre, alguém que eu amava.

Patch era um monstro. Nada que ele pudesse dizer podia me fazer sentir o contrário.

—Chauncey formou a sociedade de sangue Nefilim,— Patch disse.

Minha atenção voltou bruscamente. —O quê? Como você sabe?

Ele pareceu relutante em responder. —Eu acessei umas lembranças. Lembranças de outras pessoas.

—Lembranças de outras pessoas?— Eu fiquei chocada quando não deveria ter ficado. Como ele podia justificar todas as coisas horríveis que tinha feito? Como ele podia vir aqui e me dizer que tinha examinado secretamente os pensamentos mais particulares e íntimos das pessoas, e esperado que eu o admirasse por isso? Ou mesmo esperado que eu o escutasse?

—Um sucessor retomou de onde o Chauncey parou. Não fui capaz de conseguir um nome

ainda, mas há boatos de que ele não está feliz com a morte do Chauncey, o que não faz sentido. Ele está no comando agora —só isso já devia ter apagado qualquer remorso que ele sentira sobre a morte do Chauncey. O que me faz pensar se o sucessor não era um amigo chegado do Chauncey, ou um parente.

Eu balancei minha cabeça. —Não quero ouvir isso.

—O sucessor está pagando para acharem o assassino do Chauncey.— Qualquer outro protesto da minha parte morreu em formação. Patch e eu partilhamos um olhar. —Ele quer que o assassino pague.

—Você quer dizer que ele quer que eu pague,— eu disse, minha voz mal saindo.

—Ninguém sabe que você matou o Chauncey. Ele não sabia que você era a sua descendente feminina até instantes antes de morrer, então há pouquíssima chance de alguém mais saber. O sucessor do Chauncey pode tentar localizar os descendentes do Chauncey, mas eu lhe desejo boa sorte. Levei um tempão para te achar.— Ele deu um passo na minha direção, mas eu recuei. —Quando você acordar, preciso que diga que me quer como seu anjo da guarda de novo. Diga como se realmente quisesse, para que os arcanjos possam ouvir, e, com sorte, concedam o seu pedido. Estou fazendo tudo que posso para te manter segura, mas estou limitado. Eu preciso de acesso avançado às pessoas ao seu redor, às suas emoções, tudo no seu mundo.

O que ele estava dizendo? Que os arcanjos tinham finalmente achado o meu anjo da guarda substituto? Fora por isso que ele tinha forçado sua entrada no meu sonho hoje à noite? Porque ele tinha sido cortado, e não mais tinha o acesso à mim que ele queria?

Eu senti as mãos dele deslizarem para os meus quadris, segurando-me protetoramente contra ele. —Não vou deixar nada acontecer com você.

Eu endureci e me livrei dele. Minha mente estava numa tormenta. Ele quer que o assassino pague. Eu não conseguia me livrar desse pensamento. Pensar que alguém lá fora queria me matar era entorpecedor. Eu não queria ficar aqui. Eu não queria saber dessas coisas. Eu queria me sentir segura de novo.

Percebendo que o Patch não tinha intenção de deixar o meu sonho, eu mesma fiz o movimento. Eu lutei contra as barreiras invisíveis do sonho ao me forçar a acordar. Abra seus olhos, eu disse a mim mesma. Abra-os!

Patch agarrou o meu cotovelo. —O que está fazendo?

Eu conseguia me sentir ficando mais lúcida. Eu conseguia sentir o calor dos meus lençóis, minha fronha macia contra a minha bochecha. Todos os cheiros familiares associados ao meu quarto me confortavam.

—Não acorde, Anjo.— Ele acariciou suas mãos contra o meu cabelo, prendendo o meu rosto, me forçando a olhá-lo nos olhos. —Há mais coisas que você precisa saber. Há uma razão muito importante de por que você precisa ver essas lembranças. Estou tentando te dizer

algo que não posso lhe dizer de nenhuma outra maneira. Eu preciso que você entenda o que estou tentando te contar. Eu preciso que você pare de me bloquear.

Eu afastei o meu rosto com força. Meus pés pareciam levantar-se da grama, sendo levados na direção da nuvem funil em comoção. Patch tentou me pegar, xingando baixinho, mas seu aperto sobre mim era leve como uma pluma, imaginário.

Acorda, eu me ordenei. Acorda.

Eu deixei a nuvem me consumir.

Acordei com a respiração acelerada. Meu quarto estava inundado em sombras, a lua brilhando como uma bola de cristal do outro lado da janela. Meus lençóis estavam quentes e úmidos, o suor em torno das minhas pernas. O relógio marcava nove e meia.

Atirei-me para fora da cama e fui ao banheiro, preenchendo um copo de água fria. Engoli em seco para baixo, em seguida, encostei-me na parede. Eu não podia voltar a dormir. Não importa o que tivesse que fazer, não poderia deixar Patch voltar aos meus sonhos. Fui até o corredor que dava para as escadas, freneticamente tentando me manter acordada, mas eu estava tão agitada, que duvidei que eu poderia dormir novamente mesmo se eu quisesse.

Vários minutos depois, meus batimentos cardíacos tinham voltado ao normal, mas a minha mente não era tão fácil de se resolver. A Mão Negra. Aquelas três palavras me assombraram. Elas eram indescritíveis, ameaçadoras, insultantes. Eu não podia ir em frente e me obrigar a procurá-la. Não sem sentir o meu mundo que já estava frágil começar a se quebrar. Eu sabia que estava evitando encontrar uma maneira de deixar os arcanjos saberem que Patch era a Mão Negra, e o assassino de meu pai, para me proteger da verdade vergonhosa: eu tinha me apaixonado por um matador. Eu o deixei me beijar, mentir para mim, me trair. Quando ele tocou-me no meu sonho, todas as minhas forças se desintegraram, e eu me senti sendo enroscada em sua rede mais uma vez. Ele ainda segurava o meu coração em suas mãos, e esta era a maior traição de todas. Que tipo de pessoa eu era, quando eu não podia levar o assassino do meu próprio pai para a justiça?

Patch tinha dito que eu poderia dizer aos arcanjos que eu queria ele como meu anjo da guarda novamente através do simples ato de dizer em voz alta. Parecia lógico, então, que eu poderia gritar, —Patch matou meu pai! —e ser feito justiça com ele. Justiça seria feita. Patch seria enviado para o inferno, e eu podia começar devagar a reconstruir a minha vida. Mas eu não conseguia fazer as palavras saírem, como se estivessem acorrentadas dentro de mim em algum lugar lá no fundo. Tantas outras coisas ficaram sem resposta. Por que Patch, que era anjo, estava misturado com uma sociedade de sangue Nefilim? Se ele era a Mão Negra, por que ele estava marcando recrutas Nefilins? Por que ele queria recrutá-los em primeiro lugar? Isso não era apenas estranho era irracional. A raça Nefilim odiava anjos, e vice-versa. E se a Mão Negra era o sucessor de Chauncey e novo líder da sociedade ... como possivelmente essa pessoa poderia ser Patch? Eu apertei a ponte do meu nariz, me sentindo como minha cabeça pudesse rachar devido a tantas perguntas repetidamente. Por que é que tudo em torno da Mão Negra parecia ser um labirinto de intermináveis alçapões?

Agora Scott era meu único elo de confiança para saber sobre a Mão Negra. Ele sabia mais do que ele estava aparentando, eu tinha certeza disso, mas ele estava com

muito medo de falar. O tom de sua voz quando ele tinha falado da Mão Negra era de puro

pânico. Eu precisava dele para me dizer o que sabia, mas ele estava fugindo de seu passado, e nada que eu disse ia fazê-lo voltar e enfrentá-lo. Eu apertou minha testa nas palmas das minhas mãos, tentando pensar claramente.

Liguei para Vee.

—Boas notícias—, disse ela antes que eu pudesse dar uma palavra. —Eu falei com meu pai para dirigir de volta para a praia comigo e pagar a multa para tirar a trava do meu carro. Estou de volta com o Neon.

—Bom, porque eu preciso de sua ajuda.

—Ajuda é meu nome do meio.

Eu tinha certeza que ela já me disse que seu nome do meio era ruim, mas eu mantive esse pensamento para mim mesma. —Eu preciso de alguém para me ajudar a espionar o quarto do Scott.— Quais as chances de Scott manter as provas que denunciasses o seu envolvimento como nefilim da sociedade sangue, mas que alternativa eu tinha? Ele tinha feito um ótimo trabalho de não me dar as respostas anteriormente, e após nosso último encontro, eu sabia que ele estava desconfiado de mim. Se eu quisesse saber o que ele sabia, eu precisava fazer um pouco de trabalho braçal.

—Aparentemente Patch cancelou nosso encontro duplo, minha agenda está aberta,— Vee disse, um pouco ansiosa. Eu esperava que ela fosse perguntar o que estávamos bisbilhotando no quarto de Scott.

—Vasculhar o quarto de Scott não vai ser perigoso ou emocionante,— eu disse a ela, só para ter certeza de que nós estávamos ambas na mesma página. —Tudo o que você vai fazer é sentar-se no Neon fora de seu apartamento e me chamar se você vê-lo voltar para casa. Eu sou a única que vai lá dentro.

—Só porque eu não estou fazendo a espionagem não significa que não seja emocionante. Vai ser como assistir a um filme. Só que, no cinema o bom rapaz quase nunca é pego. Mas isso é vida real, e há uma forte probabilidade de você ser pega. Vê o que eu quero dizer? O fator de excitação é através do telhado.

Pessoalmente, eu pensei que Vee estava um pouco ansiosa demais para me ver ser capturada. —Você vai me avisar se Scott chega em casa, certo?— Eu perguntei.

—É óbvio que sim, querida. Eu tenho que te dar cobertura.

Minha próxima ligação foi para a casa de Scott. Sra. Parnell atendeu. —Nora, tão bom ouvir sua voz! Scott disse-me que as coisas estão esquentando entre os dois de vocês—, acrescentou, em uma voz de conspiração.

—Bem, uh.

—Eu sempre pensei que seria muito legal se Scott se casasse com uma menina local. Eu

não gosto muito da ideia de ele se casar com alguém de uma família de estranhos. E se seus sogros forem malucos? Sua mãe e eu somos amigas íntimas, você pode imaginar a diversão que teríamos de planejar um casamento juntas? Mas estou me adiantando! Tudo tem seu tempo, como eles dizem.

Oh cara!.

—Scott está, Sra. Parnell? Eu tenho algumas notícias que eu acho que ele vai estar interessado— Eu a ouvi tampar o telefone com a mãe e chamar Scott.

—Scott! Pegue o telefone! É Nora! —Um momento depois, Scott se aproximou. —Você pode colocar no gancho agora, mamãe.— Sua voz tinha uma gota de desconfiança.

—Basta ter certeza que você pegou, querido.

—Eu já peguei.

—Nora tem algumas notícias interessantes—, disse ela.

—Então, desligue para que ela possa me dizer.

Houve um suspiro de decepção, e um clique.

—Eu pensei que tinha lhe dito para ficar longe de mim—, disse Scott.

—Você já encontrou uma banda?— Eu perguntei, indo em frente, esperando para tomar o controle da conversa e despertar seu interesse antes que ele desligasse na minha cara.

—Não—, ele disse com aquele mesmo ceticismo.

—Eu mencionei a um amigo que você toca guitarra

—Eu toco baixo.

—E ele espalhou a notícia e encontrou uma banda que quer fazer um teste com você. Hoje à noite.

—Qual é o nome da banda?

Eu não tinha me preparado para essa pergunta. —Uh- pigmentação da.

—Soa como algo dos anos 60.

—Você quer que o teste ou não?

—A que horas?

—Dez. No Devil's Handbag.— Se eu soubesse de um armazém mais longe, eu teria mencionado ele. Assim, eu teria de me contentar com 20 minutos que iria ele iria levar para ir e voltar de lá.

—Vou precisar de um nome e número de contato.

Ele definitivamente não deveria ter me perguntado isso. —Eu disse ao meu amigo que eu passaria as informações para você, mas eu não pensei em pedir os nomes e números dos membros da banda.

—Eu não vou comprometer minha noite em um teste sem primeiro ter uma ideia de quem são esses caras, o estilo que eles tocam, e onde eles ensaiam. Se eles são punk, indie-pop, metal?

—O que você toca?

—Punk.

—Eu vou pegar o número e te ligo de volta.— Desliguei e imediatamente disquei para Vee. —Eu disse a Scott que eu tinha uma audição com uma banda hoje à noite para ele, mas ele quer saber que tipo de música que a banda toca e onde eles ensaiam. Se eu lhe der o seu número, você finge ser a namorada de alguém da banda? Basta dizer que você sempre atende o telefone do seu namorado quando ele está tocando. Não se aprofunde. Atenha-se aos fatos: Eles são uma banda punk, eles são a próxima grande promessa, e ele seria estúpido não fazer o teste.

—Estou realmente começando a gostar de todo esse trabalho de espionagem,— disse Vee. Quando minha vida normal fica chato, tudo o que tenho a fazer é andar de lado a lado com você.

Eu estava sentada na varanda da frente com os joelhos dobrados contra o meu peito quando Vee cruzou para cima. —Eu acho que devemos parar em Skippy para pegarmos cachorros-quentes antes de fazermos isso —, disse ela quando entrei no carro —Eu não sei o que é que tem nesses cachorros-quentes, mas eles são como uma fonte instantânea de coragem. Eu me sinto como se pudesse fazer qualquer coisa depois de comer um cachorro quente.

—Isso é porque você fica alta com todas as toxinas que estão dentro dessas coisas.

—Como eu disse, acho que devemos passar no Skippy.

—Eu já comi macarrão no jantar.

—Massa não enche muito.

—Massa enche muito.

—Sim, mas não com uma saborosa mostarda— Vee argumentou.

Quinze minutos depois, estávamos saindo do drive-through do Skippy com dois cachorros-quentes grelhados, uma caixa grande de batatas fritas e dois copos de milk-shakes de morango.

—Eu odeio esse tipo de alimento—, disse eu, sentindo-se atravessar a gordura através do papel de embrulho do cachorro-quente na minha mão. —Não é saudável.

—Então é como a sua relação com Patch, mas isso não a impediu.

Eu não respondi. Perto do condomínio de Scott, Vee dirigiu para o lado da estrada. O maior problema que eu tinha previsto era a nossa localização. Deacon Road terminava logo após o complexo. Vee e eu estávamos a céu aberto, e logo que Scott passasse e visse Vee sentada na

Neon, ele saberia que algo estava acontecendo. Eu não tinha me preocupado dele reconhecer sua voz ao telefone, mas eu estava preocupada dele lembrar de seu rosto. Ele tinha nos visto juntas em mais de uma ocasião, e que tinha visto até mesmo nós o seguindo com o Neon. Ela era culpada por associação.

—Você vai ter que dirigir para fora da estrada e estacionar atrás dos arbustos,— eu instruí Vee.

Ela se inclinou para a frente, tentando enxergar na escuridão. — Isso é um fosso entre mim e os arbustos?

—Não é muito profundo. Confie em mim, nós vamos passar.

—Parece-me bem fundo. Este é um néon de que estamos falando, não um Hummer.

—O Neon não pesa muito. Se ficar preso, eu vou para fora e empurro.

Vee colocou o carro no drive e foi para fora da estrada, o som de ervas daninhas arrastando ao longo do percurso.

—Acelera m-mais—, eu disse, meus dentes batendo juntos como salto sobre o barranco rochoso. O carro inclinou para a frente e correu para a vala, e os pneus da frente bateram, parando o carro.

—Eu não acho que vamos fazer as pazes—, disse Vee, acelerando mais o néon. Os pneus rodaram, mas não encontramos tração.

—Eu preciso tentar de um outro jeito. —Ela tentou manobrar e acelerou novamente. —É mais como —, ela disse que o Neon entrincheirou e caiu para a frente.

—Cuidado com o pedra,— eu comecei, mas já era tarde demais.

Vee dirigiu o Neon reto durante uma meia grande rocha fincada na terra. Ela pisou no freio e o motor morreu. Saímos e olhei para o pneu dianteiro esquerdo.

—Algo não parece certo—, disse Vee. —Já viu uma coisa dessas?

Bati com a cabeça contra o tronco da árvore mais próxima.

—Então, nós temos um plano—, disse Vee. —E agora?

—Continuaremos com o plano. Vou vasculhar o quarto de Scott, e você vai continuar na retaguarda. Quando eu voltar, você vai chamar Rixon.

—E dizer-lhe o quê?

—Que nós vimos um veado e você desviou-se não acertá-lo. Foi quando você caiu com o Neon na vala e depois bateu numa pedra.

—Eu gosto dessa história—, disse Vee. —Isso me faz soar como uma amante excitante. Rixon vai gostar disso.

—Alguma pergunta?— Eu perguntei a ela.

—Não, acho que entendi. Devo te ligar assim que Scott sair do condomínio. Ligar novamente se ele voltar para você cair fora de lá.— Vee baixou os olhos para o meu calçado. —Você vai para escalar o prédio e subir no meio de uma janela? Porque você tem que calçar um tênis para isso. Suas sapatilhas de balé são bonitas, mas não práticas.

—Eu vou pela porta da frente.

—O que você vai dizer para a mãe de Scott?

—Isso não importa. Ela gosta de mim. Ela vai me deixar entrar lá dentro.— Estendi meu cachorro quente, que tinha ficado frio. —Você quer isso?

—De jeito nenhum. Você vai precisar dele. Se algo ruim acontecer, apenas dê uma mordida. Dez segundos depois, você vai sentir toda aquecida e feliz por dentro.

Corri o resto do caminho para baixo da Deacon, virando para dentro das sombras das árvores, logo eu pude ver uma forma humana movendo para trás e para frente através das janelas iluminadas de Scott que ficava no apartamento do terceiro andar. De onde estava podia dizer que, a Sra. Parnell estava na cozinha, e se deslocava entre a geladeira e a pia, o mais provável era que estavam fazendo um lanche. A luz do Scott quarto estava acesa, mas as cortinas foram retiradas. A luz apagou, e um momento depois, Scott entrou na cozinha e deu um beijo na bochecha de sua mãe.

Fiquei lá, esmagando mosquitos durante cinco minutos, antes de Scott sair pela porta da frente carregando o que parecia ser case de guitarra. Ele colocou o case no porta-malas do Mustang e saiu da vaga do estacionamento. Um minuto depois, o ringtone Vee soou no meu bolso.

—A águia voou do ninho—, disse ela.

—Eu sei—, eu disse. —Fique onde está. Eu vou pra dentro

Eu caminhei até a porta da frente e toquei a campainha. A porta abriu, e logo que a Sra. Parnell me viu, ela deu um largo sorriso.

—Nora—, ela disse, agarrando-me bem-humorada pelos ombros. —Você acabou de perder Scott. Ele foi para a audição com a banda. Eu não posso te dizer o quanto isso significa para ele, você se deu ao trabalho de proporcionar isso. Ele vai superar os outros membros da banda. É só esperar e ver. —Ela apertou minha bochecha carinhosamente.

—Na verdade, Scott me chamou. Ele deixou algumas das suas partituras música aqui e perguntou se eu poderia buscá-las. Ele teria vindo de volta, mas ele não queria chegar tarde à audição e fazer uma má impressão.

—Oh! Sim, claro! Entre, ele disse qual a música que queria?

—Ele me mandou uma mensagem de um par de partituras.

Ela deixou a porta totalmente aberta. —Eu vou levá-la ao seu quarto. Scott vai ficar tão triste se a audição não for justamente da maneira ele quer. Ele normalmente é tão cuidadoso sobre a escolha da música, mas tudo aconteceu em tão pouco tempo. Tenho certeza que ele não tirou de sua mente, pobre.

—Ele parecia muito triste—, eu concordei. —Eu vou me apressar o mais rápido possível.

Sra. Parnell abriu o caminho pelo corredor. Quando entrei no limiar para o quarto de Scott, percebi na hora a mudança de cenário. A primeira coisa que notei foi a

tinta preta nas paredes. Eles estavam de branco a última vez que vim para cá. Os pôsteres foram rasgados da parede. O ar cheirava muito a tinta e incenso.

—Você vai ter que me desculpar pelas paredes—, disse a Sra. Parnell. —Scott vem passando por um pouco de uma crise emocional. Seguir pode ser difícil. Ele precisa sair mais..

Ela olhou significativamente para mim. Eu fingi perder a deixa.

—Então essas são as partituras?— Eu perguntei, apontando para uma pilha de papel no chão. Sra. Parnell enxugou as mãos no avental.

—Você quer que eu ajude a procurar as músicas?

—Não tem problema, realmente. Eu não quero te atrapalhar. Só vai demorar um segundo.

Assim que ela saiu, eu fechei a porta. Joguei o meu celular e o hot dog Skippy sobre a mesa em frente à cama, em seguida, me virei para o armário. Calças jeans e algumas t-shirt estavam no chão. Apenas três camisas de lenhador ficaram em cabides. Gostaria de saber se a senhora Parnell tinha comprado, porque eu não podia imaginar Scott com uma dessas. Sob a cama encontrei um bastão de alumínio, uma luva de beisebol, e um vaso de plantas. Liguei Vee.

—Com que a maconha se parece?

—Cinco folhas—, disse Vee.

—Scott está cultivando um pé de maconha aqui. Sob a sua cama.

—Você está surpresa?

Eu não estava, mas isso me explicava incenso. Eu não tinha certeza se poderia imaginar a

figura de Scott fumando maconha, mas eu imaginaria ele vendendo. Ele estava desesperado por dinheiro.

—Eu te ligo de volta se eu encontrar outra coisa—, disse. Deixei o meu celular na cama e me virei num círculo lento em torno da sala. Não tinham muitos esconderijos. A parte inferior da mesa estava limpa. As aberturas de aquecimento estavam vazias. Nada foi costurado em seu cobertor. Eu estava prestes a desistir quando algo suspenso no closet chamou minha atenção. Houve danos na parede. Eu arrastei a cadeira e me aproximei mais. Um buraco de tamanho médio quadrado foi cortado da parede, mas o gesso tinha sido substituído para fazer parecer como se não tivesse um buraco lá. Utilizando um fio como gancho, cheguei tão alto o quanto podia e bati de fora o gesso. Até aonde eu via, era uma caixa laranja da Nike preenchia o espaço. Eu espetei ela com o gancho, mas acabou empurrando-o mais para trás.

Um som suave zumbido quebrou a minha concentração, e eu percebi que meu celular estava tocando no modo de vibrar nos cobertores na cama Scott abafando o som. Eu pulei para baixo.

—Vee—, eu respondi.

—Sai daí!—, Ela sussurrou em um tom apavorado.

—Scott ligou novamente e pediu indicações para o armazém, mas eu não sabia que você disse a ele armazém. Eu meio que fiquei parado e disse que eu era apenas a namorada, e eu não sabia onde o banda realizou suas audições. Ele pediu armazém que eles ensaiavam, e eu disse que não sabia, tampouco. A boa notícia é, ele desligou, então eu não preciso mentir mais. A má notícia é que ele está a caminho de casa. Agora.

—Quanto tempo eu tenho?

—Como ele já voou por aqui a cerca de uma centena de quilômetros por hora, eu acho que tem um minuto. Ou menos.

—Vee!

—Não me culpe, você é que não estava respondendo suas chamadas!

—Persiga-o e ganhe tempo. Preciso de mais dois minutos.

—Persegui-lo? Como? O Neon tem seu próprio plano. —Com seus próprios pés! —Você quer dizer exercício?

Segurei o telefone sob meu queixo, encontrei um pedaço de papel na minha bolsa e procurei uma caneta na mesa de Scott.

—É menos de um quarto de milha. Isso é uma volta ao redor da pista. Vá!

—O que eu digo quando pegá-lo?

—Isso é o que os espiões precisam improvisar. Você vai pensar em alguma coisa. Eu tenho que ir.— Eu desliguei. Onde estavam todas as canetas? Como poderia Scott ter uma mesa sem

caneta, sem lápis? Finalmente eu encontrei uma na minha bolsa e rabisquei uma nota rápida sobre o pedaço de papel. Enfiei o papel sob o cachorro-quente.

Lá fora, eu ouvi o barulho do Mustang no estacionamento do condomínio.

Fui até o armário e subiu pela segunda vez. Eu estava esticada na ponta dos pés, cutucando a caixa com o gancho. A porta da frente bateu.

—Scott?— Eu ouvi a senhora Parnell dizer da cozinha. —O que você está fazendo de volta tão cedo?

Eu tinha parte do gancho sob o borda da tampa e puxei para fora do compartimento. Uma vez eu tive que puxar a outra metade caminho, gravidade fez o resto. A caixa caiu em minhas mãos. Eu só a enfiei dentro da minha bolsa e um braço da cadeira de volta ao seu lugar na mesa, quando a porta do quarto foi aberta. Os olhos de Scott encontraram-me em um instante. —O que você está fazendo?—, perguntou ele.

—Eu não estava esperando você voltar tão rápido—, eu gaguejei.

—O teste era falso, não era? —Eu.

—Você me queria fora do apartamento.— Atravessou-me em dois passos e pegou meu braço, me dando um aperto bruto. —Você cometeu um grande erro vindo aqui.

Sra. Parnell chegou até a porta. —Qual é o problema, Scott? Pelo amor de Deus, deixe-a ir! Ela veio para pegar a partitura que você esqueceu.

—Ela está mentindo. Eu não esqueci nenhuma partitura.

A Sra. Parnell olhou para mim. —Isso é verdade?

—Eu menti—, eu confessei trêmula. Engoli em seco, tentando injetar um pouco de calma na minha voz. —A única coisa que eu realmente queria era pedir para Scott ir à festa do solstício de verão em Delfos, mas eu não podia fazê-lo em pessoa. Isto é realmente estranho.— Andei à mesa e ofereci-lhe o cachorro-quente, juntamente com o pedaço de papel que eu rabisquei

—Não seja um orgulhoso—, Scott leu. 'Venha ao Solstício de Verão comigo.

—Bem? O que você acha?— Tentei segurar um sorriso. —Você vai ser um orgulhoso ou não?

Scott olhou para a nota, para o cachorro-quente e para mim. —O quê?

—Bem, não é que a coisa mais fofa do mundo,— Mrs. Parnell disse.

—Você não quer ser um orgulhoso, não é, Scott? —Nos dê um minuto, mamãe?

—Qual roupa deve-se usar num Solstício de Verão?— Mrs. Parnell perguntou. —Como a de um baile? Eu poderia fazer uma reserva em Tuxes Todd.

—Mãe.

—Ah. Certo. Eu vou estar na cozinha. Nora, eu tenho dar o braço a torcer. Eu não tinha ideia que estava aqui para plantar um. Eu realmente pensei que você tivesse vindo pegar uma partitura. Muito inteligente.

Ela piscou, então se afastou, fechando a porta atrás dela.

Fiquei sozinha com Scott, e todos o meu alívio dispersou.

—O que você realmente está fazendo aqui?— Scott repetiu, sua voz significativamente mais obscura.

—Eu te disse

—Não acredito nisso.— Seus olhos percorreram além de mim, examinando o quarto. —No que você tocou?

—Eu vim para dar-lhe o cachorro-quente, eu juro. Eu procurei na mesa por uma caneta para escrever a nota, só isso.

Scott caminhou até a mesa, puxou cada gaveta, e vasculhou através do conteúdo. —Eu sei que você está mentindo.

Eu voltei para a porta. —Você sabe o quê? Fique com o cachorro quente mas esqueça o solstício de verão. Eu só estava tentando ser agradável. Eu estava tentando compensar a outra noite, porque eu me senti responsável pelo seu rosto machucado. Esqueça que eu disse qualquer coisa.

Ele avaliou-me em silêncio. Eu não tinha ideia se ele tinha caído nessa, mas eu não me importei. O único pensamento em minha mente era de sair dali.

—Eu vou manter meus olhos em você—, disse ele, finalmente, num tom que eu notei ser incrivelmente ameaçador. Eu nunca tinha visto Scott tão friamente hostil. —Pense nisso. Toda vez que você pensar que está sozinha, pense novamente. Eu estarei vendo você. Se eu te pegar no meu quarto novo, você está morta. Estamos claros?

Engoli em seco. —Como cristal.

No meu caminho, eu passe pela Sra. Parnell em pé perto da lareira, a beber um copo de chá gelado. Ela tomou um gole, colocando o copo sobre a lareira, e acenou pra mim.

—Scott é muito menino, não é?—, Disse.

—Essa é uma maneira de defini-lo.

—Eu aposto que você pediu a ele para ir com você à festa mais cedo, porque você sabia que as outras meninas poderiam pedir antes se você não agisse rápido.

O Solstício de Verão era na noite de amanhã, e todos já tinham seus pares. Incapaz de contar isso para a Sra. Parnell, optei por um sorriso. Ela poderia interpretá-lo do modo que ela quisesse.

—Preciso arrumá-lo um smoking?—, Perguntou ela.

—Na verdade, a festa é realmente casual. Jeans e camiseta vão muito bem.— eu deixaria Scott dar a notícia a ela que não estávamos mais indo juntos.

O rosto dela caiu um pouco. —Bem, há sempre um baile formal. Eu suponho que você esteja planejando pedir a ele que vá ao baile com você?

—Eu realmente não tenho pensado nisso ainda. E de qualquer forma, Scott pode não querer ir comigo.

—Não seja boba! Você e Scott voltarão. Ele é louco por você. Ou totalmente louco.

—Eu tenho que ir, Sra. Parnell. Foi ótimo vê-la novamente.

—Dirija com cuidado!— Ela disse, balançando o dedo.

Eu encontrei Vee fora no estacionamento. Ela estava curvada, punhos pressionados em seus joelhos, quase sem ar. Uma mancha de suor na sua camisa.

—Ótimo trabalho de distração—, disse eu.

Ela olhou para cima, o rosto cor de rosa como o presunto de Natal. —Você nunca tentou perseguir um carro?—, Ela ofegou.

—Eu vou disputar com você. Eu dei ao Scott meu cachorro- quente e perguntou se ele iria Solstício de Verão comigo.

—O que o cachorro-quente tem a ver com alguma coisa?

—Eu disse que ele ia ser um banana, se ele não fosse comigo.

Vee deu um riso. —Eu teria que correr mais pesado se eu soubesse ia ver que você chamá-lo de banana.

Quarenta e cinco minutos depois, o pai Vee tinha chamado o reboque e o Neon estava rebocado de volta para a estrada, e me largaram em frente a casa da fazenda. Eu não queria perder tempo e sacudi o conteúdo da caixa na mesa da cozinha. Múltiplas camadas de fita adesiva foram envolvidos em torno da caixa, quase um quarto de uma polegada de espessura. O que quer que Scott estivesse escondido, ele não queria que o resto do mundo o encontrasse. Eu serrei a fita com uma faca. E libertei a tampa, colocando-a de lado, e olhei para dentro da caixa. Um tubo de meia branca lisa estava inocentemente na parte inferior.

Eu olhei para a meia, sentindo meu coração com uma ponta de decepção. Então eu fiz uma careta. Estiquei a meia aberta apenas o bastante para olhar para dentro. Meus joelhos ficaram

leves.

Dentro havia um anel. Um dos anéis da Mão Negra.

Olhei fixamente para o anel. Eu mal pude controlar meus pensamentos. Dois anéis? Eu não sabia o que significava. Claramente a Mão Negra teve mais de um anel, mas por que Scott tem um?

E por que ele teve trabalho em escondê-lo em um compartimento secreto em sua parede? E porque, se ele estava tão envergonhado da marca em seu peito, estava guardando o anel que presumidamente tinha feito isso a ele?

No meu quarto, eu peguei meu violoncelo fora do armário e coloquei o anel de Scott na mesma bolsa de zíper, junto com o outro, o anel que eu tinha recebido dentro de um envelope na semana passada. Eu não sabia como qual o sentido disso. Eu tinha ido a Scott à procura de respostas, e fiquei mais confusa do que nunca. Eu poderia estudar os anéis mais detalhadamente, talvez formando algumas teorias, mas eu estava completamente no escuro.

Quando o relógio do meu avô soou a meia-noite, eu chequei se a porta estava travada uma última vez e me arrastei para a cama. Eu me apoiei nos meus travesseiros, me sentei ereta, e pinte as unhas de midnight blue. Depois de minhas unhas, eu liguei meu iPod. Li vários capítulos do meu texto de química. Eu sabia que não poderia ficar para sempre sem dormir, mas eu estava determinada a deixá-lo para fora o tempo que fosse possível. Eu estava apavorada de que Patch estivesse esperando por mim do outro lado.

Eu não tinha percebido que eu tinha adormecido, até que eu acordei com um estranho barulho. Deitei na cama, congelada, esforçando-me para ouvir o som novamente. As cortinas estavam fechadas, o quarto sombrio. Saí da cama e usei um olhar através das cortinas. O quintal estava vazio. Enganosamente pacífico. Um rangido baixo soou lá embaixo.

Eu peguei meu telefone celular desligado na mesa de cabeceira e abri porta do meu quarto apenas o suficiente para ver fora dele. O corredor de fora estava claro, e eu me virei para ele, meu coração estava batendo tão forte contra as minhas costelas, eu pensei que meu peito pudesse se partir. Eu tinha chegado ao topo da escada quando um barulho mais suave alertou-me que a maçaneta da porta da frente estava girando.

A porta se abriu e uma figura entrou cautelosamente na sala escura. Scott estava na minha casa, de pé a cinco metros, na base das escadas. Firmei o meu domínio sobre o telefone celular, que estava escorregadio de suor.

—O que você está fazendo aqui?— Eu falei para Scott.

Ele levantou a cabeça, assustado. Ele ergueu as mãos ao nível dos ombros, mostrando que ele era inofensivo. —Precisamos conversar.

—A porta estava trancada. Como você conseguiu entrar?— Minha voz estava alta,

periclitante.

Ele não respondeu, mas ele não precisava. Scott era um Nefilim, assustadoramente forte. Eu estava quase certa de que se eu descesse para verificar a fechadura, iria encontrá-la danificada pela força bruta de suas mãos.

—Arrombamento é ilegal—, disse.

—Então, o roubo também. Você roubou algo que pertence a mim.

Eu umedeci meus lábios. —Você tem um dos anéis da Mão Negra.

—Não é meu. E-eu roubei.— Sua hesitação disse-me que ele estava mentindo. —Me dê o anel de volta, Nora.

—Não até você me contar tudo.

—Nós podemos fazer isso da maneira mais difícil, se você quiser.

Subiu o primeiro degrau.

—Não se mexa!— Ordenei, lutando para discar 911 no meu celular. —Se você subir outro degrau, eu vou chamar a polícia.

—A polícia vai levar 20 minutos para chegar aqui.

—Isso não é verdade.— Mas nós sabíamos que era.

Ele avançou para o segundo degrau.

—Pare—, eu pedi. —Eu vou fazer a chamada, eu juro que vou.

—E dizer-lhes o quê? Que você entrou no meu quarto? Que você roubou uma joia valiosa?

—Sua mãe me deixou entrar—, eu disse, nervosa. —Ela não teria, se ela soubesse que você estava indo roubar a mim.— Ele deu outro passo, as escadas estavam rangendo sob sua peso.

Tentei pensar numa maneira de desviá-lo de subir ao piso superior. Ao mesmo tempo, eu queria incitá-lo a dizer-me a verdade, de uma vez por todas.

—Você mentiu para mim sobre a Mão Negra. Naquela noite, em seu quarto. As lágrimas foram quase convincentes.

Eu podia ver sua mente girando, tentando descobrir o quanto eu sabia. —Eu menti—, disse ele finalmente. —Eu estava tentando mantê-la fora desse assunto. Você não vai querer se meter com a Mão Negra.

—Tarde demais. Ele matou meu pai.

—Seu pai não é o único que a Mão Negra quer morto. Ele me quer morto, Nora. Eu preciso do anel.— De repente, ele estava no quinto degrau.

Morto? A Mão Negra não poderia matar Scott. Ele era imortal. Scott não pensava que eu sabia? E por que ele estava tão determinado em pegar o anel de volta? Eu pensei que ele desprezava a sua marca. A nova informação veio à tona em minha mente. —A Mão Negra não forçou você a ter a marca, não é?— Eu afirmei. —Você queria. Você queria aderir à sociedade. Você quis a jurar fidelidade. É por isso que você manteve o anel. Ele é um amuleto sagrado, não é? Será que a Mão Negra deu isso para você depois de ter acabado de marcá-lo?

Sua mão estava flexionada em torno do corrimão. —Não. Eu fui forçado.

—Eu não acredito em você.

Seus olhos se estreitaram. —Você acha que eu ia deixar algum psicopata colocar um anel ardente em meu peito? Se eu sou tão orgulhoso da marca, porque estou sempre cobrindo-a?

—Porque é uma sociedade secreta. Tenho certeza de que você pensa que uma marca era um pequeno preço a pagar pelos benefícios de ser parte de uma sociedade forte.

—Benefícios? Você acha que a Mão Negra fez uma única coisa para mim?— Seu tom foi cortado com raiva. —Eu não posso escapar dela, e confia em mim, eu tentei. Mais vezes do que eu posso contar.

Eu absorvi isso, Scott pregando uma outra mentira. —Ele voltou—, disse, falando alto em meus pensamentos. —Depois que ele te marcou. Você mentiu quando disse que nunca mais o tinha visto.

—Claro que ele voltou!— Scott disse. —Ele me chamaria tarde na noite, ou me encontrando no meu caminho de casa, vestindo um máscara de esqui. Ele sempre estava lá.

—O que ele quer?

Seus olhos me aferido. —Se eu falar, você vai dar o anel de volta?

—Depende, se eu achar que você está dizendo a verdade.

Scott esfregou furiosamente os dedos sobre sua cabeça. —A primeira vez que o vi foi no meu aniversário de quatorze anos. Ele disse que eu não era humano. Ele disse que eu era Nefilim, como ele. Ele disse que eu tinha de me juntar este grupo a que ele pertencia. Ele disse que todos os Nefilins tinham de estar juntos. Ele disse que não havia outra maneira de nos livrarmos os anjos caídos.— Scott olhou para cima os degraus até mim, desafiante, mas seus olhos realizou uma sombra de desconfiança, como se ele pensasse que eu considerasse que ele estava louco. —Eu pensei que ele havia se perdido. Eu pensava que ele estava tendo alucinações. Eu me mantive esquivando dele, mas ele continuou aparecendo de volta. Ele começou a me ameaçar. Ele disse que os anjos caídos ia me pegar quando eu fizesse dezesseis. Ele me seguiu, depois da escola e do trabalho. Ele disse que estava vigiando a minha volta, e eu devia ser grato. Então ele descobriu sobre a minha dívida de jogo. Pagou,

pensando que eu visse isso como um favor e quisesse participar de seu grupo. Ele não entendeu, eu

queria que ele fosse embora. Quando eu disse a ele que eu estava indo pedir para o meu pai conseguir uma ordem de restrição, ele me arrastou para o depósito, me amarrou de cabeça para baixo, e marcou-me. Ele disse que era a única maneira que podia manter-me seguro. Ele disse que um dia eu entenderia e agradeceria.

O tom de voz de Scott disse-me que esse dia nunca ia vir.

—Parece que ele está obcecado com você.

Scott balançou a cabeça. —Ele pensa que eu o trai. Minha mãe e eu nos mudamos para cá para ficar longe dele. Ela não sabe sobre o conteúdo Nefilim, ou a marca, ela só pensa que é uma defesa. Nós mudamos, mas ele não quer eu fuja, e ele especialmente não quer correr o risco de me ver abrir a boca e abrir a porta no seu culto secreto.

—Será que ele sabe que você está em Coldwater?

—Eu não sei. É por isso que eu preciso do anel. Quando ele terminou de me marcar, ele me deu o anel. Ele disse que eu tinha de mantê-lo e encontrar outros membros para recrutar. Ele me disse para não perdê-lo. Ele disse: algo de ruim que aconteceria se eu perdesse.— A voz de Scott tremeu ligeiramente. —Ele é louco, Nora. Ele podia fazer todos os tipos de coisas comigo.

—Você tem que me ajudar a encontrá-lo.

Avançou mais dois passos. —Esqueça isso. Eu não vou procurar por ele.— Ele estendeu a mão. —Agora me dê o anel. Pare de enrolar. Eu sei que está aqui.

Não por outra razão que o instinto, eu me virei e corri. Bati a porta do banheiro e a fechei atrás de mim e apertou a fechadura.

—Isso está ficando velho—, disse Scott através da porta. —Abra.

Ele esperou. —Você acha que esta porta vai me parar?

Eu não sabia, mas eu não sabia mais o que fazer. Fiquei encostada contra a parede oposta do banheiro, e foi quando eu vi a faca sobre o balcão. Ficou no banheiro para abrir embalagens de cosméticos e remover marcas de minhas roupas. Apanhei-o, apontando a lâmina. Scott jogou seu corpo contra a porta, que bateu aberta, batendo as costas contra a parede. Estávamos de pé frente a frente, e eu nivelado a faca para ele. Scott andou até mim, puxou a faca para fora do meu alcance, e redirecionou em mim. —Quem está no comando agora?—, Ele zombou. O corredor atrás de Scott estava escuro, a luz do banheiro iluminando o papel de parede de flores desbotadas no corredor. A sombra movia tão furtivamente através do papel de parede, que eu quase nem percebi.

Rixon apareceu atrás de Scott, segurando a base de bronze da lâmpada de minha mãe

mantinha sobre o aparador. Ele trouxe deu um golpe esmagador no crânio Scott.

—Oouf!— Scott soluçava, cambaleando para ver o que tinha o atingido. No que parecia ser reflexo idiota, ele puxou a faca para cima e dava golpes cegamente.

A faca não acertava, e Rixon bateu com a base para baixo no braço de Scott, fazendo a faca cair no mesmo momento em que ele caiu de lado na parede. Rixon chutou a faca no corredor, fora do alcance. Ele bateu o punho no rosto de Scott. Um spray de sangue foi salpicado na parede. Rixon deu um segundo soco, e Scott se arrastou até a parede e caiu sentado no chão. Rixon ficou sobre ele tempo suficiente para desferir mais socos. Os olhos de Scott reviravam.

—Rixon!

Eu me afastei da violência ao som da voz histérica de Vee. Ela subiu as escadas, usando o corrimão para ser mais rápida. —Pare, Rixon! Você vai matá-lo!

Rixon soltou o colarinho de Scott e se afastou. —Patch vai me matar se eu não fizer.— Ele voltou sua atenção para mim. —Você está bem?

A face de Scott estava salpicada de sangue, e isso fez o meu estômago embrulhar. —Estou bem—, eu disse entorpecida.

—Você tem certeza? Você precisa de algo para beber? Um cobertor? Você quer se deitar? —

Olhei para Rixon e Vee. —O que vamos fazer agora?

—Eu vou chamar Patch—, disse Rixon, abrindo seu celular e pressionando-a até a orelha. —Ele vai querer estar aqui para isso.

Eu estava em choque demais para argumentar o contrário.

—Devemos chamar a polícia—, disse Vee. Ela lançou um breve olhar no corpo inconsciente e espancado Scott. —Devemos amarrá-lo? E se ele acordar e tentar fugir?

—Eu vou amarrá-lo na parte de trás do caminhão, logo que eu terminar essa chamada—, Rixon disse.

—Vem cá, meu bem—, disse Vee, puxando-me em seus braços. Me ajudou a descer as escadas, com o braço enrolado em volta do meu ombro. —Você está bem?

—Sim—, eu respondi automaticamente, ainda atordoada. — Como vocês vieram dar as caras aqui?

—Rixon apareceu, e nós estávamos saindo do meu quarto quando eu tive um desses sentimentos assustadores e achei que devíamos verificar você. Quando nós chegamos, o Mustang Scott estava estacionado na garagem. Achei ele estar aqui não poderia ser bom, especialmente depois de você ter bisbilhotado seu quarto. Eu disse a Rixon que algo estava errado, e ele me disse para esperar no carro enquanto ele vinha aqui dentro. Eu estou apenas

feliz que chegamos antes que algo pior acontecesse. Que show de horrores. O que ele estava pensando, puxando uma faca para você?

Antes que eu pudesse dizer a ela que fui eu que puxei a faca, Rixon correu escada abaixo, e se juntou a nós. —Eu deixei uma mensagem para o Patch—, disse ele. —Ele deve estar aqui em breve. Também chamei a polícia.

Vinte minutos depois, o detetive Basso estacionava na parte inferior da garagem, uma luz piscando em cima de seu carro.

Scott foi aos poucos retomando a consciência, agitação e gemendo na caçamba da caminhonete de Rixon. Seu rosto estava inchado, bagunçado e manchado, e suas mãos estavam amarradas na parte inferior das costas.

Detective Basso o puxou para fora e trocou a corda pelas algemas.

—Eu não fiz nada—, protestou Scott, seu lábio vermelho de sangue.

—Arrombar e entrar não é nada?— Detective Basso disse. —Engraçado, a lei não concorda.

—Ela roubou alguma coisa de mim.— Scott sacudiu seu queixo em minha direção. —Pergunte a ela. Ela esteve no meu quarto esta noite.

—O que ela queria roubar?

—Eu não posso falar sobre isso.

Detective Basso olhou para mim para confirmação. —Ela esteve conosco durante toda a noite— Vee inseriu rapidamente. —Certo, Rixon?

—Absolutamente—, disse Rixon.

Scott pregou-me com um olhar de traição. —Não tão honesta você, não é?

Detective Basso ignorou. —Vamos falar sobre essa faca que você puxou.

—Ela a puxou primeiro!

—Você invadiu a minha casa—, eu disse. —Autodefesa.

—Eu quero um advogado—, disse Scott.

Detective Basso sorriu, mas não houve paciência nele. —Um advogado? Você parece culpado, Scott. Por que você a ameaçou com a faca?

—Eu não a ameacei com a faca. Peguei a faca da mão dela. Ela foi a única que tentou usar a faca.

—Ele é um bom mentiroso, eu vou dar isso a ele—, disse Rixon.

—Você está preso, Scott Parnell,— Detective Basso disse, abaixando a cabeça de Scott e o colocou no banco traseiro do o carro patrulha. —Você tem o direito de permanecer calado. Qualquer coisa que você disser poderá e será usado contra você.

Scott manteve sua expressão hostil, mas abaixo de todos os cortes e contusões, ele parecia pálido. —Você está cometendo um grande erro—, ele disse, só

que ele estava olhando direto para mim. —Se eu ir para a cadeia, eu sou como um rato preso em uma gaiola. Ele vai me encontrar e me matar. A Mão Negra.

Ele parecia realmente apavorado, e eu estava dividido entre silenciosamente parabenizá-lo por mais uma atuação...ou pensando que talvez ele realmente não tinha ideia do que era capaz de fazer como um Nefilim. Mas como ele poderia ser marcado como um Nefilim numa sociedade de sangue e não ter nenhum indício de que ele era imortal? Como poderia a sociedade não ter mencionado isso?

Scott não tirou os olhos dos meus. Adotando um articulado tom, ele disse, —É isso, Nora. Se eu sair daqui, eu estou morto.

—Sim, sim,— Detective Basso disse, fechando a porta rígido. Ele virou para mim. —Acha que você poderia ficar fora de problemas pelo resto da noite?

Eu levantei a janela do quarto e sentei no parapeito, pensando. A brisa refrescante e o coro noturno de insetos me fizeram companhia. Na outra extremidade do campo, uma luz piscava em um das casas. Eu me sentia estranhamente reconfortada em saber que eu não era a única pessoa ainda acordada há essa hora.

Após o Detective Basso ter levado Scott, Vee e Rixon examinaram a fechadura da porta da frente.

—Whoa,— Vee disse, olhando para a porta desconfigurada.— O que Scott fez para a trava ficar assim? Um maçarico?

Rixon e eu apenas trocamos olhares.

—Eu virei aqui amanhã para instalar uma nova fechadura,— ele disse.

Isso tinha acontecido há duas horas, e Rixon e Vee se foram há muito tempo, deixando-me sozinha com os meus próprios pensamentos. Eu consegui parar de pensar sobre Scott, mas encontrei a minha mente vaguear por lá de qualquer maneira.

Ele foi exagerado, ou eu ia saber que amanhã ele havia misteriosamente escapado enquanto estava sob custódia da polícia? De qualquer maneira, ele não iria morrer. Algumas contusões, talvez, mas não a morte. Eu não me permitia pensar que o Mão Negra podia levá-lo além disso--se a Mão Negra for mesmo uma ameaça. Scott não estava certo que o Mão Negra sabia que ele estava em Coldwater.

Instantaneamente eu disse a mim mesma que não havia nada que eu poderia fazer neste momento.

Scott tinha arrombado a minha casa e apontado uma faca para mim. Ele estava atrás das grades por causa de si mesmo. Ele foi preso, e eu estava segura. A ironia era, eu gostaria de estar hoje à noite na cadeia. Se Scott foi a isca para o Mão Negra, eu queria estar lá para enfrentar o Mão Negra, de uma vez por todas.

Minha concentração foi embolada pela necessidade de sono, mas eu fiz o meu melhor para classificar as informações que eu tinha. Scott foi marcado pela Mão Negra, um Nefilim. Rixon disse que Patch era o Mão Negra, um anjo. E quase parecia que eu estava à procura de dois indivíduos diferentes com o mesmo nome

Já havia passado da meia-noite, mas eu não queria dormir. Não quando isso significava me abrir para Patch, sentindo seu íntimo em torno de mim, me seduzindo com palavras e seu toque de seda, me confundindo mais do que eu já estava. Mais que dormir, eu queria respostas. Eu ainda não havia estado no apartamento de Patch, e mais do que nunca, eu tinha certeza de

que era o lugar onde as respostas estavam.

Eu coloquei um jeans de lavagem escura e uma camiseta preta. Porque a previsão do tempo era chuva , optei por colocar tênis e minha blusa de frio impermeável.

Tomei um táxi até a borda oriental da Coldwater. O rio brilhou como uma cobra preta larga. O esboço das chaminés das fábrica para além do rio pregavam peças durante a noite, fazendo-me pensar em monstros gigantes se eu olhasse para eles com o canto da minha visão. Quando eu caminhava para o bloco quinhentos do distrito industrial, eu encontrei dois prédios de apartamentos, ambos de três andares. Entrei no saguão do primeiro edifício. Tudo estava quieto, e eu conclui que todos estavam deitados em suas camas.

Eu verifiquei a parte de trás das caixas de correio, mas não tinha escrito Cipriano. Não que o Patch seria descuidado o suficiente para deixar o seu nome atrás, se ele realmente estava indo aos extremos para manter a sua localização fora do radar. Subi as escadas até o topo. Apartamentos 3A, B e C. Nenhum apartamento 34. Corri escada abaixo, andei um quarteirão para baixo, e tentei o segundo edifício.

Atrás da porta principal, se encontrava um lobby com telhas arranhadas e uma fina camada de tinta mal passada vermelha e preto graffiti.

Assim como o edifício anterior, caixas de correio ficavam em linha. Perto da frente, o ar condicionado que agitava e zumbia enquanto a porta para um elevador antigo de gaiola estava aberta, como mandíbulas esperando para me agarrar. Eu ignorei o elevador em favor das escadas.

O edifício tinha somente uma, para se sentir abandonado.

Um lugar onde os vizinhos mentem sobre seus próprios negócios. Um lugar onde ninguém conhecia ninguém, e segredos eram fáceis de se manter.

O terceiro andar foi uma calma. Eu passei os apartamentos 31, 32 e 33. No fundo do corredor eu encontrei o número do apartamento 34.

De repente eu me perguntei o que ia fazer se Patch estivesse em casa.

Neste ponto, eu só podia esperar que ele não estivesse. Eu bati, mas não houve resposta. Eu tentei a maçaneta da porta. Para minha surpresa, ela cedeu. Eu olhei para dentro da escuridão. Fiquei imóvel, para ouvir algum movimento.

Eu virei o interruptor de luz perto da porta, mas todas as lâmpadas estavam queimadas ou a eletricidade tinha sido cortada.

Agarrando a lanterna do meu casaco, eu entrei e fechei a porta.

O cheiro rançoso de comida estragada tomou conta de mim. Eu apontei a lanterna em direção a cozinha. Uma antiga frigideira com ovos mexidos e um galão de leite que tinha azedado ao ponto de derramar no balcão. Não era o tipo de lugar que imaginava que Patch

chamaria de casa, mas isso provava que não sabia muitas coisas sobre ele. Eu coloquei minhas chaves no meu bolso de traz e coloquei minha camisa sobre o meu nariz na tentativa de bloquear o mau cheiro. As paredes estavam nuas, com mobílias escassas.

Continuei pelo corredor até o quarto. Virei à maçaneta e empurrei a porta para dentro. O cheiro de suor e cama sem lavar impregnado no ar. Já que as luzes estavam apagadas, eu achei que era seguro abrir as cortinas, e eu forcei a janela a abrir, permitindo que entrasse ar fresco.

Um fio de água escorria acinzentada pelo quarto.

Pratos endurecidos com alimentos secos foram empilhados na cabeceira, e ao mesmo tempo na cama tinha lençóis, sem o aspecto de roupa lavada. Na verdade, a julgar pelo cheiro, elas não tinham visto sabão há meses. Uma mesa pequena com um monitor de computador encostada no canto. A memória do computador se foi, e ocorreu-me que Patch tinha tomado bastante cuidado para não deixar vestígios de si mesmo para traz.

Eu me agachei na frente da escrivaninha, abrindo e fechando gavetas.

Nada me pareceu fora do comum: lápis, e uma cópia das Páginas Amarelas. Eu estava prestes a fechar a porta quando uma Pequena caixa de joia preta chamou a atenção dos meus olhos ao lado da escrivaninha.

Eu corri minha mão embaixo da mesa, cegamente tirando a fita adesiva que prendia a caixa no lugar.

Eu levantei a tampa. Cada fio de cabelo no meu corpo estava em pé.

A caixa continha seis anéis da Mão Negra.

Na outra extremidade do corredor, a porta da frente se abriu. Eu me levantei.

Patch tinha retornado? Eu não podia deixá-lo me encontrar.

Não agora, não quando eu tinha acabado de descobrir os anéis do Mão Negra no seu apartamento.

Olhei em volta de um lugar para me esconder. A cama individual estava entre mim e o armário. Se eu tentasse andar rodear a cama, eu corria o risco de ser visto da porta. Se eu passasse sobre a cama, eu arriscaria que umas molas rangessem.

A porta da frente fechou com um clique suave. Passos duros atravessaram o linóleo da cozinha. Não vendo outra escolha, eu me impulsionei sobre o parapeito da janela, balançando as pernas para fora, e cai o mais silencioso possível para a escada de incêndio. Tentei puxar a janela em minha direção para fechá-la mas estava emperrada, recusando-se a ceder. Eu me escondi, mas continuei espreitando o apartamento.

Uma sombra apareceu na parede do corredor, aproximando-se.

Eu estava com medo que fosse isso—eu ser capturada—quando os passos recuaram.

Menos de um minuto depois, a porta da frente abriu, fechou. Um estranho silêncio mais uma vez estava se instalou sobre o apartamento.

Lentamente eu me levantei. Fiquei desse jeito um minuto, e quando eu estava certa que o apartamento estava de fato vazio, eu me arrastei para dentro. Sentindo-me subitamente visível e vulnerável, eu caminhei pelo corredor. Eu precisava ir para algum lugar calmo, onde eu poderia entender através dos meus pensamentos. O que eu estava perdendo? Patch era claramente o Mão Negra, mas como ele entrou na sociedade sangue Nefilim? Qual era o seu papel? Que diabos estava acontecendo? Eu joguei minha bolsa no meu ombro e me dirigi para a saída.

Eu tinha a minha mão na maçaneta da porta quando um barulho estranho penetrou meus pensamentos. Um relógio. O barulho, macio e rítmico de um relógio. Eu fiz uma careta e voltei para a cozinha. O som não estava lá quando eu entrei, pelo menos, eu não acho que estava. Ouvindo atentamente, eu segui o barulho abafado em toda a sala. Eu me agachei na frente do armário debaixo da pia da cozinha.

Com um alarme crescente, abri o armário. Através de todo o pânico e confusão, eu entendia a engenhoca situada polegadas dos meus joelhos. Varas de dinamite. Fita adesiva. Fios brancos, azuis e amarelos.

Eu tropecei nos meus pés e sai correndo pela porta da frente. Meus pés passavam ruidosamente nas escadas tão rapidamente que eu tinha que segurar o corrimão para não cair. No fundo, eu mirei meu caminho para a rua e continuei correndo. Sacudindo a cabeça para trás uma vez, eu vi um estalo de luz instantes antes do fogo irromper a partir das janelas do terceiro andar do edifício. A fumaça subia no meio da noite. Os restos de tijolos e madeira, laranjas brilhante quentes, caíram na rua.

O som distante de sirenes ricocheteavam os edifícios, e eu alterei a corrida e fui em direção do próximo bloco, aflita por não chamar a atenção, mas muito perturbada para fugir do cena. Quando eu dobrava a esquina, eu quebrei um irrigador de grama. Eu não sabia onde eu estava indo. Meu pulso estava alto, meus pensamentos, cambaleando. Se eu tivesse ficado no apartamento mais alguns minutos, eu estaria morta.

Um tremendo soluço escapou. Meu nariz escorria, estava com cólicas estomacais. Eu limpei os meus olhos com as costas da minha mão e tentou me concentrar nas formas que apareciam na escuridão: sinais de trânsito, carros estacionados, o meio-fio, o enganador brilho de luz das lâmpadas nas janelas. Em questão de segundos, o mundo tinha se transformado em um confuso labirinto, a verdade estava aqui e ali, deslocando para debaixo dos meus pés, desaparecendo quando eu tentei olhá-la frontalmente.

Se alguém tivesse tentado explodir as evidências deixadas no apartamento? Como os anéis do Mão Negra? Foi Patch o responsáveis?

A frente, um posto de gasolina estava à vista. Eu cambaleei para o banheiro mais longe e tranquei-me por dentro. Minhas pernas estavam vacilante, e os meus dedos tremiam tanto que isso era tudo que eu poderia fazer para ligar a torneira. Joguei água gelada no meu rosto, para

me livrar do choque.

Apoiando os braços na pia, eu arquejava e soluçava.

Eu não dormi durante trinta e seis horas, exceto rapidamente quinta à noite, quando Patch me visitou no meu sonho. Permanecer acordada durante a noite não tinha sido uma luta; toda vez que eu sentia meus olhos se fechando, uma explosão de brilho atravessava minha mente, sacudindo-me acordada. Incapaz de dormir, eu passei a noite pensando sobre Patch.

Quando Rixon me contou que Patch era o Mão Negra, ele plantou uma semente de dúvida em mim que havia inchado e floresceu com o pior tipo de violação da confiança, mas isso não havia me chocado completamente. Não ainda. Havia ainda uma parte de mim que queria chorar e abanar a cabeça veementemente pela ideia de que Patch poderia ter matado meu pai. Mordi meu lábio com força, concentrando na dor, ao invés de relembrar todas as vezes que ele acariciou minha boca com seu dedo, ou beijou a curva da minha orelha. Eu não podia pensar sobre essas coisas.

Eu não me incomodei em rastejar para fora da cama às sete para a aula de verão. Eu tinha deixado uma série de mensagens de voz para o Detetive Basso durante a manhã, então à tarde, e no início da noite, uma ligação a cada hora, nenhuma das quais ele retornou. Eu falei a mim mesma que estava ligando para checar Scott, mas, bem no fundo, eu suspeitava que somente queria saber se a policia estava perto. Tanto quanto eu não gostava do Detetive Basso, eu me sentia um pouquinho mais segura acreditando que ele estava a uma chamada de distância. Por que uma pequena parte de mim estava começando a acreditar que talvez noite passada não foi sobre destruição de provas.

E se alguém tivesse tentado me matar?

No meio de todos esses pensamentos que eu tive noite passada, eu tinha mudado as informações que tinha, tentando fazer algo se encaixar. O único fragmento claro que vinha era da sociedade de sangue Nefilim. Patch disse que o sucessor de Chauncey queria vingar sua morte. Patch jurou que ninguém poderia descobrir que a morte de Chauncey se voltava para mim, mas eu estava começando a temer o contrário. Se o sucessor sabia sobre mim, talvez noite passada fosse seu primeiro golpe de vingança.

Parecia improvável que alguém me seguiu até o apartamento de Patch tão tarde, mas se havia algo que eu sabia sobre Nefilim, era que eles eram muito bons em fazer o improvável.

Meu celular tocou no meu bolso e eu o peguei antes do primeiro toque terminar.

—Alô?

—Vamos para o Summer Solstice,— Vee disse. —Vamos comer um pouco de algodão-doce, andar em alguma coisa, talvez ficar hipnotizado e fazer coisas que fariam Girls Gone Wild serem mansas.

Meu coração, que tinha ido parar na garganta, voltou para o lugar. Não era o Detetive Basso, então. —Hey.

—O que você diz? Você está pronta para um pouco de ação? Você está pronta para Delphic?

Honestamente, eu não estava. Planejei ficar ligando para Detetive Basso a cada hora até que ele pegasse alguma chamada minha.

—Terra para babe.

—Não estou me sentindo bem,— Eu disse.

—Não sentindo bem como? Dor de barriga? Dor de cabeça? Cólicas? Intoxicação alimentar? Delphic é a cura para quase todas as coisas.

—Vou passar, obrigada de qualquer forma.

—Isso é por causa do Scott? Por que ele está na cadeia. Ele não pode te pegar. Venha se divertir. Rixon e eu não vamos nos beijar na sua frente, se for isso o que está te incomodando.

—Eu vou por meu pijama e assistir um filme.

—Você está dizendo que um filme é mais divertido que eu?

—Essa noite, sim.

—Huh. Este filme. Você sabe que eu não vou parar de te encher até que você vá.

—Eu sei.

—Então faça isso mais fácil e fale sim.

Eu suspirei. Poderia ficar em casa a noite toda e esperar pelo Detetive Basso responder as minhas chamadas, ou eu poderia sair e começar a ligar de novo quando voltasse. Além disso, ele tinha o meu número de celular e poderia me achar em qualquer lugar.

—Tudo bem.— Eu disse a Vee. —Me dê dez minutos.

No meu quarto, me espremi em um par de calças jeans skinny, vesti uma blusa engraçada e um cardigã, e terminei o look com um par de mocs de camurça. Alisei meu cabelo em um rabo baixo, deslocando-o para ficar sobre meu ombro direito. Não tendo dormido há mais de um dia inteiro, meus olhos estavam com olheiras. Passei rímel, sombra cinza e gloss, esperando que eu pudesse parecer mais entrosada do que eu me sentia. Eu deixei um recado para minha mãe na bancada da cozinha, dizendo que eu tinha ido para o Summer Solstice no Delphic. Ela não deveria voltar até amanhã de manhã, mas ela me surpreendeu frequentemente voltando mais cedo para casa. Se ela fizer isso essa noite, provavelmente será uma vez que ela desejaria não ter ido à viagem. Eu estava praticando o que eu ia falar para ela. Tanto faz o que eu diga, eu não poderia quebrar o contato visual quando eu falasse para ela que eu sabia sobre

seu caso com o Hank. E eu não poderia deixá-la falar uma palavra antes que eu falasse para ela que eu estava me mudando. Eu tinha praticado isso, eu planejei sair naquele momento. Eu queria enviar a ela uma mensagem falando que era muito tarde para falar—se ela quisesse me contar a verdade, ela teve dezesseis anos para contar. Agora era tarde demais.

Tranquei a casa e corri para encontrar Vee.

Uma hora mais tarde, Vee apertou o Neon em uma vaga entre dois caminhões gigantes que se estenderam para a nossa vaga de ambos os lados. Nós abaixamos as janelas e nos impulsionamos para fora para não riscar a pintura abrindo as portas. Atravessamos o estacionamento e pagamos nossas entradas no portão. O parque estava mais cheio que o habitual devido ao Summer Solstice—o dia mais longo do ano.

Imediatamente reconheci algumas pessoas do colégio, mas na maior parte me senti como se estivesse num mar de estranhos. Grande parte da multidão estava usando máscaras de borboleta enfeitadas com bijuterias que escondiam metade de seus rostos. Um dos vendedores devia estar vendendo-as com desconto.

—Por onde devemos começar?— Vee perguntou. —O fliperama? A casa de diversão? Os vendedores de alimentos? Pessoalmente, acho que devemos começar com a comida. Dessa forma, comer menos.

—Sua lógica?

—Se nós pararmos nos vendedores por último, vamos estar com apetite. Eu sempre como mais quando estou com apetite.

Eu não me importava por onde começássemos. Eu estava aqui somente para me distrair por algumas horas. Chequei meu celular, mas não havia chamadas perdidas. Quanto tempo levaria até Detetive Basso retornar minhas ligações? Alguma coisa teria acontecido com ele? Tinha uma nuvem negra pendurada na minha cabeça e eu não me senti pouco à vontade.

—Você parece pálida.— Vee disse

—Eu te disse. Não me sinto bem.

—Isso é por que você não comeu o suficiente. Sente. Eu vou pegar um pouco de algodão-doce e cachorro quente. Basta pensar sobre todo o prazer e a mostarda. Eu não sei você, mas já posso sentir minha cabeça clareando e meu pulso diminuindo.

—Não estou com fome, Vee.

—Claro que você está com fome. Todo mundo tem fome. Por isso os vendedores.— Antes que eu pudesse impedi-la, ela marchou para o meio da multidão.

Eu estava andando pela calçada, esperando Vee, quando meu celular tocou. O nome do Detetive Basso apareceu no visor.

—Finalmente,— Eu suspirei, atendendo o celular.

—Nora, cadê você?— Ele disse no momento que eu atendi. Ele estava falando rápido, e eu poderia dizer que ele estava desconcertado. — Scott escapou. Ele fugiu. Nós temos todos procurando por ele, mas eu queria que você ficasse bem longe dele. Eu estou indo buscá-la até isso passar. Estou no meu caminho para sua casa agora mesmo.

Minha garganta se fechou, dificultando colocar as palavras para fora.

—O que? Como ele conseguiu fugir?

Detetive Basso hesitou antes de responder. —Ele entortou as barras da cela.

Claro que ele fez isso. Ele era um Nefilim. Dois meses atrás, eu vi Chauncey esmagar meu celular com um mero aperto da sua mão. Não parecia tão irreal imaginar Scott usando sua força de Nefilim para fugir da prisão.

—Eu não estou em casa,— Eu disse. —Estou no Parque de diversões do Delphic.

Sem querer, lancei meus olhos sobre a multidão, procurando por Scott. Mas não havia como ele saber que eu estava aqui. Depois de fugir da prisão, ele provavelmente iria direto para minha casa, esperando me encontrar lá. E me senti extremamente grata a Vee por ter me arrastado pra sair essa noite. Scott provavelmente estava na minha casa nesse minuto—

O celular escorregou um pouco pela minha mão. O recado. Na bancada. O que eu tinha deixado para minha mãe, dizendo que tinha ido para o Delphic.

—Eu acho que ele sabe onde estou.— Eu contei ao Detetive Basso, sentindo os primeiros sinais de pânico. —Em quanto tempo você pode chegar aqui?

—Delphic? Trinta minutos. Vá para a segurança. Faça o que fizer, mantenha seu telefone com você. Se vir Scott, me ligue imediatamente.

—Eles não tem segurança em Delphic.— Eu disse, minha boca ficando como pó. Todos sabiam o porquê de não ter segurança, um dos vários motivos da minha mãe não gostar que eu viesse aqui.

—Então, saia daí.— Ele rugiu. —Dirija de volta a Coldwater e encontre-me na estação. Você pode fazer isso?

Sim, eu poderia fazer isso. Vee me daria uma carona. Eu já estava andando na direção que ela saiu, olhos procurando ela na multidão. Detetive Basso suspirou. —Você vai ficar bem. Só... venha logo. Vou enviar o restante da força para Delphic para ir atrás de Scott. Nós vamos achá-lo.— A ansiedade em sua voz não me consolou.

Eu desliguei. Scott estava solto. A policia estava a sua procura, e isso tudo vai acabar bem assim que eu sair daqui. Eu esbocei um plano rápido. Primeiro, eu precisava encontrar Vee. Eu também tive que começar fora de campos abertos. Se Scott estivesse descendo o caminho nesse momento, ele me veria.

Eu estava correndo para os vendedores de alimentos quando minhas costelas foram

atingidas por uma cotovelada por trás. Algo sobre a força me acotovelando me disse que foi mais do que um acidente. Me virei, e antes de completar um círculo completo, meu cérebro formigou uma vez que registrou um rosto familiar. A primeira coisa que eu percebi foi o brilho do brinco de prata em sua orelha. A segunda coisa que eu percebi foi quão machucada estava sua face. Seu nariz estava quebrado—torto e moído em vermelho escuro. O hematoma abaixo dos dois olhos,

virando roxo. A próxima coisa que eu percebi, Scott me segurava pelo cotovelo e me conduzia para baixo na calçada.

—Tire suas mãos de mim,— Eu disse, lutando contra ele. Mas ele era mais forte, e seu aperto se intensificou.

—Claro Nora, depois de você me falar onde está.

—Onde está o que?— Eu disse, minha voz passiva e agressiva.

Ele riu sem humor.

Mantive minha expressão tão opaca quanto pude, mas meus pensamentos estavam correndo. Se eu falasse que o anel estava na minha casa, ele sairia do parque. Ele provavelmente iria me arrastar com ele. Quando a polícia chegasse, eles veriam que ambos fomos embora. Não era como se eu pudesse chamar o Detetive Basso e falar para ele que nós estávamos indo para minha casa. Não com Scott em pé perto de mim. Não, eu tinha que mantê-lo aqui, no parque.

—Você deu o anel para o namorado da Vee? Você acha que ele poderia proteger aquilo de mim?— Eu sei que ele não é—normal.— Os olhos de Scott mostrou aquela mesma incerteza aterrorizante. —Eu sei que ele pode fazer coisas que outras pessoas não podem.

—Como você?

Scott olhou para mim. —Ele não é como eu. Ele não é o mesmo. Isso é o máximo que eu posso falar. Eu não vou te machucar, Nora. Tudo o que eu preciso é o anel. Me de ele, e você nunca me verá novamente.

Ele estava mentindo. Ele iria me machucar. Ele estava desesperado o suficiente por fugir da prisão. Nada era tão extremo nesse ponto—ele iria pegar o anel

de novo, não importa o que custasse. Adrenalina bombou através das minhas pernas e eu não podia pensar claramente. Mas em algum lugar no fundo da minha mente, meu senso de sobrevivência me falou que eu precisava me encarregar da situação. Eu precisava encontrar um jeito de me separar de Scott. Cegamente, seguindo meus instintos, eu disse, —Eu tenho o anel.

—Eu sei que você tem ele,— ele disse impacientemente. —

Onde?

—Aqui. Eu o trouxe comigo.

Ele considerou por um momento, então puxou minha bolsa do meu braço e abriu-a, procurando.

Eu balancei minha cabeça. —Eu joguei fora.

Ele empurrou a bolsa de novo para mim, e eu peguei, segurando-a contra meu peito. —Onde?— Perguntou ele.

—Em um lixo perto da entrada.— Eu falei automaticamente. —Dentro de um dos banheiros femininos.

—Me mostre.

Enquanto fizemos nosso caminho calçada abaixo, eu ordenei a mim mesma para ficar calma tempo o suficiente para planejar meu próximo passo. Eu poderia correr? Não. Scott me pegaria. Eu poderia me esconder em um dos banheiros femininos? Não por tempo indeterminado, não. Scott não era tímido, e ele não teria problema em ir atrás de mim se isso significasse receber o que ele queria. Eu ainda tinha meu celular, no entanto. No banheiro feminino, eu poderia ligar para o Detetive Basso.

—Esse,— Eu falei, apontando para um dos abrigos de concreto.

A entrada para o banheiro feminino estava em frente, em um trecho de declive de cimento, com o banheiro dos homens atrás. Scott agarrou-me pelos ombros e me sacudiu. —Não minta para mim. Eles vão me matar se eu perdê-lo. Se você estiver mentindo para mim, eu vou...

Ele se conteve, mas eu sabia o que ele tinha estado a ponto de dizer. Se você estiver mentindo para mim, eu vou matar você.

—Está no banheiro.— Concordei, mais para convencer eu mesma que eu poderia fazer isso do que para tranquilizá-lo. —Eu vou pegar ele. E então você vai me deixar sozinha, certo?

Ao invés de responder, Scott empurrou a mão, pegando no meio da minha barriga. —Seu telefone.

Meu coração se atrapalhou. Vendo nenhuma outra chance, eu peguei meu celular e estendi para ele. Minha mão tremia um pouco, mas eu estabilizei-a, recusando deixar ele saber que eu tinha um plano, ou então ele teria aniquilando-o.

—Você tem um minuto. Não tente nada estúpido.

Dentro do banheiro, eu fiz uma pesquisa rápida. Cinco torneiras contra uma parede, e cinco cabines contra a parede oposta. Duas garotas da faculdade estavam na pia, uma espuma de bolhas cobrindo suas mãos. Havia uma pequena janela na parede mais longe, e estava escancarada. Sem perder mais tempo, eu coloquei meu pé na última pia e me impulsionei para subir. A janela estava no nível dos meus cotovelos agora, e enquanto não havia uma tela para me bloquear, seria apertado passar por ela. Eu podia sentir os olhos de todo mundo sobre mim, mas ignorei eles e me icei até a borá, mal percebendo o salpico de cocos de pássaros ou

teias de aranha.

Quando eu empurrei a vidraça aberta, ela se soltou e caiu no chão com um ruído. Eu respirei ruidosamente, pensando. Scott tinha ouvido, mas a multidão nas calçadas abafou o som. Apoiando meu estômago no peitoril da janela, eu levantei minha perna esquerda, empurrando-a contra meu corpo até eu ser capaz de rola-la pela janela. Eu contorcia pelo resto do caminho passado, minha perna direita deslizando por ultimo. Eu me pendurei no parapeito pelos dedos, em seguida cai para a calçada no exterior. Eu fiquei agachada por um momento, meio que esperando Scott dar a volta no edificio.

Então eu corri em direção a calçada na entrada principal do parque e entrei no meio da multidão.

A escuridão estava se alongando através do céu, eclipsando os pálidos raios de luz que irradiavam a partir do horizonte. Eu andei com pressa para a saída do parque. Eu podia ver os portões a frente. Quase ali. Eu estava empurrando através da oral da multidão quando eu parei. Menos de duzentos metros de distância, Scott estava andando para lá e para cá nos portões, seus olhos varrendo o esmagamento de corpos entrando e saindo pelos portões. Ele descobriu que eu havia escapado do banheiro e estava bloqueando a única maneira de sair do parque. Uma cerca elétrica com arame farpado cercava o parque, e a única maneira de sair era através dos portões. Eu sabia disso, e Scott sabia.

Me virei abruptamente e me misturei de novo entre a multidão, verificando atrás de mim a cada poucos segundos para ter certeza que Scott não me viu.

Eu segui um caminho entrando mais no parque no pressuposto de que o último lugar que vi Scott foi nos portões, e era meu principal interesse ir mais longe que pudesse. Eu poderia me esconder na escuridão da casa de diversão até que a policia chegasse, ou eu poderia pegar a via mais alta acima do parque, onde eu poderia ser capaz de ver Scott abaixo e ser capaz de ficar de olho nele. Enquanto ele não olhasse para cima, eu estaria bem. Claro, se ele me visse, eu não tinha dúvidas que ele estaria me esperando no fim da via. Eu decidi me manter em movimento, ficar nos pontos de movimento mais pesado, e esperar isso acabar.

A bifurcação do passeio na Roda-Gigante, um caminho que se ramificava um para as atrações na água, o outro guiava para a montanha russa do Arcanjo. Eu segui o segundo quando eu vi Scott. Ele me viu, também. Nós estávamos em caminhos paralelos, os teleféricos separando- nos. Um menino e uma menina pegaram seus assentos em uma cadeira que virou o transportador, momentaneamente quebrando nosso contato visual. Eu aproveitei esse momento para correr.

Me enfiei através da multidão, mas os passeios estavam congestionados, sendo difícil me mover mais rápido do que 'pare e ande'. Pior, as calçadas nessa sessão do parque eram rodeadas de sebes altas, espremendo o tráfego através de um labirinto de curvas e voltas. Eu não ousei olhar para trás, mas eu sabia que Scott não poderia estar muito longe. Ele não tentaria algo na frente de todas essas pessoas, tentaria? Eu balancei minha cabeça para espantar o pensamento, e concentrei instantaneamente em onde eu estava indo. Eu tinha ido a Delphic apenas três ou quatro vezes antes, sempre a noite, e não sabia o mapa bem. Eu poderia ter me chutado por não pegar um mapa na minha maneira. Eu achei absurdamente irônico que trinta segundos atrás eu estava fugindo da saída, agora era a única coisa que eu tinha em mente.

—Hey! Cuidado!

—Com licença,— Eu disse, ofegante. —Qual o caminho para a saída?

—Onde está o fogo, cara?

Eu encontrei meu caminho depois da multidão. —Com licença. Eu tenho que passar... com licença.— Acima das sebes, as luzes dos passeios brilhavam e brilhavam contra o pano de fundo da noite. Eu parei em um cruzamento, tentando me orientar. Direita ou esquerda? Que caminho me levaria mais rápido para a saída?

—Aí está você.— A respiração de Scott aqueceu minha orelha. Ele colocou sua mão no meu pescoço, enviando pontadas de calafrios a ricochetear nos meus ossos.

—Ajuda!— Eu gritei por instinto. —Alguém me ajude!

—Minha namorada,— Scott explicou para as poucas pessoas que fizeram uma pausa o suficiente para dirigir a atenção deles para nós. — Este é um jogo que jogamos.

—Eu não sou sua namorada!— Eu gritei em pânico. —Tire suas mãos de mim!

—Vem cá, querida.— Scott me apertou em seus braços, prendendo-me contra ele. —Eu avisei para não mentir para mim—, ele murmurou no meu ouvido. —Eu preciso do anel. Eu não quero te machucar, Nora, mas eu vou, se você me obrigar.

—Tire ele de mim!— Eu gritei para qualquer um que escutasse.

Scott segurou meu braço atrás das minhas costas. Falei entre dentes, tentando combater a dor. —Você está louco?— Eu disse. —Eu não tenho o anel. Eu o dei a polícia. Na noite passada. Vá pegá-lo deles.

—Pare de mentir!— Ele rosnou.

—Fale com eles você mesmo. É a verdade. Eu dei a eles. Eu não o tenho.— Fechei os olhos, rezando para que ele acreditasse em mim e soltasse meu braço.

—Então você vai me ajudar a recuperá-lo.

—Eles não vão entregar para mim. É uma evidência. Eu falei para eles que era o seu anel.

—Eles vão dar para trás.— Ele disse lentamente, como se ele estivesse formando um plano de como ele iria pegar. —Se eu trocar você pelo anel.

Tudo se encaixou no lugar. —Você vai me prender como refém? Me trocar pelo anel? Ajuda!— Eu gritei. —Alguém tira ele de perto de mim.

Uma das pessoas que estavam por perto riu.

—Isso não é uma piada!— Eu gritei, sentindo o sangue subir no meu pescoço, terror e desespero me consumindo. —Tire ele—

Scott selou minha boca com sua mão, mas eu tinha meu pé livre, e chutei ele na caneca. Ele deu um grunhido de dor e se curvou.

Seus braços afrouxaram ligeiramente diante a surpresa do ataque, e eu me libertei. Cambaleei um passo para trás, vendo a agonia torcendo o seu rosto, em seguida, virei-me e fugi, vendo vislumbres da via por entre a multidão. Tudo o que eu tinha que fazer era ir para fora. A polícia estava próxima. Então eu estaria segura. Segura! Eu repeti a palavra freneticamente como uma motivação para manter minha cabeça e não sucumbir ao pânico. Havia uma luz pálida no oeste, e usei isso para me orientar para o norte. Seu eu continuasse para o norte, o caminho eventualmente me levaria aos portões.

Uma explosão aniquilou minha orelha. Isso me assustou muito, eu tropecei e cai de joelhos. Ou talvez eu tivesse agido reflexivamente, porque havia outros a minha volta que caíram no pavimento também. Houve um momento de silêncio arrepiante, então todo mundo estava gritando e lutando em todas as direções.

—Ele tem uma arma!— As palavras indistintas em meus ouvidos soaram muito distante.

Mesmo não tendo uma parte de mim que quisesse, eu me encontrei voltando. Scott estava segurando sua lateral, o líquido vermelho florescendo através de sua camisa. Sua boca estava aberta, seus olhos arregalados com o choque.

Ele caiu em um joelho, e eu vi alguém em pé a alguns metros, segurando uma arma. Rixon. Vee estava do seu lado, sua mão sobre a boca apertada, sua face branca como uma folha.

Houve uma debanda caótica de pés e pernas e pânico, gritos arrepiantes, e eu corri para a lateral do caminho, tentando evitar ser pisoteada.

—Ele está fugindo!— Eu ouvi Vee gritando. —Alguém o pare!

Rixon disparou vários tiros, mas desta vez ninguém caiu. Em fato, a pressa parece ter se intensificado. Fiquei de pé e olhei de volta para onde eu tinha visto Rixon e Vee pela última vez. O eco dos tiros ainda ecoando nos meus ouvidos, mas eu vi as palavras como se elas tivessem saído da boca de Rixon. Por aqui. Ele agitou o braço livre através do ar. No que parecia em câmera lenta, eu lutei contra o fluxo de pessoas e corri para ele.

—Que merda é essa?— Vee gritou. —Porque você atirou nele, Rixon?

—Apreensão Civil.— Ele disse. —Bem, isso, e Patch me disse para.

—Você não pode atirar nas pessoas só porque Patch disse para atirar!— Vee falou, seus olhos selvagens. —Você vai ser preso. O que devemos fazer agora?

—A polícia está a caminho.— Eu disse —Eles sabem sobre Scott.

—Nós temos que sair daqui!— disse Vee, ainda histérica, agitando os braços e andando alguns passos, apenas para girar e voltar para onde ela estava. —Eu vou levar Nora para a delegacia. Rixon, vá pegar Scott, mas não atire nele de novo—amarre-o como da ultima vez!

—Nora não pode atravessar os portões.— Rixon disse. —Isso é o que ele está esperando. Eu sei outro jeito para sair. Vee, vá pegar o Neon e nos encontre ao sul do fim do

estacionamento, perto das lixeiras.

—Como é que você vai sair daqui?— Vee quis saber.

—Através dos túneis subterrâneos?

—Há túneis subterrâneos em Delphic?— Vee perguntou.

A multidão se dispersou, deixando o caminho vazio. Eu podia continuar escutando os gritos de pânticos ecoando ao longe, mas soou como um mundo diferente. Vee hesitou um momento, então deu um aceno de cabeça decidido. —Só vá logo, ok?

—Há um quarto mecânico no porão da casa de diversão.— Rixon explicou para mim enquanto caminhávamos apressadamente para o caminho oposto. —Tem uma porta que leva para os túneis subterrâneos de Delphic. Scott deve ter ouvido falar nos túneis, mas ele não sabe aonde vamos sair e não vai nos seguir, não tem jeito dele nos achar. É um labirinto lá embaixo, e se prolonga por quilômetros.— Ele deu um sorriso nervoso.

—Não se preocupe, Delphic foi construída por anjos caídos. Não eu, em particular, mas alguns dos meus companheiros ajudaram. Eu sei as rotas de cabeça. Er, na maior parte.

QUANTO MAIS NÓS NOS APROXIMÁVAMOS DA CABEÇA DO PALHAÇO sorrindo, que conduzia a entrada da casa de diversão, os gritos distantes foram substituídos por uma musica assustadora de carnaval da caixa de som, retumbando alto dentro da casa de diversão. Eu entrei pela boca do palhaço, e o chão deslocou. Estendi a mão para me equilibrar, mas as paredes viraram, rodando sob minhas mãos. Meus olhos se ajustaram com as luzes filtradas através da boca do palhaço atrás de mim, e eu vi que estava dentro de um tambor rotativo que parecia rodar para sempre. O barril estava pintado com listras alternadas de vermelho e branco, mas desfocadas juntas se confundiam em um rosa estonteante.

—Aqui,— Disse Rixon, me guiando através do barril.

Eu coloquei um pé na frente do outro, deslizando e tropeçando para frente. No final, eu pisei em terra firme só para ter um jato gelado atirado para cima do chão. O frio passou pela minha pele e eu pulei para o lado suspirando assustada.

—Não é real,— Rixon me assegurou. —Nós temos que continuar. Se Scott decidir procurar nos túneis, nós temos que vencê-lo lá dentro.

O ar da sala era viciado e úmido, e cheirava a ferrugem. A cabeça de palhaço estava em uma parte distante da memória agora. A única luz vinha das luzes vermelhas do teto cavernoso que brilhava tempo o suficiente para iluminar um esqueleto pendurado, mostrando zumbis ou vampiros levantando do caixão.

—Qual a distância?— Eu perguntei para Rixon sobre a distorcida cacofonia de buzinas, gargalhadas e gemidos que ecoaram por toda parte.

—A sala mecânica está bem à frente. Depois disso, nós vamos estar nos túneis. Scott está sangrando muito. Ele não vai morrer—Patch me falou tudo sobre ele ser Nefilim, certo?—Mas ele poderia desmaiar devido a perda de sangue. As chances são, ele não vai encontrar a entrada dos túneis antes que ele desmaie. Nós vamos estar de volta na superfície antes que você saiba disso.— Sua confiança soou um pouco inflada, um pouco otimista demais.

Nós nos apressamos, e eu senti a sensação estranha de que estávamos sendo seguidos. Virei pra trás, mas a escuridão estava consumindo tudo. Se alguém estava lá, eu não podia ver.

—Você acha que Scott poderia ter nos seguido?— Eu perguntei a Rixon, mantendo minha voz baixa.

Rixon parou, se virou. Ouviu. Depois de um momento, ele disse com certeza, —Não há ninguém lá.

Continuamos nosso caminho de modo apressado em direção a sala mecânica, quando outra

vez senti uma presença atrás de mim. Meu couro cabeludo formigava, e eu olhei por cima do meu ombro. Dessa vez, o esboço de um rosto se materializou através da escuridão. Eu quase gritei, e então o contorno se solidificou em uma face distinta e familiar.

Meu pai.

Seu cabelo loiro era brilhante contra a escuridão, os olhos brilhantes, embora tristes. Eu te amo.

—Pai?— Eu sussurrei. Mas eu dei um passo cauteloso para trás. Eu me lembrei da última vez. Ele era um truque. Uma mentira.

Me desculpe, eu tive que deixar você e sua mãe.

Eu quis que ele desaparecesse. Ele não era real. Ele era uma ameaça. Ele queria me machucar. Lembrei da maneira em que ele puxou meu braço através da janela do sobrado e tentou me cortar. Eu lembrei como ele me perseguiu através da biblioteca.

Mas sua voz era a mesma gentileza persuasiva que ele usou na primeira vez na casa da cidade velha. Não a voz dura, afiada que havia substituído. Era a voz dele.

Eu te amo, Nora. Aconteça o que acontecer, prometa que você vai se lembrar disso. Eu não me importo como ou porque você veio para minha vida, só que você fez isso. Eu não me lembro de todas as coisas que eu fiz errado. Eu me lembro do que fiz certo. Me lembro de você. Você fez minha vida significativa. Você tornou minha vida especial.

Balancei a cabeça, tentando varrer a sua voz, perguntando por que Rixon não disse nada— ele não podia ver meu pai? Não havia nada que pudéssemos fazer para ele ir embora? Mas a verdade da questão é que eu não queria que a sua voz parasse. Eu não quero que ele se vá. Eu queria que ele fosse real. Eu precisava dele para colocar os braços dele em torno de mim e me falasse que tudo ficaria bem. Acima de tudo, eu desejava que ele viesse para casa.

Me prometa que vai se lembrar.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Eu prometo, eu pensei de volta, mesmo sabendo que ele não podia me ouvir.

Um anjo da morte me ajudou a vir aqui para vê-la. Ela ainda está arranjando tempo para nós, Nora. Ela está me ajudando a falar com a sua mente. Há algo importante que eu preciso lhe dizer, mas eu não tenho muito tempo. Eu tenho que voltar logo, e eu preciso de você escute atentamente.

—Não—, eu me engasguei, minha voz saia estrangulada. —Eu vou com você. Não me deixe aqui. Eu vou com você! Você não pode me deixar outra vez!

Eu não posso ficar, baby. Eu pertenço em algum outro lugar agora.

—Por favor não vá—, eu soluçava, segurando meus punhos contra o meu peito, como se eu pudesse impedir meu coração de inchar. Um pânico desesperado apoderou-se de mim quando

eu pensei nele me deixando novamente.

Meu puro senso de abandono compensou tudo.

Ele ia me deixar aqui. Na casa de diversão. No escuro, sem ninguém para me ajudar exceto Rixon. —Por que você está me deixando mais uma vez? Eu preciso de você!

Encoste nas cicatrizes do Rixon. A verdade está lá.

O rosto de meu pai retrocedeu para a escuridão. Estendi a mão para detê-lo, mas seu rosto se transformou em uma névoa quando encostei.

Os fios branco prateado dissolveram na escuridão.

—Nora?

Eu olhei para o som da voz de Rixon. —Temos que nos apressar —, ele disse, como se não tivesse passado muito tempo. —Nós não desejamos nos encontrar com Scott na entrada do túnel, onde começa todas as outras entradas.

Meu pai tinha ido embora. Por razões que eu não poderia explicar, eu sabia que tinha visto ele pela última vez. A dor e a perda eram insuportáveis.

No momento em que eu mais precisava dele, quando eu estava me dirigindo para entrar nos túneis, assustada e perdida, ele me deixou para lidar com isso sozinha.

—Eu não consigo ver onde estou indo—, gaguejei, golpeando meus olhos secos, tendo um processo frustrante de tentar centrar os meus pensamentos em um objetivo específico: chegar ao túneis e encontrar Vee do outro lado. —Eu preciso de algo para segurar.

Rixon impaciente me entregou a bainha de sua camisa. — Segure na parte de trás da minha camisa e me siga. Continue. Nós não temos muito tempo.

Eu apertei o algodão usado entre os dedos, o meu coração batia mais forte. A centímetros de distância estava sua pele das costas nua. Meu pai tinha me dito para tocar suas cicatrizes, o que seria muito fácil agora. Tudo o que eu tinha que fazer era escorregar minha mão...

E sucumbir à sucção escura que me engoliria inteira...

Lembrei-me das vezes que eu havia tocado as cicatrizes de Patch, e como eu tinha sido momentaneamente transporta para dentro de sua memória. Sem sombra de dúvidas, eu sabia que tocar as cicatrizes de Rixon iria fazer a mesma coisa.

Eu não queria ir. Eu queria manter meus pés debaixo de mim, entrar nos túneis, e sair de Delphic.

Mas o meu pai tinha voltado para me dizer onde encontrar a verdade.

Tudo o que eu veria no passado de Rixon, tinha de ser importante. Do mesmo jeito que doía

saber que meu pai me deixou aqui, eu tinha que confiar nele. Eu tinha que confiar que ele arriscou tudo para me dizer.

Eu deslizei minha mão até a parte de dentro da camisa do Rixon. Eu senti a pele lisa... Então um cume acidentado de tecido com cicatriz. Eu bati minha mão contra a cicatriz, esperando para ser puxada para um mundo estranho e diferente.

A rua estava silenciosa, escura. As casas que estavam em ambos os lados dela foram abandonadas, caindo aos pedaços. Grades eram pequenas e fortes.

As janelas foram ou quebradas ou pixadas. Uma geada pesada me pegou.

Duas explosões romperam o silêncio. Eu me virei para encarar a casa do outro lado da rua. Tiros? Eu pensei em pânico. Eu imediatamente procurei no meu bolso meu telefone celular, para ligar para o 911, quando me lembrei que estava presa na memória de Rixon. Tudo o que eu estava vendo já tinha acontecido. Eu não podia mudar nada agora.

O som de passos correndo atravessou a noite, e eu vi em choque como o meu pai andou através do portão da casa do outro lado da rua e desapareceu ao redor do pátio lateral.

Sem esperar, andei atrás dele.

—Papai!— Eu gritei, incapaz de frear. —Não vá para lá! —Ele estava vestindo a mesma roupa com a qual ele tinha ido na noite que ele morreu. Eu empurrei o portão e encontrei-o no atrás da casa. Soluçando, eu joguei meus braços ao redor dele. —Nós temos que voltar. Temos que sair daqui. Algo horrível vai acontecer.

Meu pai atravessou meus braços, atravessando para uma pequena parede de pedra que havia ao lado da propriedade. Ele avançou até o parede em um pulo, olhos treinados na porta dos fundos da casa. Eu me inclinei na sebe, coloquei minha cabeça entre os braços, e chorei. Eu não quero ver isso. Ele não sabia quanta dor eu já sofri?

—Última chance—. As palavras foram ditas de dentro da casa, escondido pela porta de trás aberta.

—Vá para o inferno.

Outra explosão, e eu cai de joelhos, me pressionando contra a sebe, disposta a por um fim na memória.

—Onde ela está?— A pergunta foi feita tão baixa, de modo calmo que eu quase não pude ouvir sobre meu choro suave.

Com o canto do olho, eu vi meu pai passar. Ele rastejou através do quintal, se movendo em direção à porta. A arma estava em sua mão, e ele a levantou, tendo um objetivo. Corri para ele, pegando em suas mãos, tentando tirar a arma dele, tentando empurrá-lo para as sombras. Mas eu era como um fantasma—minhas mãos passaram por ele.

Meu pai puxou o gatilho. O tiro cortou a noite, rasgando o silêncio. Ele disparou de novo e

de novo. Apesar de não querer, eu entrei na casa, vendo o corpo magro e jovem que meu pai estirou atirando pelas costas. Além dele, o outro homem sentou no chão, as costas apoiadas no lado do sofá. Ele estava sangrando, e sua expressão era de retorcida de dor e medo.

Confusa, eu percebi que era Hank Millar.

—Corra!— Hank gritou para o meu pai. —Deixe-me para trás! Corra e se salve!

Meu pai não correu. Ele segurou a arma, atirou de novo e de novo, disparando balas na porta aberta, onde o jovem de boné de beisebol azul parecia indiferente a elas. E depois, muito lentamente, ele virou o rosto para o meu pai.

Rixon agarrou o meu punho, dando um aperto firme. —Tome cuidado nos negócios de quem você sai fuçando.— Sua mandíbula estava fixa com raiva, suas narinas alargando-se ligeiramente. —Talvez as coisas sejam assim com o Patch, mas ninguém toca nas minhas cicatrizes.— Ele arqueou suas sobrancelhas de maneira significativa.

Meu estômago foi apertado com um nó tão forte que eu quase me dobrei. —Eu vi o meu pai morrer,— eu falei sem pensar, golpeada pelo terror.

—Você viu o assassino?— Rixon perguntou, balançando o meu punho para me puxar para o presente.

—Eu vi o Patch por trás,— eu arfei. —Ele estava usando o boné dele.

Ele assentiu, como se aceitando que o que eu tinha visto não podia ser desfeito. —Ele não queria esconder a verdade de você, mas ele sabia que se te contasse, ele te perderia. Aconteceu antes dele te conhecer.

—Não ligo quando isso aconteceu,— eu disse, minha voz aguda e trêmula. —Ele precisa ser levado à justiça.

—Você não pode levá-lo à justiça. Ele é o Patch. Se você denunciá-lo, você realmente acha que ele deixará os policiais levarem-no?

Não, eu não achava. A polícia não significava nada para o Patch. Só os arcanjos podiam detê-lo. —Só tem uma coisa que eu não entendo. Havia só três pessoas na lembrança. Meu pai, Patch, e Hank Millar. Os três viram o que aconteceu. Então como eu vi isso pela sua lembrança?

Rixon não disse nada, mas as linhas ao redor da sua boca se apertaram.

Um novo pensamento horrível assentou sobre mim. Toda a certeza sobre o assassino do meu pai evaporou. Eu vira o assassino por trás e assumira que fora o Patch, por causa do boné. Mas quanto mais eu considerava a lembrança, mais eu tinha certeza de que o assassino era magricela demais para ser o Patch, o recorte de seus ombros angulares demais.

De fato, o assassino parecia bastante com...

—Você o matou,— eu sussurrei. —Foi você. Você estava usando o boné do Patch.— O choque do momento foi rapidamente devorado pela aversão e por um medo frio como o gelo. —Você matou o meu pai.

Qualquer traço de bondade ou simpatia desapareceu dos olhos do Rixon. —Bom, isso é embaraçoso.

—Você estava usando o boné do Patch naquela noite. Você o emprestou, não foi? Você não podia matar o meu pai sem assumir outra identidade. Você não podia fazer isso sem se remover da situação,— eu disse, aproveitando tudo que eu me lembrava da unidade sobre psicologia da minha aula de saúde no primeiro ano. —Não. Espera. Não foi isso. Você fingiu ser o Patch porque você gostaria de ser ele. Você tem ciúmes dele. É isso, não é? Você preferia ser ele—

Rixon agarrou as minhas bochechas, me forçando a parar. —

Cala a boca.

Eu recuei, minha mandíbula doendo onde ele havia me apertado. Eu queria me jogar nele, atingindo-o com tudo que eu tinha, mas eu sabia que precisava ficar calma. Eu precisava descobrir o que conseguisse. Eu estava começando a achar que Rixon não tinha me trazido para os túneis para me ajudar a escapar. Pior, eu estava começando a achar que ele não tinha intenção alguma de me levar para cima de novo.

—Ciúmes dele?— ele disse cruelmente. —Claro que tenho ciúmes. Não é ele que está pegando o caminho mais curto para o inferno. Nós estávamos nessa juntos, e agora ele foi e conseguiu suas asas de volta.— Os olhos dele me varreram com nojo. —Por sua causa.

Eu balancei a minha cabeça, não engolindo isso. —Você matou o meu pai antes de saber quem eu era.

Ele riu, mas faltava humor. —Eu sabia que você estava aí em algum lugar, e eu estava te procurando.

—Por quê?

Rixon deslizou a arma debaixo de sua camiseta e usou-a para gesticular mais adentro da casa de diversão. —Continua andando.

—Onde estamos indo?

Ele não respondeu.

—A polícia está a caminho.

—Dane-se a polícia,— Rixon disse. —Eu terei terminado antes deles chegarem aqui.

Terminado?

Fique calma, eu disse a mim mesma. Enrole. —Você vai me matar agora que eu sei da verdade? Agora que eu sei que você matou o meu pai?

—Harrison Grey não era o seu pai.

Eu abri a minha boca, mas a justificativa que eu esperava que saísse voando dela, não saiu. A única imagem estendida pelo primeiro plano da minha mente era da Marcie parada em seu

jardim da frente, me dizendo que Hank Millar podia ser o meu pai. Eu senti o meu estômago oscilar. Isso queria dizer que a Marcie estivera dizendo a verdade? Por dezesseis anos eu fora deixada no escuro sobre a verdade por trás da minha família? Eu me perguntei se o meu pai soubera disso —meu pai verdadeiro. Harrison

Grey. O homem que tinha me criado e me amado. Não o meu pai biológico, que tinha me abandonado. Não Hank Millar, que, por mim, podia ir pro inferno.

—O seu pai é um Nephil chamado Barnabas,— Rixon disse. — Mais recentemente, ele atende pelo nome de Hank Millar.

Não.

Eu dei um passo para o lado, tonta com a verdade. O sonho. O sonho do Patch. Era uma lembrança verdadeira. Ele não estivera mentindo. Barnabas —Hank Millar —era um Nefilim.

E ele era o meu pai.

Meu mundo ameaçou colidir ao meu redor, mas eu me forcei a ficar neste instante por um pouquinho mais. Bem nos fundos da minha mente, eu chacoalhei a minha memória, tentando me lembrar freneticamente de onde tivera escutado o nome Barnabas antes. Eu não conseguia situá-lo, mas sabia que não era a primeira vez que o ouvia. Era incomum demais para esquecê-lo. Barnabas, Barnabas, Barnabas...

Eu lutei para juntar duas pontas soltas. Por que o Rixon estava me contando isso? O que ele sabia sobre o meu pai biológico? Por que ele se importava? E então eu lembrei. Uma vez, quando eu tocara nas cicatrizes do Patch e tinha entrado nas suas lembranças, eu ouvira-o falar sobre seu vassalo Nephil, Chauncey Langeais. Ele também falara sobre o vassalo do Rixon, Barnabas...

—Não,— eu sussurrei, a palavra escorregando.

—É.

Eu queria correr desesperadamente, mas as minhas pernas pareciam feitas de madeira, duras como postes.

—Quando o Hank engravidou a sua mãe, ele já tinha ouvido rumores o bastante sobre o Livro de Enoque para se preocupar que eu viesse procurar o bebê, especialmente se fosse uma garota. Então ele fez a única coisa que podia. Ele a escondeu. Você. Quando Hank contou ao amigo dele, Harrison Grey, que a sua mãe estava com problemas, ele concordou em casar com ela e fingir que você era dele.

Não, não, não. —Mas sou descendente do Chauncey. Do lado do meu pai. Do lado de Harrison Grey. Tenho uma marca no meu punho que prova isso.

—É, você descende. Há muitos séculos, Chauncey se divertiu com uma garota ingênua do interior. Ela teve um filho. Ninguém achou nada demais desse garoto, ou de seus filhos, ou dos

filhos destes, e assim por diante durante séculos, até que um de seus filhos dormiu com uma mulher fora do casamento. Ele injetou o nobre sangue Nefilim de seu ancestral, o duque de Langeais, em outra linhagem. A linhagem que eventualmente produziu Barnabas, ou Hank, como ele parece preferir mais recentemente.— Rixon gesticulou impacientemente para eu somar dois mais dois. Eu já tinha.

—Você está dizendo que tanto Harrison quanto Hank têm o sangue Nefilim do Chauncey,— eu disse. E Hank, um Nephil de primeira geração e de raça pura, era imortal, enquanto o sangue Nefilim do meu pai, diluído durante séculos exatamente como o meu, não era. Hank, um homem que eu mal conhecia e respeitava ainda menos, podia viver para sempre. Enquanto o meu pai tinha ido para sempre.

—Estou, amor.

—Não me chame de amor.

—Você prefere Anjo?

Ele estava zombando de mim. Brincando comigo, porque me tinha bem onde ele queria. Eu passara por isso uma vez antes, com Patch, e eu sabia o que estava por vir. Hank Millar era o meu pai biológico e o vassalo Nephil do Rixon. Rixon ia me sacrificar para matar o Hank Millar e conseguir um corpo humano.

—Eu posso ter respostas de última hora?— eu perguntei, meu tom espreitando-se na direção de desafiador, apesar do meu medo.

Ele deu de ombros. —Por que não?

—Eu achava que só Nefilim de primeira geração e de raça pura podiam jurar fidelidade. Para que o Hank fosse da primeira geração, ele teria que ter pais humanos e anjos caídos. Mas o pai dele não era um anjo caído. Ele era um dos descendentes masculinos do Chauncey.

—Você está negligenciando o fato de que homens podem ter casos com anjos caídos fêmeas.

Eu balancei a minha cabeça. —Anjos caídos não têm corpos humanos. Fêmeas não podem dar a luz. Patch me contou.

—Mas uma anjo caído fêmea, possuindo um corpo humano feminino durante Cheshvan, pode produzir um bebê. A humana pode dar a luz ao bebê muito depois do Cheshvan, mas o bebê está maculado. Foi concebido por um anjo caído.

—Isso é revoltoso.

Seu sorriso dissipou-se. —Eu concordo.

—Por uma curiosidade mórbida, quando você me sacrificar, o seu corpo simplesmente se torna humano, ou você possui outro corpo humano de vez?

—Eu me torno humano.— Sua boca curvou ligeiramente. — Então se você voltar para me assombrar, saiba que estará procurando por essa mesma carinha linda minha.

—Patch pode aparecer a qualquer minuto agora e te parar,— eu disse, tentando ser forte, mas incapaz de parar o tremer insuportável de cada membro do meu corpo.

Os olhos dele riram de mim. —Eu tive o meu trabalho interrompido, mas estou confiante de que afastei vocês dois o máximo que dava. Você começou quando terminou com ele — eu mesmo não podia ter planejado isso melhor. Então teve as brigas constantes, o seu ciúmes da Marcie, e o cartão do Patch —que eu droguei só para jogar mais uma semente da discórdia. Quando roubei o anel do Barnabas e mandei entregarem para você na confeitaria, não tive dúvidas de que o Patch fosse ser a última pessoa a quem você fosse recorrer. Engolir o seu orgulho e pedir a ajuda dele? Quando você achava que ele tinha pego a Marcie? Sem chance. Você veio comer diretamente na minha mão quando me perguntou se ele era o Mão Negra. Eu fiz as provas contra ele serem decisivas quando respondi que sim, ele era. Então tirei vantagem do rumo da nossa conversa para mencionar o endereço das casas seguras dos Nefilim do Barnabas como sendo do Patch, sabendo muito bem que você iria bisbilhotar e provavelmente achar recordações do Mão Negra. Eu cancelei os planos de ver um filme ontem à noite, não o Patch. Eu não queria ficar preso dentro de um cinema enquanto você estava totalmente sozinha no apartamento. Eu precisava te seguir. Eu plantei a dinamite assim que você estava dentro, esperando te sacrificar, mas você saiu.

—Estou comovida, Rixon. Uma bomba. Que elaborado. Por que não deixou as coisas simples e simplesmente marchou para dentro do meu quarto numa noite e colocou uma bala na minha testa?

Ele espalmou suas mãos na sua frente. —Esse é um momento importante pra mim, Nora. Pode me culpar por querer um pouco de floreio? Eu tentei me fazer passar como o fantasma do Harrison para atraí-la mais para perto, achando como seria fantástico mandá-la para o túmulo achando que o seu próprio pai te matou, mas você não confiava em mim. Você ficava fugindo. — Ele franziu um pouco a testa.

—Você é um psicopata.

—Eu prefiro criativo.

—O que mais foi mentira? Na praia, você me disse que o Patch ainda era o meu anjo da guarda—

—Para te aquietar numa sensação falsa de segurança? Sim.

—E o juramento de sangue?

—Uma mentira espontânea. Só para deixar as coisas interessantes.

—Então basicamente você está me dizendo que nada do que me disse era verdade.

—Exceto a parte sobre sacrificar você. Eu estava falando seriissimamente sobre isso.

Chega de falar. Vamos acabar logo com isso.— Usando a arma, ele me enfiou mais para dentro da casa de diversão. O empurrão duro me desequilibrou, e eu dei um passo para o lado para recuperar meu equilíbrio, parando numa seção do chão que ondulava para cima e para baixo.

Eu senti o Rixon agarrar o meu punho para me firmar, só que algo deu errado. As mãos dele deslizaram sobre a minha. Eu ouvi a pancada suave do corpo dele caindo. O som parecia vir diretamente debaixo. Um pensamento roçou a minha mente —que ele tinha caído em um dos muitos alçapões que estavam, de acordo com boatos, espalhados pela casa de diversão — mas eu não fiquei tempo o bastante para ver se eu tinha adivinhado direito.

Eu parti de volta pelo caminho que tínhamos vindo, procurando pela cabeça do palhaço. Uma imagem pulou na minha frente, uma luz queimando acima para iluminar um machado ensanguentado enfiado na cabeça barbuda de um pirata. Ele me olhou atravessado por um instante antes de seus olhos girarem para trás em sua cabeça e a luz se dissipar.

Eu respirei profundamente diversas vezes, dizendo a mim mesma que era de mentirinha, mas incapaz de me firmar enquanto o chão estremecia e deslocava-se sob os meus sapatos. Eu fiquei de joelhos, rastejando sobre a sujeira e com areia pressionando-se contra as minhas palmas, tentando acalmar a minha cabeça, que parecia curvar-se junto com o chão. Eu rastejei por diversos metros, não querendo parar de me mover tempo o bastante para deixar Rixon achar uma maneira de sair do alçapão.

Eu me levantei, usando as paredes para me apoiar, mas as paredes estavam cobertas com uma meleca que gotejava em minhas mãos. Em algum lugar acima, risadas retumbaram, diminuindo para um cacarejo. Eu balancei as minhas mãos com força para descartar a meleca. Então procurei o meu caminho pela total escuridão à frente. Eu estava perdida. Perdida, perdida, perdida.

Eu corri mais alguns passos, virei numa esquina, e espremi os olhos para o brilho fraco de uma luz laranja há diversos metros há frente. Não era a cabeça do palhaço, mas eu fiquei atraída pela promessa de uma luz como traça também fica. Quando alcancei a lanterna, a luz brega de dia das bruxas iluminava as palavras TÚNEL da morte. Eu estava parada numa doca de barcos. Pequenos barcos de plástico estavam estacionados lado-a-para-choque, a água do canal marulhando suas laterais.

Eu escutei passos no caminho atrás de mim. Sem tempo para pensar, eu entrei no barco mais perto de mim. Eu tinha acabado de me equilibrar quando o barco começou a se mover, me derrubando na ripa de madeira que servia como assento. Os barcos se moviam numa fila única, os trilhos abaixo fazendo ruídos enquanto pilotavam os barcos para o túnel à frente.

Tateando meu caminho até a frente do barco, eu escalei a trava de segurança e parei na proa. Eu fiquei ali por um momento, uma mão me ancorando ao barco, enquanto a outra se esticava a frente, tentando agarrar a alavanca traseira do barco à frente. Faltava alguns centímetros. Eu dobrei as minhas pernas debaixo de mim, então saltei, conseguindo derrapar para a parte traseira do barco à frente.

Eu me permiti um momento de alívio, então voltei ao trabalho. Novamente, eu subi para a

proa, com a intenção de pular os barcos até o final do passeio. Rixon era maior e mais rápido, e ele tinha uma arma. Minha única esperança de sobreviver era continuar me movendo, para continuar prolongando o tempo que levava para ele me pegar.

Eu estava na proa seguinte, preparando para pular, quando uma sirene soou e uma iluminação repentina de uma luz vermelha acima me cegou. Um esqueleto caiu do teto do túnel, batendo em mim. Eu perdi meu equilíbrio e senti uma onda de vertigem enquanto derrapava lateralmente, para a água. Água frígida precipitou-se nas minhas roupas, fechando-se sobre a minha cabeça. Instantaneamente, eu assentei os meus pés, rompi a superfície da água, e me arrastei com dificuldade pela água na altura do peito de volta ao barco. Cerrando os dentes contra o frio, eu fixei as minhas mãos ao redor da trava de segurança do barco e me reboquei de volta para dentro.

Diversos tiros altos ricochetearam pelo túnel, uma das balas passando zunindo pelo meu ouvido. Eu me abaixei no barco, enquanto a risada do Rixon era carregada de alguns barcos atrás. —Uma questão de tempo,— ele chamou.

Mais luzes estavam brilhando acima, e entre as pulsações da luz, eu conseguia ver Rixon atravessando os barcos para chegar na minha direção.

Um ronco fraco soou de algum lugar acima. Meu estômago escorregou por debaixo de mim. Eu senti a minha concentração ser retirada do Rixon e mudada para o gotejar de umidade no ar. Meu coração parou por um meio instante, então começou a bater arduamente demais. Agarrando a trava de metal, eu me preparei para a queda.

A parte da frente do barco inclinou, então mergulhou sobre a cascata. O barco chapinhou no fundo, mandando salpicos de água para os lados. A água podia ter parecido frio, se eu já não estivesse ensopada e tremendo. Eu sequei os meus olhos, e foi quando eu vi uma pequena plataforma de manutenção entalhada na parede do túnel à direita. Uma porta marcada PERIGO: ALTA VOLTAGEM estava logo no fundo da plataforma.

Eu olhei de volta para a cascata. O barco do Rixon ainda não tinha caído, e com apenas alguns segundos de sobra, eu tomei uma decisão arriscada.

Pulando para a lateral do barco, eu arrastei-me o mais rápido que pude até a plataforma, me levantei, e tentei abrir a porta. Ela abriu, soltando um sibilo e um retinido altos das máquinas, centenas de engrenagens agitando-se e rangendo. Eu tinha achado o coração mecânico da casa de diversão, e a entrada para os túneis subterrâneos.

Eu fechei a porta quase totalmente atrás de mim, deixando uma pequena fenda para ver.

Com um olho pressionado na fenda, eu observei o próximo barco voar pela cascata. Rixon estava no barco. Ele estava inclinando-se sobre a barra lateral de metal, procurando na água. Ele tinha me visto pular? Ele estava procurando por mim? Seu barco continuou a descer pelo trilho, e ele desceu para a água, parando de pé nela. Usando suas mãos para tirar seu cabelo molhado de seu rosto, ele procurou na superfície turva da água. Foi então que notei que suas mãos estavam vazias. Ele não estava procurando por mim —ele tinha derrubado a arma na

queda, e estava procurando por ela.

Rixon podia ver até o fundo do canal. O que significava que ele teria que tatear ao procurar pela arma. Isso levaria tempo. É claro, eu precisava mais do que tempo. Eu precisava de um lampejo de sorte impossível. A polícia devia estar fazendo uma varredura no parque por ora, mas eles pensariam em procurar no ponto fraco da casa de diversão antes que fosse tarde demais?

Eu fechei a porta suavemente, esperando achar uma tranca do lado de dentro, mas não havia nada. Repentinamente, eu desejei ter me arriscado e tentado sair do túnel antes do Rixon, ao invés de dar a volta para me esconder. Se o Rixon entrasse na sala de serviço, eu estaria presa.

Uma respiração alardeante vinha da minha esquerda, atrás de uma caixa elétrica.

Eu me virei, os olhos movendo-se rapidamente pela escuridão.

—Quem está aí?

—Quem você acha?

Eu pisquei contra as sombras, nervosos para trás.

—Eu me perdi nos túneis. Abri uma porta, e saí aqui.

—Você ainda está sangrando?

—É. Surpreendentemente, ainda não fui drenado completamente.— Suas palavras estavam entrecortadas, e eu pude afirmar que tomava muito da energia dele falar.

—Você precisa de um médico.

Ele deu uma risada exausta. —Eu preciso do anel.

Scott?— eu dei diversos passos

A este ponto, eu não sabia o quanto o Scott estava sério sobre conseguir seu anel de volta. Ele estava exausto pela dor, e eu estava bastante certa de que ambos sabíamos que ele não ia me arrastar para fora daqui e me fazer refém. Ele estava enfraquecido pelo tiro, mas ele era um Nefilim. Ele sobreviveria. Trabalhando juntos, nós teríamos uma chance de escapar. Mas antes que eu pudesse convencê-lo a me ajudar a escapar do Rixon, eu precisava que ele confiasse em mim.

Eu andei a caixa elétrica e me ajoelhei ao lado dele. Ele estava com uma mão pressionada contra a sua lateral, logo abaixo da caixa torácica, parando o fluxo de sangue. Seu rosto estava da cor de maisena, e o olhar enfraquecido em seus olhos provava o que eu já sabia: Ele estava com muita dor. —Eu não acredito que você vá usar o anel para recrutar membros novos,— eu disse silenciosamente. —Você não vai forçar outras pessoas a entrarem na sociedade.

Scott balançou a sua cabeça, concordando comigo. —Há algo que eu preciso te contar. Lembra-se quando eu disse que estava trabalhando na noite que atiraram no seu pai?

Eu vagamente me lembrava dele ter me dito estar no trabalho quando recebeu a ligação sobre o assassinato do meu pai. —Onde isso vai dar?— eu perguntei hesitantemente.

—Eu trabalhava numa loja de conveniência chamada Rapidinhas que ficava a algumas quadras.— Ele fez uma pausa, como se esperasse que eu chegasse a alguma grande conclusão. —Eu devia seguir o seu pai naquela noite. O Mão Negra me disse isso. Ele disse que o seu pai estava a caminho de uma reunião, e que eu tinha que protegê-lo.

—O que está dizendo?— eu perguntei numa voz seca como giz.

—Eu não o segui.— Scott enterrou seu rosto em suas mãos. — Eu queria mostrar ao Mão Negra que ele não podia mandar em mim. Eu queria mostrar a ele que não seria parte de sua sociedade. Então fiquei no trabalho. Eu não fui embora. Não segui o seu pai. E ele morreu. Ele morreu por minha culpa.

Eu deslizei as minhas costas pela parede até estar sentada ao lado dele. Eu não conseguia falar. As palavras certas não estavam ali.

—Você me odeia, não odeia?— ele perguntou.

—Você não matou o meu pai,— eu disse entorpecidamente. — Não é culpa sua.

—Eu sabia que ele estava com problemas. Por que mais o Mão Negra iria querer se certificar de que a reunião fosse segura? Eu deveria ter ido. Se eu seguisse as ordens do Mão Negra, seu pai estaria vivo.

—Já passou,— eu sussurrei, tentando não deixar essa informação me fazer culpar o Scott. Eu precisava da ajuda dele. Juntos, nós podíamos sair daqui. Eu não podia me permitir odiá-lo. Eu tinha que trabalhar com ele. Eu precisava confiar nele, e precisava que ele confiasse em mim.

—Só porque já passou não quer dizer que seja fácil esquecer. Menos de uma hora depois de eu ter que ter seguido o seu pai, o meu pai ligou com a notícia.

Sem querer, eu fiz um pequeno barulho de choramingo.

—Então o Mão Negra entrou na loja de conveniência. Ele estava usando uma máscara, mas eu reconheci a voz dele.— Scott estremeceu. —Nunca esquecerei aquela voz. Ele me deu uma arma e me disse para certificar-me de que ela nunca aparecesse de novo. Era a arma do seu pai. Ele disse que queria que o relatório da polícia dissesse que o seu pai morreu como um homem inocente e desarmado. Ele não queria fazer a sua família passar pela dor e confusão de saber o que realmente aconteceu naquela noite. Ele não queria que ninguém suspeitasse que o seu pai estava envolvido com criminais como ele próprio. Ele queria que parecesse um assalto aleatório.

—Eu deveria jogar a arma no rio, mas eu guardei-a. Eu queria sair da sociedade. A única maneira que eu via disso acontecer era se eu tivesse algo com o qual chantagear o Mão Negra. Então guardei a arma. Quando a minha mãe e eu mudamos pra cá, eu deixei para trás uma mensagem para o Mão Negra. Eu disse a ele que se viesse procurar por mim, eu me certificaria de que a polícia colocasse as mãos na arma de Harrison Grey. Eu me certificaria de que o mundo todo soubesse que ele tinha laços com o Mão Negra. Eu jurei arrastar o nome do seu pai na mala quantas vezes fosse preciso, se significasse que eu teria a minha vida de volta. Eu ainda tenho a arma.— Ele abriu suas mãos, e ela caiu entre os seus joelhos, fazendo barulho no cimento. —Eu ainda tenho ela.

Uma dor sombria e furiosa ricocheteou por mim.

—Era tão difícil ficar perto de você,— Scott disse, sua voz quebradiça. —Eu queria fazer você me odiar. Deus sabe que eu me odeio. Toda vez que olho pra você, tudo que consigo pensar foi que me apavorei. Eu podia ter salvo a vida do seu pai. Sinto muito,— ele disse, sua voz quebrando.

—Está tudo bem,— eu disse tanto pra mim quanto pro Scott. —Tudo vai ficar bem.— Mas parecia a pior mentira do mundo.

Scott pegou a arma, manuseando-a. Antes que o momento todo fizesse sentido pra mim, eu o vi levantar sua cabeça. —Não mereço viver,— ele disse.

Um véu de gelo sufocou o meu coração. —Scott,— eu comecei.

—A sua família merece isso. Não posso mais te encarar. Não posso mais me encarar.— Seu dedo deslizou para o gatilho.

Não houve tempo para pensar. —Você não matou o meu pai,— eu disse. —Rixon matou — o namorado da Vee. Ele é um anjo caído. É real, tudo isso. Você é um Nefilim, Scott. Você não pode se matar. Não dessa maneira. Você é imortal. Você nunca vai morrer. Se você quer reparar qualquer culpa que sinta pela morte do meu pai, me ajude a cair fora daqui. Rixon está do outro lado da porta, e ele vai me matar. O único jeito de sobreviver é se você me ajudar.

Scott me encarou de volta, sem palavras. Antes que ele pudesse responder, a porta da sala de serviço abriu com um rangido. Rixon apareceu na abertura. Ele varreu seu cabelo para longe de sua testa e lançou seus olhos pela pequena sala de utilitários. Num impulso de autoproteção, eu me arrastei para mais perto do Scott.

O olhar do Rixon mudou de mim para o Scott.

—Você vai ter que passar por mim antes de chegar nela,— Scott disse, deitando seu braço esquerdo sobre mim e deslocando seu peso para proteger o meu corpo. Ele respirava rapidamente.

—Sem problema,— Rixon ergueu sua arma e disparou diversas vezes no Scott. Scott desmoronou, seu corpo frouxo contra o meu.

Lágrimas jorraram pelo meu rosto. —Pare,— eu sussurrei.

—Não chore, amor. Ele não está morto. Não se engane —ele terá uma dor tremenda quando der por si, mas esse é o preço que se paga por um corpo. Levante e venha aqui.

—Dane-se.— Eu não sabia de onde a minha coragem estava vindo, mas se eu ia morrer, não seria sem uma luta.—Você matou o meu pai. Não farei nada por você. Se me quer, venha e me pegue você mesmo.

Rixon roçou seu dedão pela sua boca. —Não sei por que está tão irritadinha. Tecnicamente, Harrison não era o seu pai.

—Você matou o meu pai,— eu repeti, encontrando os olhos do Rixon, sentindo uma raiva tão afiada e cortante que parecia me digerir.

—Harrison Grey matou a si mesmo. Ele devia ter ficado fora de cena.

—Ele estava tentando salvar a vida de outro homem!

—Um homem?— Rixon bufou, arregaçando suas mangas molhadas até seus cotovelos. —Eu mal chamaria Hank Millar de homem. Ele é um Nefilim. Um animal, é isso.

Eu ri, realmente ri, mas pareceu inchar como uma bolha na minha garganta, me sufocando. —Sabe do que mais? Eu quase sinto pena de você.

—Engraçado, eu estava prestes a dizer a mesma coisa para você.

—Você vai me matar agora, não vai?— eu esperei que a percepção atraísse outra medida de medo de dentro de mim, mas todo o meu medo já fora gasto. Eu senti certa calma congelada. O tempo não passou mais devagar, e não acelerou. Ele me olhou bem nos olhos, tão frio e sem emoções quanto à arma que Rixon agora apontava pra mim.

—Não, vão vou matar. Vou te sacrificar.— Sua boca se curvou para um lado. —Faz uma diferença e tanto.

Eu tentei correr, mas o fogo abrasador explodiu, e meu corpo foi jogado contra a parede. A dor estava em todo lugar, e eu abri a minha boca pra gritar, mas era tarde demais. Um cobertor invisível me sufocou sob suas dobras. Eu observei o rosto sorridente de Rixon mergulhar para dentro e para fora de foco enquanto eu arranhava, inutilmente, o cobertor. Meus pulmões expandiram, ameaçando estourar, e bem quando eu achei que não podia mais aguentar, meu peito suavizou.

Sob o ombro do Rixon, eu vi Patch se mover para a entrada.

Eu tentei chamá-lo, mas a necessidade desesperada de sugar o ar se dissolveu.

Estava tudo acabado.

—Nora?

Eu tentei abrir meus olhos, mas enquanto o meu cérebro transmitia a mensagem, o meu corpo não estava obedecendo. Vozes indistintas entravam e saíam. Em algum lugar no fundo da minha mente eu sabia que a noite estava quente, mas eu me senti banhada em suor frio. E outra coisa.

Sangue.

O meu sangue.

—Está tudo bem,— Detective Basso disse quando eu gritei chorando, minha voz soando estrangulada. —Eu estou bem aqui. Eu não vou a lugar nenhum. Fique comigo, Nora. Tudo vai ficar bem.

Tentei aceno de cabeça, mas ainda me sentia como se estivesse em algum lugar fora meu corpo.

—Os paramédicos estão levando-a ao pronto-socorro. Eles têm de você em uma maca. Nós estamos saindo de Delfos agora.

Algumas lágrimas quentes caíram pelo meu rosto, e eu pisquei meus olhos abertos. — Rixon.— Sentia minha língua escorregadia, as palavras saindo aos tropeços para fora. — Rixon, onde ele está?

A boca do Detective Basso estava apertada nas bordas. —Shh. Não fale. Você levou um tiro no braço. Ele está ferido. Você teve sorte. Tudo vai ficar bem.

—Scott—, eu disse, só agora me lembrando. Eu tentei me levantar para acima, mas descobri que estava amarrada. —Você conseguiu tirar Scott para fora?

—Scott estava com você?

—Por trás da caixa elétrica. Ele está machucado. Rixon atirou nele, também.

Detective Basso gritou para um dos policiais uniformizados que estavam em pé ao lado da ambulância, ele caminhou até nós num salto.

—Sim, senhor detetive,?

—Ela disse que Scott Parnell estava na sala de manutenção.

O policial sacudiu a cabeça. —Nós vasculhamos a sala. Ninguém mais estava lá.

—Bem, faça a busca novamente!— Detective Basso gritou, lançando seus braços na direção das portas do Delphic. Ele virou para mim. —Quem diabos é Rixon?

Rixon. Se a polícia tivesse encontrado ninguém na sala de mecânica, isso significava que ele tinha fugido. Ele estava lá fora em algum lugar, provavelmente, olhando de longe, esperando a sua segunda comigo. Eu lutava com a mão do detetive Basso, segurando-a. —Não me deixe sozinha.

—Ninguém está deixando você sozinha. O que você pode me dizer sobre Rixon?

A maca saltou em frente ao estacionamento, e os paramédicos içaram-me para a parte de trás da ambulância. Detective Basso subiu, sentando no assento ao meu lado. Eu mal tinha notado, a minha atenção tinha fugido em outra direção. Eu tinha que falar com Patch. Eu tinha que dizer a ele sobre Rixon-

—Como ele se parece?

O som da voz do detetive Basso me puxou de volta.

—Ele estava lá. Na noite passada. Amarrou Scott na parte traseira de sua caminhonete.

—Aquele cara atirou em você?— Detective Basso começou a falar pelo rádio.

—O nome do suspeito é Rixon. Alto, magro e cabelos pretos. Nariz de falcão. Vinte anos, mais ou menos.

—Como você me encontrou?— Minha memória foi lentamente voltando, e me lembrei de ter visto Patch na porta de entrada da sala de mecânica. Foi apenas por uma fração de segundo, mas ele estava lá. Eu tinha certeza disso. Onde estava ele agora? Sempre foi o Rixon?

—Denúncia anônima. O interlocutor disse que eu iria encontrá-la na sala de manutenção nos fundos do Túnel da Perdição. Parecia um grande palpíte, mas eu não podia ignorá-lo. Ele também disse que iria cuidar do cara que atirou em você. Eu pensei que ele estava se referindo a Scott, mas você diz Rixon é responsável. Quer me dizer o que está acontecendo? Começando com o nome desse cara que esteve na sua retaguarda, e onde posso encontrá-lo?

Horas depois, o detetive Basso desacelerou parando na calçada em frente à minha casa. Era duas horas da manhã quando chegamos, as janelas refletiam o céu sem estrelas. Eu tinha sido liberada do PS, limpa e enfaixada. Enquanto o pessoal do hospital tinham falado com a minha mãe pelo telefone, eu não tinha. Eu sabia que tinha que falar com ela mais cedo ou mais tarde, mas a agitação e o alvoroço do hospital não parecia ser o lugar certo, e eu balancei negativamente minha cabeça para a enfermeira quando ela estendeu o telefone para mim.

Eu também tinha dado o meu depoimento à polícia. Eu tinha certeza que o Detective Basso pensou que eu tinha alucinado vendo Scott na sala de mecânica. Eu tinha certeza que ele pensou que eu estava retendo informações sobre Rixon, também. Ele estava certo sobre a última hipótese, mas mesmo se eu dissesse tudo ao detetive Basso, ele não encontraria Rixon.

Patch claramente tinha, no entanto, feito algum plano sobre isso.

Mas eu não sabia nada além disso. Eu estava com meu coração na minha garganta desde que deixei Delfos, me perguntando onde Patch estava e o que tinha acontecido depois que eu desmaiei.

Nós saímos do carro, e o detetive Basso andou comigo até a porta.

—Obrigada de novo—, disse a ele. —Por tudo.

—Chame se precisar de mim.

Lá dentro, eu acendi as luzes. No banheiro, eu tirei as minhas roupas, meu progresso estava dificultado pelo fato de que a parte superior do meu braço esquerdo estava envolto em bandagens. O cheiro de medo e pânico estava fresco na minha roupa, e eu as deixei em uma pilha no chão. Depois de forrar minhas bandagens com plástico, eu entrei no vapor do chuveiro.

Com a água quente que batia em cima de mim, as cenas de mais cedo hoje eram reproduzidas em explosões em minha mente. Fingi que a água podia lavar tudo, carregando tudo o que eu tinha passado através de ralo. Tinha acabado. Tudo isso. Mas havia um coisa que eu não poderia lavar. A Mão Negra. Se o Patch não era a Mão Negra, quem era? E como é que Rixon, um anjo caído, sabe tanto sobre ela?

Vinte minutos mais tarde, eu saí do chuveiro e verifiquei a casa e as mensagens do telefone. Uma chamada do Enzo, vendo se eu poderia mudar uma noite. Uma chamada irada de Vee exigindo saber onde eu estava. A polícia tinha expulsado todos para fora do estacionamento e fechado o parque de diversões, mas não antes de dizer ela que poderia garantir que eu estava em segurança, e pediram para ela volta para casa e ficar lá. Ela terminou a chamada gritando: —Se eu perdi em alguma ação muito grande, eu vou ficar realmente chateada!

A terceira mensagem era de um interlocutor desconhecido, mas eu reconheci a voz de Scott no minuto em que ele começou a falar.

—Se você informar a polícia sobre esta mensagem, eu vou estar muito longe antes que eles possam me achar. Só queria dizer mais uma vez que me

desculpe.— Ele fez uma pausa, e ouvi uma polegada de sorriso em sua voz. —Desde que eu soube que você estava preocupada comigo, eu pensei em deixar você saber que eu sou curável, e eu vou ficar bom como novo a qualquer momento. Obrigado pela dica sobre a minha, uh, saúde.

Um sorriso minúsculo quebrou dentro de mim, e o peso do desconhecido me deixou. Com Scott estava tudo bem, afinal.

—Foi bom conhecer você, Nora Grey. Quem sabe. Talvez isso não seja a última vez que você vai me ouvir. Talvez nós iremos cruzar nossos caminhos no futuro.— Outra pausa. —Só mais uma coisa. Eu vendi o Mustang. Também notável. Não fique muito animada, mas eu

comprei- lhe algo com o dinheiro extra. Eu ouvi que você estava de olho em um Volkswagen. O proprietário irá entregá-lo até amanhã. Eu paguei por um tanque cheio de gasolina, para ter certeza que seria entregue.

A mensagem terminou, mas eu ainda estava olhando para o telefone. O Volkswagen? Para mim? Eu estava confusa e desconcertada de prazer e surpresa. Um carro. Scott tinha comprado um carro para mim. Em uma tentativa de retribuir o favor, eu apaguei a mensagem, apaguei todas as provas de que ele havia ligado. Se a polícia encontrasse Scott, não seria por minha causa. De alguma forma, eu não acho que eles iriam encontrá-lo de qualquer maneira.

Telefone na mão, liguei para minha mãe. Eu não ia deixá-la de fora por mais tempo. Eu cheguei muito perto hoje à noite da morte. Eu tinha que alterar minha vida, limpar e começar de novo, e eu estava fazendo isso agora.

A única coisa que restou no meu caminho era esta ligação.

—Nora—, ela respondeu em uma voz em pânico. —Eu recebi a mensagem do detetive. Eu estou a caminho de casa agora. Você está bem? Diga-me que está tudo bem!

Eu respirei instável. —Eu estou agora.

—Oh, querida, eu te amo tanto. Você sabe disso, né?—, Ela soluçou.

—Eu sei a verdade.— Uma pausa. —Eu sei a verdade sobre o que realmente aconteceu há dezesseis anos,— eu disse com mais clareza.

—Do que você está falando? Estou quase em casa. Eu não tenho sido capaz de parar de tremer desde que eu desliguei com o detetive. Estou destruída, uma destruição absoluta. Será que eles têm alguma ideia de quem é esse cara, este Rixon? O que ele queria com você? Eu não entendo como você foi arrastada para isso.

—Por que você não podia ter me contado—, eu sussurrei, lágrimas transbordando dos meus olhos.

—Baby?

—Nora—. Eu não sou mais uma garotinha. —Todos esses anos você mentiu para mim. Todas aquelas vezes que eu saí com Marcie. Todas aquelas vezes que nós rimos dos Millars por serem estúpidos, ricos e grosseiros.

Minha voz travou. Eu estava cheia de raiva antes, mas eu não sabia como me sentia agora. Chateada? Cansada? Perdida no meio de toda essa confusão? Meus pais tinham começado a partir de um favor a Hank Millar, mas, obviamente, o sentimento cresceu para amar um ao outro ... E a mim. Nós tínhamos feito as coisas funcionarem. Nós tínhamos sido felizes. Meu pai se foi agora, mas ele ainda pensava em mim. Ele ainda se preocupava comigo. Ele iria querer que eu mantivesse o que ele havia deixado, nossa família unida, em vez de fugir da minha mãe.

Isso é o que eu queria também.

Eu tomei um pouco de ar. —Quando você chegar em casa, precisamos conversar. Sobre Hank Millar.

Eu tirei do micro-ondas uma caneca de chocolate quente e a levei para o meu quarto. Minha primeira reação foi sentir medo por estar sozinho em casa, sabendo que Rixon poderia estar solto. Minha segunda reação foi de calma e tranquila. Eu não poderia dizer o porquê, mas de alguma forma, eu sabia que estava segura. Eu tentei lembrar o que tinha acontecido nos momentos finais na sala de mecânica antes de eu cair inconsciente. Patch havia entrado na sala...

E então eu desenhei em branco. O que foi frustrante, porque eu sentia que tinha mais memória. Ela estava fora do meu alcance, mas eu sabia que era importante.

Depois de um tempo, eu desisti de tentar recuperar a memória e meus pensamentos tomou outro rumo, alarmante. Meu pai biológico estava vivo. Hank Millar tinha me dado à vida, então me deu para proteger-me. Agora, eu não tinha vontade de manter contato com ele. Também foi doloroso pensar em sequer me aproximar dele. Seria admitir que ele era meu pai, e eu não queria isso. Foi difícil o suficiente manter o rosto do meu pai de verdade na minha memória, eu não queria substituir essa imagem ou deixá-lo sair mais rápido do que já seria.

Não, eu deixaria Hank Millar exatamente no lugar em que ele estava, distante. Eu queria saber se algum dia eu iria mudar de ideia, e a possibilidade me apavorava. Não era só o fato de que eu tive uma vida totalmente diferente sendo escondida, mas o fato de que uma vez que eu descobri, a vida que eu tinha até o momento seria alterada para sempre. Eu não tinha qualquer desejo de me debruçar sobre Hank ainda, mas havia uma coisa que ainda não estava encaixando. Hank escondeu-me quando ainda era um bebê para me proteger de Rixon porque eu era uma menina. Mas o que dizer de Marcie? Minha irmã. Ela teve como grande parte do seu sangue, como eu tinha. Então por que ele não escondeu ela também? Eu tentei raciocinar na minha cabeça, mas eu não tinha uma resposta.

Eu apenas estava enrolada debaixo dos cobertores, quando houve uma batida na a porta. Eu coloquei a caneca de chocolate quente na mesa de cabeceira. Não seriam muitas pessoas que iriam passar por aqui a essa hora da noite. Eu descii as escadas acolchoada e olhou pelo olho mágico. Mas eu não precisava do olho mágico para confirmar quem estava do outro lado da porta. Eu sabia que era Patch pelo jeito como meu coração não poderia realizar um ritmo constante.

Eu abri a porta. —Você disse ao detetive Basso onde me encontrar. Você impediu Rixon de atirar em mim.

Os olhos escuros de Patch me avaliavam. Por um momento, eu vi as emoções dentro de dele sair. Exaustão, preocupação, alívio. Ele cheirava a ferrugem, algodão doce velho, e água, e eu sabia que ele estava por perto quando o detetive Basso me encontrou dentro da casa de diversão. Ele tinha estado lá o tempo todo, para ter certeza que eu estava segura.

Ele passou os braços em volta de mim e me abraçou forte, apertando-me contra ele.

—Eu pensei que tivesse chegado lá muito tarde. Eu pensei que você fosse morta.

Eu enrolei minhas mãos na frente de sua camisa e dobrei minha cabeça contra seu peito. Eu não me importava que estava chorando. Eu estava segura, e Patch estava aqui. Nada mais importava.

—Como você me encontrou?— Eu perguntei.

—Eu pensei por um tempo era Rixon,— ele disse calmamente. —Mas eu tinha que ter certeza.

Eu olhei para cima. —Você sabia que Rixon queria me matar?

—Eu continuei juntando pistas, mas eu não queria acreditar. Rixon e eu éramos amigos— a voz de Patch estava rachada. —Eu não queria acreditar que ele teria passado por mim. Quando eu era seu anjo da guarda, eu senti que alguém estava lá para matá-la. Eu não sabia quem, porque ele estava sendo cuidadoso. Ele não estava ativamente pensando em matá-la, então eu não muito para descobri. Eu sabia que um ser humano não cobriria os seus pensamentos, com tanto cuidado. Eles não saberiam que seus pensamentos estavam transmitindo todos os tipos de informações para os anjos. Como agora eu pegaria um raio de visão. Pequenas coisas me fizeram olhar para Rixon, mesmo que eu não quisesse. Eu aceitei vê-lo como um suspeito para que eu pudesse manter uma maior vigilância sobre ele. Também porque eu não queria dar-lhe alguma razão para pensar que eu estava na cola dele. Eu sabia que a única razão para matá-la seria para obter um corpo humano, então comecei a cavar o passado de Barnabé. Foi quando eu percebi a verdade. Rixon estava dois passos à minha frente, mas ele teve que achar uma saída quando eu o segui e me matriculei na escola no ano passado. Ele queria te sacrificar tanto quanto eu. Ele fez tudo o que podia para me convencer a desistir do Livro de Enoque, então eu não iria mais matá-la e ele poderia.

—Por que você não me disse que ele estava tentando me matar?

— Eu não podia. Você me refutou como seu anjo da guarda. Eu fisicamente não poderia intervir em sua vida a respeito da sua segurança. Os arcanjos me bloqueavam em as toda vezes que eu tentei. Mas eu encontrei uma maneira de passar por eles. Eu descobri que eu podia fazer você ver as minhas memórias enquanto você estava dormindo. Eu tentei te dar a informação que precisava para descobrir que Hank Millar era seu pai biológico, e vassalo Nefilim do Rixon. Eu sei que você acha que eu te abandonei quando você mais precisou de mim, mas eu nunca desisti de procurar uma forma de avisá-la sobre Rixon.

Sua boca puxou para cima de um lado, mas foi um gesto cansado. —Mesmo quando você manteve o bloqueio sobre mim.

Eu percebi que estava segurando a minha respiração e, lentamente fui soltando.

—Onde está Rixon agora?

—Eu mandei ele para o inferno. Ele nunca mais vai voltar.— Patch olhou para frente, os olhos duros, mas não com raiva. Desapontado, talvez. Desejando um resultado diferente. Mas debaixo disso tudo, eu suspeita de que ele estava sofrendo mais do que ele deixou transparecer. Ele enviou o seu amigo mais próximo, e a única pessoa que esteve ao seu lado através de tudo, para enfrentar uma eternidade de trevas.

—Sinto muito—, eu sussurrei. Ficamos em silêncio por um momento, nós dois repetimos a imagem do destino Rixon em nossas cabeças. Eu não tinha visto isso em primeira mão, mas a imagem que eu conjurei foi horrível o suficiente para me dar ao direito de tremer por dentro.

Finalmente Patch disse em meus pensamentos. Eu quebrei as regras, Nora. Assim que os arcanjos descobrirem isso, eles virão à minha procura. Você estava certa. Eu realmente não me importo sobre quebrar regras.

Eu senti um impulso louco para empurrar Patch para fora da porta. Suas palavras martelavam na minha cabeça. Regras? O primeiro lugar onde os arcanjos olhariam seria aqui. Estaria ele sendo deliberadamente descuidado? —Você está maluco?— eu disse.

—Maluco por você.

—Patch!

—Não se preocupe, temos tempo.

—Como você sabe?

Ele cambaleou um passo para trás, com a mão sobre o coração. —A sua falta de fé dói.

Eu só olhava para ele com severidade. —Quando você fez isso? Quando você quebrou as regras?

—No início desta noite. Eu passei por aqui para ter a certeza que estivesse segura. Eu sabia que o Rixon estava em Delfos, e quando eu vi o bilhete sobre o parador dizendo onde você tinha ido, eu sabia que ele iria fazer a sua jogada. Rompi com os arcanjos e fui atrás de você. Se eu não tivesse rompido com eles, Anjo, eu fisicamente não poderia ter pisado lá dentro, e Rixon teria vencido.

—Obrigada—, eu sussurrei.

Patch me segurou mais apertado. Eu queria ficar no seu abraço e ignorar tudo, mas a sensação de seu corpo, forte e sólido, mas haviam algumas questões que não podia esperar.

—Isso significa que você vai deixar de ser o anjo da guarda da Marcie?— eu perguntei.

Senti o sorriso de Patch. —Eu sou trabalhador autônomo agora. Eu escolho os meus clientes, e não o contrário.

—Por que Hank me escondeu, mas não a Marcie?— Eu virei meu rosto em sua camisa para que ele não olhasse em os meus olhos. Eu não me importei com Hank. Nem um pouco. Ele não

era nada para mim, e ainda, em um lugar secreto no meu coração, eu queria que ele me amasse tanto quanto Marcie. Eu era a sua filha também. Mas tudo que eu vi foi que ele escolheu Marcie em vez de mim. Ele me mandou embora e correu em direção a ela.

—Eu não sei.— Ele estava tão quieto que eu pude ouvi-lo respirar.

—Marcie não tem a sua marca. Hank tem, e Chauncey tem. Eu não acho que seja uma coincidência, Anjo.

Meus olhos viajaram para o interior do meu pulso direito, para a marca escura que muitas vezes as pessoas confundiam como uma cicatriz. Eu sempre fui a única que pensava ser uma marca de nascença. Até que eu conheci Chauncey. E agora, Hank. Eu tinha a sensação de o significado por trás da marca era mais profundo do que nossa linhagem biológica, e que era um pensamento assustador.

—Você está segura comigo,— Patch murmurou, acariciando meus braços.

Após um instante de silêncio, eu disse: —Onde é que isto nos deixa?

—Juntos—. Ele ergueu as sobrancelhas em questão e cruzando os dedos, como se estivesse implorando por sorte.

—Nós lutamos muito—, disse.

—Nós lutaremos muito mais.— Patch pegou minha mão e colocou o anel do meu pai que estava no seu dedo, enrolando meus dedos em torno dele. Ele beijou meus dedos. —Eu ia te dar mais cedo, mas não consegui.

Eu abri minha mão e segurei o anel. O mesmo coração ainda estava gravado na parte de baixo, mas agora havia dois nomes esculpidos em ambos os lados: Nora e JEV.

Eu olhei para cima. —Jev? Esse é o seu verdadeiro nome?

—Ninguém me chama assim há muito tempo.— Ele meus lábios com seu dedo, avaliando-me com seus olhos negros macios.

O desejo derretida através de mim, quente e urgente. Aparentemente sentindo-se da mesma forma, Patch fechou a porta e trancou. Ele virou para desligar a luz principal da sala, nos deixando no escuro, iluminados apenas pelo luar que entrava pelas cortinas. Ao mesmo tempo, os nossos olhos se deslocaram para o sofá.

—Minha mãe chegará em casa em breve—, disse. —Devíamos ir para a sua casa.

Patch passou a mão por toda a sombra espalhada ao longo de sua mandíbula.

—Eu tenho regras sobre quem eu levo lá.

Eu estava ficando muito cansado dessa resposta.

—Se você me mostrar, você tem que me matar?— Eu suponha, lutando contra o desejo de me sentir irritado.— Quando eu estiver dentro, eu nunca mais poderei sair?

Patch me estudou por um momento. Então ele enfiou a mão bolso, torceu a chave para fora de seu chaveiro, e colocou-a no bolso da frente do meu pijama.

—Uma vez que você tenha entrado, você terá que prometer voltar.

Quarenta minutos mais tarde, descobri qual porta a chave destrancava. Patch entrou com o jipe em Delfos, o parque de diversões estava com o estacionamento vazio. Atravessamos a de mãos dadas, um brisa fresca de verão balançou meu cabelo em meu rosto. Patch abriu a porta, segurando-a enquanto eu passava.

Delfos tinha uma sensação completamente diferente sem o ruído da barragem e as luzes do carnaval. Um silêncio, lugar assombrado e mágico. Latas de refrigerante descartadas raspavam no asfalto com o empurrão da brisa. Ao passar, eu mantive meus olhos presos no esqueleto negro do Arcanjo levantando-se contra o céu negro. O ar cheirava a chuva. A distância um trovão cortou o céu.

Apenas ao norte do Arcanjo, Patch me puxou para fora da passarela. Subimos as escadas para um galpão utilitário. Ele destrancou a porta justamente quando a chuva começou tamborilar derramada do céu, dançando no asfalto. A porta se fechou atrás de mim, encobrindo-nos a escuridão da tempestade. O parque estava estranhamente calmo, com exceção do barulho de chuva respingando no telhado. Senti Patch mover-se atrás de mim, com as mãos na minha cintura, e sua voz macia em meu ouvido.

—Delfos foi construído por anjos caídos, e é o único lugar que os arcanjos não irão chegar perto. Somos só você e eu esta noite, Anjo.

Eu me virei, absorvendo o calor de seu corpo. Patch levantou meu queixo e me beijou. O beijo foi quente e enviou um arrepio de prazer através de mim. Seu cabelo estava molhado da chuva, e eu podia sentir um leve cheiro de shampoo. Nossas bocas caíram umas sobre as outras, nossa pele escorregadia com a chuva que escorria lá fora, o vento nos injetava um pouco de frio. Patch me envolveu em seus braços, me segurando com uma intensidade que só me fez querer afundar mais profundamente nele.

Ele chupou algumas gotas de chuva do meu lábio inferior, e senti o seu sorriso contra a minha boca. Ele colocou o meu cabelo de lado e beijou-me um pouco acima da clavícula. Ele mordiscou minha orelha e depois afundou seus dentes em meu ombro. Eu apertei meus dedos em sua cintura, puxando-o para mais perto. Patch enterrou o rosto na curva do meu ombro, suas mãos estão em flexão em minha volta. Ele deu um gemido baixo. —EU AMO VOCÊ—, ele murmurou no meu cabelo. — Estou mais feliz agora do que eu jamais poderia ter sido.

—Muito tocante. — A voz profunda vinha da parte escura do galpão, ao longo da parede traseira. —Aproveite o Anjo.

Um punhado de homens jovens excessivamente altos, sem dúvida, Nefilins, saíram das

sombras e rodearam Patch, torcendo seus braços atrás das costas. Para a minha confusão, Patch os deixou fazê-lo sem resistência.

Quando eu começar a lutar, corra, Patch falou com os meus pensamentos, e eu percebi que ele tinha parado de combater para falar comigo, para me ajudar a encontrar uma saída. Eu vou distraí-los. Você corre. Pegue o jipe. Você lembra-se de como isso é sério? Não vá para casa. Hospede-se no jipe até eu encontrar você.

O homem que permaneceu na parte de trás do galpão, comandando os outros, deu um passo à frente em um raio de luz nebulosa que cortava através das muitas rachaduras do galpão. Ele era alto, magro, bonito, a aparência jovem para sua idade não era natural, e estava vestido impecavelmente com uma de polo branca e calça de sarja de algodão.

—Sr. Millar, — eu sussurrei. Eu não conseguia pensar em outra coisa para chamar ele. Hank parecia muito informal; pai parecia revoltantemente íntimo.

—Deixe-me apresentar adequadamente—, disse ele. —Eu sou a Mão Negra. E saiba que seu pai Harrison também. Estou contente por ele não está aqui agora e vê-la rebaixar-se com uma das crias do diabo.— Ele balançou a cabeça. —Você não é a garota que eu pensei ver crescer, Nora. Confraternizar com o inimigo, fazendo uma paródia do seu património. Eu acredito que você mesma fez explodir um dos meus Nefilins na noite passada. Mas não importa. Eu posso perdoar.— Ele parou com significado. —Diga-me, Nora. Foi você quem matou meu caro amigo Chauncey Langeais.

Fim!